

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC SP**

Luciano Fiscina

**A proposta de psicologia de Edward B. Titchener –
Um caso polêmico na História da Psicologia:
Restabelecendo seu lugar na historiografia contemporânea**

MESTRADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

**SÃO PAULO
2008**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC SP**

Luciano Fiscina

**A proposta de psicologia de Edward B. Titchener –
Um caso polêmico na História da Psicologia:
Restabelecendo seu lugar na historiografia contemporânea**

MESTRADO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História da Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Carvalho da Silva.

**SÃO PAULO
2008**

Banca Examinadora

Dedico este trabalho ao Professor Hamilton Fiscina

Com respeito ao objeto de todos os nossos conhecimentos racionais, alguns filósofos foram simplesmente sensualistas e outros simplesmente intelectualistas. Epicuro pode ser denominado o mais notável filósofo da sensibilidade, Platão o mais importante do entendimento. Mas por mais sutil que seja, esta distinção das escolas já data das mais priscas eras, mantendo-se ininterrupta por muito tempo. Os primeiros afirmaram que a realidade estava só nos objetos e nos sentidos e que tudo mais era imaginação; os segundos, ao contrário, diziam que nos sentidos nada mais há do que ilusão e que só o entendimento conhece o verdadeiro. Mas, nem por isto os primeiros negavam a realidade dos conceitos do entendimento; mas enquanto a consideravam unicamente lógica, para os intelectualistas ela era mística. Os primeiros admitiam conceitos intelectuais, mas aceitavam unicamente objetos sensíveis. Os últimos exigiam que os verdadeiros objetos fossem puramente inteligíveis e afirmavam uma intuição efetuada mediante o entendimento puro desacompanhado de quaisquer sentidos, os quais, em sua opinião, só poderiam confundi-lo (Immanuel Kant, A crítica da razão pura).

AGRADECIMENTOS

O trajeto é árduo, mas compensador. Agradeço à história que me trouxe até aqui, e agradeço aqueles que fazem ou fizeram parte dessa história, como meus antepassados, sem os quais ela não poderia existir.

Agradeço à memória de vida deixada pelo meu pai, Professor Dr. Hamilton Fiscina, cuja história tenho orgulho de fazer parte. Obrigado pelos ensinamentos de força, dedicação e auto-superação, os quais têm sido os condutos dos meus pensamentos e ações.

Agradeço ao Professor Paulo Carvalho pelas intervenções, críticas e comentários no processo de acompanhamento e orientação desta pesquisa. Agradeço também pela confiança e pelo espaço livre de diálogo.

Agradeço às Professoras Ana Haddad, Maria Elice, Luciana Zaterka e Lílian Martins, com as quais tenho aprendido, não apenas a entender as peças deste grande quebra-cabeça que é a história da ciência, mas, antes de tudo, a compreendê-las segundo a sua história.

Agradeço também aos meus mestres, que têm estado comigo, me acompanhando e auxiliando na estrada dessa vida, cheia de caminhos tortuosos, de questionamentos, de perguntas, de dúvidas, mas a vontade de continuar perguntando me mantém em movimento. Por isso, obrigado a todos os elementos simbólicos que têm me ajudado a fazer as perguntas certas.

Agradeço à Profa. Eda Terezinha de Oliveira Tassara e ao Prof. Gilberto Safra pelos ensinamentos, carisma, atenção e disponibilidade. Guardo com muito carinho os poucos, porém ricos momentos de aprendizagem, sem dúvida foram essenciais no meu percurso de crescimento intelectual. Agradeço também à Profa. Marta Maia pelo seu apoio, incentivo e amizade nos últimos anos. Eles têm sido muito importantes.

Agradeço aos meus queridos colegas Jaeder Cunha e Maria Jacinta, com quem tive o prazer de estender por horas a fio conversas desafiadoras que transformavam conceitos em reflexões que nem o tempo podia conter. Obrigado pelos ricos momentos.

Agradeço à minha irmã, Vanessa Fiscina, pelo carinho e ajuda nos momentos de dificuldade.

Agradeço atenciosamente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – pelo auxílio na realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa é uma investigação dos caminhos seguidos por Edward Bradford Titchener para a elaboração de uma proposta de psicologia, apontando acordos e desacordos entre Titchener e seus contemporâneos alemães e americanos.

Por meio da análise do seu *Text-Book* e alguns dos seus artigos, objetivou-se entender a metodologia titcheneriana e legitimar seu eixo intelectual na história da psicologia.

Realizou-se uma discussão entre a fisiologia experimental inglesa e alemã sobre a natureza perceptiva do espaço a fim de mostrar que o panorama contextual das tradições empíricas e continentais entrelaça tanto a formulação da psicologia experimental alemã, quanto da psicologia experimental titcheneriana.

Questiona-se, então, o modo como o autor é tratado pela historiografia moderna, procurando localizar a perspectiva histórica que construiu a imagem titcheneriana na memória da psicologia. Esta pesquisa pretende contribuir, portanto, com uma historiografia crítica, estabelecendo outro enfoque para o papel de Edward B. Titchener na história da psicologia.

Palavras Chaves:

Metodologia titcheneriana, história da psicologia, historiografia moderna, historiografia crítica.

ABSTRACT

This research is an investigation of pathway followed by Edward Bradford Titchener to the elaboration of a psychology' purpose pointing out some agreements and disagreements between Titchener and his Germans and Americans contemporaneous.

Through of analysis of his *Text-Book* and some of his papers, we objected to understand the titchenerian' methodology to clear up his intellectual axial in the history of psychology.

We realized a discussion between the English and German experimental physiologies about the space perception nature to show that the empirical and continental contexts link as the German experimental psychology as the titchenerian experimental psychology.

We call in question the way how the author is treated by the modern historiography looking into the historical perspective that built up the titchenerian image in psychology' memory. Therefore this research intends to contribute to a criticism historiography standing out other approach to the Edward B. Titchener' role in the history of psychology.

Key Words:

Titchenerian methodology, history of psychology, modern historiography, criticism historiography.

ÍNDICE

1) Introdução	10
2) Capítulo I: Psicologia Titcheneriana: Origem, Contexto e Metodologia. 20	
a) A Teoria Titcheneriana do Conhecimento	24
b) Fundamentação da Metodologia Titcheneriana	29
c) O Método da Introspecção no Sistema Titcheneriano – Uma Análise Reflexiva	40
3) Capítulo II: Contextualização Temática e a Retomada da Tradição da Psicologia Empírica na Proposta Titcheneriana	49
a) A Fisiologia Experimental Alemã e os Caminhos para uma Psicologia Experimental	73
4) Capítulo III: Edward Titchener e o Contexto Alemão de Pensamento ...	91
a) A Teoria do Conhecimento na Psicologia Experimental Alemã	95
b) Psicologia Titcheneriana Face À Psicologia Experimental Alemã: Acordos e Desacordos	111
5) Capítulo IV: O Contexto Americano de Pensamento e a Institucionalização da Psicologia Titcheneriana	120
6) Conclusão	169
7) Referências Bibliográficas	183

INTRODUÇÃO

Pretende-se contextualizar a problemática desta pesquisa a partir do entendimento de três importantes tradições que estão presentes na proposta de psicologia de Edward Bradford Titchener (1867-1927) e que, portanto, fundamenta a metodologia do estruturalismo¹.

Estamos lidando com um autor inglês, formado na tradição associacionista-empirista da Inglaterra, mas que também entrou em contato com a tradição racionalista da psicologia alemã e com os movimentos sociais e científicos correntes nos Estados Unidos no início do séc. XX, onde Titchener funda sua escola de psicologia. Isso confere um importante papel que Edward Titchener exerceu na história da psicologia, uma vez que dialogou com o funcionalismo de William James (1842-1910), com o behaviorismo de John Broadus Watson (1878-1958), com Franz Brentano (1838-1917), contrapondo a hipótese do ato psicológico, e com Oswald Külpe (1862-1915), também questionando a hipótese do pensamento sem imagem. Isso quando o contraste é em relação à tradição alemã na psicologia. Quando a discussão é nos solos americanos, Titchener bate de frente tanto com os diferentes representantes das escolas funcionais, como com o behaviorismo.

A partir desse panorama, torna-se problemático o que Edward Titchener está realmente propondo para a psicologia. Qual é sua posição nesse ambiente de discussão que envolve mais desacordos do que acordos? O que o estruturalismo realmente propunha que se diferenciou do movimento social e científico vigentes nos Estados Unidos, onde a escola titcheneriana se institucionaliza? Estes questionamentos se desdobram de uma questão central, por que a psicologia titcheneriana não prosperou no cenário que dominava a psicologia americana no início do séc. XX?

A resposta para essas questões exige que consideremos dois ângulos de análise, um é epistemológico e o outro é sócio-político. Essas duas perspectivas, em conjunto, nos ajudarão a compreender o objeto, a metodologia, a aplicação do projeto titcheneriano no solo americano e o diálogo de Titchener com autores que defendiam outros modelos metodológicos para a psicologia.

¹ Embora, de acordo com Edwin G. Boring, Titchener nunca tenha dado de fato um nome a sua escola de psicologia. E. Boring, *A history of experimental psychology*, p. 412.

Dessa forma, pretendemos contextualizar, de um modo crítico, o trabalho de Titchener na psicologia do séc. XX, oferecendo, ao mesmo tempo, um panorama do horizonte teórico e das abordagens metodológicas que a psicologia apresenta nesse período.

Contudo, para chegarmos ao momento da aplicação da psicologia de Titchener na Universidade de Cornell, vamos percorrer um caminho que irá nos familiarizar com a teoria titcheneriana, dando-nos condições para entender o que a psicologia de Titchener representa no cenário social e científico da América no início do séc. XX, retornando, então, ao problema dessa pesquisa. Assim, a estrutura lógica desse trabalho retoma uma importante problemática, por meio da qual podemos localizar a psicologia de Titchener em uma tradição na história da ciência. Esse é o ponto principal que essa pesquisa pretende mostrar, quando a psicologia titcheneriana não prospera no cenário estadunidense, não é apenas o projeto de Titchener que não vinga, mas toda uma corrente e tradição que marca uma forma de se pensar o conhecimento, como sua origem e formas de apreensão; e mesmo o corpus empírico, como a metodologia, sofre um questionamento. Na história da psicologia, o estruturalismo titcheneriano representa a interface entre o essencialismo e o elementarismo.

A psicologia estrutural de Titchener tem raízes no pensamento empírico britânico, mas também dialoga com a psicologia racionalista continental. Portanto, trata-se de uma situação delicada, pois estamos num embate que envolve a Alemanha do séc. XIX, de onde Titchener emerge; os Estados Unidos do séc. XX, onde Titchener se consolida; e a herança do pensamento inglês do séc. XVIII, fortemente presente na tipologia do pensamento titcheneriano.

Assim, este trabalho oferece um resgate da importância de Edward B. Titchener para a história da psicologia. Para isso, procura-se mostrar que a psicologia titcheneriana representa uma tradição importante na história da ciência e, assim, o caso titcheneriano merece um tratamento mais pormenorizado e menos anacrônico do que comumente temos observado na corrente historiográfica moderna. Tal historiografia tem mostrado uma clara contradição que acusa o antagonismo de um discurso que se propagou a partir

de uma concepção de ciência, não desvinculada de fins políticos², e da representação ideológica de dois conceitos: evolução e desenvolvimento³.

Ora, Titchener está trabalhando no auge da industrialização, a qual se processou ideologicamente a partir do lema do progresso material como perspectiva de bem estar ilimitado⁴. Dessa forma, vamos adiantar que se a proposta de psicologia de Titchener não prosperou, teremos que olhar de perto o choque resultante da epistemologia titcheneriana frente ao que se considerava importante para o desenvolvimento e evolução da psicologia desse período, sendo esses dois conceitos duas palavras caras para o séc. XX⁵.

Se observarmos com cuidado a obra de Thomas Hardy Leahey, *A History of Modern Psychology*, segunda edição de 1994, veremos um claro exemplo de elementos ideológicos presentes no discurso e que se antagonizam – marca de uma tradição historiográfica. Vejamos alguns exemplos.

O método de Titchener da introspecção foi muito mais elaborado do que o de Wundt, por isso, não era um simples relato de uma experiência, mas uma complicada análise retrospectiva daquela experiência. A aplicação persistente do seu método produziria, eventualmente, na visão de Titchener, uma descrição completa dos elementos da experiência humana. Isso não estava terminado quando Titchener morreu⁶.

Quando se fala em análise do discurso, está se considerando o composto de unidades e de elementos históricos presentes nos enunciados e que, dessa forma, mostram questões teóricas envolvidas. Se seguirmos o raciocínio de Michel Foucault, o tratamento dado aos conteúdos dos discursos deve questionar o emprego de conceitos fixos que têm acompanhado a história das idéias, do pensamento, das ciências ou dos conhecimentos⁷. Por essa análise, observamos que Leahey está conferindo, inicialmente, uma legitimidade

² Maria Helena Souza Patto, “Para escrever uma história da psicologia: contribuição a partir de uma experiência”, pp. 85-86.

³ M. Foucault, *A Arqueologia do Saber*, p. 32.

⁴ A idéia de desenvolvimento mundial se apresenta no final do séc. XIX como um projeto de crescimento material como perspectiva de “bem estar” social. O problema epistemológico que surge desta questão foi o *naturalismo* como uma concepção cosmológica, implicando num triunfo da natureza em oposição à cultura e à história – a *naturalização* do ambiente, do urbano e do social; o paradoxo ciência-história. Vide Eda T. O. Tassara, “A psicologia social e o enfrentamento da crise ambiental: reflexões sobre crítica e método”, p. 1; & “Psicologia Ambiental e Futuro: Reflexões Geopolíticas sobre Política Ambiental”, pp. (261-267).

⁵ De acordo com Michel Foucault, as noções de desenvolvimento e evolução buscam agrupar uma sucessão de acontecimentos dispersos e relacioná-los a um único e mesmo princípio organizador e submetê-los aos princípios de adaptação, inovação e de sistemas de assimilação e trocas. Foucault combate tais agrupamentos, ou sínteses que buscam unificar o discurso dos homens. Uma crítica, talvez, ao emblema de uma verdade única, consolidada por um gênero discursivo. M. Foucault, *A Arqueologia do Saber*, p. 32.

⁶ T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, p. 53.

⁷ M. Foucault, *A Arqueologia do Saber*, p. 31.

ao sistema de Titchener em comparação a um outro sistema, cuja referência é Wilhelm Wundt. Mas, por que o sistema de Titchener foi mais “elaborado” do que o de Wundt? Quais os critérios de análise para o que seria mais elaborado?

Essas questões apontam para uma espécie de ideologia científica que se propagou como uma representação de ciência. Assim, outro elemento que deve ser considerado no discurso de Leachey é a “descrição”. As ciências empíricas tomam o estatuto de ciências descritivas e não de ciências explicativas. O “por quê” envolve um contexto de significação, que surge como expressão literária de uma experiência privada, como diz Jürgen Habermas⁸, a partir de um gênero discursivo que, pelas redes semânticas, questiona a hegemonia científica e a apreciação de um conceito único de verdade⁹.

Se observarmos a sentença, “descrição completa dos elementos”, esse enunciado assume uma representação ideológica no discurso, uma vez que aponta para unidades sociais e históricas que legitimaram um modo de fazer ciência, o “modo da dissecação de elementos” em busca do elemento primordial, original ou final. Uma herança dos gregos, a busca do elemento substancial.

Mas, se anteriormente Leachey está dando um caráter de valor à obra de Titchener em relação à Wundt, o seu pensamento, em seguida, torna-se contraditório, como podemos observar abaixo:

⁸ Na obra *Toward A Rational Society*, Jürgen Habermas dá uma atenção especial e problematiza a questão do progresso técnico e o mundo da vida social. O autor coloca a subjetividade como um elemento histórico, uma vez que se trataria de uma expressão literária do privado. A subjetividade, como coloca Habermas, está coordenada por um espaço e por um tempo. A literatura, para o autor, tem sido mais amplamente incluída nos métodos de interpretação das ciências da cultura, enquanto que as ciências fortemente empíricas foram originalmente dotadas para uma aptidão mais descritiva, e menos interpretativa ou explicativa.

⁹ “Questões sobre a natureza das ciências humanas parecem inevitáveis se partirmos do razoável pressuposto de que há modos alternativos de enfrentar uma série de problemas. Por exemplo, a ciência social compartilha formas de explicação ou metas cognitivas com as ciências naturais, se é que podemos falar destas como um todo homogêneo. Podemos atribuir autonomia explicativa às instituições quando se trata de explicar as ações humanas, ou qualquer correlação que envolva fenômenos sociais deve ser, de alguma forma, inteligível à luz das crenças e dos objetivos dos indivíduos? Ignorar essas questões significa, na prática, delegar a outros a decisão a respeito das opções envolvidas. Além disso, os vários modos alternativos de se praticar a ciência social ainda estão bastante vinculados à tradição filosófica, recorrendo muitas vezes a esta como forma de se justificar e se legitimar. É claro que o praticante, o cientista dedicado a um programa de pesquisa empírica, não pode investir todo o seu tempo a tais controvérsias metodológicas. Espera-se dele, porém, que saiba definir racionalmente sua posição no debate e exemplificar a fertilidade desta com as pesquisas empíricas que realiza. A relevância da epistemologia em particular pode ser formulada de maneira simples: se as ciências sociais pretendem proporcionar um conhecimento científico da realidade, elas não podem negligenciar a questão sobre o que é afinal este conhecimento”. Alexandre Braga Massella, “Uma Leitura filosófica de Durkheim e Weber”, p. 1.

Titchener é muito mais fácil do que Wundt porque Titchener descartou muito da teoria do seu professor. Ele tomou a complexa teoria voluntarista de Wundt e a filtrou com o seu próprio positivismo e atomismo para produzir um sensacionismo redutivo, no qual a mente consiste de nada mais complexo do que elementos encontrados na experiência. Ele não propôs nada similar à *Volkerpsychologie* de Wundt. A psicologia de Wundt tem ressonância com a psicologia cognitiva moderna, enquanto que o estruturalismo de Titchener faz ressonância com a mais extrema forma de behaviorismo – o behaviorismo descritivo de B. F. Skinner¹⁰.

Ao considerar o trabalho de Titchener como “muito mais fácil do que o de Wundt porque Titchener descartou muito da teoria do seu professor”, Leahey parece estar considerando a lógica de que, se Titchener tivesse mantido na íntegra o trabalho de Wundt, ele teria sido “tão complexo” quanto Wundt. Assim, de acordo com esta sentença, Titchener deveria se manter como um “seguidor fiel” de Wundt, uma vez que só assim seu trabalho teria mantido o mesmo grau de complexidade. Mas, por quê? Apenas por que Titchener estudou com Wundt e, por conta disso, deveria ele se manter dentro dos limites metodológicos wundtianos?

De acordo com o raciocínio de Foucault, é preciso problematizar as sínteses que buscam formas de continuidade, desenvolvimento e evolução. Nas próprias palavras do autor: “não é necessário recusá-las, mas sacudir a quietude com a qual a aceitamos (...); mostrar que elas não se justificam por si mesmas, que elas são sempre o efeito de uma construção de que se trata de conhecer as regras e de controlar as justificações”¹¹. Ou seja, o discurso em si serve a um interesse, a uma comprovação da verdade ou da veracidade de algo. Foucault se refere a esse interesse por meio da busca de análise de sentenças legítimas. Mas, se existem discursos legítimos, automaticamente se coloca um problema: o que seria um discurso ilegítimo? Sobre qual categoria de análise poderíamos inferir legitimidade ou não a um determinado discurso? Quais seriam nossas referências de análise? De acordo com Foucault, a análise do discurso exige a compreensão de que todo discurso repousa secretamente sobre um já dito. Em suas palavras:

Este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mas um “jamais-dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escritura que não é senão o vazio de seu próprio traço.

¹⁰ Leahey não aprofunda essa analogia entre o trabalho de Titchener e o behaviorismo de Skinner. É provável que o ponto em comum descrito pelo autor seja a questão da “pura descrição da experiência”, sem uma preocupação com a “interpretação dos fenômenos”, o que não deixa de ser uma analogia complicada, uma vez que se tratam de perspectivas radicalmente diferentes, envolvendo objetos e métodos. Ver: T. H. Leahey: *A history of modern psychology*, p. 54.

¹¹ M. Foucault, *A Arqueologia do Saber*, p. 37.

Supõe-se assim que tudo que o discurso formula já se encontra articulado nesse meio-silêncio, que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente abaixo dele, mas que ele recobre e faz calar. O discurso manifesto não passaria, afinal de contas, da presença repressiva do que ele não diz; e esse não-dito seria um vazio que mina, do interior, tudo que se diz¹².

Na hermenêutica de Foucault, a análise do discurso é a análise de enunciados que se repetem. Nesse sentido, a análise do discurso seria uma análise interpretativa de um já dito, e que seria ao mesmo tempo um não dito¹³. Para evitar a “circularidade” de temas que buscam garantir a continuidade de uma “ausência reproduzida”, é necessário:

Acolher cada momento do discurso em sua irrupção como acontecimento; nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido, bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-los no jogo de sua instância¹⁴.

Assim, seguindo os enunciados historiográficos que discursam sobre o papel de Edward Titchener na história da psicologia, podemos observar que é comum entender a psicologia estrutural de Titchener como um “desvio” ou “má interpretação” da psicologia experimental de Wundt. O estruturalismo na historiografia aparece como um viés de Wundt, uma proposta de psicologia que “negou” aspectos do seu “professor”. Esse é um dos problemas que essa pesquisa levanta, pois ao tratar o pensamento de Titchener a partir do olhar wundtiano, nega-se o que Titchener representa como corrente metodológica na história da psicologia.

O trabalho de Titchener é diferente da proposta wundtiana, e não o resultado de uma “negligência” ou “não compreensão” da psicologia de Wundt, mas um projeto que tem um sentido próprio e está fundamentado por uma tradição própria e, portanto, merece um olhar próprio. Esse comum tratamento historiográfico sobre o papel de Titchener na história da psicologia tem se apresentado como um “já-dito”, um discurso que busca uma continuidade e se repete acriticamente. No caso de Titchener, isso pode ser considerado uma vez que é possível traçar, não apenas uma historiografia sobre o autor, mas apontar elementos comuns que constroem e propagam a sua representatividade na memória da psicologia.

Michael Wertheimer assim se refere a Titchener:

¹² *Ibid*, p.36.

¹³ *Ibid*, p. 36.

¹⁴ *Ibid*, p. 36.

Edward Bradford Titchener prosseguiu a tradição sistemática, quase autoritária de Wundt, introduzindo-a nos Estados Unidos. Ela jamais chegou a criar fortes raízes ali, e parece ter morrido com Titchener, de modo que podemos resumi-la, aqui, bem rapidamente¹⁵.

A idéia de que o sistema de Titchener e o de Wundt eram tão próximos e por isso foi tomado indiscriminadamente pelos psicólogos americanos, como diz Leahey, também aparece em Blumenthal:

Nos estados Unidos, o transplantado homem inglês E. B. Titchener foi muitas vezes aceito por engano como a imagem refletida de Wundt. Danziger sugere que Titchener, que ignorou partes-chaves do trabalho de Wundt, pode ter encorajado aquela interpretação errônea. Tweney e Yachanin, contudo, mantêm Titchener livre de culpa pelo que eles vêem como erros de interpretação pelos últimos historiadores¹⁶.

Danziger também retrata a tendência indiscriminada de repúdio entre Wundt e Titchener nos Estados Unidos a respeito do método da introspecção. Vejamos o que Danziger diz:

A virada behaviorista na psicologia americana produziu certa perspectiva resumida sobre o que a precedeu. Como todo bom líder efetivo do movimento, Watson fez bom uso de uma imagem simplificada da oposição. Em seu devido curso, ela se tornou habitual para a maioria das posições diversas para serem tomadas indiscriminadamente sob um pobre entendimento do “introspeccionismo”. Isso teve o efeito de obscurecer muitas diferenças fundamentais que existiram entre Wundt e seus estudantes, diferenças que foram críticas para o desenvolvimento da psicologia como uma disciplina independente¹⁷.

Apesar do esforço de Titchener de livrar a psicologia das amarras da filosofia, nas quais Wundt ainda a mantinha como mostra Rand B. Evans, em seu artigo “E. B. Titchener and his lost system”, isso não foi suficiente para que Titchener adquirisse respeito e espaço no futuro da psicologia americana, nem significativa importância no passado da própria psicologia. Nas palavras de Evans:

Porque esses importantes desenvolvimentos, os quais foram bem conhecidos pelos membros do departamento de Cornell e por vários importantes pesquisadores do lado de fora de Cornell, se perderam na sistematização pós-Titchener, e foram ignorados nos livros sobre sistemas psicológicos, é uma importante questão¹⁸.

¹⁵ M. Wertheimer, *Pequena história da psicologia*, p.136.

¹⁶ A. L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”, p. 20.

¹⁷ K. Danziger, *Constructing the subject: historical origins of psychological research*, pp. 42-43.

¹⁸ Rand B. Evans, “E. B. Titchener and his lost system”, p. 93.

O clássico historiador da psicologia Hergenhahn, também assume que a morte de Titchener representa a morte do estruturalismo¹⁹. A memória de Titchener não apenas se interrompe na história da psicologia a partir do marco da sua morte, mas, sobretudo, assume uma visão simplista que distorce o seu trabalho. O tratamento que tem sido oferecido a Titchener não legitima o espaço real que esse autor ocupou na origem e na história da psicologia.

O enunciado “ser brevemente resumido”, nas palavras de Wertheimer, denota a pouca importância atribuída ao autor; e reduzir a corrente metodológica titcheneriana a uma “leitura errônea ou indiscriminada” de Wundt também acusa um tipo ilegítimo de consideração com o trabalho de Titchener, o qual ofuscou qualquer contribuição relevante que merecesse um espaço não distorcido pelo tempo ou, no mínimo, uma conjunção espaço-temporal própria na memória da história da psicologia.

Titchener acompanha uma escola de pensamento que defende uma perspectiva fisiológica para compreender a estrutura da mente humana, o que o mantém dentro de uma corrente epistemológica que defende que o conhecimento é resultado do sistema nervoso – é o registro biológico do contato com o mundo. A metodologia titcheneriana, portanto, carrega um contexto complexo, de grande interesse para a história da ciência, e não pode ser considerada como descolada de uma concepção de homem, marcada por um momento histórico e por uma corrente filosófica de pensamento.

O contexto do início do séc. XX estava receptivo à construção de uma “nova história”, uma história de desenvolvimento, evolução e progresso. As teorias e a engrenagem científica do final do séc. XIX e início do séc. XX funcionavam com esse ideal. Portanto, uma nova história exigia um novo método. Apesar de Titchener ter realmente tentado se enquadrar no projeto positivista para uma psicologia moderna e científica na América, suas idéias estavam realmente em desacordo com o que se esperava da psicologia americana no início do séc. XX.

Mas, esse desacordo não deve ser visto como falácia ou fracasso, isso deslegitimaria toda uma tradição de pensamento que Titchener representa. A história não deslegitima o

¹⁹ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, pp. 246-247.

passado, pelo contrário, a função da epistemologia, como ressalta Georges Canguilhem, é reativar a história do discurso para uma aproximação menos inequívoca com o passado²⁰.

Sua carreira isolada na Universidade de Cornell, dialogando praticamente com seus alunos de doutorado, os quais se tornaram o grupo oficial de pesquisa do laboratório de psicologia experimental de Cornell, também afastou Titchener da atmosfera social, política e científica estadunidense. A mudança de perspectiva que se apresenta no horizonte da psicologia americana no início do séc. XX assume uma outra formalização, de caráter público e popular. A preocupação individualista de Titchener em encontrar os elementos básicos e constituintes da mente humana em um ambiente privado de discussão, num contexto de guerra e numa sociedade que crescia industrialmente, tornou evidente o desajuste entre o estruturalismo e a mentalidade americana²¹.

Primeiramente, vamos apresentar a proposta da psicologia titcheneriana, sua origem, contexto e metodologia. Vamos entender a escola estrutural e algumas questões epistemológicas que ela levanta. Posteriormente, vamos mostrar a tradição de pensamento que Titchener representa e as raízes com a tradição do empirismo inglês, até desembocar no pensamento alemão, tempo em que realiza o seu doutorado com Wilhelm Wundt. Nos solos continentais, Titchener também dialoga com outros representantes da psicologia alemã, como Franz Brentano e Oswald Külpe. Essa contextualização será importante para entendermos com quem e com o que Titchener está dialogando ao propor sua escola de psicologia em Cornell, e o que está defendendo. Este é o último capítulo, o qual apresenta o clima intelectual na América, a formação das primeiras escolas de psicologia e a institucionalização do estruturalismo, tendo em mente o que Titchener está trazendo que representa uma visão de mundo que não se encaixa com a psicologia americana no início do séc. XX.

Podemos começar a considerar as bases do pensamento de Titchener a partir de sua afirmação no artigo de 1898, “The Postulates of a Structural Psychology”: “Empregando

²⁰ “A veracidade ou falar a verdade na ciência não consiste na reprodução fiel de qualquer verdade inscrita desde sempre nas coisas ou no intelecto (...) uma ciência é um discurso regulado pela sua retificação crítica”. Para Canguilhem, este discurso tem uma história, cujo sentido a epistemologia deve reativar. Ver Georges Canguilhem, *Ideologia e Racionalidade nas ciências da vida*, p. 20.

²¹ Como mostra Foucault, a noção de “mentalidade” ou de “espírito” estabelecem entre os fenômenos sucessivos ou simultâneos de uma época uma comunidade de sentido, ligações simbólicas, um jogo de semelhança e de espelho e que fazem surgir, como princípio de unidade e de explicação, a soberania de uma consciência coletiva. M. Foucault, *A arqueologia do Saber*, p. 32.

o mesmo princípio da divisão, nós podemos representar a psicologia moderna como a exata contra parte da moderna biologia”²². O principal objetivo da psicologia estrutural é analisar a mente pelo isolamento dos seus constituintes em uma dada formação da consciência. Ou seja, descobrir em primeiro lugar o que há na mente e em qual qualidade, e não para qual função está adaptada; a psicologia estrutural não está preocupada com resultados funcionais, nem com a explicação, mas com a descrição pura dos elementos sensoriais. Trata-se de uma perspectiva fortemente influenciada pela morfologia.

Dessa forma, apresenta-se a proposta titcheneriana como uma corrente metodológica da psicologia moderna que reflete importantes questões epistemológicas implicadas na história da ciência, apesar dele não estar “procurando levantar ou responder a questão epistemológica”²³. Contudo, a memória da biografia de Titchener aponta para um tempo em que as discussões tradicionais sobre os “modos de conhecer da mente humana” serão ineficazes para os objetivos da nova psicologia americana.

²² E. B. Titchener, “The Postulates of a Structural Psychology”, p. 1.

²³ E. Boring, *A history of experimental psychology* (1929), p. 411.

CAPÍTULO I – PSICOLOGIA TITCHENERIANA: ORIGEM, CONTEXTO E METODOLOGIA

Edward Bradford Titchener nasceu em 1867 em Chichester, uma pequena cidade ao sul da Inglaterra. Apesar de pertencer a uma família com tradição política na região, em sua geração, sua família tinha pouco dinheiro. Desde cedo, sua habilidade intelectual se manifesta pelos prêmios e bolsas de estudo que Titchener teve durante os seus anos de estudante. Ganhou uma bolsa de estudo no Malvern College e recebeu alguns prêmios acadêmicos. Em 1895, foi a Oxford, onde, agraciado por uma bolsa de estudo, obteve sua graduação em filosofia e biologia. É conhecido que teve excelentes notas e durante os seus anos em Oxford, seus interesses se dividiram entre os clássicos da filosofia e a recente fisiologia experimental. A conjunção de interesses na filosofia e fisiologia conduziu Titchener à psicologia. Enquanto estava em Oxford, ele também traduziu a terceira edição dos Princípios da Psicologia Fisiológica de Wilhelm Wundt, embora não tenha publicado²⁴.

Ainda em Oxford, durante os seus anos de graduação, Titchener demonstrou-se insatisfeito com o que ele chamou “logical constructions of the English school”²⁵. Para compreendermos o que essa definição significa no contexto da Inglaterra do séc. XIX, precisamos entender como a psicologia empírica surge na fisiologia experimental britânica. No território inglês, o processo institucional da psicologia científica tem uma formalização mais lenta do que aconteceu na Alemanha e nos Estados Unidos. De acordo com Duane Shultz e Sydney Shultz, em a *História da Psicologia Moderna*, a Inglaterra do final do séc. XIX se opunha ao acréscimo de novos campos de estudo ao currículo. “Em 1877, Cambridge vetou um pedido de ensino de psicologia experimental”. De acordo com os autores, a psicologia experimental só seria ensinada em Cambridge vinte anos depois, ou seja, em 1897, e só seria oferecida em Oxford em 1936²⁶. O historiador

²⁴ E. Boring, *A history of experimental psychology*, p. 404; & E. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p. 75.

²⁵ I. R. Watson, “Edward Bradford Titchener”. *The great psychologists*. Texto retirado da *web*, por isso sem página. Ver segundo parágrafo do tópico “Life of Titchener”. Referência na bibliografia.

²⁶ D. Shultz & S. Shultz, *História da Psicologia Moderna*, p. 60. Ver também: T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, p. 52. Sobre o veto de Cambridge ao pedido de ensino de psicologia experimental que S. Shultz & D. Shultz estão se referindo, segundo L. S. Hearnshaw, James Ward e Dr. Venn realmente em 1877 propuseram à junta administrativa de Cambridge um laboratório de psicofísica. Mas, foi negado sob o argumento que isso insultaria a religião. Ver L. S. Hearnshaw, *A short history of british psychology – 1840-1940*, p. 171.

da psicologia William S. Sahakian, em sua obra *History and Systems of Psychology*, aponta que as únicas universidades em toda a Inglaterra a estabelecer uma cadeira de psicologia antes da segunda guerra mundial foram a Universidade de Cambridge, onde Frederic C. Bartlett (1866-) ocupou a cadeira em 1931; o King's College, em Londres, cuja cadeira foi assumida em 1906 por Charles S. Myers (1873-1946); e a University College, em Londres, onde Charles E. Spearman (1863-1945) ocupou a cadeira em 1928. E na Universidade de Oxford, onde Titchener estudou, nas palavras de Sahakian, “a primeira nação-universitária”, a primeira cadeira de psicologia foi fundada em 1947 por G. Humphrey (1889-1966)²⁷.

Apesar do desencontro de datas entre os autores, podemos observar o panorama de pesquisa e de ciência no horizonte acadêmico da Inglaterra durante o séc. XIX. De um modo geral, a tradição acadêmica britânica se caracterizava, especialmente, como um centro de educação liberal em ciências naturais. Na University College of London, por exemplo, como mostra Sahakian, não havia faculdade de teologia, atendo-se a duas únicas cadeiras, Lógica e Filosofia da Mente Humana²⁸. De acordo com o historiador L. S. Hearnshaw, em sua obra *A Short History of British Psychology - 1840-1940*, a filosofia britânica dos séculos XVIII e início do XIX foi predominantemente individual e utilitarista, uma vez que havia uma forte preocupação para justificar direitos políticos contra a autoridade da monarquia absoluta e também os direitos econômicos dos empresários contra as restrições impostas pelo estado²⁹.

A exploração mais detalhada do cenário da psicologia inglesa, especialmente durante os sécs. XVIII e XIX, será assunto do próximo capítulo. Contudo, é importante traçar essa breve perspectiva da situação institucional da psicologia na Inglaterra no tempo de Titchener para compreendermos da onde parte a formação original do autor.

A partir do momento em que Titchener passou a se interessar pelos estudos em psicologia, parece que ele não encontrou ninguém na Inglaterra para treiná-lo nessa área. Na verdade, é mais provável que a tradução da obra de Wilhelm Wundt para o inglês tenha realmente lhe despertado algum interesse para ir a um verdadeiro laboratório de

²⁷ W. S. Sahakian, *History and systems of Psychology*, p. 72.

²⁸ *Ibid*, p. 72.

²⁹ L. S. Hearnshaw, *A short history of british psychology - 1840-1940*, p. 105.

psicologia experimental e estudar com o grande nome do momento³⁰. Em 1890, Titchener foi a Leipzig para estudar com Wilhelm Wundt, recebendo seu doutorado em 1892.

Como um homem inglês, Titchener chegou a Leipzig a partir do outro *front* intelectual que separa a Inglaterra da Alemanha. Ele era versado em filosofia e foi muito influenciado pelo filósofo inglês John Stuart Mill (1806-1873)³¹. É razoável esperar, portanto, que Titchener possa ter assimilado a psicologia alemã de Wundt dentro da psicologia inglesa tradicional, a qual Wundt rejeitava. Entretanto, essa assimilação não obscurece uma clara diferença que se apresenta entre o pensamento de Titchener e o de Wundt, como teremos a oportunidade de observar no terceiro capítulo.

Após o doutorado com Wundt em Leipzig, Titchener retorna a Inglaterra como palestrante em biologia. Como bem lembra Sahakian, a academia inglesa se dividia por estágios profissionais até atingir o posto mestre de professor. Por exemplo, a *University College of London* se estruturava da seguinte forma, palestrante, (*lecturer*), *senior lecturer*, *reader* e *professor*. Na universidade de Cambridge, a ordem começava com *demonstrator*, ou palestrante assistente, palestrante, ou assistente sênior em pesquisa, *reader* e finalmente o cargo de professor³². Assim, podemos entender por que Titchener assume o cargo de palestrante, e não de professor, quando retorna a Oxford como doutor em psicologia experimental.

Depois de ter dedicado dois anos ao doutorado em psicologia e ter que se contentar com um cargo de palestrante em biologia é uma questão a ser considerada se quisermos entender por que Titchener resolve aceitar o convite de Frank Angell, também ex-aluno de Wundt e seu colega durante o tempo de doutorado, para assumir a cadeira de psicologia na Universidade de Cornell nos Estados Unidos. Como mostra Hergenhahn:

Depois de completar seus estudos com Wilhelm Wundt, Angell foi para a Universidade de Cornell para estabelecer a psicologia laboratorial. Depois de um ano, Angell aceitou um cargo na Universidade de Standford e convidou Titchener para assumir seu lugar em Cornell³³.

³⁰ E. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p. 75.

³¹ “A educação básica de Titchener veio da Universidade de Oxford e do empirismo inglês, particularmente como representado no trabalho de J. S. Mill”. A. L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”, p. 20.

³² W. S. Sahakian, *History and systems of Psychology*, p. 72.

³³ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 246

Edward Titchener permaneceu em Cornell até a data de sua morte, em 1927, onde trabalhou exaustivamente na meta de transformar este centro em uma referência de pesquisa em psicologia mentalista, ainda que o foco da América fosse inicialmente funcionalista, e depois behaviorista³⁴. Titchener publicou quase exclusivamente na *American Journal of Psychology*, o qual ele mesmo editava, evitando jornais rivais como *Psychological Review* e *Journal of Experimental Psychology*³⁵. Ele não participava dos encontros da *American Psychological Association*, mesmo quando a conferência foi na cidade da Universidade de Cornell, Ithaca, preferindo, ao que parece, permanecer em seu próprio grupo de pesquisa, *The Experimentalists*.

Contudo, como podemos observar na obra de Edna Heidbreder, *Psicologias do Século XX*, um dos importantes papéis que Titchener teria desempenhado na história da psicologia seria, não apenas ter levado a psicologia experimental para a América, mas, sobretudo, ter colaborado para a formalização teórica e institucional da psicologia americana. Mas, apesar de Heidbreder também manter a psicologia titcheneriana como uma continuação de Wundt nos Estados Unidos, ela mostra que o autor inglês realmente representou uma orientação intelectual para a nova psicologia americana.

Porém, o mais “ardoroso campeão” da nova psicologia nos Estados Unidos não era norte-americano. Edward Bradford Titchener, notável jovem inglês que, em 1892, tornou-se diretor do laboratório da Universidade de Cornell, trabalhou tão rigorosa e conscienciosamente na tradição wundtiana que veio a ser o representante autorizado daquele sistema nos EUA. Apesar de divergir em certos pontos, Titchener estava ao lado da ortodoxia wundtiana. Foi ele quem se empenhou mais resolutamente para estabelecer a nova psicologia no novo mundo e que, com um desvelo parecido com o do profeta pela integridade de sua mensagem, lutou para conservá-la imune às doutrinas desse mundo. A posição de Titchener na psicologia norte-americana é extraordinária e única. Num país onde era um estranho, e no qual sempre permaneceu um estranho, sua influência durante anos foi sempre dominadora; e mesmo quando seu prestígio havia diminuído visivelmente, sua escola permaneceu um ponto de referência especial na psicologia norte americana. Ele era contra o que muitos dos movimentos norte americanos reivindicaram. Quando faleceu, seu ex-discípulo e colega, E. G. Boring, escreveu: “A morte de nenhum outro psicólogo poderia alterar tanto o panorama psicológico na América do Norte..., ele era um ponto cardeal na orientação metódica nacional. A oposição bem definida entre o behaviorismo e seus aliados por um lado, e alguma outra escola por outro, torna-se clara somente quando a oposição é entre o behaviorismo e Titchener. A sua morte, dessa forma, cria um caos classificatório na psicologia sistemática norte americana”³⁶.

³⁴ T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, p. 53.

³⁵ *Ibid*, p. 53.

³⁶ Edna Heidbreder, *Psicologias do século XX*, pp. 107-108.

Edward Titchener se afastou dos empreendimentos da psicologia norte-americana na medida em que não propunha nada para as novas vertentes que estavam surgindo, como a psicologia aplicada, o estudo das diferenças individuais, o movimento dos testes mentais; e quando surgiu e prosperou o behaviorismo como a escola definida da psicologia americana, Titchener também se manteve resistente a qualquer diálogo que levasse a uma síntese teórica ou a um acordo. Edward Titchener dialogou com muitos autores, mas dentro do ambiente de Cornell. Como diz Hilgard: “Titchener pode ser descrito como um personagem único e um tanto fora de lugar na América”³⁷.

a) A Teoria Titcheneriana do Conhecimento

Dentro do sistema titcheneriano existe um percurso metodológico, cuja perspectiva define o objeto na psicologia da escola estrutural, e a maneira pela qual Titchener aborda os fenômenos observados. Em seu artigo “The Postulates of a Structural Psychology”, Titchener mostra que não está preocupado em definir se a psicologia é ou não uma subdivisão da biologia, nem em mostrar se a psicologia tem condições de ser uma província separada e independente do conhecimento. Na verdade, Titchener procura validar o método científico dentro da psicologia, em vez de criar um método para uma psicologia científica. Para Titchener, os dados da psicologia estrutural residem na análise morfológica, em vez de residir na averiguação da função. “Nós devemos lembrar que a psicologia experimental surgiu da reação contra a psicologia do último século. Ela era uma metafísica e não uma psicologia científica”³⁸.

Ao se posicionar dessa forma, Titchener está confirmando o que havíamos dito na introdução desse trabalho, que a corrente metodológica titcheneriana está fortemente marcada pela concepção de ciência que emerge no período moderno do pensamento inglês. Em suas palavras:

Na realidade, há uma grande diferença entre a memória considerada como uma função do organismo psicofísico e a memória como uma faculdade da mente substancial, ou seja, a memória considerada como estrutura da mente. De acordo com Titchener, se a função for estudada antes da estrutura ter sido totalmente elucidada, o estudante pode cair dentro de uma explicação teológica, o que, para o autor, seria fatal ao avanço científico. Haveria o risco,

³⁷ E. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p. 75.

³⁸ E. Titchener, *The postulates of a structural psychology*, p 3.

então, de a psicologia ser posta em segundo plano e cair sob o domínio da filosofia. As condições históricas da psicologia renderam isso ³⁹.

Para Titchener, quando as preocupações da filosofia natural desembocaram em diferentes campos científicos do saber, novos problemas deveriam ser formulados, e deveriam ser problemas estruturais, em vez de funcionais. Para Titchener, o estudo morfológico da mente, como nenhum outro método de estudo, sustenta a tese de que a psicologia é uma ciência, e não uma província da filosofia ou da metafísica; trata-se do estabelecimento de uma fisiologia experimental da mente individual. A psicologia, do ponto de vista empírico, é a sistematização das atividades mentais do organismo humano.

Para defender que o papel da psicologia era o estudo dos elementos estruturais da mente, Titchener se coloca em oposição aos psicólogos Hermann Ebbinghaus (1850-1909), a partir da divisão da consciência em sensações, idéias e sentimentos; e Franz Brentano (1838-1917), que propõe como estrutura da consciência o ato e a intencionalidade – o critério imanente da consciência de se dirigir a um determinado objeto. Para Brentano, a intencionalidade separa a mente do cérebro porque apenas os estados mentais são intencionais⁴⁰.

Entretanto, para Titchener, as sensações são os processos elementares da mente, configurando sua estrutura total e hegemônica. Para o autor, a psicologia experimental está fundamentalmente preocupada como os órgãos sensoriais nos permitem apreender e reconhecer o mundo. As sensações seriam os resultados das impressões deixadas pelas experiências, dando-nos um registro do mundo e um modo de localização nele. Em outras palavras, a sensação é a mediação entre o organismo e o mundo exterior.

Para Titchener, o sentimento é um processo psicofisiológico determinado pela sensação sobre o que seria agradável e desagradável⁴¹. Mas, segundo o autor, o estudo do sentimento como um objeto da psicologia deveria estar num estado menos estabelecido do que a psicologia da sensação⁴².

As impressões deixadas pelo contato do organismo com algum estímulo externo traduzem-se obrigatoriamente em sensações. Uma vez que a sensação é interpretada, há o

³⁹ *Ibid*, p. 3.

⁴⁰ T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, pp. 58-59. As diferenças fundamentais entre E. Titchener e F. Brentano estão delimitadas no cap. 3.

⁴¹ E. Titchener, *An outline of psychology*, p. 31.

⁴² *Ibid*, p. 5.

reconhecimento de um objeto exterior. Portanto, a sensação é o registro central da experiência humana – é a premissa do ato de conhecer e interpretar as qualidades provocadas pelos objetos exteriores.

A sensação é, de certa maneira, elementar, é dado primitivo, fisiológico, correspondente à impressão sensorial; e a percepção, fenômeno derivado, é a consciência que se tem das sensações. Todavia, mesmo considerada como ‘elemento’ da percepção, a sensação já é, em si mesma, fenômeno de natureza sintética e bastante complexa, e não se diferencia daquela senão pela sua obscuridade para a consciência. Uma sensação nítida equivale a uma percepção e uma percepção obscura, confusa, equivale a uma sensação⁴³.

Para Titchener, há dois determinantes indispensáveis de todo elemento físico – qualidade e intensidade. Qualidade é específica e individual; é a qualidade que faz um processo elementar azul, doce ou prazeroso. Intensidade, de outro modo, é um atributo geral, comum a todas as modalidades de sensação e qualidades de afeição. Titchener afirma que, enquanto alguns psicólogos estabelecem essas duas determinantes como atuando juntas, outros estabelecem a qualidade como um atributo à parte e a intensidade como dependente de duas variáveis: extensão e duração⁴⁴.

Wilhelm Wundt, por exemplo, lembra Titchener, propõe que o espaço psicológico é o resultado de um sistema dimensional de sensações que surgiu pelo movimento. Ele é primariamente tátil ou visual. Edna Heidbreder⁴⁵ também traz a mesma idéia quando diz que os atributos sensoriais da visão e do tato, para Titchener, possuem, de fato, extensão espacial, ou seja, atingem a consciência por meio da clareza da qualidade do objeto despertada no respectivo órgão sensorial e da intensidade da duração da sensação – que é a extensão da sensação em um tempo definido.

Vale lembrar que para Aristóteles a definição de sentido é aquilo que tem o poder de receber as formas sensíveis das coisas sem a presença da matéria. “O sentido é influenciado pelo que tem cor, sabor ou som, mas é indiferente ao que seja a substância

⁴³ S. Ferraz, *Psicologia humana*, p. 172.

⁴⁴ E. Titchener, *The postulates of a structural psychology*, p.5. É interessante notar que os dois atributos de intensidade, extensão e duração, correspondem aos conceitos de espaço e tempo, as duas condições físicas em que uma “qualidade” pode se propagar. A intensidade como atributo geral implica nesses dois conceitos universais. O espaço é o campo físico em que as sensações ocorrem e se deslocam. O tempo é o campo físico que dá o aspecto de durabilidade da sensação. Como veremos, Titchener acredita que é desta noção de durabilidade da sensação que emerge o componente subjetivo do sentimento. Neste caso, o sentimento seria um resultado subjetivo resultante da relação de diferentes sensações. Ver também: E. Titchener, *A Text-book of psychology*, p. 53.

⁴⁵ Edna Heidbreder, *Psicologias do século XX*, p. 124.

em cada caso; interessa apenas a qualidade que tenha, isto é, a proporção de combinação de seus constituintes”⁴⁶. Assim, do ponto de vista aristotélico, o órgão do sentido é aquilo no corpo humano que tem o poder de sentir. Para Aristóteles, o quinto sentido, o tato, é o mais complexo e inclui, talvez, mais de um sentido⁴⁷. Desse modo, ao falar dos sentidos, é preciso explicitar os objetos que são percebidos por cada um deles.

Em Aristóteles, todo objeto de sensação necessita de um meio de propagação. Por exemplo, a cor é o objeto da visão, e ela se propaga no ar e na água. Essa discussão toma uma importante dimensão na medida em que, de acordo com a concepção aristotélica, se o que tem cor é colocado em contato imediato com o olho, essa cor não poderá ser vista. Para Aristóteles, o intervalo espacial entre o olho e o objeto é necessário para a percepção visual. Ou seja, na perspectiva aristotélica, a cor coloca em movimento não o órgão do sentido, mas o ar, e o ar, que se estende continuamente do objeto ao órgão, coloca este órgão em movimento. A cor colocaria o ar em movimento e o ar poria o órgão em movimento. O fato de ver seria, então, uma faculdade perceptiva que só poderia ser atingida pelo que está no intervalo. A mesma descrição vale também para o som e o odor; se o objeto de um desses sentidos está em contato imediato com o órgão, não se produz sensação⁴⁸.

Vale ressaltar o destaque que o órgão sensitivo do tato tem na formulação e reconhecimento cognitivo e social implícitos no processo evolutivo do homem. “Embora em todos os outros sentidos estejamos abaixo de muitas espécies de animais, quanto ao tato superamos todas as outras espécies na exatidão de discriminação. É por isso que o homem é o mais inteligente de todos os animais”⁴⁹. Para Aristóteles, a diferença entre o tato e os outros sentidos é a natureza do espaço de propagação. No caso do tato, a carne é o espaço interveniente entre o órgão e o objeto, enquanto que para os outros sentidos uma espécie de “capa de ar” seria o espaço interveniente entre os órgãos e os seus objetos⁵⁰.

Dessa forma, de acordo com Titchener, a extensão espacial seria uma percepção inerente dos elementos sensitivos. Como ele mesmo retrata em uma das suas mais

⁴⁶ R. J. Herrnstein & E. G. Boring, *Textos Básicos de História da Psicologia*, p. 8.

⁴⁷ *Ibid*, p. 8.

⁴⁸ *Ibid*, p. 4. “Por isso, para Aristóteles, o espaço não é vazio, é indispensável que exista algo no intervalo. Se não houvesse coisa alguma, não poderíamos ver nada” (p. 4).

⁴⁹ R. J. Herrnstein & E. G. Boring, *Textos Básicos de História da Psicologia*, p. 6.

⁵⁰ *Ibid*, p. 8.

importantes obras e que reflete a sistematização da sua psicologia⁵¹, *A Text-Book of Psychology* (1910), “elas (as sensações) aparecem como extensão espacial”⁵². Ao se espalhar e se expandir, as sensações dão forma espacial e, assim, constroem a consciência.

Se a sensação precisa de um espaço para a propagação de elementos sensoriais, o sentimento é registrado no sistema dimensional do tempo, uma vez que a experiência afetiva ocorre não apenas como extensão no espaço, como a sensação, mas como duração temporal. A duração do sentimento é o resultado da qualidade e intensidade das sensações. Além da qualidade e intensidade, as sensações têm outro determinante, a clareza.

Clareza é o atributo que dá à sensação um especial lugar na consciência. Quanto mais clara e distinguível for uma sensação, mais ela será dominante, independente e visível; de outro modo, quanto menos clara e distinguível for uma sensação, mais ela estará subordinada e indistinguível no contexto da consciência⁵³. Titchener classifica as sensações em dois principais grupos. O autor procura localizar a sensação como um processo que acontece fora do corpo e dentro do corpo. Ele mostra isso da seguinte maneira: a luz, que é o estímulo para visão, é um estímulo externo, enquanto que a contração muscular surge de um estímulo interno. Dessa forma, Titchener distingue as sensações dos sentidos, as quais podem acontecer sem que os sentidos sejam necessariamente estimulados por objetos externos, como as sensações orgânicas, cujos estímulos podem consistir de uma mudança no estado dos órgãos corporais internos.

A defesa de Titchener na análise estrutural da mente, e não funcional, é radical no sentido em que o seu projeto de psicologia se baseia fundamentalmente na análise morfológica da mente humana. Isso significa que Titchener está traçando uma fronteira muito íntima entre biologia e psicologia, uma vez que é a partir das sensações que o mundo psicológico começaria a aparecer.

O estudo morfológico do organismo humano, para Titchener, constitui os alicerces para o entendimento da estrutura da mente individual, dando-nos condições para

⁵¹ E. R. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p. 77; & Edna Heidbreder, *Psicologias do século XX*, pp. 112-113.

⁵² E. Titchener, *A text-book of psychology*, p. 303 e 307.

⁵³ *Idem*, *The postulates of a structural psychology*, p. 6.

compreender o modo como ela se forma e se organiza. Ao buscar um princípio original na formação da mente, Titchener define que esse princípio é a sensação. Dito de outra forma, as sensações são definidas como sendo os elementos fundamentais das percepções. Verificam-se nas visões, nos sons, nos odores, nos paladares, nas sensações musculares e táteis.

As imagens, em contrapartida, seriam os elementos característicos das idéias, processos mentais que retratariam ou representariam experiências sensoriais não presentes, como as lembranças do passado e as concepções de futuro. De acordo com Titchener, as idéias também estariam sujeitas aos mesmos atributos que as sensações, como clareza e obscuridade, ascendência e queda, sendo a única diferença o fato de que as idéias são totalmente compostas de imagens⁵⁴.

Ao mesmo tempo em que defende a psicologia estrutural face a uma psicologia descritiva ou funcional, Titchener reconhece que os termos estrutura e função são relativos e que o avanço no conhecimento de um ocasiona o avanço no entendimento do outro⁵⁵. Mesmo respeitando os trabalhos de Franz Brentano e William James, Titchener acredita que a esperança para a psicologia está na continuação da análise estrutural, e não funcional. Para ele, o estudo da função produzirá frutos enquanto for controlado pela genética e pelo método experimental da estrutura do funcionamento mental⁵⁶.

b) Fundamentação da Metodologia Titcheneriana

No seu livro, *A Text-Book of Psychology*, Titchener apresenta da seguinte maneira a fundamentação do seu pensamento:

Todo conhecimento humano deriva da experiência humana; não há outra fonte de conhecimento. Mas, a experiência humana pode ser considerada de diferentes pontos de vista (...) Em primeiro lugar vamos considerar a experiência como totalmente independente de qualquer pessoa em particular, supondo ainda que a experiência aconteça haja ou não alguém para passar por ela. Em segundo lugar, vamos considerar a experiência algo inteiramente dependente de uma pessoa específica, supondo ainda que a experiência só ocorre quando há alguém para passar por ela (...) O mundo da física em que esses tipos de experiência são considerados independentes da pessoa que tem a experiência, não é quente nem frio, nem escuro nem luminoso, nem silencioso nem ruidoso. Só quando as experiências são consideradas como dependentes de alguém, temos calor e frio, pretos e brancos, cores (...) Essas coisas são o

⁵⁴ *Idem*, *A text-book of psychology*, p. 376.

⁵⁵ *Idem*, *The postulates of a structural psychology*, p.7.

⁵⁶ *Ibid*, p. 7.

objeto de estudo da psicologia (...) Definimos a mente como a soma total da experiência humana, considerada como algo dependente da pessoa que passa por essa experiência. Dissemos, além disso, que a frase “pessoa que passa pela experiência” se refere ao corpo vivo, ao indivíduo organizado; e sugerimos que, para propósitos psicológicos, o corpo vivo pode ser reduzido ao sistema nervoso e às suas ligações. Logo, a mente se torna a soma total da experiência humana, considerada dependente de um sistema nervoso⁵⁷.

No artigo, “The Postulates of a Structural Psychology” (1898), Titchener mostra em qual corrente metodológica está se inserindo:

Biologia, no sentido amplo, é definida como ciência da vida e das coisas vivas. Podemos questionar a estrutura do organismo, sem considerar sua função. Pela análise, determinam-se seus componentes, e pela síntese, obtém-se o modo da formação dos elementos a partir dessas partes. Ou nós podemos investigar dentro da função das várias estruturas, as quais nossa análise tem revelado, e dentro da maneira das suas inter-relações como organismos funcionais. Ou podemos investigar as mudanças da forma e a função que acompanham a persistência do organismo no tempo, o fenômeno do crescimento e da queda. Biologia, a ciência das coisas vivas, forma as três interdependentes ciências: morfologia, fisiologia e ontogenia. Essa declaração é, portanto, incompleta. A vida a qual forma a matéria da ciência não é meramente a vida de um indivíduo, é a vida da espécie, a vida coletiva. Correspondendo à morfologia, temos a taxonomia ou zoologia sistemática, ciência da classificação. Todo o mundo das coisas vivas é aqui o organismo, considerando a espécie, subespécie e raças. Correspondente à fisiologia, temos o departamento da biologia, que tem sido chamado ecologia, com as questões da distribuição geográfica, da função das espécies na economia geral da natureza. Correspondendo à ontogenia, temos a ciência da filogenia, a biologia da evolução com seus problemas da descendência e da transmissão⁵⁸.

Em *Outline of Psychology* (1897), Titchener também apresenta a morfologia como a ciência interdependente da biologia e que habilita o estudo da estrutura do organismo

⁵⁷ E. Titchener, *The Text-Book of Psychology*, pp. 3-5.

⁵⁸ E. Titchener, *The postulates of a structural psychology*, p. 1. Essa questão de compreender a ontogenia dos organismos vivos para fundamentar sua filogenia, ou seja, a idéia que o desenvolvimento do embrião passava por formas adultas de vida orgânica historicamente anteriores – um determinado embrião recapitulava a seqüência de formas prévias de vida –, presente no início do séc. XIX na embriologia alemã, foi combatida pelos argumentos de von Bauer em 1828, quem concluiu que o embrião de um grupo ia por meio de um desvio progressivo, e para longe de um “grande plano”. No entanto, o naturalista alemão Ernest Haeckel (1834-1919) reintroduziu na embriologia o problema da “doutrina da recapitulação”, na qual o desenvolvimento do indivíduo (ontogenia) era visto como uma retomada da história evolucionária do grupo filogenético. Contudo, “a crença que o estudo biológico poderia revelar em miniatura a história evolucionária de qualquer organismo presumivelmente governado por pesquisas embriológicas permaneceu por quase cinquenta anos até ser decisivamente refutada pelo trabalho combinado de Wilhelm His Oskar Hertwig, T. H. Morgan, F. R. Lillie e Walter Garstang”. Vide: Philip Sloan, “Ontogeny and Phylogeny”, pp. 51-52. De fato, no próprio artigo “The postulates of the structural psychology”, Titchener faz referência a Edward Drinker Cope (1840-1897). Ele expõe a idéia “ontogenia e filogenia” no sentido de como Cope a coloca (ver p. 1). Edward Cope, paleontologista americano e representante do pensamento evolucionista neo-lamarckista, acreditava que as mudanças no desenvolvimento embrionário, e não a seleção natural, eram as forças que dirigiam a evolução. Para maiores aprofundamentos, ver: Lílian A. P. Martins, “Herbert Spencer e o neolamarckismo: um estudo de caso”.

vivo, independente da sua função. O organismo é concebido como construído de células estruturais mais simples, e o modo como esses elementos se organizam (e se funcionalizam) é o objeto de estudo da biologia⁵⁹.

Investigando a própria metodologia titcheneriana, é visível o quanto sua psicologia está relacionada com a biologia e a física. De acordo com Hilgard:

A definição de psicologia em relação às outras ciências foi, agora, aprimorada a partir do que Titchener e Külpe tinham concordado muitos anos antes: Psicologia é a ciência da experiência existente, considerada como funcional ou logicamente dependente do sistema nervoso; Biologia é a ciência da experiência existente, considerada como funcional ou organicamente dependente do ambiente físico; a Física é ciência da experiência existente, considerada como funcional ou logicamente interdependente⁶⁰.

Ao desenvolver sua proposta de psicologia, Titchener estabelece os seguintes objetivos da psicologia experimental: descobrir os elementos básicos do pensamento; descobrir as leis pelas quais os elementos mentais se combinam em experiências mentais mais complexas; determinar os correlatos neurofisiológicos da experiência mental⁶¹.

O estruturalismo titcheneriano foi essencialmente uma tentativa de estudar cientificamente como simples sensações surgem das informações sensoriais, e como essas sensações são combinadas dentro de eventos mentais mais complexos. Para explicar as causas dos fenômenos mentais, a psicologia deveria se referir, então, à fisiologia.

Titchener se propõe, então, a analisar a mente, separando-a e quebrando-a em diferentes partes. Ele busca, fundamentalmente, os elementos materiais e constituintes da mente humana. Todo seu método de trabalho, portanto, visa atingir esse objetivo – analisar a estrutura da mente. A fundamentação que está por trás do projeto titcheneriano é que a psicologia é uma disciplina empírica, sistemática e experimental. Isso indica que ela deve aplicar técnicas quantitativas para responder problemas psicológicos.

Para Titchener, diferentes ciências fazem parte do mesmo corpo geral de conhecimento e, portanto, devem obedecer às mesmas leis. Ele acredita que os dados advindos do mundo externo, tal como são estudados pela física, e os dados vindos da

⁵⁹ E. Titchener, *Outline of psychology*, p. 21.

⁶⁰ E. R. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p.78. Sobre a experiência interdependente na física, Hilgard está se referindo à relação entre sistema nervoso e ambiente físico.

⁶¹ E. Titchener, *The Text-Book of Psychology*; p. 7; *An Outline of Psychology*; p. 30-31; B. R. Hergenhahn, *An Introduction to the history of psychology*, p. 247; & T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, p. 53.

interpretação pessoal da experiência, como os estudos da psicologia, estão dentro de um mesmo processo estrutural.

A ciência começa quando passa a interpretar o mundo em termos mecânicos, como uma grande máquina; a psicologia começa quando o homem interpreta esse universo em termos psicológicos, quando o mundo inteiro é observado como uma mente ou corpo de experiência sujeito às leis psicológicas⁶².

De acordo com Titchener, o que diferencia a física, a química, a biologia e a psicologia é, sobretudo, a diferença do interesse humano na busca de uma região específica do conhecimento, ou de uma faceta da realidade. Em suas palavras, “o que faz uma ciência é algum coerente homem aderir a um definido ponto de vista”⁶³. Para Titchener, todas as ciências têm, fundamentalmente, o mesmo tipo de preocupação e não deve haver qualquer diferença entre a matéria bruta da física, por exemplo, e a matéria bruta da psicologia. Matéria e mente, dentro do sistema titcheneriano, são a mesma coisa.

O principal axioma titcheneriano é o seguinte: todo conhecimento humano é derivado da experiência sensorial humana – não há outra fonte de conhecimento⁶⁴. Mas, em contrapartida, há duas fontes de experiência: aquela como independente de qualquer pessoa e a experiência como dependente de uma pessoa particular. Dentro da física, Titchener isola três variáveis para mostrar a experiência como um processo independente: *espaço*, *tempo* e *massa*. O *espaço físico* é o mesmo espaço da geometria, astronomia e geologia, ele é constante e é o mesmo em todo lugar. A unidade do espaço é 1 cm., e o centímetro tem, precisamente, o mesmo valor onde quer que seja usado. O *tempo* é a mesma coisa, é constante e sua unidade é I século. A *massa* também é constante, sua unidade é 1 grama, a mesma sempre, em todo lugar e independe da experiência de uma pessoa. A mesma didática é usada para explicar três outras variáveis independentes, *calor*, *som* e *luz*. Titchener as trata como estímulos do mundo externo, regidos pelas leis da física, mas a interpretação sensorial destes estímulos é regida pelas leis da psicologia.

Para o autor, estes são os dois aspectos da experiência. Dessa forma, os motivos pelos quais os termos matéria e mente, dentro do sistema titcheneriano, são a mesma coisa, apóiam-se na definição de que a experiência como independente reside no mundo da

⁶² E. Titchener, *A text-book of psychology*, p. 3-4.

⁶³ *Ibid*, p. 4.

⁶⁴ *Ibid*, p. 6.

matéria, enquanto que a experiência como dependente encontra-se na mente – duas perspectivas de uma mesma experiência.

Como mostra Richard Herrnstein e Edwin Boring, foi entre 1888 e 1890 que Richard Avenarius, um filósofo de Zurique, escreveu dois volumes (de aproximadamente 170.000 palavras), que intitulou *Kritik der reinen Erfahrung*. “Morreu seis anos depois, exausto, segundo se diz, por seu trabalho”⁶⁵. Para os autores, foi de Avenarius que Titchener tirou os termos *dependente* e *independente*, que ele aplicou à experiência a fim de distingui-la da física⁶⁶. De acordo com Herrnstein e Boring:

A exposição feita por Titchener, da experiência como o campo de estudo da psicologia e da física, e da diferença entre as duas como experiência direta e indireta, é tão simples e clara que não precisa de uma introdução. O que Titchener diz constitui o ápice dessa interpretação da natureza da psicologia, pois depois dele desapareceu a importância da introspecção e da consciência na psicologia⁶⁷.

É possível observar nesta passagem o mesmo tratamento que temos acusado como simplista e reducionista sobre a representatividade dada a Titchener pela historiografia moderna. Quando Titchener define os campos da experiência psicológica, como sendo dependente do sujeito, ele está atribuindo à psicologia o mesmo estatuto científico que marca a física newtoniana, marcadamente presente no séc. XVII e XVIII. Por isso, como dissemos anteriormente, Titchener está, na verdade, se certificando de um método científico para a prática da psicologia, em vez de criar um novo método para uma psicologia científica. Ou seja, há um esforço para mostrar que a psicologia era uma ciência da experiência e não da metafísica. Nas palavras de Edna Heidbreder: “Külpe, influenciado pelas obras de Mach e Avenarius, acreditava que a diferenciação entre a física e a psicologia podia ser feita melhor em função da experiência como dependente ou independente de um sistema nervoso; e foi esta idéia que Titchener aceitou”⁶⁸.

Richard Avenarius acreditava que os acontecimentos que constituem a experiência dependem do funcionamento de uma parte adequada do sistema nervoso. “Mas, como não sabia exatamente quais os processos nervosos que condicionam a consciência,

⁶⁵ R. Herrnstein & E. Boring, *Textos Básicos de História da Psicologia*, p. 740.

⁶⁶ *Ibid*, p. 741.

⁶⁷ *Ibid*, p. 741.

⁶⁸ E. Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 116

evitava o assunto, denominando a parte do sistema nervoso que é subjacente à experiência de ‘Sistema C’”⁶⁹.

Ao defender a tese de que matéria e mente são termos correlatos, Titchener acusa o discurso do senso em manter uma falsa separação entre matéria – encontrada nos objetos físicos, sempre preenchendo o espaço e governada por leis mecânicas de causa e efeito –, e mente – encontrada em nós mesmos, imaterial e imanente. Para Titchener, essa distinção é um erro: “Elas (mente e matéria) estão associadas, juntas, em um caminho íntimo, ambos, em nós mesmos e nos animais”⁷⁰. Titchener argumenta que, ao tornar-se senso comum, a estrutura lógica de uma explicação dada em um momento da história é alterada e prejudicada. Conforme o autor, ao se distanciar da fonte, uma teoria se vulgariza⁷¹. Para Titchener, não bastava manter o objeto da psicologia livre da metafísica, era necessário também conservá-lo isento do senso comum⁷².

Titchener atribui a noção de separação entre matéria e mente, transmitida culturalmente pelo senso comum, ao filósofo francês René Descartes (1596-1650). Assim, ele propõe um questionamento da doutrina cartesiana, ao mostrar o quanto ela tem influenciado a separação do mundo em mente e matéria⁷³. Ele contrapõe a exata separação de René Descartes entre o eu e a sua extensão material, ou seja, a independência entre a alma, como substância pensante, e o corpo.

Em 1637 René Descartes publicou *Discurso do Método*. Na parte quatro da obra, o autor mostra o seu raciocínio como uma constante e progressiva auto-reflexão da lógica do próprio pensamento para encontrar o elemento essencial que definiria a “filosofia que

⁶⁹ R. Herrnstein & E. Boring, *Textos básicos de história da psicologia*, p. 740.

⁷⁰ E. Titchener, *A text-book of psychology*, pp. 9-10. “No entanto, se atribuímos mentes a outros seres humanos, não temos o direito de negá-la aos animais superiores. Estes são dotados de um sistema nervoso que tem o mesmo padrão que o nosso, e sua conduta ou comportamento, sob circunstâncias que provocariam certos sentimentos em nós, frequentemente parecem neles provocar, de maneira muito nítida, sentimentos semelhantes. Certamente devemos admitir que os vertebrados inferiores – peixes, répteis e anfíbios – possuem um sistema nervoso da mesma ordem, embora de construção mais simples. E muitos dos invertebrados, insetos, aranhas e crustáceos mostram um grau relativamente elevado de desenvolvimento nervoso. Na verdade, é difícil limitar a mente aos animais que possuem mesmo um sistema nervoso rudimentar; pois as criaturas colocadas em ponto mais baixo na escala da vida conseguem fazer, sem um sistema nervoso, praticamente tudo que os seus superiores fazem com sua assistência. Assim, a amplitude da mente parece ser tão grande quanto a amplitude da vida animal”, *Ibid*, p. 27.

⁷¹ *Ibid*, p. 11.

⁷² E. Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 116.

⁷³ E. Titchener, *A text-book of psychology*, p. 12.

buscava”⁷⁴. A dissecação do método de Descartes buscava apreender a realidade da existência do eu, a qual resultou na proposição *penso logo existo*, uma vez que o eu, para Descartes, não tem corpo, pois é uma substância pensante, revelada no princípio *penso logo existo*. Curiosamente, o método de Descartes apresenta um claro paradoxo, pois ao mesmo tempo em que a única certeza para ele era a dúvida, Descartes também estava defendendo uma espécie de “única verdade possível”, no caso, “o pensar em duvidar da verdade das outras coisas decorria muito evidentemente e muito certamente que eu existia”⁷⁵. Da dúvida, Descartes extraiu a certeza da existência, e no pensamento ele localizou a razão que o eu tem para existir.

Por isso reconheci que eu era uma substância, cuja única essência ou natureza é pensar, e que, para existir, não necessita de nenhum lugar nem depende de alguma coisa material. De sorte que este eu, isto é, a alma pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo, e até mais fácil de conhecer que ele, e, mesmo se o corpo não existisse, ela não deixaria de ser tudo o que é⁷⁶.

Em outras palavras, para Descartes, a idéia de Deus e da alma nunca estiveram nos sentidos⁷⁷. “Há que se notar que digo de nossa razão, e não de nossa imaginação, nem de nossos sentidos”⁷⁸. Na reflexão titcheneriana, em contrapartida, o elemento pensante, tal como Descartes havia se referido, aparece como mente, que tanto influencia os processos fisiológicos e musculares do corpo, como é influenciada por eles. Assim, a proposta de Titchener é que mente e corpo são dois aspectos do mesmo mundo da experiência, e não substâncias distintas como pensava Descartes.

Para Titchener, a reflexão se mente e corpo se auto-influenciam é pouco relevante, uma vez que “não podem se influenciar porque não estão separados e não são coisas independentes. Pela mesma razão, qualquer mudança que ocorra em um será acompanhada por uma correspondente mudança em outro”⁷⁹. Na teoria titcheneriana, os termos matéria e mente se referem, respectivamente, à experiência da matéria e à experiência individual. De acordo com o autor, ambas fazem parte da mesma experiência

⁷⁴ René Descartes, *Discurso do método*, p. 38.

⁷⁵ *Ibid*, p. 38.

⁷⁶ *Ibid*, pp. 38-39.

⁷⁷ *Ibid*, p. 43.

⁷⁸ *Ibid*, p. 45.

⁷⁹ E. Titchener, *A text-book of psychology*, p. 13.

humana, sendo a primeira a experiência do mundo das coisas reais e a última a experiência da vida instintiva e afetiva neste mundo⁸⁰.

Edward Titchener assume a doutrina do paralelismo psicofísico, na qual processos mentais e físicos fluem lado a lado como correntes paralelas. Uma não é causa da outra, não há interação entre elas, porém a mudança em uma delas é sempre seguida por uma mudança na outra.

É possível explicar uma pela outra, isto é, explicar os processos mentais colocando-os em relação aos fatos do mundo físico, que formam um sistema coerente e fechado (...) da maneira em que usava, o paralelismo psicofísico era um artifício explanatório adequado⁸¹.

Segundo Titchener, o fato mais evidente sobre o mundo da experiência humana é o fato da mudança. Ele ressalta que a humanidade tem procurado conter o fluxo da mudança e dar estabilidade ao mundo da experiência, assumindo substâncias permanentes, como matéria e mente; as ocorrências dos fenômenos físicos diriam respeito às manifestações da matéria, enquanto que as ocorrências do mundo mental seriam manifestações da mente. Para ele, essa tese poderia se sustentar apenas por um determinado período do pensamento humano, mas toda hipótese, quando não encontra seus fatos observados e correlacionados, deve, mais cedo ou mais tarde, ser descartada.

Físicos estão, portanto, desistindo da hipótese de uma matéria substancial imutável, e os psicólogos estão desistindo da hipótese de uma mente substancial imutável. Objetos estáveis e coisas substanciais pertencem, não ao mundo das ciências físicas ou psicológicas, mas apenas ao mundo do senso comum⁸².

No sistema titcheneriano, mente é entendida como a soma total da experiência humana, considerada como dependente do sistema nervoso⁸³. Desta afirmação, entende-se que a mente é o aspecto dependente da experiência psicológica – a soma total do processo mental que possibilita o registro do evento em forma de sensações, idéias, imagens e sentimentos. Entre os termos usados por Titchener, destaca-se as noções de: *soma total*, *mental* e *processo*. Titchener acentua que *soma total* implica numa preocupação com todo o universo da experiência, e não apenas com uma porção limitada dela; *mental* significa a preocupação com a experiência sob seu aspecto dependente – a

⁸⁰ *Ibid*, p. 545.

⁸¹ E. Heidebreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 118.

⁸² E. Titchener, *A text-book of psychology*, p. 16. Ver também p. 545.

⁸³ *Ibid*, p. 16.

mente, condicionada pelo sistema nervoso; e *processo* mostra que o tema de estudo corresponde a uma sucessão de eventos, um fluxo perpétuo, e não uma coleção de objetos imutáveis.

Ao considerar a mente como um fluxo perpétuo, Titchener coloca uma importante questão: se a mente muda sempre, devido ao seu *devir*, por que a personalidade não muda? O que existe entre a mente e o *self* que dá a sensação de continuidade, estabilidade e permanência ao sentido de identidade e de realidade diante do fluxo perpétuo da mente? A personalidade seria o aspecto imutável da mente? Para Titchener, a palavra *self* seria uma rubrica psicológica, significando uma combinação particular de talento, temperamento e caráter, o que constitui a atividade mental intelectual e emotiva. Na teoria titcheneriana, o *self* corresponderia a uma experiência consciente que existe em uma fase temporária de combinação⁸⁴. A experiência do *self*, para Titchener, é composta dos seguintes constituintes: sensações orgânicas, percepção visual ou idéia do corpo e de idéias verbais como “eu” e “meu”⁸⁵. Conclui-se, portanto, que a experiência humana não trata de aspectos imutáveis, logo, a personalidade também não é o aspecto imutável da mente – ela (a personalidade) só está localizada num tempo definido, por fatores definidos e por um ponto de vista também definido⁸⁶.

Para Titchener, a experiência de uma pessoa significa a experiência de um corpo vivo, por meio do qual se dá a organização da mente individual. E, para propósitos psicológicos, o autor salienta que o corpo vivo pode ser reduzido ao sistema nervoso e seus afluentes. A mente, então, torna-se a soma total da experiência humana considerada como dependente do sistema nervoso.

Ao considerar a experiência individual como a experiência de um corpo vivo e, portanto, redutível ao sistema nervoso, Titchener está dizendo que a mente, como a soma total das experiências vividas, sustenta-se, sobretudo, mediante o registro sensorial, originando-se daí os processos mentais, como atenção, memória, emoção, sentimento e pensamento; ou seja, o funcionamento da mente deriva do contato com o mundo externo, mas as qualidades das sensações são determinadas pela estrutura do sistema nervoso. Para Titchener, “a psicologia busca suas explicações fora do mundo de seu objeto

⁸⁴ *Ibid*, p. 544.

⁸⁵ *Ibid*, p. 545.

⁸⁶ *Ibid*, p. 16.

próprio; porém, assim o faz não porque o mundo físico seja mais verdadeiro ou mais fundamental, mas porque é mais contínuo e mais inato do que o mundo revelado pela introspecção”⁸⁷.

Contudo, essa análise não passa despercebida por reflexões que o próprio autor levanta, mostrando sua atenção quanto às implicações filosóficas e até possíveis contradições lógicas em seu pensamento. Em suas palavras:

Nós estamos considerando a mente como um fluxo de processos? Mas, a mente é pessoal, minha mente; e minha personalidade continua durante minha vida. A experiência pessoal é somente a experiência do organismo? Mas, de novo, experiência é pessoal, é a experiência de um *self* permanente. Mente é espacial, tanto quanto a matéria? Mas, a mente é invisível, intangível, não está aqui ou lá, não é quadrada ou redonda (...) São vocês os mesmos *selfs* na infância e na idade adulta, em seu trabalho e em seu lazer, em seu melhor comportamento quando livre de restrição? Certamente, a experiência do *self* não é apenas intermitente, mas composta, em diferentes tempos, de diferentes fatores⁸⁸.

Ao introduzir o conceito de *self* em seu *A Text- Book of Psychology*⁸⁹, Titchener trabalha com a idéia de que toda experiência pessoal é a experiência de um *self* permanente. Esse *self* confere a noção de estabilidade e identidade nas experiências humanas diante do constante e ininterrupto fluxo da mente. Definir a idéia de *self* implica em dizer alguma coisa sobre o objeto consciência, e Titchener entende essa necessidade. Ele identifica, então, dois sentidos comuns dados ao termo consciência. O primeiro se refere à analogia com o conhecimento da mente e dos seus processos. Na verdade, ao apresentar este primeiro sentido do termo consciência, Titchener está assinalando, mais uma vez, a idéia presente no discurso do senso comum, vulgarizada pela apropriação particular de leis gerais e científicas. O senso comum, para Titchener, trata a consciência como o *self* interior que pensa, lembra, escolhe, raciocina, indica movimentos do corpo – a consciência como o conhecimento interior do seu pensamento e sua própria governança⁹⁰. Titchener ataca esta idéia⁹¹. Em seu sistema, a consciência aparece como a percepção do que se passa no mundo das coisas reais, o mundo externo e sensorial, no qual a consciência se processa como conhecimento imediato que a mente tem da

⁸⁷ E. Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 123.

⁸⁸ E. Titchener, *A text-book of psychology*, p. 17.

⁸⁹ *Ibid*, p. 17.

⁹⁰ *Ibid*, p. 17.

⁹¹ *Ibid*, p. 18.

experiência natural a partir das sensações e idéias que emergem dela⁹². Para Titchener, a consciência é o elemento organizador da mente humana, ou seja, é o elemento organizador das percepções sensoriais. Assim, a consciência como conhecimento da própria mente é uma idéia que Titchener rejeita porque toda forma de conhecimento interior também envolve uma percepção exterior – o mundo externo sempre está presente.

O segundo sentido do termo consciência é identificado com a própria mente, e não com o conhecimento dela. Ou seja, a consciência só estará presente, segundo Titchener, enquanto os processos mentais estiverem mantendo o seu fluxo, constante e ininterrupto. Tão logo esse fluxo seja interrompido, a inconsciência se estabelecerá⁹³. Para Titchener, estar consciente de alguma coisa é estar alerta às sensações que chegam à mente – é a capacidade de registrá-las no campo perceptivo da experiência humana. O que Titchener afirma é que a consciência não é o conhecimento da mente e dos seus processos, pois os processos da mente também envolvem os processos da matéria, ou seja, do mundo externo. A consciência, então, é a percepção sensorial dos estímulos materiais, configurada num espaço e num tempo definido.

Segundo Titchener, a mente é a soma total das experiências ocorridas durante o tempo de vida de um determinado indivíduo. A consciência é a soma total dos processos conscientes ocorridos “agora”. Se a mente é o tema central da psicologia, diz Titchener, a consciência é o seu objeto direto. De fato, nunca observamos a mesma consciência duas vezes, pois o fluxo da mente é constante e nunca retorna⁹⁴. Contudo, ressalta Titchener, nós podemos observar um estado particular de consciência, desde que o organismo seja colocado novamente sob as mesmas circunstâncias e condições. De modo geral, “a maré alta de ontem nunca se repetirá, e a consciência também nunca se repetirá, mas nós temos a ciência da psicologia, como temos a ciência da oceanografia”⁹⁵.

Dentro do sistema titcheneriano, a consciência não é um objeto sólido que pode ser localizado em qualquer tempo, ela é o estado da mente de certo momento presente, e como a mente sempre muda a consciência muda com ela. Apesar de uma mesma

⁹² *Ibid*, p. 18.

⁹³ *Ibid*, p. 18.

⁹⁴ *Ibid*, p. 19.

⁹⁵ *Ibid*, p. 19.

consciência não se repetir duas vezes, é possível prever certo padrão de recorrência a partir do arranjo e da disposição dos mesmos estímulos materiais que a formaram – aquele encadeamento de sensações, percepções e idéias que registraram a experiência. Mas, trata-se de uma nova consciência, buscando uma antiga consciência. Essa é uma ambivalência inerente ao método da introspecção titcheneriana. E, por isso, vale um tópico separado.

c) O Método da Introspecção no Sistema Titcheneriano – Uma Análise Reflexiva

Titchener está partindo da premissa de que é possível isolar, repetir e variar uma determinada experiência da consciência. Dessa forma, o método da psicologia é a observação, porém não uma observação física, do reino da “inspeção” (*looking at*), mas uma observação psicológica, do reino da “introspecção” (*looking-within*). Por meio da introspecção, uma determinada experiência pode ser repetida: “você pode estar sentado em um quarto silencioso e escuro, livre de perturbações, e ela pode ser variada, diferentes palavras podem ser ditas, uma palavra pode ser iluminada numa tela em vez de falada, etc.”⁹⁶. Uma importante diferença entre os termos “inspeção” e “introspecção” consiste já na postura do próprio observador. Durante a inspeção, diz Titchener, uma reação química ou os movimentos de alguma criatura microscópica podem ser anotados e registrados durante a observação do fenômeno sem causar interferência no evento. Já com a introspecção, se tentarmos descrever e registrar as impressões da consciência durante a experiência, a tradução da experiência mental em palavras interferirá em seu curso.

Titchener trabalha com uma introspecção demorada, lenta, procurando descrever como ocorreu o curso natural da experiência e, então, chamá-la de volta e vivenciá-la novamente a partir da memória. Ele mesmo diz que introspecção é, na verdade, retrospecção, uma posterior examinação.

É verdade que a descrição interrompe a observação. Mas, depois do primeiro estágio que tem sido acuradamente descrito, mais informações podem ser tomadas, e o segundo, terceiro e próximos passos similarmente descritos, até que uma completa descrição sobre a totalidade da experiência seja obtida (...) Um observador com prática consegue entrar no hábito da introspecção; a

⁹⁶ *Ibid*, p. 21.

atitude introspectiva está arraigada em seu sistema. Então, é possível para ele, não apenas tomar notas da experiência mental enquanto a observação está acontecendo, sem interferir com a consciência, mas registrar notas escritas, como um histologista faz enquanto seu olho está preso à lente do microscópio⁹⁷.

A partir dessa analogia feita por Titchener, fica claro que ele está dando o mesmo status investigativo da inspeção à introspecção. Trata-se de uma tentativa de validar seu método dentro dos critérios das ciências naturais, procurando a objetificação da dimensão interna da experiência humana. Na verdade, não se está dizendo que os dois métodos tenham o mesmo campo de aplicação, mas, que têm a mesma natureza de investigação. A capacidade de experienciar o mundo humano, para Titchener, não vêm nem de uma perspectiva somente, como também não vem da outra isoladamente. Se lembrarmos que mente e matéria são os dois modos da experiência, o mundo interno, o da mente, é uma reação ao mundo material. A introspecção é a localização dos elementos do mundo material e das sensações decorrentes. Por isso, Titchener declara: “Em geral, o método da psicologia é muito parecido com o método da física”⁹⁸.

Se a inspeção trabalha no reino dos corpos sólidos e objetos materiais, a introspecção atua na localização dos elementos sensoriais despertados por esses corpos na experiência humana. Uma vez que ambas as ciências, física e psicologia, aparecem por meio da relação do homem com o seu ambiente, diz Titchener, é natural que ambos os métodos compreendam as mesmas leis científicas. Em outras palavras, as análises dos elementos materiais e dos elementos sensoriais não correspondem a métodos diferentes, mas compreendem diferentes pontos de vista (conhecidos como inspeção e introspecção) do mesmo fenômeno. A introspecção nos lembra que a mente é um aspecto da experiência do mundo material, enquanto a inspeção também trabalha mediante uma determinada perspectiva e ponto de vista da mente individual.

É interessante notar que no sistema titcheneriano a experiência individual é descrita em termos mentais, mas não explicada por conceitos mentais. A profundidade dessa reflexão implica que a natureza da experiência humana é um processo de relação

⁹⁷ *Ibid*, p. 23.

⁹⁸ *Ibid*, p. 24.

contínua com o ambiente externo. Se pensarmos no conceito de essência no sentido aristotélico, a essência das sensações, para Titchener, é ser processual⁹⁹.

Nessa concepção, a interioridade é a região de registro da experiência humana, na medida em que por meio dela se localizam os elementos sensoriais para a orientação no mundo material. A introspecção, portanto, é a observação da própria consciência. Ela se funda na perspectiva de que somos habilitados em perceber os processos sensoriais e, assim, focar nossa atenção em direção a eles, descrevendo-os e analisando-os. Vale ressaltar que é o método da introspecção que nos habilita reconhecer o aspecto qualitativo da experiência. “Por meio dela, reconhecemos uma cor, um som, uma angústia”¹⁰⁰.

Junto com a introspecção está a análise, a qual reconstrói nossas operações mentais e se esforça para fixar o que se repete, o que é regular, estável, cada vez que sentimos, imaginamos, raciocinamos e lembramos. É um erro Bergson afirmar que a introspecção versa sobre a vida psíquica em perpétua fluência, única em cada momento e essencialmente qualitativa; isto soa bem em uma poesia lírica ou em uma novela. Mas, se a psicologia tem se estruturado à maneira de uma ciência, não há outro remédio, senão ater-se ao que é estável, ao que se repete e se confirma¹⁰¹.

Nesta passagem, o filósofo e psicólogo belga Georges Dwelshauvers (1866-1937) trata de uma questão, a qual tem importância nesta discussão. Ao atacar Henry Bergson (1859-1941), o autor belga está defendendo o determinismo psicológico, contrapondo as idéias do filósofo francês. Para Bergson, considerar os estados de consciência como unidades distintas, espécies de átomos psíquicos regidos por leis associativas, é uma ilusão. Bergson não trata os elementos da consciência como quantitativos, mas como uma continuidade qualitativa. “Tratam-se de momentos heterogêneos que se penetram, se misturam e se organizam de tal sorte que não poderíamos dizer se são um ou se são muitos e que não podemos apreender sob o aspecto da quantidade sem desvirtuá-los”¹⁰².

Assim, o método introspectivo sofreu ataques, não apenas por apresentar pontos extremamente sensíveis, especialmente quanto ao grau de verificabilidade dos dados obtidos por esse método, mas também criou divergências quanto à leitura epistemológica dada aos elementos da consciência emergentes da introspecção.

Entretanto, como bem descreve Heidbreder:

⁹⁹ E. Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 125.

¹⁰⁰ S. Ferraz. *Psicologia humana*, p. 32.

¹⁰¹ G. Dwelshauvers. *Tratado de psicología*, p. 44.

¹⁰² Fernand-lucien Mueller, *História da Psicologia: da antiguidade aos nossos dias*, pp. 331-332.

A introspecção não pode ser considerada de modo superficial (...) exige uma atitude que vai de encontro aos hábitos de toda uma existência. Pois os hábitos comuns de observação determinam que vejamos os objetos e fatos do senso comum e da vida diária, e não os conteúdos da consciência. Ver a coisa em si, em lugar do conteúdo consciente foi chamado de “erro de estímulo” (...) Quando um indivíduo observa ingenuamente, de acordo com o senso comum, vê, por exemplo, uma mesa; porém, se um introspeccionista vê a mesa ao fazer uma observação científica da percepção que ele tem da mesma, estará respondendo ao estímulo ao invés do processo consciente que este lhe provoca¹⁰³.

Assim, a primeira dificuldade se encontra na região da comunicação, da linguagem, um aspecto extremamente importante para o método científico. Uma determinada experiência individual, por exemplo, formada por conjuntos complexos de sensações, não é diretamente comunicável a uma outra pessoa. Essa dificuldade descumprir um dos princípios do método científico, que é a transmissão de um determinado conhecimento de modo que ele possa ser apreendido por outro. Da perspectiva que o método da introspecção nos coloca, passamos a entender o mundo externo pela análise do seu registro em nossa memória. Entretanto, o risco desta posição é interpretar o mundo de acordo com o que se passa em nós mesmos. Observar o mundo da perspectiva do observador implica em encerrá-lo na própria individualidade, em nossas próprias impressões sensoriais e pessoais. Uma vez que a introspecção baseia-se na memória, há um risco de que essa reconstrução interior da experiência falseie a realidade, distorcendo-a.

Se a introspecção, por um lado, é indispensável para o conhecimento direto dos estados emotivos, porque ninguém melhor do que aquele que sente é capaz de conhecer o que é agradável e o que é desagradável; por outro lado, em se cuidando da observação de outros fatos, há influência das condições do indivíduo, como, por exemplo, as paixões, um estado de aborrecimento ou de entusiasmo, a doença ou a fadiga, que adulteram a apreciação. Também nos estados emotivos intensos, como na cólera, no medo, o indivíduo será incapaz de observar-se com eficiência¹⁰⁴.

Por isso, a introspecção, no método titcheneriano, impõe a exigência de observações exatas da experiência, tornando os elementos da introspecção comunicáveis e passíveis de descrição, revelando, assim, as bases estruturais na formação de um determinado estado de consciência. No sistema titcheneriano, a introspecção é uma forma de encerrar a realidade externa a partir de uma experiência individual. Isso significa também que a

¹⁰³ E. Heidebreder, *Psicologias do séc. XX*, pp. 119-120.

¹⁰⁴ S. Ferraz, *Psicologia humana*, p. 35.

própria individualidade é atravessada pelo mundo externo, ou seja, toda experiência pessoal só acontece mediante a interação do homem com seu ambiente.

O método introspectivo encontra forte oposição entre os psicólogos behavioristas, os quais afirmam sua inutilidade científica, argumentando que as observações desse método não podem ser repetidas nas mesmas condições e por diferentes observadores. Seriam, dessa forma, noções apenas individuais e indutivas, em vez de gerais, dedutivas e, assim, científicas¹⁰⁵.

“Behaviour” significa “comportamento”, do qual se excluem os dados da consciência. Watson e sua escola adotam um objetivismo extremado. Pretendem que o estudo da consciência não inspira confiança. Para Watson, a psicologia do comportamento tem por intenção formular, por meio da observação sistemática e da experimentação, as generalizações, leis e princípios que regulam o comportamento humano¹⁰⁶.

O projeto final titcheneriano procura se erguer por meio de uma observação objetiva da realidade. Titchener acredita que o método da introspecção é capaz de descrever a realidade interna da mente humana. Essa é a fronteira metodológica com os behavioristas no início do séc. XX, para os quais o conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos surge da construção de uma ciência com exclusão absoluta dos elementos da consciência.

Essa interface tem um aspecto importante para a história da psicologia porque marca a passagem do objeto consciência para o objeto comportamento dentro da corrente metodológica da psicologia americana¹⁰⁷. Abandona-se a preocupação com a observação

¹⁰⁵ Para um aprofundamento maior desta questão, recomendamos a leitura de Karl Popper, especialmente, *A lógica da pesquisa científica*, na qual ele se detém em analisar a lógica do conhecimento no método dos empíricos, defendendo como “democracia científica” a hipótese dedutiva, se opondo ao método hipotético indutivo. Ver também, *Conjecturas e refutações*.

¹⁰⁶ S. Ferraz, *Psicologia humana*, p. 35.

¹⁰⁷ Vale notar que as antigas preocupações com a consciência retornam à psicologia a partir do final da primeira metade do séc. XX, diante dos resultados da segunda grande guerra. Quando se institucionaliza a psicologia social moderna, impulsionada pelo contexto geopolítico pós segunda guerra mundial, cuja tendência foi a introdução de aspectos sociais para a reformulação do conceito de ambiente, ao mesmo tempo em que os aspectos cognitivos da mente também passaram a ser importantes em contextos experimentais. Kurt Lewin fundou no Instituto de Psicologia de Massachussets (MIT), em 1945, o Centro de Pesquisa para Dinâmica de Grupo. Sua proposta volta a refletir na psicologia a influência do pensamento alemão por meio dos princípios da Gestalt, um termo usado para o estudo da percepção e psicologia da forma. Para os teóricos da Gestalt, como Kurt Koffka (1886-1941), Wolfgang Köhler (1887-1967) e Max Wertheimer (1880-1943), os quais criaram as *Leis da Gestalt* relativas à percepção humana. Para os gestaltistas, o estado final de uma dada consciência não pode ser entendido pela análise das suas partes, num emblema mais popular – *o todo é maior que a soma das partes*. Essa idéia se chocava com os elementaristas da tradição behaviorista, os quais buscam os elementos primários e fundamentais que definem o comportamento pela observação exclusiva do fenômeno externo e pelo entendimento das suas leis e princípios.

interior dos registros sensoriais, prevalecendo a preocupação com os comportamentos observados.

Isso desemboca em uma fundamental diferença entre o sistema titcheneriano e os behavioristas – a perspectiva da origem do conhecimento. Para os behavioristas, o conhecimento da experiência humana estaria voltado para o estudo do comportamento, separado da interioridade da mente. Essas diferenças estarão mais bem delimitadas no capítulo quatro, onde discutiremos o ambiente de discussão da psicologia americana, no qual se institucionaliza a escola titcheneriana.

É importante ressaltar que Titchener não tenta exatamente preservar o campo da subjetividade. Apesar de entender a consciência como o princípio organizativo da relação entre mente e matéria, seu tratamento em cima do objeto consciência o torna independente da subjetividade, uma vez que, para ele, uma determinada consciência pode ser reconhecida por outras pessoas e, então, objetificada. O sistema de conhecimento titcheneriano é transmissível e verificado, e isso está em ressonância com o movimento positivista que inspirou a ciência do final do séc. XIX e início do séc. XX, que se trata da objetificação, matematização e até naturalização das ciências sociais e humanas¹⁰⁸.

Um ponto que parece importante ressaltar é que ao lado de uma determinada perspectiva científica há um percurso epistemológico. Nesse sentido, é fundamental refletir que cada perspectiva científica está dentro de uma cultura e tem uma maneira de compreender o mundo. Isso está implícito no modo pelo qual nos posicionamos para abordar determinado fenômeno¹⁰⁹. O problema que se torna fundamental em Titchener é entender como ele se posiciona diante do processo de conhecimento, o que nos remete a uma questão epistemológica; e como ele organiza seu sistema de conhecimento pela elaboração de uma linguagem que possibilita a comunicação operacionalizada por conceitos e rigor. O processo de conhecimento, para Titchener, se dá na apropriação da subjetividade, tornando-a uma realidade existente para além dela mesma, uma vez que é comunicável em linguagem exata. Por isso, mesmo entendendo o objeto consciência como experiência psicológica imediata, o sujeito do conhecimento está aberto ao diálogo objetivo e pronto para compartilhar seus registros.

¹⁰⁸ Esse é um tópico que será discutido no cap. 4.

¹⁰⁹ G. Safra. Aula vídeo, *A pesquisa em ciências humanas: epistemologia e metodologia*.

A preocupação titcheneriana com a linguagem para a descrição da experiência se mostra no esforço em nomear os elementos da mente, porém, não busca uma base semântica para eles¹¹⁰. Encerra a experiência pela descrição. Em outras palavras, para Titchener, conhecer implica em identificar os limites da linguagem¹¹¹.

O método da introspecção no sistema de Titchener aparece como elemento de descrição da experiência. Assim, sua proposta é analítica, uma vez que busca reduzir o mundo mental, como dependente da experiência humana, em simples componentes – sensações. Entretanto, ao explicar como é possível ser feita esse tipo de redução, Titchener mostra que certos processos mentais não podem ser reduzidos, mesmo em parte, a outros processos. Contudo, o trabalho contínuo da consciência, segundo Titchener, indicará a natureza e o número dos processos elementares da mente¹¹².

O autor também fala em uma síntese dos registros da experiência. Uma vez que os elementos mentais foram identificados pela consciência, é possível compará-los e entender a regularidade e a uniformidade da experiência. Desse modo, formulam-se as leis de conexão dos processos elementares da mente¹¹³. Como vimos acima, trata-se da mesma proposta defendida por Dwelshauvers, em seu embate com Bergson.

Titchener não está sugerindo que um processo mental causa um outro processo mental, especialmente porque, para ele, uma nova consciência só se estabelece com a mudança dos elementos externos, e não internos.

Quando eu visito Atenas ou Roma, pela primeira vez, eu tenho experiências, as quais são devidas, não a uma consciência passada, mas ao estímulo presente. Nem nós podemos, de outro modo, considerar os processos nervosos como a

¹¹⁰ A semântica aqui é entendida em seu sentido literal, como algo é significado. Titchener está preocupado em descrever e relatar os conteúdos da experiência, porém, para ele, não há uma necessidade de interpretação. A proposta de Titchener é a descrição pela dissecação e classificação.

¹¹¹ Em 1897, Titchener realizou um catálogo de elementos encontrados em departamentos diferentes dos sentidos. Havia, por exemplo, 30.500 elementos visuais, quatro elementos do paladar e três sensações no canal alimentar. Elementos foram definidos por Titchener como as sensações mais simples encontradas na experiência. Eles seriam descobertos por uma dissecação sistemática pela introspecção dos conteúdos da consciência; quando uma experiência não pudesse ser dissecada em partes, ela era, declaradamente, elementar. Titchener estabeleceu uma lista de elementos sensoriais para a psicologia. Sua lista de qualidades de sensações envolvia: olho, audição, nariz, língua, pele, músculo, tendão, junta, canal digestivo, vasos sanguíneos, pulmões, órgãos sexuais e ouvido (sentido estático). Todas essas sensações combinadas formavam mais de 44.000 tipos de estados qualitativos da consciência, com percepções e idéias. Titchener se preocupou, então, em estudar e classificar esse conjunto de sensações. R. J. Herrnstein & E. G. Boring, *Textos Básicos em Psicologia*, p. 70-71.

¹¹² E. Titchener. *A Text-Book of Psychology*, p. 38.

¹¹³ *Ibid*, 38.

causa dos processos mentais. O princípio do paralelismo psicofísico¹¹⁴ estipula que as duas situações de eventos, processos no sistema nervoso e processos mentais, seguem seu curso lado a lado, em exata correspondência, mas sem interferência. Eles são, fundamentalmente, dois diferentes aspectos da mesma experiência - um não pode ser a causa do outro¹¹⁵.

De acordo com Edward Titchener, apesar do sistema nervoso não causar os processos mentais, ele pode explicá-lo.

Ele explica a mente como o mapa de um país explica os vislumbres fragmentários de montanhas, rios e cidades, nas quais tomamos nossa jornada. Em uma palavra, a referência ao sistema nervoso introduz na psicologia apenas aquela unidade e coerência, a qual estritamente a psicologia descritiva (funcional) não pode alcançar¹¹⁶.

Para Titchener, os processos do sistema nervoso correspondem a uma pequena parte dos eventos físicos, os quais são sistematizados por meio da introspecção. Esses processos têm um paralelo com as conexões causais entre todos os estímulos do mundo externo e independente. Dessa forma, Titchener acredita que o princípio explicativo para os problemas da psicologia deve ser olhado para além dela mesma, e não dentro de si própria – ou do mundo da experiência dependente¹¹⁷. Ele considera os aspectos do mundo externo como constituintes dos elementos da consciência e propõe uma teoria do conhecimento da experiência humana que atravessa as fronteiras da psicologia.

Portanto, a biologia, a fisiologia e a física aparecem no sistema titcheneriano da seguinte maneira: a biologia se apresenta a partir da sua preocupação com a morfologia da mente humana; a fisiologia dá a leitura da mente humana, é por meio do sistema nervoso que Titchener entende a mente; e a física, como vimos, é o seu modelo metodológico.

¹¹⁴ A doutrina da relação da mente com o corpo, conhecida como doutrina do Paralelismo Psicofísico, propõe que todo componente emocional ou psicológico carrega um elemento material e físico. Trata-se da semelhança entre mente e cérebro, entre a substância pensante e a substância extensa. Ao contrapor o dualismo cartesiano, essa doutrina propõe um monismo para a harmonia entre os atributos mente e cérebro, pensamento e matéria. No séc. XIX, Gustav Theodor Fechner (1801-1887) propõe que o psiquismo e o físico seriam aspectos de uma mesma realidade, e não coisas diferentes. Ao desenvolver as leis do paralelismo psicofísico, Fechner publica, em 1860, *Elementos de Psicofísica (Elemente der Psychophysik)*, na qual estabelece uma importante lei que mede a relação entre a quantidade de excitação e a intensidade da sensação (Lei de Fechner). Gustav Fechner se formou em medicina em Leipzig (1822) e depois passou a ensinar física nessa mesma universidade (1834). Os trabalhos de Fechner são considerados um ponto importante para a sistematização da psicologia experimental, apesar dela ter sido institucionalmente fundada por Wilhelm Wundt com a criação do laboratório de psicologia experimental também em Leipzig, em 1879.

¹¹⁵ E. Titchener. *A Text-Book of Psychology*, p. 39.

¹¹⁶ *Ibid*, p. 39.

¹¹⁷ *Ibid*, p. 41.

A concepção de que o conhecimento que temos sobre o mundo é mediado pelo sistema nervoso aparece dentro de uma corrente metodológica que localiza a proposta titcheneriana dentro da história da psicologia e de uma tradição muito específica na história da ciência.

CAPÍTULO II – CONTEXTUALIZAÇÃO TEMÁTICA E A RETOMADA DA TRADIÇÃO DA PSICOLOGIA EMPÍRICA NA PROPOSTA TITCHENERIANA

De acordo com Edward Boring, a psicologia científica começou na Alemanha como uma psicologia fisiológica, nascida de um casamento entre filosofia da mente e fenomenologia experimental, e surgiu dentro da fisiologia sensorial¹¹⁸. Remetendo o assunto à definição de Immanuel Kant, em *Crítica da Razão Pura* (1787), a fisiologia aplicada seria o campo empírico da psicologia¹¹⁹. Para Kant, a própria psicologia empírica surge no domínio de uma filosofia aplicada¹²⁰, a qual se diferencia da filosofia transcendental ou fisiologia da razão pura¹²¹.

Isso nos abre duas importantes questões. A primeira ligada à filosofia da mente e a segunda correlacionada à fisiologia da mente. A filosofia da mente seria a elaboração teórica dos elementos descritivos advindos da fisiologia experimental. A filosofia ofereceria os princípios explicativos, enquanto que a fisiologia seria a ciência da descrição da relação entre mente e matéria. Como diz Kant, o filósofo seria “o legislador da razão humana”¹²². Em suas palavras, “a filosofia da natureza (implicada na fisiologia da mente) refere-se a tudo o que é (fenomenologia experimental descritiva); a filosofia dos costumes (filosofia moral como Kant a define, ou filosofia racional da mente) concerne unicamente ao que deve ser (caráter explicativo)”¹²³.

Com respeito à origem dos conhecimentos puros da razão, a questão é se derivam da experiência ou, se, independente desta última, possuem a sua fonte na razão. Aristóteles pode ser visto como o líder dos empiristas, Platão como o dos noologistas. Locke, que em tempos recentes seguiu o primeiro, e Leibniz que acompanhou o último (se bem que mantendo uma distância respeitável de seu sistema místico), não puderam, todavia, chegar a nenhuma decisão no tocante a esta disputa. Pelo menos Epicuro procedeu, por seu turno, de um modo bem mais conseqüente segundo o seu sistema sensualista (pois em suas inferências jamais ultrapassou os limites da experiência) do que Aristóteles e Locke. Especialmente Locke, após ter derivado da experiência todos os conceitos e princípios, avança tanto em seu uso que sustenta que é possível provar a existência de Deus e a imortalidade da alma (apesar de que ambos os

¹¹⁸ E. Boring, *A history of experimental psychology*, p. 35.

¹¹⁹ Immanuel Kant, *Crítica da razão pura*, p. 33.

¹²⁰ *Ibid*, p. 242.

¹²¹ *Ibid*, p. 241.

¹²² *Ibid*, p. 238.

¹²³ *Ibid*, p. 238.

objetos se situam totalmente fora dos limites/ de uma experiência possível) com a mesma evidência com que se prova um teorema matemático qualquer¹²⁴.

Procuraremos mostrar nesta primeira parte do capítulo o vértice do problema da mente do modo como ele aparece na fisiologia experimental da Inglaterra e da Escócia dos séculos XVII e, especialmente, XVIII. Como mostra Edward Titchener, no artigo “Brentano and Wundt: empirical and experimental psychology” (1921):

Se formos à atmosfera setecentista do pensamento científico, e tentarmos formular a proposta que sustenta nítida e claramente nossa visão de mundo, então o real significado da *Physiological Psychology* pode ser confundido. Ela fala a linguagem da ciência, no sentido rigoroso das palavras, e nos promete nesse sentido uma ciência da psicologia¹²⁵.

Começamos, então, a partir da definição de ciência moderna. E, de acordo com R. Hooykaas, no artigo “The rise of modern science”, quando falamos do surgimento da ciência moderna é necessário primeiro estabelecer o que entendemos por serem suas características¹²⁶. O autor indica, de modo geral, quatro fundamentações que caracterizam o pensamento moderno na ciência. Originalmente, a ciência moderna não reconhece autoridades, exceto a própria autoridade da natureza; nem mesmo reconhece a autoridade da própria razão do investigador. “No caso de um conflito entre suas expectativas racionais e as descobertas pela observação, a razão do investigador deve se adaptar aos dados advindos da natureza (...) Na ciência moderna, um empirismo racional e crítico triunfou sob o racionalismo”¹²⁷.

A segunda característica é que a ciência moderna é experimental. Ela não é construída apenas sob a observação direta da natureza, mas também pelas condições experimentais, conquistando a natureza pela experiência, e obtendo da experiência um genuíno conhecimento.

A terceira característica é a imagem mecânica de mundo, explicando os fenômenos naturais em analogia a um mecanismo. “A ciência antiga, de outro lado, tendeu a uma visão de mundo orgânica, considerando as coisas não vivas como uma extensão similar às coisas orgânicas.”¹²⁸. Por fim, a ciência moderna tenta, tanto quanto possível, descrever

¹²⁴ *Ibid*, pp. 244-245

¹²⁵ E. Titchener, “Brentano and Wundt: empirical and experimental psychology”, §6, p. 9

¹²⁶ R. Hooykaas, “The rise of modern science”, p. 455.

¹²⁷ *Ibid*, p. 455.

¹²⁸ *Ibid*, p.455.

ou explicar coisas ou eventos naturais em termos matemáticos e quantificar qualidades
129

Essas quatro características condensam: o empirismo, como a ênfase na realidade sensorial em vez da razão especulativa; e o experimentalismo como um combate à análise lógica, chocando a razão e as autoridades com as leis próprias da natureza observadas em situações experimentais. Uma nova história natural, por meio das expansões marítimas e geográficas, estimulou mudanças epistemológicas e metodológicas, e a transição de uma visão orgânica para uma visão mecânica de mundo estava conectada com a filosofia experimental¹³⁰. Como diz Friedrich Engels, no livro *Dialética da Natureza*, “a investigação da natureza movia-se em meio da revolução geral era, por si mesma, totalmente revolucionária: devia lutar por seu direito à existência”¹³¹. Conforme B. R. Hergenhahn, na obra *An Introduction To The History of Psychology* (1944):

Com avanços na ciência, muito tinha sido aprendido sobre o mundo físico – isto é, sobre a estimulação física. Também, como temos visto, muito tinha sido aprendido sobre os receptores sensoriais, os quais convertem estimulações físicas em impulsos nervosos, e sobre as estruturas cerebrais, onde aqueles impulsos terminavam. Nunca houve muitas dúvidas sobre a existência da consciência, o problema era determinar do que estávamos conscientes e o que causava ou determinava essa consciência¹³².

Para entendermos os caminhos da fisiologia da mente seguidos na Inglaterra e Escócia nos sécs. XVII e XVIII, teremos que compreender a filosofia britânica deste período e o seu cenário sócio-político. Dentro desse percurso, a questão mente e matéria não é tratada sem questionar a presença do elemento alma, amplamente presente no corpo da antiga psicologia e história da filosofia. De acordo com Fernando Vidal, a psicologia no séc. XVIII, na Inglaterra, emerge como uma disciplina de pesquisa empírica fortemente comprometida com uma perspectiva naturalista que excluía a alma como um princípio explicativo¹³³.

O problema da alma, como princípio explicativo, é uma questão que também aparece no âmbito da física, marcada pela influente corrente newtoniana de pensamento no contexto da Inglaterra dos sécs. XVII e XVIII. Inclusive, Kant define a física como a

¹²⁹ *Ibid*, p. 456.

¹³⁰ *Ibid*, p. 471.

¹³¹ Friedrich Engels, *Dialética da natureza*, p. 9.

¹³² B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 223.

¹³³ Fernando Vidal, “Amais útil de todas as ciências. Configurações da Psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do Iluminismo”, p. 49.

metafísica da natureza corpórea, enquanto que a psicologia seria a metafísica da natureza pensante¹³⁴. A preocupação de Isaac Newton com a causa da gravidade está relatada em seus manuscritos não publicados¹³⁵ e nos *Scholia*¹³⁶ que acompanharam a segunda e a terceira edição dos *Principia*. No *Scholium* de 1713, o qual acompanha a segunda edição dos *Principia*, Newton atribui a Deus a *causa* da ordenação do cosmos, formação dos planetas, suas posições, movimentos, velocidades, toda a estética celeste, na concepção de Newton, está fundamentada na onipresença divina, a qual ele atribui o conceito de espaço absoluto. O espaço, no sistema newtoniano, é um atributo da extensão de Deus, e não das coisas¹³⁷, ao contrário de René Descartes, para quem o atributo da extensão é a essência da corporeidade¹³⁸. Immanuel Kant entra nesta discussão no sentido que para ele “o espaço limitado é divisível ao infinito”¹³⁹, ou seja, “o conceito de magnitude, como o de uma infinitude dada, é empiricamente impossível”¹⁴⁰. Para Kant, tanto o limite absoluto, quanto o infinito, são empiricamente indemonstráveis. “Consequentemente, nada poderei dizer do objeto da experiência em sua totalidade (o mundo dos sentidos)”¹⁴¹.

¹³⁴ Immanuel Kant, *Crítica da razão pura*, p. 241.

¹³⁵ “O manuscrito, seção 13, fólios 541-542 e 545-546, está mantido pela *University Library*, Cambridge. Esses rascunhos/esboços contêm um cuidadoso relato, pela mão de Newton, da sua visão sobre espaço, lugar, tempo e Deus. Eles são parte de um vasto número de esboços relacionando as três edições oficiais dos *Principia*, publicadas durante a vida de Newton. A escrita do manuscrito data a partir do ano de 1690, como parte de uma planejada revisão da primeira edição dos *Principia*, a qual ele já estava preparando por volta desse ano. Significativamente, o manuscrito é baseado no *De Gravitatione*, escrito entre 1666 e 1670”. J. E. McGuire, “Newton on Place, Time and God: An Unpublished Source”, p. 4.

¹³⁶ *Scholium*, plural, *Scholia*. Comentário gramatical, crítico ou explicativo, original ou extraído de comentários pré-existentes, os quais são inseridos na margem do manuscrito de um autor antigo, como parte de um *gloss*. Como a natureza da gravidade não se manifestava diretamente a partir dos fenômenos que estudava, e como não “teceria hipóteses”, Newton parece ter registrado suas idéias, esboços e especulações por esses *Scholia*, os quais não foram publicados.

¹³⁷ Newton nega que a onipresença de Deus foi criada. Em vez disso, ele reafirma sua crença que Deus estava em tudo a partir da eternidade. Essa declaração característica tem sua primeira expressão no *De Gravitatione*: “o espaço é da duração eterna e imutabilidade da natureza porque ele é um efeito que emana do ser eterno e imutável. Se o espaço não tem sido desde sempre, Deus ao mesmo tempo tem estado em lugar nenhum, e desde já ele, ou criou o espaço mais tarde, onde ele mesmo não estava presente, ou, então, o que não é menos absurdo para razão, ele criou sua própria onipresença. Portanto, espaço é a consequência da existência *sempiternal* de Deus. Ele existe porque Deus existe. Assim, a questão da sua vinda à existência não pode adequadamente surgir. Ele (o espaço) é todo tempo co-eterno com a interminável existência de Deus (...) Ele é um ser que existe sempre e em todo lugar substancialmente (...) Ele é capaz de atuar diretamente na criação (...) Ele é tudo, onipresente e onitemporal (...) *the Lord of the Universe (or Pantokrator)*¹³⁷, aquele que através da sua imanência na natureza possui o domínio absoluto sobre tudo” in J. E. McGuire, “Newton on Place, Time and God: An Unpublished Source”, p. 126.

¹³⁸ Gilles-Gaston Granger, “Introdução” in René Descartes, *Discurso do Método*, p. XIX.

¹³⁹ Immanuel Kant, *Crítica da razão pura*, p. 98.

¹⁴⁰ *Ibid*, p. 96.

¹⁴¹ *Ibid*, p. 96.

A psicologia empírica que se desenvolve na Inglaterra e Escócia entende que a alma não será necessária para explicar a origem do conhecimento, nem a origem do pensamento, “por exemplo, ela (a psicologia) analisava o pensamento em sua relação com a sensação em lugar de remetê-lo à natureza da substância imaterial e imortal (como a alma)”¹⁴². Como mostra Kant, a causalidade dos fenômenos repousa sob condições temporais¹⁴³. Mas, a própria causalidade seria o efeito de alguma coisa que não surge no tempo, “segue-se que a causalidade da causa daquilo que aconteceu ou surge, também surgiu, necessitando ela mesma, segundo o princípio do entendimento, por sua vez, de uma causa”¹⁴⁴.

Deslocou-se a preocupação com um *ente racional* como a alma para um *ente sensorial*, como o corpo, pois o corpo é objeto vivo, é passível de análise, de mensuração, de quantificação e de experimentação. O corpo é objeto da natureza e, portanto, as ciências que o estudassem também seriam automaticamente elevadas ao forte estatuto das ciências naturais¹⁴⁵. De acordo com Kant, a natureza corpórea seria o sentido externo da fisiologia aplicada; o corpo seria a extensão da divisibilidade do espaço, embora essa divisibilidade fosse infinita¹⁴⁶; a alma, em contrapartida, seria o objeto do sentido interno, de natureza pensante¹⁴⁷, ou explicativa, da filosofia transcendental ou fisiologia racional pura.

A divisibilidade infinita designa unicamente o fenômeno como um *quantum continuum*, senso inseparável do preenchimento do espaço justamente porque

¹⁴² Fernando Vidal, “A mais útil de todas as ciências. Configurações da Psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do Iluminismo”, p. 49.

¹⁴³ Immanuel Kant, *Crítica da razão pura*, p. 101.

¹⁴⁴ *Ibid*, p. 101. Pelo fato de que a causa da causalidade, para Kant, não se encontra nas leis da natureza, ou seja, não existiria uma causa natural que a tenha determinado, a liberdade, para Kant, seria uma idéia transcendental pura no sentido cosmológico do termo. “Mas já que desta maneira não é possível obter uma totalidade absoluta das condições na relação causal, a razão cria para si mesma a idéia de uma espontaneidade que pode, por si mesma, iniciar uma ação sem que seja necessário antepor-lhe uma outra causa que, por sua vez, a determine para a ação segundo a lei da conexão causal”. *Ibid*, pp. 101-102. Kant trata a problema da causalidade sob dois aspectos, inteligível, quanto à ação, e sensível, quanto aos efeitos. Ver p. 104 e p. 227.

¹⁴⁵ Fernando Vidal, “A mais útil de todas as ciências. Configurações da Psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do Iluminismo”, p. 49. Segundo Vidal, a psicologia aparece na Inglaterra do séc. XVIII como disciplina dentro do curso de física e dentro do curso de teologia. No curso de física, a relação dos fenômenos empíricos na alma é estudada em relação ao corpo; no curso de teologia a psicologia aparece como estudo da essência e natureza da alma como separada do corpo¹⁴⁵. Fernando Vidal, “A mais útil de todas as ciências. Configurações da Psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do Iluminismo”, p.48.

¹⁴⁶ Immanuel Kant, *Crítica da razão pura*, p. 98.

¹⁴⁷ *Ibid*, p. 241.

no mesmo se encontra o fundamento da divisibilidade infinita. Mas tão logo algo seja admitido como um *quantum discretum*, a quantidade de unidade em tal está determinada e também é, conseqüentemente, sempre igual a um número. Somente a experiência pode descobrir, pois é, até onde a organização pode ir num corpo articulado; mesmo que a experiência não venha a atingir com certeza uma parte inorgânica, algumas tais têm que estar situadas pelo menos na experiência possível. Até que ponto, no entanto, se estende a divisão transcendental de um fenômeno em geral não é uma questão da experiência; trata-se de um *principium* da razão, na decomposição do extenso, jamais considerar o regresso empírico, de acordo com a natureza deste fenômeno, como absolutamente completo¹⁴⁸.

A questão da divisibilidade implica no que pode ser conhecido, naquilo que está dentro do mundo da experiência humana. Como diz Engels, a divisibilidade está na limitação dos objetos que podem entrar na esfera dos nossos conhecimentos¹⁴⁹. Dessa forma, a questão não é indagar sobre o que seria o “limite absoluto” ou o “infinito”, mas entender que a universalidade da natureza se expressa a partir das leis que podem ser extraídas dela¹⁵⁰. Dessa forma, para Engels, *o caráter eterno das leis da natureza encontra-se na própria natureza*¹⁵¹.

O século XVIII ofereceu o contexto, no qual essas indagações, que acabaram problematizando o objeto alma, assumiriam, na psicologia, uma perspectiva sobre a origem do conhecimento. Essa perspectiva é muito importante na medida em que vai determinar uma visão de homem e uma visão de mundo muito específica. Desse modo, a formulação da alma, como um *ente* entre a razão e o sensório, será fundamental também para a psicologia que irá se desenvolver no séc. XIX. Como veremos na segunda parte deste capítulo, na Alemanha, a alma não morre como preocupação intelectual, apesar da sistematização da fisiologia experimental alemã e suas características modernas de ciência. De fato, nesse contexto, será possível não optar nem pela alternativa da alma como um *ente a priori* a serviço da razão transcendental, nem pela alternativa da alma como um *ente a posteriori* à serviço das leis da natureza e processada por mecanismos sensoriais; mas a alma poderá ser tomada por como literalmente entre a razão e o sensório.

¹⁴⁸ *Ibid*, p. 99.

¹⁴⁹ Friedrich Engels, *Dialética da natureza*, p. 231.

¹⁵⁰ *Ibid*, p. 231.

¹⁵¹ *Ibid*, p. 231. Para Engels, as leis da natureza são dialéticas e determinam o desenvolvimento da natureza e da própria história. Segundo o autor, as leis naturais compõem-se da transformação da quantidade em qualidade, e vice-versa. “As mudanças qualitativas só podem realizar-se por adições quantitativas ou por subtração quantitativa da matéria ou de movimento (a chamada energia)”. Ver página 36.

De acordo com Fernando Vidal, a psicologia se formaliza como disciplina acadêmica no séc. XVIII a partir de algumas condições que são fundamentais para a formação da identidade de um corpo teórico. Segundo o autor, nesse período, a psicologia, como disciplina acadêmica apresentava:

Uma estrutura social e intelectual, caracterizada pela existência de indivíduos que reconhecem a si próprios como seus praticantes; um conjunto de saberes, problemas, regras, métodos, divergências e debates considerados relevantes; por uma terminologia comum; publicações, incluindo jornais (...) além de pessoas dotadas de uma autoridade intelectual especial; presença nos currículos acadêmicos e nos materiais de ensino (em manuais ou capítulos de livros didáticos, por exemplo) (...) É neste sentido de disciplina, que combina o sentido tradicional da palavra com os significados que ela tem na sociologia da ciência, que a psicologia no séc. XVIII alcançou a consistência e a magnitude que (...) levaram Immanuel Kant a declarar que ela deveria ganhar o estatuto de disciplina universitária autônoma¹⁵².

Segundo Vidal, a função da psicologia no séc. XVIII era oferecer instrumentos de análise sobre a origem do conhecimento. Esse é o estado embrionário da psicologia que começa a se desdobrar como disciplina acadêmica na Inglaterra, e que vai assumir um século depois uma institucionalização independente do conhecimento, com um objeto e um método definido na Alemanha.

A obra de John Locke (1632-1704) *Essay on Human Understanding* (1690) constitui um importante tratado do período, no qual, como bem mostra Vidal, a psicologia nada tem a ver com o estudo de habilidades perceptivas adquiridas pela experiência, mas, sobretudo, é um tratado que busca fundamentar a origem do conhecimento e do entendimento¹⁵³. Essa obra é uma importante referência da moderna filosofia empirista, e influenciou dois outros importantes filósofos do iluminismo na Inglaterra e na Escócia, como George Berkeley (1685-1753) e David Hume (1711-1776), este especialmente colocado entre aqueles que fazem parte da corrente do empirismo lógico¹⁵⁴.

A Revolução Gloriosa, ocorrida em 1688 na Inglaterra, que sucedeu à Revolução Puritana de 1640, ambas representaram à crise do regime monárquico e absolutista, tendo

¹⁵² *Ibid*, p. 48. - “Previsão de Kant para a psicologia empírica como uma disciplina científico-natural começou a se confirmar na segunda metade do séc. XVIII nas Universidades da Alemanha. Nessa época a psicologia empírica não tinha cátedras ou departamentos, mas entrou no ensino acadêmico, tornou-se um capítulo nos manuais de filosofia e começou a se disseminar em periódicos e manuais. Esse processo foi acompanhado do que poderíamos descrever como a psicologização da cultura ilustrada” (pp. 53-54).

¹⁵³ *Ibid*, 54.

¹⁵⁴ Corrente de pensamento na qual toda palavra tem que necessariamente estar ligada a um fato concreto, sem referência a qualquer conceito que corresponda a uma realidade exterior ao sujeito pensante. João Paulo Gomes Monteiro, “David Hume: vida e obra”, p. 9.

como consequência o regime parlamentarista inglês que segue até hoje. O que nos interessa dessa história é que ambas as revoluções estão dentro de um cenário de *revoluções inglesas* do séc. XVII que, junto com a Revolução Industrial no séc. XVIII, formaram o clima social e intelectual do iluminismo na Inglaterra. Isso significa que John Locke, David Hume e George Berkeley estão dentro desse cenário, e, dessa forma, estavam expressando a exata luz da razão do período iluminista, a qual exigia a livre e necessária expressão do desenvolvimento de idéias. “Por certo foi favorecida pelas transformações econômicas, técnicas e sociais da época, que suscitaram o sonho de uma ciência operativa”¹⁵⁵. David Hume, por exemplo, não aceitou a monarquia do direito divino¹⁵⁶ e John Locke escreveu um tratado sobre filosofia política, *The Two Treatises of Government* (1689). Mesmo respeitando as diferenças entre ambos, que não serão aqui estendidas, eles, de modo geral, correspondem aos filósofos iluministas britânicos engajados numa “reforma social” na Inglaterra, no sentido de exigir uma retomada da razão política e econômica frente à monarquia inglesa e às restrições fiscais impostas pelo estado¹⁵⁷.

De acordo com Vidal, o tratado de Locke sobre o conhecimento humano “foi devidamente descrito como o ‘evangelho psicológico’ do Iluminismo”¹⁵⁸. John Locke, no livro II e capítulo oito da obra *An Essay Concerning Human Understanding*, oferece uma distinção clara entre qualidades primárias e qualidades secundárias, por meio das quais, Locke afirma que a mente é diferente da propriedade do objeto que desperta certa qualidade¹⁵⁹. Por exemplo, uma bola de neve tem o poder de provocar em nós *idéias* de *branco*, *frio* e *redondo*, que são qualidades presentes na bola. Contudo, essas qualidades despertam sensações, que despertam idéias, e essas idéias, justamente, indicam as qualidades dos objetos provocadas em nós. Dessa forma, nossas idéias sobre as coisas e sobre o mundo vêm das qualidades despertadas pelos objetos externos e não do interior da mente¹⁶⁰. Para Locke, enquanto as qualidades primárias estariam ligadas ao objeto, as

¹⁵⁵ Maria Ermantina Galvão, “Prefácio” in Renée Descartes, *Discurso do Método*, p. XIV.

¹⁵⁶ João Paulo Gomes Monteiro, “David Hume: vida e obra”, p. 12.

¹⁵⁷ L. S. Hearnshaw, *A short history of british psychology - 1840-1940*, p.105.

¹⁵⁸ *Ibid*, p. 54.

¹⁵⁹ *Ibid*, p. 17.

¹⁶⁰ *Ibid*, p. 17.

qualidades secundárias seriam propriedades despertadas pelos sentidos no contato com o objeto externo.

Um importante naturalista do séc. XVIII, e com contribuições à psicologia desse período, foi o naturalista suíço Charles Bonnet (1720-1793), admitido como membro da *Royal Society* em 1743. Em 1754, seu tratado *Essai de Psychologie*, é publicado anonimamente em Londres. E nesse tratado, como mostra Vidal, Bonnet estabelece a premissa da psicologia empírica do Iluminismo. De acordo com Bonnet, o homem é composto de duas substâncias distintas, mente e corpo, o primeiro é imaterial e o último é material. Todo conhecimento é originado de sensações; as sensações seguem vibrações apropriadas a cada nervo, e os nervos vibram a cada estímulo externo. O nervo, uma vez em movimento por um objeto particular, tende a reproduzir aquele movimento. Então, quando pela segunda vez receber uma impressão daquele mesmo objeto, ele vibrará com menos resistência. A sensação que acompanha esse aumento de flexibilidade do nervo é, para Bonnet, condição da memória¹⁶¹.

A filosofia empírica no Reino Unido está muito influenciada pela recente física de Isaac Newton. Um dos nomes que corrobora com esta afirmação é David Hartley (1705-1757), filósofo e médico, autor da obra *Observations on Man, his Frame, his Duty, and his Expectations* (1749). Hartley recorreu à teoria das vibrações na primeira edição do *Principia*, publicada em 1687, para explicar a sensação como um processo físico. Dessa forma, as alterações dos nervos, produzidas pela ação e pela impressão de um objeto sobre o organismo, eram, para ele, decorrentes de vibrações. Assim, Hartley definiu a memória como sendo a persistência das impressões sobre a substância cerebral (substância branca do cérebro e do cerebelo)¹⁶². Por meio da teoria das vibrações, Hartley explicou como as partículas componentes, que constituem os nervos e o cérebro, interagem com o universo físico sugerido por Newton, um mundo composto de forças de atração e repulsão¹⁶³.

Vale a pena destacar uma afirmação que Vidal coloca no final do seu texto sobre Charles Bonnet e David Hartley: “os dois psicólogos iluministas mais neurofisiológicos

¹⁶¹ “Charles Bonnet” in *Philosophy Professor*; <http://www.philosophyprofessor.com/philosophers/charles-bonnet.php>.

¹⁶² Christian Haag Kristensen; Rosa maria Martins de Almeida & William Barbosa Gomes, “Desenvolvimento Histórico e Fundamentos Metodológicos da Neuropsicologia Cognitiva”, p.3.

¹⁶³ “David Hartley”. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*; <http://plato.stanford.edu/entries/hartley>.

integravam promessas cristãs de ressurreição e vida eterna em seus trabalhos, especulando sobre os mecanismos psicofisiológicos e não afirmando uma crença religiosa”¹⁶⁴. Ora, como bem mostra Bernard Cohen e Richard S. Westfall, no livro *Newton: textos, antecedentes e comentários*: “Os estatutos do colégio¹⁶⁵ determinavam que todos os membros do corpo docente fossem ordenados no clero anglicano no prazo de sete anos, a contar do recebimento do diploma de mestrado, ou enfrentassem a expulsão”¹⁶⁶. A influência da Igreja Anglicana estava muito presente na educação e na política inglesa desse período, assim, é de se esperar que ambos os autores, assim como Newton e outros, tivessem “um pé” na metafísica ou teologia natural, mantendo o resguardo de não afirmar em público crenças e hipóteses religiosas.

Os séculos XVII e XVIII correspondem a um período intrincado e de grande importância e interesse para os estudos em história da ciência. Um período em que qualquer afirmação prematura ou ingênua sobre qualquer área do conhecimento, ou qualquer delimitação metodológica rígida ou fixa sobre uma perspectiva decididamente moderna de ciência pode deslizar em um anacronismo comum e pouco válido para a corrente epistemológica contemporânea. A posição que Deus ocupa no escopo mental e cosmológico de Isaac Newton, por exemplo, ou mesmo a posição que a alma assume na filosofia inglesa dos sécs. XVII e XVIII, estão ligadas à ontologia do espaço presente no cenário intelectual inglês desse período.

De acordo com Brian P. Copenhaver, no artigo “Jewish Theologies of Space in the Scientific Revolution”, o pensamento de Newton foi influenciado pela teologia judaica sobre a concepção de espaço e pela filosofia hermética, herdada na Renascença pelo encontro de diferentes perspectivas: a concepção de Deus como Ele aparece na teologia judaica antiga e medieval; a herança de Pitágoras nos neopitagóricos da Renascença; Aristóteles e a transfusão ao pensamento cristão antigo, realizada pelo antigo retórico cristão Arnobius; e os neoplatonistas, ou platonistas de Cambridge, a partir de algumas injeções da metafísica platônica no pensamento cristão medieval. Essa tendência é

¹⁶⁴ Fernando Vidal, “Amais útil de todas as ciências. Configurações da Psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do Iluminismo”, p. 67.

¹⁶⁵ Está se referindo ao *Trinity College*, uma parte da Universidade de Cambridge.

¹⁶⁶ Bernard Cohen e Richard S. Westfall, *Newton: textos, antecedentes e comentários*, p. 397.

representada por Lady Anne Conway¹⁶⁷, aluna de Henry More em Cambridge, importante filósofo inglês e adepto da escola platonista. Segundo Copenhaver, antes de Newton escrever o *Scholium Geral* de 1713, ele tinha aberto o *Enchiridion metaphysicum* de Henry More¹⁶⁸. Como mostra Copenhaver, em uma carta a Renée Descartes, Henry More atacou a identificação cartesiana entre matéria e extensão, afirmando: “Deus parece ser uma coisa estendida (...)”. Ele considerou que todo espaço contém alguma substância, mas ele nega que a substância é corpórea. Para More, a substância seria de dois tipos, matéria e espírito: a primeira seria inativa, impenetrável e dispersa; o último seria ativo, penetrável, não disperso e não divisível¹⁶⁹. Henry More construiu demonstrações físico-geométricas, como a projeção de dois eixos que formam um cone interno, para provar a existência de uma variedade especial de espírito, uma extensão imóvel distinta da matéria. O experimento de More consiste em um cilindro e o cone interno é resultante da relação dos dois eixos do cilindro, os quais, para ele, é “alguma coisa a mais”, é o “lugar interno”, o qual tem extensão, mas não é visto de fora. O lugar interno ou espaço é uma substância correspondente ao vácuo atomista, o qual se espalha e se difunde no universo¹⁷⁰. More chama atenção aos Pitagóricos, que sustentaram que o vazio existe e que era a substância “respirada” pelo universo. *O vazio estaria para o cosmo como o ar está para os animais*. Para More, todas as coisas vivem, movem-se e subsistem na divina amplitude, mas o espaço substancial de More é uma “sombra obscura” da extensão de Deus¹⁷¹. “Não podemos evitar que a infinitude do espaço em volta de nós é um disfarce ou dissimulação da existência necessária da onipresença”¹⁷².

¹⁶⁷ “Porque More tinha tão fortemente enfatizado a extensão de Deus, ele devia estar cômico que Lady Conway poderia estar nutrindo visão cabalistas de Cristo. More, entretanto, insistiu que esse tipo de obscuridade não é parte da Cabala antiga recebida por Moisés (...) Quando desastres, como a destruição romana de Jerusalém, fizeram com que os Judeus perdessem partes da antiga Cabala, eles inventaram novas ficções para substituí-las (...) Mesmo antes do tempo de Cristo, no reinado de Antiochus IV, Jonathan bem Uzziel tinha introduzido distorções aristotélicas no seu *Targum* (nome dado às traduções em aramaico da Bíblia antiga sobre Ezequiel) (...) perversões desse tipo, as quais o empréstimo equivocado de idéias físicas da astronomia esférica, ou mesmo da astrologia, foram usadas para preencher as lacunas deixadas pela ciência da genuína Cabala perdida. Pitágoras, porque ele viveu 4 ou 5 séculos antes desses erros na Cabala, pode ter tido uma melhor percepção da doutrina original do que os escritores judaicos posteriores”. Brian P. Copenhaver, “Jewish Theologies of Space in the Scientific Revolution: Henry More, Joseph Raphson, Isaac Newton and their Predecessors”, pp. 527-528.

¹⁶⁸ *Ibid*, p. 542.

¹⁶⁹ *Ibid*, p. 519.

¹⁷⁰ *Ibid*, p. 519.

¹⁷¹ *Ibid*, p. 519.

¹⁷² *Ibid*, p. 519.

Para Henry More, Deus habita todo o universo, como a alma habita todo o corpo. “A onipresença é um atributo essencial de Deus porque seria contraditório limitar a presença de uma essência absolutamente perfeita”¹⁷³. A presença de Deus seria estendida e, portanto, mensurável, mas não divisível, nem composta de partes. Copenhaver mostra que More atribui imobilidade, imaterialidade e extensão às características da onipresença de Deus¹⁷⁴.

Outro nome importante que marca o encontro renascentista inglês entre a sabedoria antiga e o conhecimento moderno é Joseph Raphson (1648-1715). O filósofo estudou no Jesus College, Cambridge (1692), tornando-se membro da *Royal Society* em 1712. Raphson traduziu o trabalho de Newton *Arithmetica Universalis*, sendo uma das poucas pessoas que Newton permitiu ver seus escritos matemáticos¹⁷⁵. Como mostra Copenhaver, Raphson também critica a concepção de René Descartes de que a matéria e extensão são a mesma coisa, e também critica Thomas Hobbes (1588-1679), como, “precipitada identificação da substância com a matéria”¹⁷⁶.

O filósofo deve respeitar os limites sobre o entendimento humano. A mente pode conhecer algumas das propriedades das coisas, mas ela não pode conceber a totalidade da essência do ser real. Ainda alguns filósofos, enganados por uma imperfeita e inadequada apreensão das coisas estendidas, têm falsamente concluído que tudo que tem extensão é divisível. Para evitar erros desse tipo, Raphson recomenda manter em mente as propriedades epistemológicas diferentes do real como opostas às entidades racionais¹⁷⁷.

Como mostra Copenhaver, Raphson afirma que algumas entidades racionais podem ser inteiramente compreendidas pela razão, mas algumas propriedades epistemológicas do real são inacessíveis ao intelecto. Quando Raphson chama o objeto da sua investigação *real space*, ele está pensando no espaço como independente da mente que o percebe¹⁷⁸.

De Spatio, obra de Raphson que trata do conceito de infinitude, propõe distinções entre o infinito, indeterminado, potencialmente infinito, divisão ou aumento do infinito (Como propuseram os antigos Rabinos, Deus é infinito, mas não é infinitude. A infinitude é uma propriedade do espaço, é uma propriedade de Deus, ou sua extensão, mas não é Deus). Raphson discute a

¹⁷³ *Ibid*, p. 520.

¹⁷⁴ *Ibid*, p. 520.

¹⁷⁵ *Ibid*, p. 530.

¹⁷⁶ *Ibid*, p. 531.

¹⁷⁷ *Ibid*, p. 531.

¹⁷⁸ *Ibid*, p. 531.

reciprocidade da infinitude absoluta e da imobilidade absoluta. Opondo Newton a Descartes, Raphson primeiro mostra que a percepção do movimento é a evidência do vazio desde que o movimento em um *plenum* é impossível. O vazio universal é sem limites. A imensidão de Deus é difundida em todo lugar do espaço cósmico. O espaço em si é infinito, mas a coleção das coisas em movimento contidas no espaço é finita¹⁷⁹.

De acordo com Raphson, o espaço é um atributo da primeira causa. Sua lista de perfeição do espaço consiste em: indivisibilidade, imobilidade e incorporealidade. Trata-se do seguinte silogismo: extensão é perfeição; nenhuma causa pode produzir a perfeição; logo a primeira causa é estendida, infinita e imutável. Copenhaver mostra uma passagem do último capítulo do *De Spatio*, onde Raphson diz:

Real e o infinito espaço ou a extensão indivisível e incorpórea do infinito é a imensidão da primeira causa (...) a primeira causa está presente em todas as coisas que existem, que penetra todas as coisas, embora ele esteja realmente separado delas e distinto em essência¹⁸⁰.

Dessa forma, ambos os trabalhos, de Isaac Newton, Joseph Raphson e Henry More, herdaram a antiga teologia judaica do espaço e são importantes referências para apreendermos o clima intelectual do período renascentista inglês.

Decerto, o Renascimento representa um período de magníficas conquistas. As grandes descobertas ampliaram a imagem do mundo. A astronomia modificou a concepção do universo. Os eruditos divulgaram as grandes obras do passado. Fizeram reviver as doutrinas da Grécia e do Oriente: Platão, Plotino, o Estoicismo, o Epicurismo, o Cepticismo, o Hermetismo, a Cabala. Enfim, o Renascimento deu aos homens, com a vontade de ampliarem seus conhecimentos, o gosto pelo pensamento autônomo¹⁸¹.

Segundo Alexandre Koyré, mesmo dentro desse intrincado momento de tomadas, retomadas e releituras de saberes antigos, o qual se caracteriza por um movimento que, de certa forma, também é de ruptura, o trabalho de Newton tornou-se uma referência metodológica, passando a ser aplicado nas ciências do homem e na sociedade. Isso se apresenta, de acordo com Koyré, por uma abordagem que se origina a partir de John Locke, adquirindo uma forma mais definida com Isaac Newton. Para Koyré, a filosofia de John Locke e a metodologia de Newton deram as bases para uma psicologia atomista¹⁸².

¹⁷⁹ *Ibid*, p. 531.

¹⁸⁰ *Ibid*, p. 532.

¹⁸¹ Maria Ermantina Galvão, "Prefácio" in Renée Descartes, *Discurso do Método*, pp. X-XI.

¹⁸² A. Koyré, "O significado da síntese newtoniana", p. 99. De fato, Titchener se reporta a John Locke em *An outline of psychology* ao tratar de forma breve a questão da origem das idéias. Ver E. Titchener, *An outline of psychology*, p. 29.

Em 9 de dezembro de 1675, a *Royal Society* recebeu de Isaac Newton um artigo que ele intitulou, “Uma hipótese para explicar as propriedades da luz, apresentada em meus vários artigos”. Neste artigo, Newton relaciona o espectro de cores com as sete notas da escala musical. A idéia é que corpos de vários tamanhos excitam sons de vários tons, tendo como consequência vários tipos de vibrações no ar; do mesmo modo, os raios de luz, ao atingir uma superfície, excitam vibrações no éter. Assim, quando o raio de luz atinge os capilamentos do nervo óptico que revestem a retina excita vibrações que passam pelos capilamentos, atingem a retina, os nervos ópticos e o sentido visual com várias cores. “É possível que a cor possa ser distinguida em seus principais graus, vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, índigo e violeta profundo a partir da mesma base”¹⁸³. Thomas Young (1773-1829), físico inglês, dá continuidade às idéias de Newton, propondo uma teoria ondulatória da luz. Thomas Young é importante nessa discussão na medida em que ele usa as leis de Newton sobre mistura de cores para concluir que todas as cores podem ser produzidas por uma mistura das três cores primárias: vermelho, verde e o azul-violeta. Por meio de seus experimentos com superposições de luzes, Thomas Young mostrou que essas três cores primárias não eram características do raio luminoso, mas da composição do sistema visual humano. Assim, ele sugeriu que pudesse haver na retina três tipos de fibras nervosas que respondessem de forma diferente às vibrações de luz de diferentes frequências¹⁸⁴. Vale a pena aqui destacar o físico alemão Hermann von Helmholtz (1821-1894). Ele prosseguiu os estudos de Young e propôs que o olho tivesse apenas três tipos de receptores de cor, que respondiam mais fortemente aos comprimentos de onda vermelho, verde e azul-violeta. Assim, a sensação de diferentes cores dependeria da frequência de diferentes vibrações nesses três tipos de receptores visual-sensoriais, excitados pela luz na retina.

Portanto, é importante entender que a abordagem que se estende de John Locke, Isaac Newton, Thomas Young e o físico alemão Hermann von Helmholtz traça uma tradição de pensamento que fará uma interface com a fisiologia experimental inglesa e escocesa. Por meio dessas idéias entendemos que o caminho neurológico dos *inputs sensoriais*

¹⁸³ Richard J. Herrnstein & Edwin Boring, *Textos Básicos de História da Psicologia*, p. 9.

¹⁸⁴ *Ibid*, p. 15.

passariam a ser os responsáveis pela sensação, que seria a origem do pensamento e da idéia.

Um importante nome da fisiologia escocesa é James Mill (1773-1836). Nas palavras de Wertheimer, esse autor representa o ponto mais alto da filosofia do associacionismo.

Concebida a mente como composta exclusivamente de sensações e idéias, estas classificadas como simples ou complexas, sendo as complexas compostas de idéias simples. Existe apenas um princípio básico de associação: *contiguidade* – as idéias sobre eventos que ocorrem ao mesmo tempo tendem a associar-se. Qualquer todo mental, para Mill, é a soma total das idéias ou elementos componentes¹⁸⁵.

John Stuart Mill, filho de James Mill, também tem um destaque como representante da escola escocesa. Para J. S. Mill, a mente tinha um papel ativo na associação de idéias. Diferentemente de James Mill, J. S. Mill acreditava que idéias complexas eram mais do que a soma de idéias simples porque assumiriam novas qualidades que não estavam presentes nos seus componentes iniciais. Esse seria o princípio da síntese criativa, o qual mais tarde também vai aparecer em Wilhelm Wundt, a tese de que a combinação de elementos mentais sempre gera alguma coisa nova¹⁸⁶.

Outro nome que surge deste contexto é Alexander Bain (1818-1903), professor de filosofia na Universidade de Aberdeen, Escócia. Em 1851, Bain escreveu a seu amigo e colega, John Stuart Mill: “Não há nada que eu desejo mais do que a tão unificada psicologia e fisiologia e que os fisiologistas podem estar certos a apreciar o verdadeiro final, derivando suas pesquisas ao sistema nervoso”¹⁸⁷.

Bain publicou sua obra em dois volumes, *The Senses and the Intellect* (1855) e *The Emotions and the Will* (1859), constituindo uma ampla investigação da psicologia a partir do ponto de vista do associacionismo de David Hartley, James Mill e John Stuart Mill¹⁸⁸. Bain chamou a atenção para o fato de que o sentimento do esforço acompanha uma ação voluntária. A predominante doutrina representou a vontade como recurso de mobilizar um sentimento de esforço que acompanha a energia muscular. Entretanto, a consciência do esforço não era pré-condição da ação. O exercício da vontade dependeria de uma organização fisiológica e de condições puramente físicas. Além disso, a consciência não

¹⁸⁵ M. Wertheimer, *Pequena História da Psicologia*, p. 55-56

¹⁸⁶ D. P. Schultz & S. E. Schultz. *História da Psicologia Moderna*, p. 54.

¹⁸⁷ T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, p. 27.

¹⁸⁸ *Ibid*, p. 28.

era indispensável para a ação do mecanismo nervoso. A consciência era considerada como séries paralelas de mudanças físicas no organismo.

Em vez de conceber uma substância imaterial, como a alma, a qual interagia com a matéria, foi necessário imaginar a mente e o físico como inextricavelmente ligados. A seqüência não era mente causando corpo, e corpo causando mente, mas mente-corpo dando nascimento a mente-corpo ¹⁸⁹.

Alexander Bain adotou a fisiologia sensório-motora do fisiologista alemão Johannes Müller (1801-1858). De acordo com Leahey ¹⁹⁰, em seus *Elements of Physiology* (1842), Muller já tinha proposto que o papel do cérebro é associar informações sensoriais novas com respostas motoras. Para Leahey, Bain já conhecia essa obra e incorporou a concepção de Müller sobre o papel do cérebro no processo de associação de informações sensoriais. De qualquer forma, Bain fica conhecido como aquele que unificou a filosofia do associacionismo com a fisiologia sensório-motora, procurando oferecer uma psicologia humana unificada.

Esse contexto inicial da fisiologia experimental britânica apresenta uma importante perspectiva que vai determinar uma corrente metodológica e marcar uma tradição de se pensar a origem do conhecimento. Isso é especialmente relevante, considerando que se trata de uma fundamentação fisiológica para a formação da mente e dos elementos mentais. Por esta perspectiva, trata-se de uma lógica construída a partir da quantificação das qualidades da experiência humana. A natureza da mente passaria pelas funções fisiológicas, e se constituiria por meio delas. Isso quer dizer que havia um caminho entre as qualidades físicas e as sensações que elas criavam, ou seja, entre a realidade física e a experiência psicológica da realidade. A interação do homem com o mundo físico resultaria em um registro fisiológico do conhecimento.

Os fisiologistas estudaram a natureza dos nervos, a condução neural, o comportamento reflexo, percepção sensorial, funcionamento cerebral e, eventualmente, a relação sistemática entre o estímulo sensorial e a sensação. Os trabalhos dos fisiologistas ofereceram um link entre a filosofia da mente e a ciência da psicologia ¹⁹¹.

¹⁸⁹ L. C. Jacyna, *The physiology of mind, the unity of nature, and the moral order in Victorian thought*, p. 115.

¹⁹⁰ T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, p. 27.

¹⁹¹ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 208.

De acordo com Hergenhahn, até o séc. XIX existiam duas principais visões sobre o sistema nervoso e como ele funcionava.

Uma era a visão de Descartes que o nervo consistia de fibras que conectavam os receptores sensoriais ao cérebro. Essas fibras eram alojadas em tubos ocos que transmitiam o espírito-animal do cérebro aos músculos. A segunda era a visão de Hartley, que os nervos eram os meios pelos quais “vibrações” eram conduzidas dos receptores sensoriais ao cérebro e do cérebro aos músculos¹⁹².

Charles Bell (1774-1842) entra nessa discussão por ter estabelecido uma radical mudança na visão da transmissão neural a partir dos seus estudos com nervos sensórios e motores. Bell é reconhecido por ter demonstrado que os nervos sensórios residiam nas raízes dorsais da espinha e os nervos motores nas raízes ventrais. A descoberta de Bell separou a fisiologia do sistema nervoso em dois estudos, as sensações e as funções motoras. Esses dois tipos de processos nervosos demonstraram que funções mentais específicas são mediadas por diferentes estruturas anatômicas. Dessa forma, o sistema nervoso era conhecido por envolver a sensação em uma função unificada. Mas, era difícil ver que tipo de organização mediava a atividade do sistema nervoso¹⁹³.

A lei Bell-Magendie, resultada também dos trabalhos do francês François Magendie (1783-1885) sobre as raízes nervosas na espinha, ofereceu um modelo para localizar o lugar das funções sensoriais e motoras e sugeriu analogias fisiológicas para os fatos psicológicos das sensações. Além disso, essa lei também separou as regiões sensório-motoras no cérebro. Dessa forma, a lei Bell-Magendie indicou que os nervos não eram tubos ocos transmitindo o espírito animal para o cérebro, como Descartes pensava, nem estruturas gerais desempenhando funções sensórias e motoras, mas que havia dois tipos diferentes de nervos, com duas diferentes funções. Parece que Bell também acreditava existir diferentes tipos de nervos sensórios de acordo com cada órgão sensorial. “De fato, Bell sugeriu, mas não provou que cada um dos cinco sentidos era servido por um tipo separado de nervo sensorial”¹⁹⁴.

O contexto sócio político da Inglaterra no séc. XVIII, conforme mostra L. S. Hearnshaw, no livro *A short history of british psychology – 1840-1940*, é predominantemente individualista. A filosofia inglesa desse período defende uma prática

¹⁹² *Ibid*, p. 209.

¹⁹³ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 210.

¹⁹⁴ *Ibid*, p. 210; & R. Smith, “The background of physiological psychology in natural philosophy”, pp. 82-83.

racional sobre o indivíduo. A ciência econômica defendida por Adam Smith, em seu clássico tratado *The Wealth of Nations* (1776) “mostrou como o esforço natural de todo indivíduo em sua melhor condição conduziria ao benefício máximo para sociedade e a certas regularidades do comportamento econômico, as quais poderiam ser cientificamente codificadas”¹⁹⁵. Para Hearnshaw, os princípios individualistas foram aceitos por Jeremy Bentham e seus seguidores, “a filosofia social utilitarista foi influente nesse país (Inglaterra) a partir do começo do séc. XIX”¹⁹⁶.

De acordo com J. S. Mill, as leis do comportamento dos seres humanos na sociedade derivariam das leis da natureza do homem individual. Essa concepção defendia a doutrina dos instintos sociais, cuja disciplina de estudo é conhecida como a filosofia da moral. Para alguns dos filósofos da moral, como David Hume, o homem não era totalmente auto-centrado e egoísta. Sua visão, como mostra Hearnshaw, trata de suposições não históricas de teorias contratuais da sociedade. Dessa forma, a base da sociedade seria o controle das leis gerais do instinto, uma vez que haveria uma tendência universal para formar grupos sociais a partir de um impulso de simpatia que serviria como o cimento da sociedade¹⁹⁷.

Entretanto, a discussão da filosofia moral terá um destaque mais especial na história da psicologia social, que não é o enfoque deste trabalho. Sobre o que interessa a esta pesquisa, o contexto sócio-político é importante para apreendermos o clima intelectual vigente na Inglaterra do século XVIII, pois nos oferece um panorama para entendermos o corpo social que envolve os laboratórios e as universidades inglesas desse período. Nas palavras de Vidal, “os fundamentos do juízo e da prática não eram buscados em regras formais ou tradições consolidadas, mas antes no conhecimento empírico da natureza e da mente humana”¹⁹⁸. E, de acordo com o autor Francisco Teixeira Portugal, no artigo “Comparação e genealogia na psicologia inglesa no séc. XIX”:

À psicologia caberia a importante tarefa de mostrar a aquisição gradativa de cada faculdade mental e assim chegar a estender as propostas transformacionistas ao homem, algo repleto de consequências não apenas para

¹⁹⁵ L. S. Hearnshaw, *A short history of british psychology – 1840-1940*, p. 105.

¹⁹⁶ *Ibid*, p. 105.

¹⁹⁷ “A doutrina da simpatia, emprestada talvez por Hume do filósofo francês Malebranche, foi adotada por Adam Smith e assumiu um importante papel em sua *Theory of Moral Sentiments* (1759)”. *Ibid*, 106.

¹⁹⁸ Fernando Vidal, “A mais útil de todas as ciências. Configurações da psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do iluminismo”, p. 56.

a universidade inglesa, ainda muito clerical, mas também para os grupos governantes muito ainda anti-liberais¹⁹⁹.

Uma das mais antigas e estimadas instituições inglesas, a *Royal Society*, fundada em 1660, e a *Linnaean Society*, fundada em 1788, apresentavam a firme característica racional da sociedade inglesa²⁰⁰. Benjamim Martin (1704-1782), por exemplo, autor da obra *New Comprehensive System of the Newtonian Philosophy, Astronomy and Geography, in a Course of Twelve Lectures* (1771), dedicou-se exclusivamente à filosofia natural. Escreveu *Elements of Geometry* (1735) e *Philosophical Grammar* (1735). Mas, o autor é mais conhecido como um popularizador do trabalho de Newton no séc. XVIII. Em uma carta de Benjamim Martin a *Royal Society*, escrita em 25 de dezembro de 1738, ele pede ao presidente Hans Sloane *Baronet* (1660-1753), sucessor de Isaac Newton na presidência da sociedade, para ser aceito como membro da academia. De acordo com John R. Millburn, Benjamim Martin estava cômico do prestígio que a Sociedade *Royal Society* conferiria a suas palestras. Contudo, apesar de uma determinada tentativa, fracassou em obter a admissão da sociedade. Observemos como ele se reporta ao Barão:

Sir, eu imploro sua aprovação e uma dedicação a essa folha porque eu aqui envio para sua inspeção para aquele Final; eu não presumiria oferecer qualquer coisa para um Cavalheiro sem seu Conhecimento & Permissão, ou aos Eruditos que não poderiam em alguma medida merecer sua Consideração. Eu confio, portanto, se não há uma razão importante proibida, você fará um Favor que eu suplico, o qual sempre será devidamente agradecido por, *Sir*, seu mais obediente e humilde servo²⁰¹.

Esse breve caso ilustra o modo extremamente racional de organização, não apenas dessa instituição, mas nos aproxima da atmosfera social inglesa do séc. XVIII, e a relação entre ciência e a sociedade da época. A fisiologia experimental inglesa não estava desvinculada do modelo experimental da física newtoniana, e a disciplina da psicologia oferecia os contornos epistemológicos para a formalização de uma filosofia empírica da mente e dos instintos sociais humanos. Desse ponto de vista, como dissemos anteriormente, haveria uma relação direta entre a realidade física e a experiência psicológica da realidade. E, se essa premissa é verdadeira, todos os homens poderiam ver a mesma realidade; ela seria objetiva e estaria pronta para ser capturada pelos sentidos

¹⁹⁹ Francisco Teixeira Portugal, “Comparação e genealogia na psicologia inglesa no séc. XIX”, p. 105.

²⁰⁰ L. S. Hearnshaw, *A short history of british psychology – 1840-1940*, p. 182.

²⁰¹ John R. Millburn, “Benjamim Martin and the Royal Society: notes and records of the Royal Society of London”. Vol. 28 (1, jun. 1973): pp. 15-23.

humanos. Essa visão ajudou a condicionar um modo de comportamento social, baseado na racionalidade e individualidade e que desembocou na Revolução Industrial no séc. XVIII, ápice do momento iluminista na Inglaterra.

A exata expressão da razão como luz do conhecimento buscava, inclusive, uma contribuição utilitária ou prática. A preocupação era com as regras gerais, e não com os casos particulares, talvez, por isso, Benjamim Martin não tenha sido aceito pela sociedade máster das ciências naturais na Inglaterra; sendo conhecido mais como um propagador das idéias de Newton, ele, provavelmente, não tivesse nada de novo a apresentar, ou algo que servisse a um interesse racional da comunidade científica inglesa.

Kurt Danziger, em seu livro *Constructing the Subject Historical Origins of Psychological Research*, ao tratar a função da prática social da ciência experimental moderna, primariamente, ele a caracteriza por seu caráter público.

Nós não estamos lidando com uma atividade privada, cujos procedimentos são secretos, mas com uma técnica que busca produzir um consenso social sobre os “fatos”. Os experimentos científicos devem tratar os fenômenos que são, em princípio, acessível a todas as pessoas, e, em procedimentos, devem ser reproduzidos por todos os outros com os necessários materiais e treinamento. O sucesso do programa dos experimentos científicos requer uma comunidade de investigadores que estão aptos para concordar sobre a veracidade de certas observações (...) o funcionamento efetivo dessa comunidade requer a aceitação de certas regras e convenções sobre as condições sobre as quais os fenômenos são produzidos e testemunhados, e sobre a maneira pelas quais as questões podem ser publicamente comunicadas. Experimentação não é apenas uma questão de construção cognitiva, mas também uma questão de organização social²⁰².

A *Royal Society*, como descreve Danziger, realmente representa a construção moderna de uma comunidade intelectual de base experimental²⁰³. Posteriormente, muitas comunidades científicas se formaram em outros centros da Inglaterra e dos países continentais, tendo como foco a fisiologia experimental. “Elas (as comunidades) permaneceram devotadas à engenharia de um consenso social interno sobre a assim chamada, matéria dos fatos, pelos meios de certas técnicas que foram comuns a todas elas”²⁰⁴. Para Danziger, essas técnicas acentuaram uma separação sobre o que se considera como observações factuais, nas quais haveria uma clara linha de concordância de questões teóricas e interpretativas, e sob as quais as diferenças de opinião seriam

²⁰² Kurt Danziger, *Constructing the Subject Historical Origins of Psychological Research*, pp. 27-28.

²⁰³ *Ibid*, p. 28.

²⁰⁴ *Ibid*, p. 28.

possíveis em uma comunidade. De acordo com Danziger, entre as técnicas desenvolvidas pela comunidade experimental, estavam aquelas que regulavam a comunicação pública e as relações sociais dos membros dessa comunidade²⁰⁵.

Talvez agora seja mais fácil entender o que Titchener quis dizer ao que ele chamou de “logical constructions of the English school”²⁰⁶. A abordagem titcheneriana tem uma fundamentação estritamente empírica e experimental. Contudo, no tempo acadêmico de Titchener na Universidade de Oxford, apesar da fisiologia e da física possuírem uma forte presença nas academias e comunidades científicas inglesas, a psicologia ainda estava sob o jugo da fisiologia experimental. Mas, mesmo tendo ido estudar com Wilhelm Wundt e ser formado pela tradição racionalista presente no sistema wundtiano e no clima intelectual alemão, os interesses de Titchener e a tipologia do seu pensamento continuaram refletindo o sistema dos primeiros fisiólogos britânicos.

O enredo social, político e econômico não está desvinculado da engrenagem da ciência inglesa no séc. XVIII. Se dissermos que a filosofia inglesa desse período também é racional, individualista e virá a ser utilitarista no séc. XIX, estamos, na mesma medida, aferindo algo da sociedade, do modo de organização e do clima intelectual que sustenta as idéias de uma época. E é isso que estamos tentando mostrar, que os aspectos internos de certas perspectivas mostram contornos sociais, políticos e históricos que formaram importantes comunidades, como a *Royal Society* e a *Linnaean Society*, as quais expressavam o modo de organização racional da sociedade inglesa²⁰⁷.

A questão do espaço como um atributo de Deus, como apareceu nos *Scholia* de Isaac Newton; o paralelo com a questão da alma como um ente explicativo, tal como ela aparece no sistema newtoniano, no qual a elaboração do por que das coisas estaria na região da causa, não acessível aos modelos matemáticos da metodologia descritiva newtoniana; esses problemas circunscrevem a problemática do espaço que vai aparecer na fisiologia e psicologia experimental alemã, mas sob uma outra perspectiva ontológica, que é a não totalidade empírica do conceito de espaço, de acordo com Kant. E, como o

²⁰⁵ *Ibid*, p. 28.

²⁰⁶ I. R. Watson, “Edward Bradford Titchener”. *The great psychologists*. Texto retirado da web, por isso sem página. Ver segundo parágrafo do tópico “Life of Titchener”. Referência na bibliografia.

²⁰⁷ Sobre o instrumento da racionalidade na formação de uma sociedade e de instituições organizadas no período industrial na Inglaterra, recomendamos a leitura do livro editado por Robert C. H. Chia, *Organized Worlds*, pp. 3-4.

problema do espaço também aparece no sistema de Titchener, tal como defendido pelo empirismo britânico, podemos traçar um panorama teórico que localiza a temática titcheneriana no cenário intelectual da história da ciência moderna.

Perguntar pela identificação final do processo mental com seu substrato nervoso subjacente e, escolher uma teoria do duplo aspecto ou uma teoria da identidade da mente e corpo, seria conduzir o problema para sua causa última metafísica, e, então, como agora, quase todos os psicólogos evitavam a metafísica²⁰⁸ (atrelada à noção da causa; à elaboração do por que das coisas ou de uma intuição *a priori*).

Os neoplatonistas Henry More e Joseph Raphson, assim como Isaac Newton, também defenderam a concepção do espaço como totalmente independente da mente que o percebe. Entretanto, para esses autores, há um limite epistemológico para a compreensão intelectual do real (com certo resguardo para Newton). Edward Titchener, em contrapartida, se coloca a favor do lado mais tradicional da filosofia empirista inglesa, na qual a experiência psicológica da realidade seria uma cópia fiel e exata da própria realidade. Titchener se posiciona a favor da tese de que o espaço é, de fato, uma propriedade dos objetos materiais – ele existiria independentemente da percepção humana. Para Titchener, a sensação é um atributo direto da extensão dos objetos materiais²⁰⁹. Sendo assim, pode ser sugerido que o corpo, no sistema titcheneriano, aparece como a extensão material da mente. O espaço, para Titchener, seria absoluto e a percepção espacial seria a observação das extensões das vibrações na pele²¹⁰. “Todas as sensações cutâneas (calor, frio e dor), as pressões orgânicas e todas as sensações dos sentidos cinestésicos estão dotadas de atributo espacial”²¹¹.

A corrente empírica questiona a concepção de que a alma é um ente racional, responsável pelo pensamento. Nesta escola, é mais lógico tratar o corpo como o objeto vivo, uma extensão material e sensorial, passível de mensuração, quantificação e experimentação. E com isso Titchener está de acordo, quando diz que a experiência de uma pessoa significa a experiência de um corpo vivo, o qual pode ser reduzido ao sistema nervoso e seus afluentes. Ao considerar a experiência individual como a experiência de

²⁰⁸ R. Herrnstein & E. Boring, *Textos básicos de história da psicologia*, p. 741.

²⁰⁹ E. Titchener, *A text-book of psychology*, p. 303.

²¹⁰ *Ibid*, p. 305.

²¹¹ *Ibid*, p. 305.

um corpo vivo e, portanto, redutível ao sistema nervoso, Titchener está defendendo que a mente é dependente do sistema nervoso.

O que torna esse caso interessante é que Edward Titchener elaborou, sistematizou e passou a defender essas idéias depois que entrou em contato, não apenas com a psicologia alemã wundtiana, mas com a máxima da filosofia alemã moderna de pensamento com implicação para a psicologia, que foi Immanuel Kant. Por isso, ao contrário do que tem se observado, Titchener mantém uma clara herança da sistematização da filosofia experimental britânica dentro da sua metodologia, e isso o separa definitivamente das etiquetas como, “discípulo de Wundt” ou “aquele que levou a psicologia wundtiana”, como tem mostrado a historiografia moderna.

Nas palavras do historiador inglês George Brett, “E. B. Titchener, discípulo de Wundt, que se mudou para América, é famoso por sua insistência em um purismo metodológico”²¹²; J. C. Flugel, professor assistente de psicologia no *University College of London*, no livro *A Hundred Years of Psychology*, mantém a mesma perspectiva, “Durante sua vida, Titchener permaneceu fiel à tradição wundtiana”²¹³. E o historiador americano William S. Sahakian, em seu livro *History and Systems of Psychology*, ao abrir o tópico para falar do autor inglês, ele assim o faz: “Titchener: Wundt na América”²¹⁴.

Em seu próprio livro, *A Text-Book of Psychology*, Edward Titchener assume que a psicologia experimental está solidamente presente no campo do pensamento moderno²¹⁵. Em seu artigo “A Psychological Laboratory”, escrito em 1898, Titchener mostra como o conceito de laboratório é importante e fundamental para a prática da psicologia experimental. Ele demonstra reconhecer o forte débito que toda a geração de laboratórios tem com Wilhelm Wundt devido a seu impulso inspirador para a psicologia experimental²¹⁶. Titchener atesta nesse artigo que, de fato, os principais laboratórios da psicologia experimental foram fundados inicialmente na Alemanha e posteriormente nos Estados Unidos, os quais, para ele, contribuíram decisivamente para o conhecimento científico²¹⁷.

²¹² George, S. Brett, *Historia de la Psicología*, p. 524.

²¹³ J. C. Flugel, *A Hundred Years of Psychology*, p. 229.

²¹⁴ William S. Sahakian, *History and Systems of Psychology*, p. 352.

²¹⁵ E. Titchener, *The text-book of psychology*, p. 505.

²¹⁶ *Idem*, “A Psychological Laboratory”, p. 1.

²¹⁷ *Ibid*, p. 1.

Nesse artigo, Titchener mostra a influência que recebeu da física quando descreve o modelo experimental de ciência. Segundo o autor, para o trabalho da psicologia laboratorial, é preciso haver uma familiaridade com os princípios da física e com a matemática aplicada à física²¹⁸. Em *A Text-book of Psychology*, Titchener confirma a fundamentação do método experimental para a psicologia laboratorial, “Em geral, o método da psicologia é muito parecido com o método da física”²¹⁹.

Contudo, diferente da corrente utilitarista inglesa, filosofia fortemente presente na Inglaterra do tempo de Titchener, ou mesmo em relação ao nascente pragmatismo americano presente no início do séc. XX, o trabalho titcheneriano não tem qualquer preocupação prática ou utilitária. Nas palavras de Edna Heidbreder:

E à medida que se esforçava para conservar o objeto da psicologia isento da metafísica e do senso comum, assim também o fez em relação ao interesse utilitário. Titchener foi abertamente contra o ponto de vista de que a psicologia, ao sondar as profundezas do coração humano, existe para trazer auxílio e conforto às almas doentes. A função da psicologia, assevera ele, não é diminuir sofrimentos ou realizar melhorias, mas sim descobrir fatos sobre o seu objeto e compreendê-los. Para Titchener, a ciência nada tem a ver com valores (...) Da mesma forma impessoal e imparcial pela qual um físico estuda um bloco descendo por um plano inclinado, o psicólogo estuda os processos mentais²²⁰.

Dessa forma, mesmo estando dentro da tradição de pesquisa da ciência moderna predominante na fisiologia experimental do iluminismo inglês, uma vez que incorpora a mesma objetividade empírica em sua metodologia, Titchener se diferencia em um ponto muito importante do pensamento moderno. O fato de não estar preocupado com aspectos sociais, históricos ou interpretativos, ou mesmo não ter nenhuma contribuição prática de caráter público para a sociedade americana, centro econômico do período pós-primeira guerra mundial, torna o caso de Titchener muito particular na história da psicologia. Portanto, resumir Edward Titchener a um simples “discípulo de Wundt” seria esquecer que, ao não reconhecer a importância dos aspectos sociais para o estudo da mente, o autor também se distanciou efetivamente da proposta wundtiana; e isso não foi mera negligência, mas, sobretudo, uma opção de se manter em acordo com a corrente metodológica que vem da fisiológica experimental britânica do séc. XVIII. O sistema titcheneriano é empírico, experimental e puramente descritivo.

²¹⁸ *Ibid*, p. 1.

²¹⁹ *Idem*, *The text-book of psychology*, p. 24.

²²⁰ Edna Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, pp. 116-117.

a) A Fisiologia Experimental Alemã e os Caminhos para uma Psicologia Experimental

De acordo com J. M. Baldwin, em seu artigo “Nineteenth Century Psychology”, o século XIX tem sido chamado de “século da ciência”. Entretanto, como mostra o autor, isso se aplica às disciplinas da física, química e astronomia, as quais se ergueram como patrimônio experimental na primeira metade do século XIX, e se aplica às ciências biológicas, como a zoologia, botânica e fisiologia a partir do impulso da teoria da evolução na segunda metade desse século²²¹.

Para Baldwin, o naturalismo e o positivismo operaram um reconhecimento comum de que havia uma lei natural em todos os fenômenos observados e, como resultado da metaciência comtiana, houve o enfoque de especificar a função cumprida dos “fatos” no processo de geração e justificativa de teorias para o estabelecimento de um conhecimento genuíno e empírico²²². O passo decisivo das ciências biológicas, como mostra Baldwin, se deu a partir da teoria da “criação especial” das espécies, a qual usou princípios lógicos de classificação e sugeriu uma filosofia vitalista não crítica²²³.

Uma importante discussão presente na fisiologia experimental alemã no início do séc. XIX é a posição de Hermann Ludwig Ferdinand Von Helmholtz que, apesar de ter sido aluno de Johannes Müller no segundo ano de medicina na Universidade de Berlim, permaneceu contra a filosofia vitalista defendida por seu professor. O problema “vitalismo-antivitalismo”, presente na fisiologia e biologia do séc. XIX na Alemanha, era muito próxima do modo como o problema mente-corpo aparecia na filosofia e na psicologia fisiológica²²⁴.

Helmholtz, por exemplo, é um importante representante do empirismo na percepção e da corrente anti-vitalista, por meio da qual não se via nada de misterioso na vida, acreditando que toda vida orgânica poderia ser explicada em termos físicos e por processos químicos. Como mostra B. R. Hergenhahn, em seu livro *An Introduction to*

²²¹ J. M. Baldwin, “Nineteenth century psychology”, p. 91.

²²² Alberto Oliva, “É a filosofia da ciência de Comte ‘Positivista’”, p. 197.

²²³ J. M. Baldwin, “Nineteenth century psychology”, p. 91

²²⁴ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 212; J. M. Baldwin, “Nineteenth century psychology”, pp. 91-93; K. Danziger, *Constructing the subject: historical origins of psychological research*, p. 41; & T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, p. 39.

the History of Psychology, Helmholtz acreditava que as leis que eram aplicadas às coisas vivas e não vivas poderiam ser também aplicadas aos eventos mentais e não mentais, a partir do reconhecimento comum das leis gerais da física e da química observadas em todo organismo vivo²²⁵. Nas palavras Richard Herrnstein e Edwin Boring, Helmholtz:

É contra o nativismo, ou, segundo sua denominação, o intuicionismo, de Kant e Hering. Procura reunir os muitos casos em que a percepção se forma a partir da experiência, de maneira que se torna algo mais do que o simples núcleo em que se baseia²²⁶.

Johannes Muller criou a cadeira de fisiologia na Universidade de Berlim em 1833. Ele demonstrou que havia cinco tipos de nervos sensórios, cada um contendo uma energia característica, e quando eles eram estimulados, resultavam em uma determinada sensação. Ou seja, cada nervo respondia em seu próprio modo característico, não importando como ele fosse estimulado²²⁷.

Uma consideração importante do trabalho de Müller é que, para ele, a mente é diretamente consciente, não dos objetos do mundo físico, mas dos estados do sistema nervoso²²⁸. O sistema nervoso serviria como intermediário entre o mundo e a mente e, portanto, importaria sua própria natureza nos processos mentais. Para Hergenhahn, a implicação mais significativa da doutrina de Müller para a psicologia foi o fato de ter demonstrado que era a natureza do sistema nervoso, e não a natureza do estímulo físico, que determinava as sensações²²⁹. Assim, o conhecimento do mundo físico estaria limitado aos tipos de receptores sensoriais.

A posição de Müller conduziu a uma espécie de “kantismo fisiológico”, em que o mundo percebido seria uma mera propriedade das nossas energias nervosas específicas (no lugar do sujeito transcendental), estimuladas sempre por um fator físico qualquer, não importando a sua natureza²³⁰.

O trabalho de Johannes Müller pôs fim à emanção teórica de que “cópias” dos objetos físicos iam, pelos receptores sensórios, em direção aos nervos e ao cérebro, causando uma imagem real do objeto. Müller rompeu com a idéia de que qualquer nervo sensorio poderia transportar qualquer informação sensoria ao cérebro²³¹.

²²⁵ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 212.

²²⁶ Richard Herrnstein & Edwin Boring, *Textos básicos de história da psicologia*, p. 185.

²²⁷ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 210.

²²⁸ *Ibid*, p. 211.

²²⁹ *Ibid*, p. 211.

²³⁰ Arthur Arruda Leal Ferreira, “A psicologia no recurso aos vetos kantianos”, pp. 86-87.

²³¹ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 210.

Como um vitalista, Müller acreditava em uma espécie de atividade espontânea do organismo, aceitando a presença de forças vitais e, portanto, independentes do estímulo externo. No sistema de Müller, a condução nervosa era praticamente instantânea, sendo muito rápida para medir.

Muitos filósofos anteriores acreditavam que a mente ou a alma controlavam as ações corporais e que, por isso, mente e alma eram inspiradas por Deus, e seus efeitos no corpo eram instantâneos. Para aquelas crenças no espírito-animal, numa força vital, mente ou alma, era impossível medir a velocidade da condução nervosa²³².

Contudo, a pesquisa de Helmholtz estabeleceu o tempo de reação da velocidade da condução nervosa, reconhecendo que o tempo de reação variava consideravelmente entre diferentes sujeitos. Apesar de Helmholtz posteriormente ter abandonado o tempo de reação²³³, isso não o deslegitima. Ele é considerado como um importante suporte teórico da concepção materialista dos organismos vivos. Ou seja, a idéia de que os fenômenos mentais e o comportamento podem ser descritos em leis físicas e matemáticas e que as sensações eram os elementos crus da experiência consciente. “Helmholtz pensava que a experiência passada de um observador era o que convertia a sensação em percepção (...) as percepções eram sensações depois do significado de uma experiência passada”²³⁴. Para Helmholtz, a capacidade de perceber era o resultado de experiências prévias, e isso enfatizava a idéia de que a percepção é aprendida, e não inata.

Para Arthur Arruda Leal Ferreira, em seu artigo “A psicologia no recurso aos vetos kantianos”, tanto Johannes Müller, quanto Hermann Helmholtz, representam duas perspectivas importantes da fisiologia experimental alemã, uma vez que elas aparecem no cenário intelectual da Alemanha como uma resposta aos problemas e às críticas formuladas por Immanuel Kant (1724-1804) sobre o estatuto da psicologia empírica no séc. XVIII²³⁵.

De acordo com Kant, em seus *Princípios metafísicos da ciência da natureza* (1786), a psicologia empírica para se provar como ciência deveria:

Descobrir seu elemento de modo similar à química, para com isto efetuar análises e sínteses; facultar a esse elemento um estudo objetivo, em que sujeito e objeto não se misturem como na introspecção; produzir uma matematização

²³² *Ibid*, p. 214

²³³ *Ibid*, p. 214.

²³⁴ *Ibid*, p.215

²³⁵ Arthur Arruda Leal Ferreira, “A psicologia no recurso aos vetos kantianos”, p. 85.

mais avançada que a geometria da linha reta, apta a dar conta das sucessões temporais da nossa consciência (o sentido interno)²³⁶.

Ou ainda, como mostra Armandio Gomes, no artigo “Uma ciência do psiquismo é possível? A psicologia empírica de Kant e a possibilidade de uma ciência do psiquismo”:

Mas, desse eu fenomenal, objeto da psicologia empírica, poderíamos ter um conhecimento objetivo tal como aquele que temos dos outros objetos da natureza? Ou, ainda, o eu que se nos apresenta no sentido interno (cuja forma é o tempo), como mundo interior, pode ser conhecido do mesmo modo que conhecemos os objetos dos sentidos externos - (cuja forma é o espaço) - do mundo exterior? A resposta de Kant a essa pergunta é negativa, como vemos nos *Primeiros Princípios Metafísicos da Ciência da Natureza*. A psicologia não poderia jamais igualar-se à física, ciência dos corpos no espaço. Seu objeto se dá apenas no tempo, e por ser unicamente temporal, não poderia ser matematizado. Poderíamos, no máximo, compreendê-lo como uma linha reta, representando o curso ininterrupto dos estados internos desse eu, um devir incessante de modificações subjetivas, sem que se pudesse aí encontrar algo que permaneça, como é o caso dos objetos espaciais. Em resumo, a formalização matemática, necessária à constituição da objetividade científica, e que para Kant repousava sobre princípios *a priori*, não era possível no caso da psicologia empírica²³⁷.

Dessa forma, Kant estabelece importantes princípios para que a psicologia empírica viesse, de fato, a se tornar uma ciência. Para ele, a psicologia deveria descobrir seu objeto e atribuir a ele um estudo objetivo, no qual sujeito e objeto não se misturassem, como acontecia no método da introspecção; e deveria produzir uma matematização mais avançada, apta a dar conta das sucessões temporais da consciência e do sentido interno da experiência²³⁸.

A introspecção defendida por Helmholtz, por exemplo, é a introspecção experimental, a qual se processaria de modo inverso ao método inglês de introspecção, uma vez que buscaria, justamente, neutralizar os efeitos das inferências operadas pelas experiências passadas na mente do próprio sujeito que é objeto²³⁹. A busca de uma definição do método e do objeto da psicologia fisiológica experimental alemã foi uma consequência da herança kantiana solidamente presente no clima intelectual da Alemanha no séc. XIX.

A sensação, enquanto variação das energias nervosas específicas, representaria um elemento preciso, corporalmente situado como fenômeno, ao contrário das *idéias* e *impressões* descritas pelos filósofos empiristas do séc. XVIII. Foi por tal razão que a sensação veio a ser utilizada como elemento para

²³⁶ *Ibid*, p. 85.

²³⁷ Armandio Gomes, “Uma ciência do psiquismo é possível? A psicologia empírica de Kant e a possibilidade de uma ciência do psiquismo”, ver item “O veto kantiano”.

²³⁸ I. Kant, *Princípios metafísicos de la ciência de la naturaleza*, pp. 32-33.

²³⁹ Arthur Arruda Leal Ferreira, “A psicologia no recurso aos vetos kantianos”, p. 87.

a construção de uma possível psicologia, pois ela liga a) o mundo físico que constantemente estimula os sentidos; b) o fisiológico, uma vez que as energias nervosas específicas estão ligadas aos nervos; e c) o psicológico, uma vez que a sensação seria a base de nossas representações²⁴⁰.

O uso da fisiologia para a definição da mente tornou plausível uma psicologia naturalista. Entretanto, para superar a crítica de Kant, de que nenhuma ciência da mente era possível porque nenhum aspecto do mundo mental poderia ser medido ou investigado experimentalmente, outros métodos para os estudos experimentais e quantitativos da consciência tiveram que ser desenvolvidos na segunda metade do século XIX²⁴¹. É interessante notar como Richard Rorty apresenta, em *A Filosofia e o Espelho da Natureza* (1988), a atmosfera intelectual alemã deste período:

No século XIX a noção da filosofia como uma disciplina fundacional que suporta asserções de conhecimento foi consolidada nos escritos dos neo-kantianos. Os protestos ocasionais contra essa concepção de cultura como necessidade de “suportes” e contra as pré-tensões de uma teoria do conhecimento para realizar essa tarefa passaram na maior parte despercebidos. A filosofia tornou-se, para os intelectuais, um substituto para a religião. Era a área de cultura onde se tocava o fundo, onde se podia encontrar o vocabulário e as convicções que permitem explicar e justificar a própria atividade intelectual e, dessa forma, descobrir o significado da própria vida²⁴².

Essa passagem oferece elementos para compreender o contexto alemão em que surgirá a psicologia experimental no final do séc. XIX²⁴³. Ao afirmar que, “os protestos

²⁴⁰ *Ibid*, pp. 86-87.

²⁴¹ T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, pp. 32-33. Outras linhas de pesquisa foram também fundamentais para o posterior surgimento da psicologia experimental. Entre elas, está a corrente da neurofisiologia, com importantes nomes, como Franz Joseph Gall (1758-1828), Paul Broca (1824-1880), Gustav Fritsch (1838-1927), Edward Hitzig (1838-1907) e David Ferrier (1843-1928). Todos eles corroboraram com o estudo do cérebro e o seu papel nas atividades mentais e sensoriais. Esse é o campo da frenologia, que Johann Gasper Spurzheim (1776-1832) popularizou. A frenologia, por meio do estudo das funções cerebrais, pretende entender as faculdades da mente. De fato, Gall tentou relacionar certos traços de personalidade e padrões de comportamento às específicas funções cerebrais. Ele percebeu que córtices mais desenvolvidos estavam associados com comportamentos mais inteligentes. Gall mostrou que as faculdades mentais residiam no cérebro, enquanto Pierre Flourens acreditava que o cérebro era o órgão da mente. Nas palavras de Hergenhahn, “Os estudos fisiológicos no séc. XVII sobre o sistema nervoso entendiam os eventos mentais como funções cerebrais. Foi amplamente acreditado que sensações conscientes eram desencadeadas pelos processos cerebrais, as quais eram iniciadas pela recepção sensorial. Mas, a questão permaneceu: como os dois domínios – sensações mentais e os processos sensoriais – eram relacionados? Sem medição, ciência era impossível. Portanto, chegou-se a conclusão de que a ciência da psicologia seria impossível a menos que a consciência pudesse ser medida tão objetivamente quanto o mundo físico. Além disso, uma vez medidos, eventos mentais teriam que ser mostrados de um modo sistemático com os eventos físicos”. B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 223.

²⁴² R. Rorty, *A filosofia e o espelho da natureza*, p. 23.

²⁴³ Mas, ao falar na citação “escritos dos neo-kantianos”, Rorty está, na verdade, falando da filosofia analítica criada por Gottlob Frege (1848-1925) e Bertrand Russell (1872-1970), o que representa uma

ocasionais contra essa concepção de cultura como necessidade de ‘suportes’ e contra as pré-tensões de uma teoria do conhecimento para realizar essa tarefa passaram na maior parte despercebidos”, Rorty está contornando uma questão que dá o panorama dos primórdios da psicologia experimental alemã. “Necessidade de suportes” implica numa corrente metodológica que buscava na experimentação a fidedignidade do processo do conhecimento, e que criava, portanto, um campo de tensão intelectual com o idealismo alemão²⁴⁴, mas que, para Rorty, o esforço dessa corrente passou despercebido nos solos alemães, um continente aberto ao racionalismo e ao idealismo.

As mesmas influências estavam por trás da ciência da psicologia – nesse caso, fortalecidas pela reivindicação tradicional da especulação filosófica para resolver o problema da alma (...) O movimento científico, contudo, não suplantou ou desacreditou, dos filósofos, no mínimo, o tipo racional de interpretação. Uma nova série de especulações, constituindo o movimento romântico, seguia Kant, dominado no pensamento alemão, e penetrado na forma de um neo-hegelianismo na Inglaterra e Estados Unidos. Enquanto os movimentos empírico e positivista do séc. XIX tem sua origem como marca característica na Inglaterra e França, o novo pensamento metafísico sustenta o rótulo “*made in Germany*”²⁴⁵.

Charles W. Tolman, no artigo “Philosophic Doubts About Psychology As A Natural Science”, e Kurt Danziger, no livro *Constructing the Subject Historical Origins of Psychological Research*, ambos os autores se referem a Kant como aquele que problematizou a psicologia a partir da identificação de um objeto de investigação não científico na psicologia empírica, o “sentido interno” da experiência. Como mostra Tolman, John Locke não distinguiu muito delimitadamente sensação da reflexão, uma vez que a própria reflexão seria a sensação de alguma coisa interna, e as idéias seriam dados decorrentes das sensações, que seriam despertadas pelas qualidades primárias inerentes aos objetos externos. No sistema de Locke, os objetos sensíveis e externos são a

corrente de pensamento que, mais tarde, vai incorporar Edmund Husserl (1849-1938), Martin Heidegger (1889-1976) e outros, como Wittgenstein e John Dewey. O pensamento de Kant é, sem dúvida, muito marcante no período cultural alemão na metade do séc. XIX, tendo influência no pensamento de Wilhelm Wundt, Franz Brentano e Carl Stumpf.

²⁴⁴ “O problema da natureza do conhecimento científico acha-se ligado às escolas realista e idealista. Falando por alto, se acreditarmos que o conhecimento nos fornece “retratos” de objetos que existem fora de nós, independentemente de nossos atos cognitivos, seremos realistas; o pensamento não cria os objetos reais, mas os copia. Por outro lado, se defendermos a doutrina, segundo a qual quaisquer objetos dependem do conhecimento, são elaborações cognitivas nossas, então, pertencemos à escola idealista. Claramente, as descrições anteriores de realismo e de idealismo, no âmbito epistemológico, são esquemáticas e carecem de qualificações. No entanto, fornecem uma visão inicial do clássico problema da natureza do conhecimento”. Newton C. A. da Costa, *O conhecimento científico*, p. 45.

²⁴⁵ J. M. Baldwin, “Nineteenth century psychology”, p. 93.

matéria do próprio pensamento; não haveria qualquer idéia que não passasse pela sensação. Como mostra Tolman, foi Kant quem fez a distinção entre objetos externos e internos à mente, quando aceitou da filosofia empírica a noção de “sentido interior”, ou o mundo da experiência privada. Mas, Kant formula a questão se os objetos da experiência privada poderiam realmente formar a base de uma ciência²⁴⁶. Danziger mostra que a resposta de Kant foi que decididamente os objetos da experiência privada não podem ter o estatuto de ciência, pois suas leis não podem ser generalizadas.

A ciência, diferente da experiência diária, envolve uma ordem sistemática das informações sensoriais nos termos de uma síntese expressada pelos matemáticos. O material provido da experiência interna, contudo, é resistente à matematização, então não poderia haver uma ciência da vida mental, ou psicologia²⁴⁷.

Portanto, embora Kant não tivesse negado uma base empírica para a psicologia, ele considerou que ela não era suficiente para estabelecer uma ciência. Assim, Kant diferenciou a psicologia da filosofia, algo que os empiristas ingleses não haviam feito:

Na tradição lockeana da filosofia da mente, essa distinção não existia e, portanto, a psicologia carecia de uma identidade clara, como um campo especial de estudos com seus próprios objetos e objetivos. Os lockeanos estavam primariamente interessados em oferecer uma teoria empírica do conhecimento e, fazendo isso, eles apelaram para uma teoria particular do funcionamento mental. Eles não distinguiram o problema psicológico de como conteúdos mentais particulares eram causados no mundo natural e o problema lógico ou filosófico de como esses conteúdos mentais poderiam constituir o conhecimento do mundo. Enquanto essa dissolução não foi feita, a psicologia e a filosofia permaneceriam indissolúvelmente fundidas e a questão de uma metodologia especificamente psicológica não poderia surgir²⁴⁸.

Immanuel Kant, contudo, fez uma acentuada distinção entre a vida mental, tal como ela está presente para a auto-consciência subjetiva, e os princípios gerais nos quais a vida está organizada. A vida mental, para Kant, fazia parte do mundo empírico, dando condições para a construção de uma percepção externa da realidade, mas os princípios da vida mental, apesar de gerais, estariam fora do mundo empírico-sensorial, ou antes dele, se pensarmos que a filosofia do *a priori*, para Kant, tem um sentido metafísico²⁴⁹.

²⁴⁶ Charles W. Tolman, “Philosophic doubts about psychology as a natural science”, p. 177.

²⁴⁷ Kurt Danziger, *Constructing the subject historical origins of psychological research*, p. 19.

²⁴⁸ *Ibid*, p. 20.

²⁴⁹ No tópico “Exposição metafísica do espaço”, reproduzido por Richard Herrnstein e Edwin Boring, no livro *Textos básicos de história da psicologia*, para definir a ontologia do espaço, Kant começa por uma exposição metafísica do espaço, e ele faz isso porque “a metafísica apresenta as razões que temos para considerar o espaço como dado *a priori*”, (p. 163).

A filosofia de Kant mostrou que diferentes tipos de conhecimento estavam baseados em diferentes práticas, e que a definição de um corpo metodológico objetivo era uma das mais importantes características da ciência moderna²⁵⁰. Entretanto, a noção de “experiência interior” da mente individual mantinha o objeto da psicologia nos solos continentais sob o domínio da filosofia, enquanto que no terreno britânico, ao contrário, o conceito “sentido interno da experiência” é um fator dependente dos objetos externos²⁵¹ e elaborado fisiologicamente. Desse modo, a questão do relacionamento entre ciência, ou filosofia natural, e as preocupações mais tradicionais da filosofia moral começaram a ser de interesse, particularmente, na Alemanha, onde a atividade científica começou a ocupar os membros das faculdades de filosofia.

Entre outras coisas, Kant estava claramente preocupado com o papel profissional do filósofo em uma situação intelectual que estava mudando rapidamente devido ao prestígio das ciências naturais (...). O resultado foi que nas universidades alemãs do séc. XIX a questão da psicologia como um campo de estudo tornou-se problematizada em termos metodológicos. As questões que dominavam esse debate eram: introspecção, matematização e experimentação²⁵².

Como lembra Tolman, a crítica de Kant à psicologia empírica sugere que a matematização da experiência interior não é possível porque o seu fenômeno acontece no tempo, e não no espaço²⁵³. E, como também mostra Richard Herrnstein e Edwin Boring:

O sentido interior, no qual estamos conscientes de nós mesmos, ou antes, de nosso estado, não nos dá, é verdade, percepção direta da alma como um objeto; no entanto, é a única forma singular em que nosso estado nos aparece como um objeto definido de percepções; e por isso, todas as determinações interiores nos parecem como relacionadas entre si no tempo²⁵⁴.

De acordo com George S. Brett:

O que se chama tecnicamente sentido interno está limitado à percepção do tempo. Ao passo que o sentido externo possui muitas diferenças imanentes (visão, audição, tato, paladar e olfato) e implica a forma do espaço. O sentido interno é a mera consciência de uma ordem temporal²⁵⁵.

Como diz os autores Herrnstein e Boring, “Não podemos estar conscientes do tempo como externo, assim como não podemos estar conscientes do espaço como algo dentro de

²⁵⁰ Kurt Danziger, *Constructing the subject historical origins of psychological research*, p. 21.

²⁵¹ *Ibid*, p. 22. Ver também: Charles W. Tolman, “Philosophic doubts about psychology as a natural science”, p. 178.

²⁵² Kurt Danziger, *Constructing the subject historical origins of psychological research*, p. 22.

²⁵³ Charles W. Tolman, “Philosophic doubts about psychology as a natural science”, p. 178.

²⁵⁴ Richard J. Herrnstein & Edwin Boring, *Textos Básicos de História da Psicologia*, p. 162.

²⁵⁵ George S. Brett, *Historia de la psicología*, p. 406.

nós”²⁵⁶. Assim, tempo e espaço, na filosofia kantiana, são formas puras de percepção, constituintes inerentes da mente.

O espaço não é uma concepção empírica que tenha sido derivada de experiências externas. Pois, eu não poderia estar consciente de que algumas de minhas sensações são relativas a algo fora de mim, isto é, a algo em parte do espaço, diferente daquela em que estou (...) a consciência do espaço é necessariamente pressuposta na percepção externa. Nenhuma experiência de relações externas de coisas sensíveis poderia dar a idéia de espaço, pois sem a consciência de espaço não haveria qualquer experiência externa. O espaço é uma idéia a priori necessária, pressuposta em todas as percepções externas. Nenhum esforço nos permite pensar sem espaço, embora facilmente possamos pensar no espaço como vazio de objetos. Consideramos o espaço como uma condição para a possibilidade de fenômenos, e não como uma determinação dependente de fenômenos. Portanto, é a *priori*, e é necessariamente pressuposto em fenômenos externos. O espaço não é uma concepção discursiva ou geral da relação de coisas, mas uma percepção pura. Pois, podemos estar conscientes apenas de um único espaço. É verdade que falamos como se houvesse muitos espaços, mas na verdade indicamos apenas parte de um único e mesmo espaço idêntico (...) O espaço é essencialmente único; pela pluralidade de espaços, queremos apenas indicar que porque o espaço é de muitas formas limitado, a concepção geral de espaço pressupõe tais limitações como seu fundamento. Disso decorre que uma percepção *a priori*, e não uma percepção empírica, está subjacente a todas as concepções de espaço puro²⁵⁷.

De acordo com Kant, nenhuma experiência das coisas externas e sensíveis poderia dar a idéia de espaço. O espaço não seria uma propriedade dos objetos, mas uma propriedade da consciência, pois “sem a consciência de espaço não haveria qualquer experiência externa”²⁵⁸. No tópico, “Exposição Transcendental do Espaço”, reproduzido por Richard Herrnstein e Edwin Boring, Kant diz: “Todas as proposições geométricas, por exemplo, de que o espaço tem apenas três dimensões, são de certeza demonstrativa, se apresentam a consciência como necessárias. Tais proposições não podem ser empíricas, nem podem ser derivadas de juízos de experiência”²⁵⁹. Desse modo, Kant afirma a realidade empírica do espaço, uma vez que há uma experiência externa das coisas materiais. Mas, também sustenta um idealismo transcendental, uma vez que a sua concepção é estritamente, intelectual, racional e *a priorística*, em vez de sensível, empírica e *a posteriori*.

²⁵⁶ Richard J. Herrnstein & Edwin Boring, *Textos Básicos de História da Psicologia*, p. 162.

²⁵⁷ “Immanuel Kant” in Richard J. Herrnstein & Edwin Boring, *Textos Básicos de História da Psicologia*, pp. 163-164.

²⁵⁸ *Ibid*, p. 163.

²⁵⁹ *Ibid*, 164.

Assim, se de um lado estava Immanuel Kant, defendendo a teoria nativista do espaço e, ao mesmo tempo, criticando o corpo metodológico da psicologia empírica; de outro lado, estava Rudolf Hermann Lotze (1817-1881), filósofo alemão, doutor em medicina, professor na Universidade de Leipzig, Goettingen e Berlim, e conhecido na história da psicologia justamente por sua teoria empírica da percepção do espaço, que é a teoria dos sinais locais.

Como mostra Herrnstein e Boring, Lotze surge do lado intelectual que concorda com Helmholtz, também defensor de uma teoria empirista do espaço, uma corrente que se estende do empirismo de J. S Mill e que, posteriormente, também vai incluir Wilhelm Wundt²⁶⁰. Enquanto foi professor em Berlim, deu aula a Carl Stumpf (1848-1936), que foi professor de Edmund Husserl (1859-1938), e a Franz Brentano (1838-1917). Mas, foi como professor na Universidade de Goettingen que Lotze publicou sua teoria dos sinais locais. “Lotze sucedera a Herbart em Goettingen, e Johannes Müller aí sucedeu Lotze, e os três exercícios da mesma cátedra se estenderam por 87 anos (1833-1920)”²⁶¹.

Sobre o mecanismo fisiológico da percepção espacial, a representação do espaço não seria exatamente o resultado dos sinais locais, mas, antes de tudo, seriam propriedades qualitativas das fibras nervosas. “Mais tarde ele modificou sua teoria em favor da noção que os sinais locais eram relacionados ao sentido de esforço do movimento dos olhos”²⁶². Por exemplo, quando ouvimos uma melodia, todos os tons são percebidos juntos e não próximos um do outro. Entretanto, a espacialidade dos odores e gostos é menos óbvia do que a do som. Dessa forma, “não precisamos atribuir espacialidade aos conteúdos das sensações, como tal”²⁶³, mas explicar porque algumas sensações, particularmente visuais e táteis, são espaciais e outras não. Lotze parece concordar com a espacialidade dos dados da visão e do tato, mas os dados imediatamente percebidos não possuem uma

²⁶⁰ *Ibid*, pp. 161-162.

²⁶¹ *Ibid*, p. 166.

²⁶² “Essa teoria foi apresentada pela primeira vez em 1846 em *Seele und Seelenleben*, e desenvolvido e reapresentado no ano de 1852 em seu *Medicinische Psychologie oder Psychologie der Seele*”. Robin D. Rollinger, “Lotze on the sensory representation of space”, p. 103, in Liliana Albertazzi (ed.), *The dawn of cognitive science: early european contributors*; & M. J. Morgan, *The Perception Lecture: Lotze and the theory of local signs*; <http://www.perceptionweb.com/abstract.cgi?id=v020625>.

²⁶³ Robin D. Rollinger, “Lotze on the sensory representation of space”, p. 104.

espacialidade totalizada em si mesmos, mas serão “especializados” pela sensação e pela memória²⁶⁴.

Contudo, nas palavras de Herrnstein e Boring:

Lotze era meio nativista, pois prestava a Kant a homenagem implícita em sua fé em que a mente tenha certas tendências inerentes para ordenação espacial e, assim, é capaz de usar os sinais locais ao construir um único espaço total. Quase todos os empiristas da época eram parcialmente nativistas, e quase todos os nativistas acabavam por voltar-se para a experiência para dar os toques finais num sistema espacial que, segundo pensavam, tinha sido inicialmente dado *a priori*. As duas escolas, que se opunham vigorosamente, estavam mais próximas entre si do que qualquer uma delas supunha²⁶⁵.

De acordo com Lotze, cada estimulação tem uma peculiaridade característica, e essa peculiaridade é dada pelo ponto em que o estímulo ocorre no sistema nervoso, denominado sinal local: cada processo físico tem seu lugar no sistema nervoso, e cada lugar no sistema nervoso é responsável pelo conteúdo qualitativo das sensações²⁶⁶. Todavia, a consciência é apta a diferenciar sensações que se associam aos diferentes sinais locais²⁶⁷.

No entanto, de forma alguma é nossa intenção deduzir, dos sinais locais, a capacidade geral da mente para perceber o espaço (...) Ao contrário, supomos que existem aspectos da natureza da mente que a tornam capaz não apenas de um tipo de percepção espacial, mas que a obriga a exercer essa capacidade ou essa necessidade, a partir de supostas relações fisiológicas dos sinais locais (...) Os sinais locais são os meios pelos quais a mente, conduzida por sua natureza para o desdobramento espacial de seu conteúdo mais íntimo, usa sua maneira geral de perceber de acordo com a natureza e as relações mútuas dos objetos [percebidos] (...) A idéia de que a percepção é uma propriedade *a priori* e original da natureza da mente, induzida a certos usos, mas não criada por impressões externas, é suficiente para todas as nossas observações fisiológicas²⁶⁸.

Portanto, para Lotze, apesar do espaço estar estendido infinitamente em três dimensões, ele não seria uma propriedade perpétua da consciência, “queremos dizer apenas que a natureza original de nossa mente requer que disponhamos em espaço o que percebemos”²⁶⁹. A mente atribui a cada elemento da sensação seu lugar no espaço, esse é seu funcionamento anterior e *a priori*, do qual fala Lotze. A tendência para encontrar a

²⁶⁴ *Ibid*, p. 105.

²⁶⁵ Richard J. Herrnstein & Edwin Boring, *Textos Básicos de História da Psicologia*, p. 166.

²⁶⁶ *Ibid*, 167.

²⁶⁷ *Ibid*, 169.

²⁶⁸ *Ibid*, pp. 169-170.

²⁶⁹ *Ibid*, p. 170.

ordem espacial é dada pela natureza da mente, mas a ordem espacial só é construída com a experiência.

Contudo, a problemática estabelecida entre o que seria *a priori* e o que seria *a posteriori*, especificamente aqui sobre o conceito de espaço, permanece e não é resolvida com Lotze, apesar do seu evidente esforço de conciliação entre a concepção de Kant e a escola empirista inglesa. O contorno central dessa discussão é mais ou menos o seguinte: o espaço poderia ser uma propriedade dos objetos, enquanto corpos que possuem extensão, como propunha René Descartes; ou, como diz Kant, o espaço seria uma propriedade da consciência, que se constrói em uma situação empírica, mas a consciência do espaço é dada *a priori*; ou, ainda, a percepção do espaço deveria ser uma construção da experiência sensorial e empírica, estimulada pelos objetos externos; e, talvez, como acreditavam alguns representantes da teologia natural renascentista, o espaço seria o atributo da extensão de Deus; e os medialistas alemães, como Lotze, que tentaram resolver essa discussão, conciliando o nativismo e o empirismo na definição do conceito de espaço, e Edwald Hering (1834-1918), para quem a tendência para encontrar a ordem espacial também é dada pela natureza da mente, mas a ordem espacial é construída com a experiência. Para Hering, a espacialidade é um dado *a priori*, mas o espaço visual real é adquirido na percepção da experiência direta²⁷⁰. “Na realidade, não existe uma diferença tão grande entre o nativista e o empirista, embora os ásperos adversários da década de 1860 pensassem o contrário”²⁷¹.

Richard Herrnstein e Edwin Boring, ao tratar de Rodolf Hermann Lotze, afirmam que ele é mais conhecido por seu trabalho na metafísica²⁷². George S. Brett, no livro *History of Psychology*, também assume o caráter evidente da metafísica presente no sistema de Lotze. “Lotze introduziu novamente a alma, não simplesmente como um postulado metafísico, mas como um objeto de estudo psicológico”²⁷³. Mais adiante, Brett confirma

²⁷⁰ *Ibid*, p. 181.

²⁷¹ Contudo, Hering é conhecido como sendo um oponente de Helmholtz e Lotze. A diferença entre Hering e Lotze, por exemplo, é que para o último todo ponto na retina tem um sinal local qualitativo e único e que, ao serem ligados pela experiência, formam uma ordem espacial bidimensional. Mas, para Hering, todo ponto da retina tem um sentido espacial simples que se compõe de três qualidades espaciais, altura, largura e profundidade, formando uma ordem espacial tridimensional. Ver, Richard J. Herrnstein & Edwin Boring, *Textos Básicos de História da Psicologia*, p. 181.

²⁷² *Ibid*, p. 166.

²⁷³ George S. Brett, *Historia de la Psicología*, p. 401.

que Lotze se voltou à posição kantiana, defendendo também que não poderia existir uma ciência exata da vida interior. “Se interessou pelos detalhes fisiológicos, mas considerou que a descrição científica deles é inferior à intuição metafísica da essência”²⁷⁴.

Dessa forma, o problema da matematização da vida interior dificultava que a psicologia pudesse se definir como uma disciplina independente do conhecimento. Por não apresentar uma metodologia que pudesse fazer jus ao lema da quantificação, característica prima da ciência moderna, a psicologia continuava ainda sob o domínio da fisiologia experimental e da filosofia. Como mostra Kurt Danziger, para a psicologia experimental se desenvolver precisava de certas tecnologias que regulassem a vida interior²⁷⁵. Para o autor Arthur Arruda Leal Ferreira, no artigo “A psicologia no recurso aos vetos kantianos”, quem começará a resolver esse problema são dois fisiologistas alemães²⁷⁶, de inestimável valor para a história da psicologia moderna, Ernst Heinrich Weber (1795-1878) e Gustav Theodore Fechner (1801-1887). Nas palavras de Herrnstein e Boring:

Kant foi o precursor das teorias nativistas de espaço, e Lotze, com sua teoria especial de sinais locais, tornou-se o promotor específico das teorias empiristas opostas. E H. Weber descreveu a nova mensuração experimental de sensibilidade espacial cutânea e também contribuiu, com sua teoria de círculos sensoriais, para a explicação fisiológica da localização espacial²⁷⁷.

Ernst Weber obteve seu doutorado na Universidade de Leipzig em 1815, onde também foi professor de anatomia e fisiologia, sendo conhecido como aquele que estabeleceu a primeira lei quantitativa na história da psicologia²⁷⁸. O destaque de Weber na pesquisa da psicologia fisiológica se deve ao estudo da sensibilidade tátil, desenvolvendo um campo de investigação conhecido como a percepção cutânea do espaço²⁷⁹.

²⁷⁴ *Ibid*, p. 402.

²⁷⁵ Kurt Danziger, *Constructing the Subject: historical origins of psychological research*, p. 29.

²⁷⁶ Arthur Arruda Leal Ferreira, “A psicologia no recurso aos vetos kantianos”, p. 88.

²⁷⁷ Richard J. Herrnstein & Edwin Boring, *Textos Básicos de História da Psicologia*, p. 161.

²⁷⁸ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 225. Para Arthur Arruda Leal Ferreira, no artigo “A psicologia no recurso aos vetos kantianos”, a primeira lei matemática na psicologia é, na verdade, chamada Lei Weber-Fechner, e, portanto, não é atribuída apenas a Weber, como se refere Hergenhahn, mas foi sistematizada matematicamente a partir do trabalho que decorreu dos estudos de Fechner, (p. 88).

²⁷⁹ De acordo com Hergenhahn, antes de Weber, a maior parte da pesquisa sobre senso-percepção estava confinada aos estudos sobre visão e audição. B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 224.

Criou um meio para verificar o erro de localização tátil e também o teste de compasso, que mede o limiar de dois pontos (a separação mínima de dois estímulos táteis em que os dois podem ser percebidos como separados). Essas duas medidas de sensibilidade cutânea variam com a região do corpo e, segundo a suposição de Weber, dependeriam da proximidade de extremidades nervosas separadas na pele²⁸⁰.

O sistema de Weber e a psicofísica de Fechner procuraram mostrar que havia uma relação entre o mundo físico, enquanto fenômeno externo, e o mundo mental, enquanto sensações. Assim, a Psicologia da segunda metade do séc. XIX vai tentar resolver um problema que tem se arrastado por séculos, a questão da localização da alma, que nos solos continentais tem se colocado por meio da razão e da experiência procedida por dedução de axiomas e proposições apriorísticas e demonstráveis:

Representava a alma como um poder ou faculdade de representação do universo (a idéia), cuja primeira atividade é a sensação. Ela começa com o conceito ou essência da alma: um ser consciente de si e das coisas externas, capaz portanto não apenas de percepção, mas também de representação e apercepção. Com base nessa definição, a psicologia racional dedutivamente explicava as faculdades e as operações da alma; ela avaliava as diferentes explicações para a correspondência entre elas e o movimento do corpo; tratava da natureza dos espíritos (substâncias dotadas de intelecto e livre-arbítrio) e da espiritualidade da alma, sua origem, sua união com o corpo e a imortalidade; e concluía com uma seção sobre a alma dos animais²⁸¹.

Os dois fisiólogos experimentais vão estabelecer leis que regem a relação do mundo mental com o mundo físico, mostrando que essas leis se devem à constituição psíquica do gênero humano. Em 1852, Ernst Weber escreve *Os círculos sensoriais e a percepção cutânea do espaço*. Weber dividiu a pele em pequenas áreas, denominadas círculos sensoriais, mostrando que em cada pequena área da pele tem uma fibra nervosa. Dessa forma, dois estímulos adjacentes seriam sentidos como diferentes e distintos, apenas se fossem estimulados diferentes círculos sensoriais na pele, tendo pelo menos um círculo não estimulado entre eles.

Um sujeito indica o lugar em sua pele que está sendo ou que acabou de ser tocado. Se escurecemos a ponta arredondada de uma pequena vara (por exemplo, uma agulha de tricô com pó fino de carvão, amarramos um peso a sua extremidade superior e a colocamos perpendicularmente em várias partes da pele de uma pessoa, de forma que seu peso seja sentido, verifica-se que o sujeito não pode, sem olhar, indicar exatamente o lugar do contato em todas as regiões da pele, mas apenas os lugares providos de sensibilidade espacial muito precisa. Se o sujeito usa uma pequena sonda para indicar o lugar em que

²⁸⁰ *Ibid*, pp. 171-172.

²⁸¹ Fernando Vidal, “A mais útil de todas as ciências. Configurações da psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do iluminismo”, pp. 60-61.

acredita ter sido tocado, frequentemente sente que a sonda está bem longe do ponto de contato e que pode aproximar-se do ponto ao mover a sonda numa direção específica. Frequentemente, depois de ter conseguido fazer isso, afasta-se em seu esforço para aproximar-se mais. Se usarmos um compasso e uma régua para medir por quanto o sujeito perde o ponto procurado quando acredita estar mais próximo dele, e se considerarmos a média de muitas dessas medidas, verifica-se que, quanto maior o erro, mais imperfeita é a sensibilidade espacial na parte da pele em que foi realizado o experimento²⁸².

Weber destaca partes da pele que são mais sensíveis do que outras no corpo. Apesar de algumas pessoas serem mais sensíveis à sensibilidade espacial, todas as pessoas manifestam mais sensibilidade espacial nas mesmas partes da pele do corpo.

No método que acaba de ser descrito, a pressão exercida sobre a pele não persiste enquanto tentamos determinar o ponto de contato. Somos orientados apenas pela memória ou pelo sentimento contínuo da impressão que tivemos. Portanto, poder-se-ia acreditar que, se a pressão continuasse, seríamos capazes de indicar exatamente em todas as partes da pele o local onde foi exercida a pressão, mas isso não acontece. Mesmo quando a agulha de tricô continua na pele, o sujeito erra o local de contato, enquanto for impedido de tocar a agulha de tricô com sua sonda²⁸³.

O teste de compasso de Weber ajudou a demonstrar a percepção empírica da sensibilidade espacial cutânea. O sujeito procurava indicar a direção da linha que ligaria as duas pontas de um compasso aberto, quando duas partes da pele eram tocadas pelas duas pontas do compasso.

Quando, sem olhar, a pele é tocada, simultaneamente, com igual pressão em dois lugares não muito próximos, percebemos dois pontos de contato e um espaço entre eles. Quando a distância entre as pontas do compasso permanece constante, [apesar disso] parece-nos muito diferente em várias partes da pele: muito grande quando a sensibilidade espacial é muito precisa, e pequena ou mesmo imperceptível quando essa sensibilidade é menor; vale dizer, grande no rosto, na palma da mão e na sola do pé, [mas] pequena no tronco, na coxa e na parte superior do braço (...) Experimentos individuais realizados em partes determinadas da pele constituem a melhor maneira para descobrir a que distância devem estar as pontas de um compasso a fim de que as duas impressões por ela deixadas ao tocar a pele, simultaneamente e com igual pressão, possam ser percebidas como separadas (e não unidas numa única impressão) e divididas por um intervalo de espaço.²⁸⁴

Dessa forma, para que as duas pontas do compasso sejam percebidas como separadas, e não idênticas, deve haver um intervalo de espaço entre elas, pois dependendo da distância entre as pontas do compasso, tem-se uma ou duas sensações.

²⁸² Ernst Weber, "Experimentos para determinar a exatidão ou precisão da sensibilidade espacial de várias partes da pele" in Richard J. Herrnstein & Edwin Boring, *Textos Básicos de História da Psicologia*, p. 172.

²⁸³ *Ibid*, p. 173.

²⁸⁴ *Ibid*, p. 174.

Para isso, precisamos de um observador preciso e prático e, apenas alguns experimentos devem ser realizados de cada vez para impedir o cansaço, pois a fadiga provoca resultados falsos. Além disso, para serem inteiramente precisos, os experimentos precisam ser repetidos frequentemente, e as repetições devem ser separadas por longos intervalos de tempo²⁸⁵.

De acordo com Weber, a percepção que temos da distância entre as pontas do compasso não corresponde ao tamanho da parte da pele, mas à abundância, nessa parte, de ramos nervosos²⁸⁶. A causa da percepção do espaço deriva de um objeto que toca a pele. Para Weber, há uma disposição no sistema nervoso para provocar sensibilidade espacial na pele e nos círculos sensoriais. “A diferença entre sensações e círculos sensoriais vizinhos é muito pequena, mas torna-se mais distinta à medida que se aumenta o número de círculos sensoriais específicos que estão entre as partes da pele”²⁸⁷.

Os experimentos de Weber mostraram que quanto maior fosse o número dos círculos sensoriais, e mais próximos estivessem uns dos outros, maior seria o número de pontos do objeto que poderiam ser percebidos. Quanto maior fosse a proximidade dos círculos sensoriais na pele, mais precisa e minuciosa seria a percepção das relações espaciais entre o objeto e as partes da pele.

Weber foi o primeiro a estabelecer uma relação sistemática entre a estimulação física e a experiência psicológica. Contudo, era um fisiologista e os aspectos psicológicos da experiência não eram sua atenção primária. Como demonstra Hergenhahn, foi Fechner quem compreendeu as implicações do trabalho de Weber para a psicologia e viu nelas uma resolução possível do problema mente-corpo²⁸⁸.

Gustav T. Fechner se formou em medicina pela Universidade de Leipzig em 1822. Em 1834, quando tinha 33 anos de idade, foi designado para o cargo de professor de física nessa universidade. Em 1860, escreveu *Elementos de Psicofísica*. Segundo o autor Arthur Arruda Leal Ferreira, esse tratado procura responder o problema da matematização da experiência interna, oferecendo uma resposta experimental às críticas de Kant quanto à impossibilidade de se atribuir à psicologia um campo metodológico objetivo. “Sua principal conquista está em oferecer a qualquer estudo psicológico a possibilidade de desenvolver uma matemática mais avançada que a ‘geometria de uma

²⁸⁵ *Ibid*, p. 175.

²⁸⁶ *Ibid*, p. 177.

²⁸⁷ *Ibid*, p. 179.

²⁸⁸ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 225.

linha reta' (nos termos das críticas kantianas)”²⁸⁹. Além disso, *Elementos de Psicofísica* também é um tratado, no qual Fechner busca comprovar empiricamente a relação indissociável entre matéria e espírito. Ainda antes de escrever essa obra, Fechner se dedicou aos estudos da metafísica e de alguns postulados, como o *panpsiquismo* e a *visão diurna*.

Por panpsiquismo entendia-se um conjunto de pensamentos e reflexões sobre o mundo enquanto composto por uma hierarquia de seres em que o espírito e o corpo seriam coextensivos, em todas as esferas. O domínio físico e o mental não seriam duas naturezas, mas uma única natureza composta de duas perspectivas, de resto um mistério tão complexo como saber se uma esfera é côncava ou convexa. Ficariam assim excluídas as concepções dualistas da natureza (que crêem na existência de substâncias), e principalmente as materialistas (que negam a existência de qualquer fator de natureza espiritual), denominadas por Fechner *visão noturna*. O trabalho psicofísico de Fechner não representa, pois, uma exceção dentro de sua concepção da natureza, mas uma tentativa de estabelecer a prova e o rigor matemático desta. Por se tratar da possível superação do último veto kantiano é que se pode dizer que o trabalho de Fechner representa o primeiro pilar de uma psicologia a nascer²⁹⁰.

É conhecido que em 22 de outubro de 1850, Fechner teve um sonho e foi por meio deste sonho que o físico intuiu matematicamente a relação entre os elementos físicos, que seriam os estímulos, e os elementos espirituais, que seriam as sensações. Estes dois aspectos correspondem, para Fechner, a uma mesma natureza que se estende a todos os seres. De acordo com Herrnstein e Boring, o período filosófico da psicologia se encerra com o monismo metafísico de Fechner, o qual combatia o materialismo do séc. XIX.

Fechner acreditava que, ao estabelecer a lei da inter-relação entre sensação e processos cerebrais, poderia demonstrar a mutabilidade dos dois sobre um único aspecto e confirmar, assim, seu *panpsiquismo*, o qual mantém a perspectiva de que os acontecimentos físicos estão indissolivelmente identificados com os acontecimentos mentais, contrariando a idéia de que a mente depende do cérebro, como um *epifenômeno*. Para Fechner, a diferença entre mente e matéria seria apenas uma diferença de *ponto de vista*, a partir da qual a entidade psicofísica poderia ser observada²⁹¹. No paralelismo de Fechner, a relação entre mente e corpo não está de acordo por causa de uma harmonia preestabelecida, mas é, na verdade, uma única corrente que poderia ser observada objetivamente como matéria, ou subjetivamente como mente.

²⁸⁹ Arthur Arruda Leal Ferreira, “A psicologia no recurso aos vetos kantianos”, p. 88.

²⁹⁰ *Ibid*, p. 89.

²⁹¹ Richard J. Herrnstein & Edwin Boring, *Textos Básicos de História da Psicologia*, p.706.

As contribuições da reflexão sobre se o espaço é uma propriedade dos objetos, ou se é uma propriedade da mente, ou ainda se é uma propriedade que se constrói em interação, são importantes na medida em que a concepção de espaço está ligada à concepção do “eu”. No sistema de Fechner, o eu se espacializa enquanto corpo e se temporaliza enquanto mente. Se o corpo é uma extensão da mente, ou se ambas são uma mesma substância, as consequências dessas reflexões assumem uma visão específica de homem, e de mundo, influenciada pela física. As questões sobre alma e corpo; alma e mente; alma e espaço; ou Deus e o espaço; estas relações também foram consideradas por Isaac Newton, na medida em que o espaço, no sistema newtoniano, seria o corpo sensório de Deus²⁹². No âmbito da psicologia, a discussão da alma é tomada a partir de diferentes pontos de vistas, e não existe uma posição definida entre as escolas, sejam empíricas ou racionalistas.

Na intrincada trama da história das idéias, portanto, empirismo não significa ceticismo, e racionalismo não significa puro abstracionismo. Na Alemanha da segunda metade do séc. XIX, ainda é possível pensar sobre a alma como o exemplo típico do modo como uma idéia pode converter-se em uma experiência sensorial, embora esta não pudesse revelar a essência da idéia²⁹³. Se a experiência era classificada a partir de sua natureza real, o nome da faculdade que representa essa concepção de realidade seria a unidade interna. Nesse sentido, a conservação do termo alma, portanto, seria, nas palavras de Brett, uma necessidade lógica²⁹⁴, constituindo o símbolo de um outro ponto de vista ontológico, como uma realidade transcendente, mas também imanente e real, sem a qual não poderíamos conhecer os fenômenos.

²⁹² *Optiks*, 4th ed., 1730. Reprinted: New York, 1952, p. 370, query 28 in J. E. McGuire, “Newton on Place, Time and God: An Unpublished Source”, nota 35, p. 129.

²⁹³ George S. Brett, *Historia de la psicología*, p. 405.

²⁹⁴ *Ibid*, p. 454.

CAPÍTULO III – EDWARD TITCHENER E O CONTEXTO ALEMÃO DE PENSAMENTO

Neste capítulo, vamos traçar um panorama do ambiente intelectual alemão na segunda metade do séc. XIX, procurando mostrar o tipo de pesquisa que estava sendo realizada quando Edward Titchener chega para estudar com Wilhelm Wundt na Universidade de Leipzig. Conforme Duane Shultz e Sydney Schultz, em a *História da Psicologia Moderna* (1992):

A ciência tinha para os alemães uma acepção bem mais ampla. Na França e na Inglaterra, a ciência era algo limitado à física e à química, que podiam ser abordadas quantitativamente. Na Alemanha, em contrapartida, a ciência incluía áreas como fonética, linguística, história, arqueologia, estética, lógica e crítica literária. Os estudiosos franceses e ingleses eram céticos quanto à aplicação da ciência a algo tão complexo como a mente humana²⁹⁵.

A Universidade de Berlim foi fundada em 1809 e, como mostra Robert M. Farr²⁹⁶, essa universidade introduz um novo elemento no panorama intelectual europeu, e que caracteriza o que se entende por “universidade moderna” – a *Wissenschaft* –, a qual não compreendia apenas o campo de pesquisa das ciências naturais, mas também o das ciências sociais. Como mostra Robert Farr, na obra *As Raízes da Psicologia Social Moderna* (1998):

Embora a tradição da *Wissenschaft* separe a forma moderna da forma medieval de universidade, havia muita discussão entre os círculos acadêmicos na Alemanha a respeito de formas rivais de *Wissenschaft*. A distinção mais amplamente aceita era entre as *Naturwissenschaften* e as *Geisteswissenschaften*. Isso corresponde, de maneira superficial, no mundo de fala inglesa, à distinção entre ciências naturais, de um lado, e ciências humanas e sociais, de outro. Na Inglaterra e no País de Gales, por exemplo, corresponde à distinção entre a *Royal Society* de Londres e a Academia Britânica. A distinção é muito importante no atual contexto, pois levou Wundt a separar sua psicologia experimental (parte da *Naturwissenschaften*) de sua psicologia social (parte das *Geisteswissenschaften*). Psicologia, para Wundt, era apenas em parte um ramo das ciências naturais. Ele percebeu que seria possível resolver experimentalmente certos problemas específicos dentro da filosofia. Esse projeto estritamente limitado, contudo, necessitava, em sua opinião, ser suplementado por uma forma de *Geisteswissenschaften*²⁹⁷.

Dentro do ambiente de pesquisa de Leipzig, a psicologia nasce, então, como uma ciência natural e social. Como ciência natural, a psicologia se mantém dentro dos limites

²⁹⁵ D. Shultz & S. Schultz, *História da psicologia moderna*, p. 60.

²⁹⁶ R. M. Farr, *As raízes da psicologia social moderna*, p. 37.

²⁹⁷ *Ibid*, p. 40.

fisiológicos de compreensão da mente, como ciência social, ela rompe os limites laboratoriais da experiência humana, à medida que, para Wilhelm Wundt, experiências mentais complexas apenas se constituiriam na rede social, cultural e coletiva da humanidade, sendo “inacessíveis pelo método experimental”²⁹⁸.

Durante o séc. XIX, as universidades alemãs iniciaram o processo da pesquisa dentro do ambiente acadêmico de uma forma que atraiu estudantes de todo o mundo para aprender: lógica, interpretação psicológica do córtex, elementos da lógica matemática, a psicologia da sociedade, história da filosofia, elementos da psicologia cultural, epistemologia, metodologia científica, ética e psicologia²⁹⁹. Como mostra Leahey, ainda no final do séc. XIX, os Estados Unidos tinham faculdades destinadas ao aprendizado do estudante universitário, mas não havia universidades com laboratórios que oferecessem treinamento acadêmico em pesquisa. Além disso, o ensino superior nos Estados Unidos era particular em vez de empreendimentos apoiados pelo governo, como era o caso na Europa, especialmente na Alemanha.

A maioria das faculdades foram estabelecidas por denominações religiosas para educar e construir caráter entre seus membros e para treinar seus cleros. Faculdades eram generalistas (...) não havia especialistas em pesquisa ensinando em campos especializados. As universidades alemãs, contudo, combinavam pesquisa e funções de ensino e estabeleceu os programas principais de graduação superior. Além disso, o governo, separado dos principados alemães, e o governo germânico imperial central, depois da unificação da Alemanha em 1870, fortemente apoiou as universidades alemãs com dinheiro e recurso³⁰⁰.

É interessante notar também o que Duane Shultz e Sydney Shultz dizem sobre o contraste da situação da pesquisa entre as universidades alemãs e as inglesas após a unificação política da Alemanha em 1870.

Cada um desses distritos ou províncias tinha estabelecido sua própria bem financiada universidade. Cada uma delas tinha um corpo docente extremamente bem pago e os mais avançados equipamentos científicos de laboratório. Em contraste, a Inglaterra contava na época com apenas duas universidades, Oxford e Cambridge, e nenhuma facilitava, encorajava ou apoiava a pesquisa científica em qualquer disciplina (fora das ciências naturais e ciências da vida). Na realidade, elas se opunham ao acréscimo de novos campos de estudo ao currículo. Em 1877, Cambridge vetou um pedido de ensino de psicologia experimental (...) A psicologia experimental só seria

²⁹⁸ Saulo de Freitas Araujo, “Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata”, p. 97.

²⁹⁹ Arthur L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic Science”, p. 23.

³⁰⁰ T. H. Leahey, *A history, of modern psychology*, p. 39.

ensinada em Cambridge vinte anos depois, e só foi oferecida em Oxford em 1936³⁰¹.

De acordo com Danziger, Wundt estabeleceu a primeira comunidade de psicólogos experimentais simplesmente adotando o link da universidade alemã entre o ensino e a pesquisa³⁰².

Eles se viam como trabalhando no mesmo campo, dividiam certos interesses teóricos e seus vários projetos experimentais frequentemente tinham sua sustentação uns nos outros (...) os quais, para muitos deles, formariam a base das suas dissertações de doutorado e suas primeiras publicações científicas³⁰³.

Ao chegar a Leipzig em 1890, Edward Titchener se deparou com um projeto de pesquisa que se estendia como resposta às críticas kantianas, mas que também mostrava íntimas influências do próprio pensamento kantiano no escopo ontológico que define a compreensão da substância da mente no pensamento intelectual alemão. Dessa forma, de um lado, a psicologia seria experimental, fisiológica, laboratorial, matematizada e quantificada; de outro, a psicologia teria um decisivo corpo social que, para Wundt, não poderia ser experimental³⁰⁴. Leahey lembra que Wundt nunca procurou um status autônomo para a psicologia fora da filosofia. “Wundt considerou a psicologia fisiológica como uma continuação da psicologia filosófica tradicional com novos meios e conceitos vindos da fisiologia”³⁰⁵. E, nas palavras do autor Saulo de Freitas Araújo, em seu artigo “Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata”, “Wundt é, antes de tudo, um filósofo que formulou um sistema de filosofia, incluindo uma lógica, uma teoria do conhecimento, uma ética e uma metafísica”³⁰⁶.

Vale lembrar, como mostra Araújo, que o laboratório de Leipzig, fundado em 1833, apenas impulsionou a institucionalização formal da psicologia, cuja disciplina passou a ser incluída no orçamento universitário, mas não se deve confundir com a separação

³⁰¹ D. Shultz & S. Schultz, *História da psicologia moderna*, p. 60.

³⁰² Kurt Danziger, *Constructing the subject: historical origins of psychological research*, p. 18.

³⁰³ *Ibid.*, p. 29. Ver também Ernest R. Hilgard, especialmente o tópico “Wundt’s Leipzig Laboratory”. *Psychology in America: a historical survey*, p. 30.

³⁰⁴ ³⁰⁴ Kurt Danziger, *Constructing the subject: historical origins of psychological research*, p. 37.

³⁰⁵ T. H. Leahey, *A history, of modern psychology*, pp. 40-41. Ver também: K. Danziger, *Constructing the subject: historical origins of psychological research*, pp. 38-39.

³⁰⁶ Saulo de Freitas Araújo, “Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata”, p. 94. Contudo, neste mesmo artigo, o autor se contradiz ao dizer: “Wundt pretendia fundar um novo campo de investigação científica, sem a influência deletéria das especulações metafísicas”. Ver página 101.

institucional da filosofia, “uma vez que até a metade do séc. XX, a psicologia continuou subordinada à Faculdade de Filosofia nas universidades alemãs”³⁰⁷.

Entretanto, a formação de Titchener veio da Universidade de Oxford e do empirismo britânico, um campo já criticado por Kant e que se mostrava como totalmente diferente do qual Wundt trabalhava. Vejamos o que Blumenthal diz da chegada de Titchener em Leipzig.

A educação básica de Titchener veio da Universidade de Oxford e do empirismo inglês, particularmente como representado no trabalho de J. S. Mill. Durante 1890 a 1892, contudo, Titchener estava em Leipzig, buscando um grau de doutorado em psicologia, nenhum doutorado em psicologia era oferecido na Inglaterra. Enquanto em Leipzig, Titchener descobriu o movimento positivista emanando da Áustria por meio dos escritos de Ernst Mach e Richard Avenarius. Seu interesse no positivismo, junto com sua educação britânica clássica, colocou Titchener em posição estranha com Wundt desde o começo³⁰⁸.

E aqui chegamos num importante ponto entre Wilhelm Wundt e Edward Titchener – uma linha epistemológica que define uma corrente metodológica de pesquisa, marcada por claros contrastes conceituais³⁰⁹. O autor Arthur L. Blumenthal, em seu artigo “Wilhelm Wundt: Psychology as the Propaedeutic Science”, reconhece que Titchener tem sido inadvertida e erroneamente sendo tomado como a “imagem refletida” de Wundt na América. Ao acusar Danziger de tratar o trabalho de Titchener como um exercício que “ignorou partes chaves” do trabalho de Wundt, Blumenthal problematiza o mesmo erro histórico que estamos apontando neste trabalho³¹⁰. Saulo de Freitas Araújo também comenta o equívoco de tratar, lado a lado, o trabalho de Titchener e o de Wundt. Contudo, o autor salienta a diferença entre ambos pela perspectiva de Wundt, ao mostrar

³⁰⁷ *Ibid*, p. 101.

³⁰⁸ A. L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”, p. 20.

³⁰⁹ Observaremos que dois importantes conceitos que aparecem em Wundt, como “sentimento tridimensional” e “princípio da apercepção” serão contrapostos por Titchener. Essa contraposição marca diferenças que, não apenas definem uma metodologia de trabalho, mas que mostra uma tradição filosófica de pensamento que acompanha tais concepções. Do lado de Wundt, isso retoma a idéia de voluntarismo, no qual a mente seria capaz de sintetizar espontaneamente elementos da experiência, o que contrariava Titchener, quem concordava com a noção mecânica da associação oferecida pelo empirismo e pelo associacionismo inglês. “A teoria psicológica de Wundt consiste no voluntarismo, e não no elementarismo associacionista da consciência, como foi interpretado por Titchener (1925) e Boring (1929); e, na verdade, também praticado por Titchener nos Estados Unidos e pela Escola de Würzburg, na Alemanha”. José Antônio Damásio Abib, “Revoluções Psicológicas”, p. 116. Ver também: A. L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”, pp. 20, 21, 28, 30, 31; e K. Danziger, *Constructing the subject: historical origins of psychological research*, pp. 43-44; & T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, p.40. Ao longo deste capítulo esses conceitos e suas diferenças ficarão mais claros.

³¹⁰ Arthur L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: Psychology as the Propaedeutic Science”, p. 20.

que esse erro “representa uma total falta de compreensão da psicologia wundtiana”³¹¹. Mas, por que também não poderia corresponder a uma total falta de compreensão da psicologia titcheneriana? Contudo, o autor reconhece que há uma diferença deliberada entre Titchener e Wundt. “Embora tenha sido aluno e colaborador de Wundt no laboratório de Leipzig, ele construiu sua própria concepção de psicologia, que em muitos aspectos se distanciou do pensamento wundtiano”³¹².

A institucionalização da psicologia no contexto alemão apresenta uma concepção epistemológica que fundamenta uma tradição filosófica do pensamento, e que difere da tradição britânica. Vamos compreender como a psicologia experimental wundtiana surge dentro desse contexto, procurando estabelecer algumas fronteiras conceituais entre a psicologia experimental alemã e Edward Titchener.

a) A Teoria do Conhecimento na Psicologia Experimental Alemã

De acordo com Danziger, a forma da psicologia experimental de Wilhelm Wundt tinha crescido na fisiologia³¹³. Entretanto, Wundt muda o objeto de investigação em relação à fisiologia experimental³¹⁴. Ele redireciona a atenção para um objeto interno, a consciência individual.

A retomada do objeto é uma marca importante da metodologia wundtiana, uma vez que a forma como Wundt estuda a experiência interior está inserida na tradição alemã que rejeitava o estudo isolado da mente individual, questionando e se opondo às premissas do empirismo britânico³¹⁵. De acordo com Danziger, o empirismo britânico acreditava que a introspecção seria a base da filosofia e da psicologia, diferente da posição kantiana e do consequente modelo de introspecção experimental alemão.

O segundo grupo fez uma clara distinção entre filosofia e psicologia, enquanto os empiristas tenderam a atenuar a distinção entre questões filosóficas e

³¹¹ Saulo de Freitas Araújo, “Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata”, p. 102.

³¹² *Ibid*, p. 102.

³¹³ K. Danziger, *Constructing the subject: historical origins of psychological research*, p. 17.

³¹⁴ Apesar de ter mudado o objeto em relação à fisiologia experimental, manteve o método: “De fato, no primeiro exemplar de psicologia construído sob uma base experimental, o termo “psicologia fisiológica” funcionava como um sinônimo para psicologia experimental. Wilhelm Wundt adotou o método experimental da fisiologia”. Vide: K. Danziger, *Constructing the subject: historical origins of psychological research*, p. 24. Veja também: A. L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”, p. 23.

³¹⁵ K. Danziger, *Constructing the subject: historical origins of psychological research*, p. 37; & B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 236.

psicológicas. Onde o indivíduo consciente era considerado como o ponto central em torno do qual o mundo externo tinha que ser organizado, a introspecção era mantida em alta consideração como método; onde a ordem do mundo tinha uma precedência acima do indivíduo, a examinação da consciência individual era considerada com suspeita ou condescendência. Como a ordem do mundo sempre incluía a ordem social como um importante componente, concepções do papel da introspecção não estavam desconectadas da filosofia política. Durante a maior parte do séc. XIX, uma atitude positiva à introspecção acompanhou uma filosofia do individualismo liberal, enquanto atitudes negativas foram encontradas entre aqueles que reforçaram a prioridade de interesses coletivos ou necessidades institucionais³¹⁶.

Ao posicionar a psicologia como uma disciplina entre a *Naturwissenschaften* e *Geistwissenschaften*, Wundt automaticamente elevou o método histórico de análise “em paridade ao método experimental”³¹⁷. Wundt introduziu a pesquisa social não laboratorial para entender processos mentais de ordem mais complexa, como a criatividade, linguagem, memória, os mitos e costumes sociais, os quais se estruturam e ganham sentido na história social³¹⁸; seriam produtos mentais surgidos ao longo da história³¹⁹.

Após 1855, depois de Wundt receber sua graduação em medicina pela Universidade de Heidelberg, ele foi a Berlim para estudar com Johannes Müller, “quem tanto influenciou Wundt que ele tivesse seguido a carreira na fisiologia experimental em vez da medicina”³²⁰. Depois de um ano estudando com Müller, Wundt retorna a Universidade de Heildelberg, tornando-se, em 1858, assistente do laboratório de Helmholtz³²¹, e de quem recebeu o seu doutorado em 1855³²².

Vale lembrar que Wilhelm Wundt entrou em contato com os dois autores que mantiveram a discussão *vitalismo-antivitalismo*, a existência, ou não, de uma corrente vital espontânea dentro do organismo que pudesse ocorrer independentemente de algum estímulo externo. Enquanto Wundt estava trabalhando com Helmholtz, ele deu seu

³¹⁶ *Ibid*, p. 23.

³¹⁷ T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, p. 43.

³¹⁸ A perspectiva história de construção do conhecimento quebra a questão do “fato como verdade”, na medida em que flexibiliza o conceito de “verdade” de acordo com o que faz “sentido”. Talvez seja por isso que Wundt, apesar de trabalhar com uma metodologia experimental das ciências naturais, mantém-se epistemologicamente mais ao lado de uma psicologia filosófica. Vide: A. L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”, p. 23.

³¹⁹ Saulo de Freitas Araujo, “Wilhelm Wundt e o estudo da experiencia imediata”, p. 97.

³²⁰ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 237.

³²¹ *Ibid*, p. 237.

³²² D. Shultz & S. Schultz, *História da psicologia moderna*, p. 78.

primeiro curso no laboratório de fisiologia na Universidade de Heidelberg e escreveu seu primeiro livro em 1862, *Beiträge zur Theorie der Sinneswahrnehmung (Contributions Toward a Theory of Sense Perception)*. “Nesse livro, Wundt formou o plano para a psicologia que ele seguiria o resto da sua vida”³²³. Entretanto, um ano mais tarde, em 1863, Wundt publicou *Vorlesungen über die Menschen und Thierseele (Lectures on Human and Animal Psychology)*. Essas obras marcam o duplo interesse que guiará sua linha de pesquisa.

Para Wundt, a psicologia experimental poderia ser usada para entender a “consciência imediata”, mas ele não concordava com a possibilidade de uma psicologia social experimental. Segundo Saulo de Freitas Araújo, no artigo “Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata”, Wundt propõe duas possibilidades de observação para o estudo da psicologia: a observação naturalista e a observação histórica, as quais “complementariam a psicologia individual ou experimental na busca de uma compreensão geral dos princípios fundamentais da vida psíquica”³²⁴. De acordo com B. R. Hergenhahn, na obra *An introduction to the history of psychology (1992)*:

Ambas estão claramente apresentadas no livro *Lectures*, no qual a primeira parte inclui a história da psicologia, uma revisão da pesquisa sobre a sensação, a percepção do espaço e do tempo e a pesquisa relacionada à equação pessoal. A segunda parte inclui discussões de sentimentos estéticos e religiosos, julgamentos morais, o desenvolvimento das sociedades, religião comparada, linguagem e a vontade. De fato, a maioria dos tópicos que mais tarde apareceram na *Völkerpsychologie (1900-1920)*, o monumental trabalho de dez volumes que Wundt realizou por vinte anos da sua vida, primeiro apareceram em *Lectures* em 1863³²⁵.

Em 1879, Wundt funda o laboratório de psicologia experimental na Universidade de Leipzig, onde supervisionou a pesquisa de muitos estudantes em psicologia experimental. O grupo de Leipzig era definido, então, por uma linha de pesquisa que redefiniu o objeto, mantendo a tradição metodológica da fisiologia experimental. Nas palavras de K. Danziger, no livro *Constructing the subject: historical origins of psychological research (1990)*:

Atividades como *signaling* ou *associating* foram logo substituídas por rótulos que referem, de um modo mais geral, a função do “participante” na investigação psicológica. Os termos favorecidos que, agora, emergem são: *observer* e – *reactor* (reagente), a pessoa sob a experiência (*Versuchsperson*),

³²³ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 238.

³²⁴ Saulo de Freitas Araújo, “Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata”, p. 98.

³²⁵ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 238.

de um lado, e *experimenter*, de outro (...) Antes do final do séc. XIX, a maioria dos investigadores estabeleceu o uso consistente de um dos dois termos para se referir à fonte dos dados humanos nos experimentos psicológicos, os termos sendo *subject* (*Versuchsperson*) e *observer* (*Beobachter*)³²⁶.

Essa definição conceitual está presente no trabalho de Wundt e, por alguns anos, as questões com que a psicologia experimental se preocupou foram determinadas pelo trabalho feito em Leipzig³²⁷. Conforme mostra Duane Schultz e Sydney Shultz:

A primeira série de estudos (do laboratório de Leipzig) envolveu os aspectos psicológicos e fisiológicos da visão e da audição, e, até certo ponto, dos chamados sentidos inferiores. Problemas típicos investigados na área da sensação e da percepção visual incluíam a psicofísica da cor, o contraste de cores, a visão periférica, as pós-imagens negativas, o contraste visual, o daltonismo, a dimensão visual e as ilusões de óptica. Usaram-se métodos psicofísicos para pesquisar as sensações auditivas. Estudaram-se também as sensações táteis, bem como o sentido de tempo (a percepção ou estimativa de intervalos de tempo de extensões variáveis)³²⁸.

Um tópico que foi abordado no laboratório, e que merece consideração, foi o tempo de reação. O tempo de reação já tinha sido estudado no laboratório de fisiologia na Universidade de Heidelberg por Helmholtz, pelo fisiologista holandês Franciscus Cornelis Donders (1818-1889), na Universidade de Utrecht, que adotou o tempo de reação nas operações mentais, e pelos psicofísicos. Wundt seguiu essa corrente que acreditava poder demonstrar experimentalmente a resposta de um sujeito a um determinado estímulo. Por meio dos estudos sobre o tempo de reação nas operações mentais, surgiu o interesse em duas conseqüentes variáveis que emergiram desse estudo, a atenção e os sentimentos. Para Wundt, a atenção é a mais vívida percepção de apenas uma pequena parcela do conteúdo total da consciência, é o foco da atenção, aquilo para a qual a consciência se dirige, enquanto que o sentimento brota do esforço voluntário de dirigir a atenção³²⁹.

De acordo com Duane Schultz e Sydney Schultz, outra área de pesquisa do laboratório de Leipzig foi a análise de associações verbais, por meio da qual o sujeito

³²⁶ K. Danziger, *Constructing the subject: historical origins of psychological research*, pp. 32-33.

³²⁷ “Wundt acreditava que a psicologia deveria dedicar-se de início a problemas de pesquisa já investigados e reduzidos a alguma espécie de forma empírica e quantitativa. De modo geral, ele não se ocupou de novas áreas de pesquisa. Mais de cem estudos foram feitos nos primeiros vinte anos de existência do laboratório”. D. Schultz & S. Schultz, *História da psicologia moderna*, p 85.

³²⁸ *Ibid*, p. 85.

³²⁹ T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, p. 45.

respondia com uma única palavra o que a apresentação do estímulo lhe despertava ³³⁰. Wundt propõe três estágios na resposta da pessoa a um estímulo: percepção, apercepção e vontade. O alcance da psicologia experimental é delimitado no âmbito do objeto consciência imediata. Pela introspecção, Wundt acreditava que era possível conhecer os elementos básicos da consciência, determinando, assim, as leis de conexão que governam sua organização fundamental³³¹.

No sistema de Wundt, mente e corpo são sistemas paralelos, mas ocorrem independentemente um do outro. Por isso, como a mente não depende do corpo, é possível estudá-la diretamente. Para chegar a uma definição da natureza da consciência, Wundt estabeleceu seus elementos, aquilo do que ela é composta. Para ele, a consciência é composta de dois elementos: sensações e sentimentos. As sensações surgem quando um órgão sensorial é estimulado e os estímulos podem ser percebidos e interpretados. A. L. Blumenthal, no artigo “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science” (1985), diz que Wundt supôs a existência de uma correspondência direta entre a excitação sensorial e o registro cortical correspondente³³². Os sentimentos, contudo, seriam os complementos subjetivos das sensações e, por isso, não surgem diretamente dos órgãos dos sentidos. Segundo Hergenhahn, os sentimentos aparecem no sistema wundtiano como um novo atributo, ou qualidade, e como resultado natural das combinações de diferentes sensações. Em suma, na proposta de Wundt, todas as sensações são acompanhadas de sentimentos, ou complementos subjetivos³³³. Como mostra Saulo de Freitas Araújo:

Como o conteúdo de nossa experiência imediata varia entre dois pólos, um objetivo e outro subjetivo, os elementos podem ser, seguindo essa divisão, de dois tipos: as sensações ligadas ao conteúdo objetivo (som, luz) e os sentimentos simples relacionados ao conteúdo subjetivo (prazer/desprazer) ³³⁴.

³³⁰ D. Shultz & S. Schultz, *História da psicologia moderna*, p. 85.

³³¹ Contudo, “o uso da introspecção por Wundt tem pouca semelhança com o modo como essa técnica era usada por Santo Agostinho para explorar a mente e encontrar a essência de Deus, ou por Descartes, para encontrar certas verdades. O uso da introspecção de Wundt também foi diferente do modo como os empiristas usavam a introspecção para estudar idéias e associação. Wundt usou a introspecção mais ou menos como os fisiologistas, como Helmholtz, e os psicofísicos, como uma técnica para determinar se uma pessoa está experienciando uma sensação específica ou não. De fato, Wundt continuou muito dos trabalhos sobre audição e visão dos fisiologistas e muito dos trabalhos sobre o limiar absoluto diferencial, que os psicofísicos tinham feito. Em ambos os casos, ele usou a introspecção de um modo limitado e descrito. Wundt tinha pouca paciência com seus colegas que usaram a introspecção de um modo mais filosófico e de um modo menos objetivo”. Vide: B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 239-240.

³³² A. L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”, p. 25.

³³³ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 240.

³³⁴ Saulo de Freitas Araújo, “Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata”, p. 98.

Foi pensando dessa forma que Wundt desenvolveu a “teoria tridimensional do sentimento”. Como um processo resultante da sensação, os sentimentos aparecem como parte subjetiva da idéia geral de prazer ou desprazer. Ele sugeriu, então, que essa concepção de prazer e desprazer oscila dentro de três dimensões: “agradável” e “desagradável”, “tensão” e “alívio”, “excitação” e “calma”. Essas três dimensões apareciam junto com as sensações, levando Wundt a fundamentar a tese de que todo sentimento poderia ser localizado em algum ponto desse espaço tridimensional ³³⁵.

Apesar da ênfase wundtiana nos elementos da experiência consciente, Wundt reconheceu a unidade da percepção; os componentes elementares da experiência se constituem em uma percepção unificada. Para explicar isso, Wundt recorreu à “doutrina da apercepção” ³³⁶, por meio da qual a organização dos elementos constitutivos da experiência aconteceria por meio do processo chamado “síntese criativa”, no qual os elementos, quando combinados, criariam uma nova qualidade. Assim, a apercepção seria um processo ativo; a mente não receberia de modo passivo a ação dos elementos da experiência, em vez disso, agiria sobre eles por meio da síntese criativa para construir alguma coisa nova – um elemento que uniria as sensações dando um contexto para elas.

Wundt não corroborava com a doutrina associacionista-empirista britânica ³³⁷, dentro da qual a mente era vista de forma passiva diante da experiência, e recebia um tratamento simplesmente associativo e mais mecânico ³³⁸. Hergenhahn apresenta a discussão do que é

³³⁵ A. L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”, p.37.

³³⁶ De acordo com Hergenhahn, Wundt adotou o termo *apercepção* de Johann F. Herbart (1776-1841), um dos expoentes da psicologia racional alemã na metade do séc. XIX. B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 240. Ver também: A. L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”, p. 26; E. R. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p. 43; & T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, p. 30.

³³⁷ “O curso histórico do associacionismo se divide depois de John Stuart Mill. Uma linha continua através de Spencer e James e vai até Dewey, a psicologia funcional norte-americana e a psicologia da Gestalt, embora estes dois últimos movimentos continuem e reforcem o protesto de James contra o associacionismo. A outra linha passa por Wundt e vai a Külpe (no início da sua carreira, 1893) e Titchener, depois de quem desapareceu como uma questão sistemática. A linha de Locke, que passa por Hume, James Mill e J. S. Mill, e chega a Wundt, é clara. Wundt era o elementarista *par excellence*. Para ele, a psicologia estuda os elementos mentais (sensações, imagens, sentimentos) e suas combinações em *Vorstellungen* (percepções, idéias). Os trechos discutem os princípios associativos de combinação. Wundt preferia limitar o termo associação a associação sucessiva, tal como a que ocorre em aprendizagem, memória e reprodução”. E. Boring & R. J. Herrnstein, *Textos Básicos de História da Psicologia*, p. 491.

³³⁸ Apesar de Wundt enfatizar a atividade da mente, sintetizando o poder da apercepção, ele também reconheceu a existência dos processos passivos, os quais ele classificou como várias formas de associação ou apercepção passiva (...) Reconhecer é uma forma de assimilação em dois passos, um sentimento vago de familiaridade seguido por um ato adequado de reconhecimento. Recordar, de outro lado, foi para Wundt,

“passivo” e “ativo” no sistema de Wundt, dizendo que a percepção aparece mais como passiva, uma vez que é, realmente, composta por associações automáticas, enquanto que a apercepção é mais ativa e voluntária³³⁹.

Acima, falamos que Wundt propõe três estágios na resposta da pessoa a um estímulo – percepção, apercepção e vontade. A vontade, para Wundt, significa o esforço voluntário em dirigir a atenção³⁴⁰. É por isso que a psicologia wundtiana é também conhecida como *voluntarismo*³⁴¹. É particularmente interessante notar que apesar de Wundt estar procurando os elementos constituintes da consciência imediata, ele tinha um interesse especial na força motivadora que levava à percepção, mais do que nos elementos da percepção³⁴².

A psicologia experimental wundtiana, então, é uma “psicologia do sentido externo” de base fisiológica; mas também uma “psicologia do sentido interno”, uma ciência subjetiva, de sentido histórico, uma vez que os processos mentais mais complexos foram estudados pela *Völkerpsychologie*³⁴³. Contudo, segundo Saulo de Freitas Araújo, Wundt

como para outros psicólogos contemporâneos, um ato de reconstrução em vez da reativação dos antigos elementos. Uma pessoa não pode re-experienciar um evento recente por idéias que não são permanentes. Em vez disso, pôde reconstruir a experiência a partir de pistas presentes e certas regras gerais. Ver: T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, p. 45-46.

³³⁹ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 240.

³⁴⁰ Titchener enfatiza a apercepção e a ação voluntária da seguinte maneira: “falamos de apercepção quando consideramos o curso interno das idéias, e falamos da ação voluntária quando consideramos a questão da emoção no movimento externo. Ambas as formas dos processos de atenção estão sujeitas à condições, e ambas estão estritamente correlacionadas com os processos fisiológicos no córtex cerebral; elas, portanto, caem dentro dos limites de uma psicologia científica”. E. Titchener, “Brentano e Wundt: empirical and experimental psychology”, nota 35.

³⁴¹ Arthur L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”, p. 25.

³⁴² “Reflexos inatos, funções autônomas do sistema nervoso, e outros processos autônomos que observamos em organismos altamente evoluídos são para serem concebidos como tendo sido as primeiras atividades voluntárias primitivas na história evolutiva do organismo. Apenas através de um longo processo de evolução ou automatização essas ações se tornam inatas e reflexas (...) Wundt não sugeriu, lógico, que a vida primitiva começa com a consciência voluntária na mesma forma como a consciência humana presente e a vontade. Em vez, a consciência primitiva foi para ele (...) um impulso afetivo primário. Evolução mental, portanto, começa com um estado global e indiferenciado, um estado primitivo e volitivo, que, no curso da evolução ou do desenvolvimento do indivíduo, subdivide-se em formas mais específicas e automatizadas”. A. L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”, p. 37.

³⁴³ De acordo com G. Canguilhem, a partir do séc. XVIII a psicologia passa a significar a ciência do Eu, tendência que se constitui no pensamento francês por meio de Maine de Biran (ver nota 344). Segundo Canguilhem, a psicologia surge como ciência do sentido externo, estudada pelas ciências das sensações e psicofísica; como ciência do sentido interno, tendo como objeto a consciência como pensamento; e como ciência do sentido íntimo, tendo como objeto a consciência como vontade. Vide: G. Canguilhem, “Qu’est-ce que la psychologie?” pp. 365-381 in José Antônio Damásio Abib, “Revoluções Psicológicas”, pp. 110-113.

estudou a psicologia dos povos “apenas indiretamente, baseando-se acima de tudo nos relatos e estudos etnológicos”³⁴⁴.

Vamos recapitular que, no sistema de Wundt, a combinação de sensações gerava uma qualidade de sentimento que só poderia ser entendida dentro da categoria do “sentido interno” da experiência. Isso levou Wundt a acreditar que este sentido interno estava intimamente ligado ao aspecto volitivo – a própria volição emergia como sinalização de um esforço e do sentido subjetivo da experiência para o “introspeccionista”³⁴⁵. O sentido íntimo de uma experiência, portanto, como aparece na *Volkerpsychologie* de Wundt, tem suas raízes nos produtos culturais, como os costumes sociais, os mitos, a história, a linguagem, a moral, a religião, as artes e as leis. Assim, aqueles dois termos, os quais fala Danziger, e que emergiram no final do séc. XIX entre os investigadores da psicologia experimental de Leipzig, “*subject*” (*Versuchsperson*) e “*observer*” (*Beobachter*)³⁴⁶, refletem a separação entre “sujeito subjetivo da experiência” e “sujeito objetivo da experiência”. No primeiro, o sujeito é invadido por uma fonte contextual interna que dá sentido às suas sensações, vindo daí o sentimento peculiar e particular da experiência pessoal. No segundo caso, o termo “*observer*” indica um genuíno esforço em se concentrar na experiência, procurando relatar as reais impressões e sensações que o estímulo causava³⁴⁷. “É importante termos sempre em mente que essa subdivisão da

³⁴⁴ Saulo de Freitas Araújo, “Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata”, p. 98.

³⁴⁵ É válido lembrar que a vontade como objeto de estudo tem uma importante representação em Arthur Schopenhauer (1788-1860), trazida em sua obra “O mundo como vontade”, publicada em 1818. Uma das questões que nos interessa aqui é perceber que a tese de Schopenhauer, de que o mundo só é dado à percepção como representação, mantendo a concepção de Kant de que o mundo é puro fenômeno ou representação, mostra que o centro e a essência do mundo não estão no mundo, mas naquilo que condiciona a percepção do mundo, que Schopenhauer denomina como o princípio fundamental da natureza – a vontade. A concepção de vontade, tal como discutida em Schopenhauer, também aparece no pensamento francês do séc. XVIII e XIX, com François-Pierre Maine de Biran (1766-1824). Para Maine de Biran, a consciência existe como vontade, como sentimento de esforço que sofre a resistência de objetos externos, e é nessa resistência que ocorre a experiência da consciência do Eu. De acordo com José Antônio Damásio Abib, no artigo “Revoluções Psicológicas”, “o sentimento de esforço é esforço ativo, é ação volitiva, e é o fundamento irreduzível da consciência. Assim, a observação e o conhecimento direto da consciência fundam-se na investigação fisiológica da ação voluntária, a consciência torna-se encarnada, já que passa a depender de uma organização viva, de um corpo vivo”. J. A. D. Abib, “Revoluções Psicológicas”, p. 111. Ver também: T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, p. 28.

³⁴⁶ K. Danziger, *Constructing the subject: historical origins of psychological research*, pp. 32-33.

³⁴⁷ É interessante também observarmos como essa questão entre “sujeito subjetivo” e “sujeito objetivo” aparece para Boring e Herrnstein. A concepção desses autores corrobora com a distinção que estamos propondo. Vejamos: “As expressões “experiência externa” e “experiência interna” não indicam objetos diferentes, mas *diferentes pontos de vista* a partir dos quais consideramos o tratamento científico de uma experiência unitária. Naturalmente, chegamos a esses pontos de vista porque cada experiência concreta

psicologia é uma necessidade apenas metodológica, que em princípio não compromete a unidade do seu objeto de estudo (os processos psíquicos revelados na experiência)”³⁴⁸.

O método experimental identificava, para Wundt, os elementos primários da consciência, mas o conjunto total da consciência, a consciência como percepção unificada do objeto, se substancializava dentro do contexto cultural. Por isso, a *Volkerpsychologie* tornou-se um projeto separado, não aplicado à psicologia experimental e não definido pelos métodos das ciências naturais, mas uma psicologia social e histórica, entendida no âmbito da cultura³⁴⁹. A *Volkerpsychologie*, portanto, ofereceria pistas para as operações mais “complexas” da mente – seria um campo de pesquisa não laboratorial.

Vale destacar uma contradição presente na obra de Danziger, cujo problema de interpretação mostra uma importante questão que torna essa análise ainda mais delicada. Dissemos anteriormente que, segundo Danziger, Wundt havia realizado uma mudança fundamental no objeto de estudo, tomando para análise a consciência imediata e mantendo o corpo metodológico da fisiologia experimental³⁵⁰. Contudo, mais adiante, Danziger diz justamente o contrário, que Wundt alterou as técnicas fisiológicas que tinha herdado, e não propôs nenhuma mudança fundamental no objeto de investigação, o qual

imediatamente se divide em *dois fatores* – um *conteúdo* que nos é apresentado, e nossa *apreensão* desse conteúdo. O primeiro desses fatores é denominado *objeto da experiência*, enquanto que o segundo é o *sujeito que tem experiências*. Essa divisão indica dois modos de tratamento da experiência. Um é o modo das *ciências naturais*, que se interessam pelos *objetos* da experiência, que por sua vez são vistos como independentes do sujeito. O outro é o modo da *psicologia*, que investiga o conteúdo global da experiência em suas relações com o sujeito e também com relação aos atributos que esse conteúdo deriva diretamente do sujeito. O ponto de vista da ciência natural pode, por isso, ser considerado como o que permite *experiência mediata*, pois só se torna possível depois da abstração do fator subjetivo que está presente em toda experiência real. O ponto de vista da psicologia, ao contrário, pode ser considerado como o da *experiência imediata*, pois intencionalmente afasta essa abstração e todas as suas consequências”. Vide, E. Boring & R. J. Herrnstein, *Textos Básicos de História da Psicologia*, pp. 736-737.

³⁴⁸ Saulo de Freitas Araújo, “Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata”, p. 98.

³⁴⁹ Como lembra Blumenthal: “Algumas vezes se assume que Wundt procurou outros interesses em torno da virada do século e, portanto, devotou-se à psicologia cultural. De fato, esse não foi o caso. O manual de estudante de Wundt *Grundriss der Psychologie (Outlines of Psychology)* estava preocupado praticamente com os processos mentais imediatos. Ele apareceu pela primeira vez em 1896 e depois através de quatorze edições até 1921. Duas de seis edições do *Grundzüge*, experimentalmente orientado, vieram depois da virada do século e, no tempo da sua morte, em 1920, ele tinha completado o primeiro volume de setenta edições daquele trabalho. Embora muitos volumes da *Volkerpsychologie* (o principal trabalho de Wundt sobre psicologia cultural) apareceram apenas em 1900, seu trabalho nessa área tinha sido prolífico em décadas anteriores (...) É claro que a psicologia experimental, filosófica e cultural tomaram, igualmente, sua atenção ao longo da sua carreira”. A. L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutical science”, pp. 40-41.

³⁵⁰ Ver página 95, nota 314.

ele tinha herdado de certas tendências na filosofia³⁵¹. “Mas, ele não fez mudanças significativas porque está abundantemente claro que ele não tinha desejos de fazer tais mudanças”³⁵².

Para Danziger, Wundt não teria tido interesse em dois objetivos que se tornaram cruciais para seus sucessores e que conduziram à transformação da psicologia moderna: ele não teve interesse nas aplicações práticas da psicologia e não teve interesse em converter a psicologia em uma disciplina independente, sem estar amarrada à filosofia³⁵³.

Wundt pertenceu a uma geração de acadêmicos germânicos, para quem a recusa com o compromisso social e prático com o lado de fora da universidade era efetivamente uma condição da liberdade acadêmica (...) Ele viu seu trabalho na psicologia como, essencialmente, outra contribuição à filosofia (...) O que Wundt procurou atingir foi um rejuvenescimento da investigação filosófica a partir de novos meios, e não a constituição de uma disciplina completamente nova. Para isso, o objeto tradicional da investigação psicológica tinha que ser preservado, mesmo quando os meios para continuar aquela investigação tinham que ser radicalmente mudados³⁵⁴.

Dessa forma, enquanto o objeto de estudo foi herdado da filosofia, a metodologia de pesquisa veio da fisiologia experimental. Assim, é esperado que adaptações possam ter sido feitas, de modo a convergir técnicas experimentais em uma disciplina, no caso a psicologia, que ainda mantinha um corpo filosófico de análise. Não apenas o sistema wundtiano, mas a psicologia alemã em geral, apesar de tentar separar a psicologia da filosofia, um exercício que a diferencia da escola empirista inglesa, na prática, essa diferença não se mostrava de forma tão clara.

No sistema wundtiano, a experiência total da consciência tem uma causalidade psíquica, e não física, e isso mantém seu campo explanatório como uma perspectiva mentalista, embora a metodologia fosse fisicamente manipulada por procedimentos e medidas objetivas. Essa dualidade, intimamente presente na psicologia experimental de Wilhelm Wundt, o mantém entre as raízes da fisiologia experimental e da filosofia alemã³⁵⁵. Como diz Hergenhahn:

Wundt acreditou que as causalidades físicas e psicológicas eram oposições polares porque eventos físicos poderiam ser predicados sobre a base das condições antecedentes, mas os eventos psicológicos não poderiam. É a

³⁵¹ K. Danziger, *Constructing the subject: historical origins of psychological research*, pp. 38-39.

³⁵² *Ibid*, p. 39.

³⁵³ *Ibid*, pp. 38-39.

³⁵⁴ *Ibid*, p. 39.

³⁵⁵ *Ibid*, p. 38.

vontade que torna a causa psicológica qualitativamente diferente da causa física³⁵⁶.

Foi essa abordagem teórica e metodológica que Edward Titchener encontrou ao chegar ao laboratório de Leipzig. Contudo, outras perspectivas surgiram, questionando o corpo teórico e metodológico wundtiano. Como lembra Blumenthal e Boring, muitos dos estudantes de Wundt eram americanos e foram a Leipzig para estabelecerem os seus próprios laboratórios³⁵⁷. Entre eles, James McKeen Cattell (1860-1944) foi o primeiro assistente de Wundt, e um dos representantes da psicologia wundtiana nos Estados Unidos, na Universidade de Columbia, onde fundou um laboratório de psicologia experimental. Entre seus estudantes alemães, um importante nome foi Oswald Külpe. Külpe era professor especialista em história na Universidade de Leipzig quando participou das palestras de Wundt e passou a se interessar por psicologia. Sob a supervisão de Wundt, Külpe recebeu seu doutorado em 1887, e permaneceu como assistente de Wundt por oito anos. Külpe dedicou seu livro *Outlines of Psychology* a Wundt. Durante esse período como assistente de Wundt, Külpe encontrava-se com Titchener e, embora os dois muitas vezes discordassem, mantinham uma grande consideração um pelo outro. De fato, Titchener mais tarde, traduziu *Grundriss der Psychologie (Outline of Psychology)* de Külpe, (1896)³⁵⁸.

Em 1894, Külpe foi para a Universidade de Würzburg, onde por quinze anos fez seu trabalho mais influente na psicologia experimental alemã. Külpe discordou de Wundt de que todo pensamento tinha uma referência específica, variando entre sensação, imagem ou sentimento. Külpe descobriu que havia pensamentos sem imagens. Além disso,

³⁵⁶ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 243.

³⁵⁷ L. Blumenthal, "Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science", p. 43. "A América seguiu de perto a Alemanha na adoção da nova psicologia, e a psicologia americana também se inspirou em Wundt. Stanley Hall visitou Leipzig nos primeiros anos do laboratório de Wundt e fundou na América (seis anos depois que Wundt publicou *Philosophische Studien*) o *American Journal of Psychology*. A proporção dos estudantes americanos de Wundt era muito extensa. James McKeen Cattell foi seu primeiro assistente. A lista que se segue, organizada cronologicamente, está, eu penso, quase completa dos estudantes americanos de Wundt antes de 1900: G. S. Hall (Clark), J. Mck. Cattell (Columbia), H. K. Wolfe (Nebraska), E. A. Pace (Catholic University), E. W. Scripture (Yale), F. Angell (Stanford), E. B. Titchener (Cornell), L. Witmer (Pennsylvania), H. C. Warren (Princeton), H. Galé (Minnesota), G. T. W. Patrick (Iowa), G. M. Stratton (Califórnia), C. H. Judd (Chicago), G. A. Tawney (Beloit)". E. Boring, *A history of experimental psychology*", p. 347. É interessante observarmos, o que Robert Farr também aponta em seu livro (*Raízes da psicologia social moderna*, p. 53), que Boring, nessa passagem, está tratando Titchener como americano.

³⁵⁸ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p.254; & E. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p. 74.

também discordou da posição wundtiana de que atividades mentais complexas não poderiam ser estudadas experimentalmente. Külpe contestou os limites da psicologia wundtiana usando o que ele chamou de *systematic experimental introspection*³⁵⁹.

O problema do pensamento sem imagem, levantado por Külpe, atira a controvérsia sobre o “conteúdo da mente”. Para Külpe, o pensamento, como um estado consciente, poderia acontecer sem nenhuma referência, vazio, sem imagens, como o pensamento em forma de julgamento. Isso implica que, se o pensamento, como um estado consciente da mente, poderia não apresentar conteúdo, então, de que forma os conteúdos da consciência, os quais Wundt já tinha estabelecido, fundamentariam a natureza da consciência se ela poderia se manifestar sem eles? Essa questão será respondida por Franz Brentano³⁶⁰, que fazia parte de outra corrente da psicologia experimental alemã, que corria paralela à Wundt, e que vai desembocar futuramente na fenomenologia e na psicologia da gestalt na Universidade de Berlim. Como diz Edward Titchener, “a psicologia, vendo o quanto do seu trabalho e exemplo tem feito para assegurar seu lugar

³⁵⁹ “Essa técnica envolvia dar questões aos sujeitos para serem resolvidas e então pedir a eles para comunicar as operações mentais, as quais eles estavam engajados para resolver. Era pedido aos sujeitos que descrevessem os tipos de pensamento envolvidos em diferentes estágios da resolução do problema. Era pedido que comunicassem suas experiências mentais enquanto esperavam pelo problema a ser apresentado, durante a resolução e depois do problema ter sido solucionado. A técnica introspectiva mais elaborada de Külpe indicou que haviam de fato pensamentos sem imagens, como investigando, duvidando, confiando, hesitando (...) Incidentalmente, esses processos puros, sem imagem, como o julgamento, eram as mesmas coisas que Husserl estava procurando descrever com sua pura fenomenologia (...) A escola de Würzburg mostrou que os problemas tinham propriedades motivacionais (o aspecto motivacional da resolução do problema foi enfatizado mais tarde pelos psicólogos da Gestalt – Wertheimer, um dos fundadores da escola da psicologia da Gestalt, e escreveu sua dissertação de doutorado sob a supervisão de Külpe). Mostrou também que os processos mentais mais complexos poderiam ser estudados experimentalmente e que certo processo mental ocorria independentemente do conteúdo (eles eram sem imagens). Para Külpe, o associacionismo era inadequado para explicar as operações da mente e desafiou o limitado uso do método introspectivo do voluntarismo e do estruturalismo (de Titchener). Membros da escola de Würzburg fizeram importantes distinções entre *thoughts* e *thinking*, entre conteúdos mentais e atos mentais. Ao elaborar esta distinção, membros da escola moveram-se mais próximo de Brentano, e mais distante de Wundt e, especialmente, de Titchener. Membros de Würzburg e Brentano estavam ambos interessados em como a mente trabalhava em vez de quais elementos estáticos ela continha. As controvérsias causadas pela escola de Würzburg se chocaram com o voluntarismo e estruturalismo”. B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p.254-255.

³⁶⁰ “Franz Brentano começou sua carreira como um teológico católico (...) Cedo ou tarde, contudo, seu interesse intelectual tinha centrado na filosofia de Aristóteles. Ele veio a psicologia por meio de um intensivo estudo do *De Anima*, e tem feito o método aristotélico seu modelo de procedimento científico. Nós possuímos, infelizmente, apenas o primeiro volume da sua *Psychologie*. Parece que Brentano tem preferido a fala do que a palavra escrita, mas esse volume completa a expressão madura do seu pensamento”, E. Titchener, “Brentano e Wundt: empirical and experimental psychology”, p. 1.

entre as ciências, pode, com prazer, confessar seu débito a ambos (Wundt e Brentano)”³⁶¹.

Brentano concordou com Wundt sobre as limitações da psicologia experimental, mas discordou dele e de Titchener sobre a fundamental importância de se conhecer os conteúdos dos eventos mentais. Brentano redireciona o objeto da psicologia como *conteúdo* para o objeto como *processo*, caracterizando uma outra perspectiva na psicologia alemã. Para Brentano, a consciência se manifestaria, essencialmente, por ação e movimento.

Franz Brentano insistiu que o que é mais importante e característico da mente é que ela é ato. Ato mentais são dirigidos aos conteúdos. Brentano disse, porém, que mais importante do que os conteúdos é o ato (...), e aqui surge o conceito mais significativo de Brentano, intencionalidade, como o critério da mente. Em vez de defender o dualismo cartesiano das substâncias, Brentano argumentou que apenas estados mentais, seus atos, possuíam intencionalidade. Estados mentais são sempre dirigidos a alguma coisa ou representam alguma coisa. Assim, minha idéia sobre minha gata Freya é dirigida a ela e é sobre ela; Eu possuo uma representação mental dela. Brentano chamou de intencionalidade a direção do pensamento sobre o objeto (...) A intencionalidade separa mente do cérebro porque apenas estados mentais são intencionais ³⁶².

A questão da intencionalidade da consciência, como propõe Brentano, para Titchener, é uma forma de demonstrar o caráter de uma *objetividade imanente* da consciência, uma vez que ela seria ativa, dirigindo-se ao fenômeno físico sobre o qual age; “toda consciência é consciência de alguma coisa”, e é nesse “dirigir-se para alguma coisa” que ela aconteceria como processo, como ação, ou ato. Além disso, em alguns casos, o conteúdo do fenômeno psíquico poderia não ser físico, como era para Wundt em forma de sensações, sentimentos ou imagens, mas outro fenômeno psíquico, por exemplo, um ato poderia virar conteúdo de outro ato³⁶³. De acordo com Titchener, a

³⁶¹ E. Titchener, “Brentano e Wundt: empirical and experimental psychology”, p. 1.

³⁶² T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, pp. 58-59.

³⁶³ “Quando, contudo, voltamos a Brentano, a matéria assume uma diferente complexidade. O principal critério psíquico de Brentano, como contra distinguido do fenômeno físico, é da “inexistência intencional” ou “objetividade imanente”, a qual se refere aos conteúdos e a direção sobre algum objeto. Todo fenômeno físico contém em si algum objeto, não pensado por todo mundo da mesma forma. Na idealização alguma coisa é idealizada; no julgamento alguma coisa é admitida ou rejeitada; no amor e no ódio alguma coisa é amada ou odiada; no desejo alguma coisa é desejada. Isso, evidentemente, é a linguagem da função, não da estrutura. De fato, Brentano usa a frase *Psychisches Phänomen* e *Seelenthätigkeit* intercaladamente; sua fundamental ou principal classe de fenômenos físicos são as atividades mentais da ideação. O espírito da sua psicologia é fisiológica”. E. Titchener, “Brentano e Wundt: empirical and experimental psychology”, nota 19.

dificuldade de Brentano é distinguir percepção interior de observação interior, enquanto que Wundt dá mais valor à observação interior e descreve, em detalhes, somente os procedimentos que surgem no experimento. Titchener reforça que Wundt dedica muito espaço à psicofísica fechneriana, e interpreta as leis psicofísicas como uma lei psicológica geral da relatividade, enquanto Brentano faz somente uma eventual menção ao trabalho de Fechner, e com crítica³⁶⁴.

Wundt não diz nada sobre a questão, a qual para Brentano é o problema essencial da psicologia, como foi o primeiro problema dos psicofísicos, a questão da “imortalidade”, da continuação da nossa vida mental depois da morte, e, inversamente, Brentano falha para discutir o problema cardeal de Wundt da atenção. Ainda Wundt tem tocado na questão da imortalidade em seu último trabalho, e Brentano, claramente, reconheceu que há um problema de atenção, embora ele tenha posto sua discussão no segundo volume (...) podemos dizer, como uma primeira aproximação, que a psicologia de Brentano é essencialmente uma questão de argumento, enquanto que a psicologia de Wundt é essencialmente uma questão de descrição³⁶⁵.

Talvez, por não ter conseguido estabelecer um laboratório de psicologia experimental na Universidade de Viena, como aponta Leahey, a influência de Brentano tenha sido maior na filosofia, por meio do trabalho de Edmund Husserl (1859-1938)³⁶⁶, do que propriamente na psicologia³⁶⁷. Como vimos, essa não é a posição de Titchener, para quem Brentano tem um lugar especial, junto com Wundt, na história da psicologia experimental³⁶⁸.

O trabalho de Husserl tem um papel nessa discussão na medida em que ele se esforça para estabelecer uma fenomenologia pura, preocupada com a essência da mente, e não com o seu conteúdo. Se a intencionalidade é o processo que direciona a consciência para fora, para ação, para o ato, como seria a experiência pura do objeto sem a intencionalidade?

³⁶⁴ E. Titchener, “Brentano and Wundt: empirical and experimental psychology”, § 2, p. 3.

³⁶⁵ *Ibid*, § 1 e 3, pp. 3-5.

³⁶⁶ “Para Husserl, o estudo da intencionalidade resultou em um tipo de conhecimento, aquele da pessoa que virou-se para o lado de fora do seu ambiente. Entretanto, igualmente importante foi o conhecimento obtido estudando a pessoa virando-se para o lado de dentro (*turn inward*). Ver: B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 252.

³⁶⁷ “O ato psicológico de Brentano possuiu similaridades com a psicologia funcional que veio dominar a teoria psicológica depois de 1900, mas sua direta influência na psicologia foi limitada por uma obscuridade e pela carência de um laboratório psicológico. Ironicamente, o significado de Brentano o coloca no futuro, quando seu conceito de intencionalidade põe um desafio fundamental para o modelo da mente como um computador”. T. H. Leahey, *A history of modern psychology*, pp. 59-60.

³⁶⁸ Ver página 106, nota 360.

De acordo com Husserl, havia dois tipos de introspecção: um que focava na intencionalidade e um que focava em qualquer que fosse o processo que uma pessoa experienciava subjetivamente. Por exemplo, o primeiro tipo perguntaria que objeto externo o ato de ver objetiva, enquanto que o último se concentraria sob a descrição da experiência pura de ver. Ambos os tipos de introspecção focaram na experiência fenomenológica, mas por que a última focou na essência dos processos mentais, Husserl se referiu a ela como fenomenologia pura. Na maioria das vezes, quando o termo fenômeno é usado para descrever um evento mental, ele se refere a um total, intacto e uma significativa experiência e não aos fragmentos da experiência consciente, como as sensações isoladas. Nesse sentido, Wundt (como um experimentalista) e Titchener não foram fenomenologistas, enquanto Brentano, Husserl e Stumpf foram (...) Para Husserl, o estudo da intencionalidade resultou em um tipo de conhecimento, aquele da pessoa que se virou para o lado de fora do seu ambiente. Entretanto, igualmente importante foi o conhecimento obtido estudando a pessoa virando-se para o lado de dentro (*turn inward*)³⁶⁹.

Carl Stumpf (1848-1936), professor de Husserl, e que fundou a psicologia laboratorial na Universidade de Berlim, foi um oponente do laboratório de Leipzig. Como Brentano, Stumpf argumentou que os eventos mentais deveriam ser estudados como unidades de significados, do modo como ocorrem ao indivíduo, e não deveriam ser quebrados em análises menores. Os elementos da consciência também não deveriam ser tomados *a priori*, como fez Wundt. Para Stumpf, o objeto adequado de estudo para a psicologia era o fenômeno mental, não os elementos conscientes.

De fato, a psicologia de Stumpf, junto com Husserl, se tornaria a pedra angular da posterior escola da psicologia da gestalt. A cadeira que Stumpf ocupou na Universidade de Berlim por 26 anos foi passada para o psicólogo gestaltista Wolfgang Köhler (1887-1967), enquanto que os outros dois fundadores da psicologia da gestalt, Max Wertheimer (1880-1943) e Kurt Kofka (1886-1941), também estudaram com Stumpf³⁷⁰.

Outro nome que merece ser lembrado por apresentar uma diferente perspectiva para a psicologia experimental alemã é Hermann Ebbinghaus (1850-1909), palestrante em filosofia na Universidade de Berlim. Também contestando Wundt de que os mais altos processos mentais não poderiam ser estudados experimentalmente, Ebbinghaus pesquisou o aprendizado e a memória. A pesquisa de Ebbinghaus culminou no trabalho: *On Memory: An investigation in Experimental Psychology*, “o qual marcou uma virada da psicologia”³⁷¹. Foi a primeira vez que os processos do aprendizado e da memória tinham

³⁶⁹ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 252.

³⁷⁰ *Ibid*, p. 251.

³⁷¹ *Ibid*, p. 256.

sido estudados enquanto eles ocorriam, em vez de depois que eles tinham ocorrido³⁷². Junto com Stumpf e Helmholtz, Ebbinghaus fundou o segundo jornal da psicologia experimental – *Journal of Psychology and Physiology of the Sense Organs*, “o qual quebrou o monopólio de Wundt ao também publicar resultados experimentais”³⁷³.

E, assim, chega-se a Edward Titchener que, junto com Külpe na Alemanha, faz parte de um episódio na história da psicologia conhecido como o período da “introspecção experimental sistemática”. Diante da extrema preocupação de Wundt com os instrumentos da experiência, Titchener desenvolve uma metodologia mais sistemática de introspecção, questionando a fronteira estabelecida por Wundt entre psicologia experimental e *Volkerpsychologie*, uma vez que o método da introspecção titcheneriana foi usado para pesquisar áreas como: memória, pensamento, sentimentos e emoções.

O que Titchener faz ao cruzar essa fronteira é estabelecer uma proposta de psicologia que atenda a sua formação filosófica de base, por meio da qual, independentemente dos aspectos externos à mente individual, como as questões sociais e culturais, todo e qualquer conhecimento tem, necessariamente, que passar pelos órgãos sensoriais³⁷⁴. Nas palavras de Hilgard, “Titchener nasceu e se criou na Inglaterra; ele tinha orgulho da sua família e da sua cidadania britânica (...) Ele nasceu como um homem inglês e continuou a pensar como um homem inglês (...) e nunca foi naturalizado”³⁷⁵. Titchener enfatiza, por exemplo, a apercepção e a ação voluntária da seguinte maneira:

Falamos de apercepção quando consideramos o curso interno das idéias, e falamos da ação voluntária quando consideramos a questão da emoção no movimento externo. Ambas as formas dos processos de atenção estão sujeitas à condições, e ambas estão estritamente correlacionadas com os processos fisiológicos no córtex cerebral; elas, portanto, caem dentro dos limites de uma psicologia científica³⁷⁶.

A partir dos cinco anos de formação em filosofia e fisiologia que Edward Titchener teve em Oxford³⁷⁷ e seu treinamento de dois anos com Wundt, até 1892, quando recebe

³⁷² *Ibid*, p. 256.

³⁷³ *Ibid*, p. 256. Em 1881 Wundt criou o jornal *Philosophische Studien*, o qual havia se tornado o periódico oficial de publicação dos resultados experimentais do laboratório de Leipzig.

³⁷⁴ A. L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”, p. 32.

³⁷⁵ E. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p. 75.

³⁷⁶ E. Titchener, “Brentano e Wundt: empirical and experimental psychology”, nota 35.

³⁷⁷ O título de graduação que Edward Titchener obteve da Universidade de Oxford corresponde a quatro anos de filosofia e um de fisiologia. Como mostra Hilgard, apenas no quinto ano Titchener mudou para a fisiologia, trabalhando como pesquisador assistente do fisiologista Burdon Sanderson (1828-1905). Ver E. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p. 75.

seu doutorado, a proposta titcheneriana de psicologia aparecerá nos Estados Unidos no final do séc. XIX, participando do começo institucional da psicologia americana em um diálogo com o funcionalismo e o behaviorismo. Mas, Titchener também dialoga com a psicologia experimental alemã a respeito da delimitação do objeto e da definição do método, uma problemática central neste início institucional da psicologia experimental.

b) Psicologia Titcheneriana Face À Psicologia Experimental Alemã: Acordos e Desacordos

Edward Titchener está na fronteira de duas tradições do pensamento psicológico e, ao mesmo tempo, não se encaixa nem numa, nem noutra. Está dialogando com os principais nomes da época, mas não concorda com nenhum deles. No terreno alemão, ele discorda de Wilhelm Wundt, Oswald Külpe, Franz Brentano e Hermann Ebbinghaus. Nos Estados Unidos, onde ele institui sua escola de psicologia, discorda de William James, John Dewey e John Broadus Watson. Isso legitima um terreno intrincado que Titchener ocupa na história da psicologia.

Enquanto o sistema de Wundt manteve uma preocupação com as forças motivadoras da consciência, *voluntarismo*, Titchener foca exclusivamente nos elementos estruturais da consciência, as sensações, que, para ele, não se associam por nenhum impulso motivacional vindo de algum lugar da interioridade humana, mas unem-se biologicamente para formar estados mentais mais complexos.

Elementos foram definidos por Titchener como as mais simples sensações que podem ser encontradas na experiência, descobertas por meio de uma dissecação sistemática da introspecção; e quando uma experiência não podia ser dissecada em partes, ela era declarada elementar. A introspecção sistemática, de acordo com Titchener, ofereceria uma descrição da estrutura da mente, e a biologia seria a disciplina a dar as plenas condições para esse entendimento estrutural descritivo da mente humana. Por esse motivo, ele rejeitou a tentativa de Wundt de explicar a consciência como um estado da mente que se divide em dois corpos, natural e social. De acordo com o sistema de Titchener, tudo que pode ser encontrado na experiência humana são elementos sensoriais vindos da fisiologia da mente. Recorrer a uma entidade não observável como *apercepção* era ilegítimo aos olhos de Titchener.

Para Titchener, a atenção não era um processo mental complexo, como era para Wundt, mas um atributo da clareza da sensação, produzida por certo processo nervoso. Sobre os esforços mentais que acompanham a atenção, Titchener reduziu esse impulso motivacional às sensações agradáveis ou desagradáveis. Em suas palavras, “Quando eu estou tentando prestar atenção, eu me encontro franzindo as sobrancelhas, a testa, etc.; do aparelho corporal e dos movimentos surgem sensações características. Por que não deveriam ser essas sensações o que nós chamamos de atenção?”³⁷⁸.

Contudo, Titchener concordou com Wundt de que a psicologia deveria estudar a experiência imediata – que é a consciência. Ele definiu consciência como a soma total da experiência mental em qualquer momento dado, e a mente como as experiências acumuladas ao longo da vida.

Titchener estabeleceu três objetivos para a psicologia experimental, a determinação do que é a vida mental, como ela acontece e por quê. Essas investigações seriam feitas por uma introspecção cuidadosa. Para responder a pergunta, o que é a vida mental, Titchener catalogou os elementos mentais básicos da experiência consciente. Para responder como a vida mental acontece, ele procurou entender como os elementos se combinam; e para responder por que ela acontece, Titchener desenvolveu uma pesquisa dos correlatos neurológicos dos eventos mentais. O que Titchener procurou foi um tipo de tabela periódica para os elementos mentais, como disse Boring, da mesma forma como os químicos tinham desenvolvido uma tabela para os elementos físicos. Uma vez que os elementos básicos pudessem ser isolados, explicando o que é a vida mental, as leis que governavam suas combinações em experiências mais complexas poderiam ser determinadas, mostrando como a vida mental aconteceria. Finalmente, então, os eventos neurofisiológicos, dos quais surgem os fenômenos mentais, poderiam ser determinados, explicando o porquê da vida mental.

Ao contrário de Wundt, que procurou explicar a experiência consciente em termos de um processo cognitivo inobservável, Titchener procurou apenas descrever a experiência mental, não explicá-la. Para ele, a análise dos processos da vida interior conduz às puras sensações, constituídas originalmente de intensidade e qualidade. Sobre o sentimento, por exemplo, Titchener argumenta que é um elemento como a sensação, com apenas duas

³⁷⁸ E. Titchener, *A text-book of psychology*, p. 41.

qualidades, agradável ou desagradável. Aqui, sua discussão foi dirigida contra Stumpf, que pensou o sentimento como um atributo da sensação, e contra Wundt, que sustentava a visão tridimensional das qualidades e o aspecto volitivo do sentimento³⁷⁹.

Para Boring, o positivismo e a fé na observação científica determinaram o olhar titcheneriano sobre a psicologia³⁸⁰. Como Külpe, Titchener acreditava que qualquer coisa que estivesse na ciência teria que ser observada, e o estudo da atenção deveria fazer parte de uma psicologia científica. Titchener chegou à conclusão que a percepção das mudanças na experiência reside na clareza do processo sensorial. Portanto, as sensações tinham atributos, que variavam em intensidade e qualidade, e a atenção é o resultado de uma mudança no processo sensorial, atribuída à variação do atributo clareza, enquanto que, para Wundt, as sensações são integradas em idéias por uma “síntese psíquica”, ou criativa, a qual Wundt compara à “síntese química”. Conforme mostra E. B. Titchener, em seu artigo “Brentano and Wundt: empirical and experimental psychology” (1921):

Há duas manifestações concretas: apercepção e ação voluntária; nós falamos de apercepção quando consideramos o curso interno das idéias, e da ação voluntária quando consideramos a questão de uma emoção no movimento externo. Ambas formas do processo de atenção são sujeitas à condições, e ambas estão estritamente correlacionadas com processos fisiológicos no córtex cerebral; elas, portanto, caem dentro dos limites de uma psicologia científica. Ainda que os psicólogos tenham negligenciado e pago o preço dessa negligência numa psicologia inadequada e insustentável filosofia³⁸¹.

Como mostra Titchener, um ponto fundamental da teoria wundtiana se apresenta pelos termos ‘associação pelo relacionamento’ e ‘associação pelo hábito’. Para Wundt, as idéias não se associam automaticamente, como se isso fosse próprio do seu movimento; as leis da associação estão, ao contrário, sob o domínio universal da atenção³⁸². Nas palavras de Titchener, “Wundt não dá à psicologia uma questão distinta e peculiar”³⁸³. Por isso, ele se refere ao sistema wundtiano como “psicologia inadequada” e “insustentável filosofia”. Segundo Titchener:

Wundt já tinha publicado um trabalho compreensivo sobre fisiologia, e agora que ele tem se virado para a psicologia, leva seu conhecimento e método com ele; ele está convencido que o processo da vida interior é estabelecido em uma conexão próxima com aqueles da vida externa, e que os resultados da

³⁷⁹ E. Boring, *A history of experimental psychology*, p. 407; & E. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p. 77.

³⁸⁰ E. Boring, *A history of experimental psychology*, p. 408.

³⁸¹ E. Titchener, “Brentano and Wundt: empirical and experimental psychology”, §5, p. 7.

³⁸² *Ibid*, §5, p. 8.

³⁸³ *Ibid*, §5, p. 8.

observação interior são mais seguros quando os aparelhos (ou utensílios) da observação externa, os procedimentos da fisiologia, são espremidos dentro do serviço psicológico. Seu objetivo inicial é descrever o fenômeno da mente como os fisiologistas descrevem o fenômeno do corpo vivo. Há ainda um grande espaço para o argumento, e o argumento, devemos admitir, é muitas vezes influenciado por hábitos prévios do pensamento, pela tradição psicológica, por certas tendências para completar uma lógica, por alguma verdade ingênua. A psicologia, sob sua liderança, tem ainda uma longa estrada sistemática para viajar³⁸⁴.

Wilhelm Wundt, em contrapartida, se refere ao método da introspecção titcheneriana como *Verfehlte Methode*, um falso método; uma metodologia arbitrária e irreal. Como mostra Blumenthal, Wundt escreve: “Claramente, Titchener tem vindo sob a influência das decepções desse método”³⁸⁵.

A divergência entre Edward Titchener e Wilhelm Wundt é fundamentalmente clara, e deve ser respeitada como base de um tratamento que visa legitimar uma outra perspectiva de análise. Como temos apontado, a historiografia da psicologia tem apresentado discursos que indicam ideologias e formas de representação que têm construído uma idéia ou uma imagem do personagem Titchener em uma narrativa que passou a construir opiniões, estereótipos, congelando uma concepção de verdade sobre um determinado fato, no caso, a intrincada, porém distinguível, relação entre Titchener e Wundt. No sistema wundtiano, há um sério engajamento em determinar a metodologia da experiência interna, como Kant havia falado; no sistema titcheneriano, a experiência interna não seria um atributo subjetivo, um atributo do *cogito*, da consciência pensante ou do sujeito reflexivo. Para Titchener, não existe idéia de subjetividade como o atributo de uma experiência da consciência interior, mas toda representação, idéia, forma de pensamento ou formas de conhecer a realidade, toda sinalização de que existe um mundo exterior ao “eu” passaria pelos órgãos dos sentidos, ocasionando as sensações como o movimento primeiro da mente.

A crítica de Titchener também se estende a questão do pensamento sem imagem, como o julgamento, tal como foi proposto por Oswald Külpe. Segundo Titchener, julgamentos pertencem à lógica, e não primariamente à psicologia. “A lógica e a psicologia se aproximam como um resultado do paralelo crescente, longamente

³⁸⁴ *Ibid*, §5, p. 8

³⁸⁵ A. L. Blumenthal, “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”, p. 30.

continuado, do pensamento conceitual e sua expressão na linguagem”³⁸⁶. No artigo “The schema of introspection” (1912), Titchener também faz uma crítica à concepção do ato como o conteúdo da mente. “O ‘ato’ ou ‘função’ de perceber é, em meu julgamento, uma lógica ou abstração epistemológica da minha experiência concreta; ele não é uma característica empiricamente discriminativa da percepção”³⁸⁷. Mais adiante: “Em qualquer estágio da descrição, podemos trazer a lógica para sustentar nosso material introspectivo, mas não devemos ler a lógica dentro do material”³⁸⁸.

Titchener aponta os limites do seu objeto de estudo a partir do que pode ser observado pela introspecção, do mesmo modo como existem os limites de um microscópio ou de uma câmera. No artigo “The schema of introspection”, ele diz:

Nós podemos observar apenas o que é observável, e não podemos observar qualquer produto da abstração lógica. Não podemos, portanto, observar relação, embora possamos observar os conteúdos-processos que são dados em uma relação. Não podemos observar uma mudança, embora possamos observar os conteúdos-processos mudando como a atenção. Não podemos observar a causa, embora possamos observar os conteúdos-processos que são definitivamente condicionados. A descrição psicológica pode lidar apenas com conteúdos-processos sob seus atributos empiricamente distinguíveis³⁸⁹.

Não podemos desconsiderar o fato de que Titchener aceitou a premissa da escola de Würzburg, a qual propunha que o pensamento poderia ser inconsciente. Em seu artigo *Experimental Psychology of the Thought-Process*, publicado em 1909, Titchener apresentou o conceito *context theory of meaning*, por meio do qual o significado contextual da consciência sensorial resultaria de um núcleo sensorial inicial de uma percepção ou em um núcleo imaginativo inicial de uma idéia. Entretanto, essa lei dos significados sustenta apenas novas percepções e idéias; antigos núcleos habituais ocorrem sem o contexto da consciência e o significado é carregado inconscientemente.

Segundo Boring, durante as últimas décadas da sua vida, Titchener estava impressionado com a mais nova psicologia na Alemanha, o trabalho sobre a percepção da escola da Gestalt e pelo novo método da psicologia experimental, a fenomenologia³⁹⁰. Conforme fala Titchener:

³⁸⁶ E. Titchener, “Brentano and Wundt: empirical and experimental psychology”, §5, p. 6.

³⁸⁷ *Idem*, “The schema of introspection”, p. 10.

³⁸⁸ *Ibid*, p.12.

³⁸⁹ *Ibid*, pp. 10-11.

³⁹⁰ “Ele sempre distinguiu entre um relato rigoroso da introspecção e o relato livre da fenomenologia, mas é evidente que ele pôs uma fé considerável no novo método. Ele nunca publicou sobre seus sujeitos, e os

Não precisamos hesitar em admitir, aproximadamente, que uma descrição fenomenológica, uma descrição da consciência como ela se mostra no senso comum, pode ser útil ou mesmo necessária como o ponto de partida de uma verdadeira descrição psicológica³⁹¹.

Mas, ele mesmo ressalta:

Fenomenologia, como eu estou aqui usando o termo, não é psicologia, e, como será naturalmente o caso, se resultados fenomenológicos e psicológicos estiverem alguma vez de acordo, esse acordo causal não deve nos tentar a generalizar ou nos conduzir a identificar atitudes diferentes em direção à experiência³⁹².

Em seu artigo *The Schema of Introspection* (1912), Titchener assume que o esquema da introspecção de Müller é aplicável e adequado a uma psicologia descritiva. “Müller está escrevendo com referência a uma psicologia especial da memória”³⁹³. Para Titchener, a introspecção pode ser a descrição de um processo consciente imediato ou mediado, que neste caso seria uma retrospectiva³⁹⁴. Há, então, duas possibilidades, a introspecção direta, na qual a descrição pode ser feita enquanto o objeto está presente, ou a introspecção indireta, baseada em uma percepção lembrada. Neste caso, o processo para ser observado é recordado, como uma imagem, e a percepção e descrição têm referência, para Titchener, na representação da memória. A introspecção indireta é, na verdade, uma descrição retrospectiva.

Titchener mostra que Müller introduz uma importante distinção – a distinção da consciência livre e controlada. O estado de consciência ou processo é livre, quando não é invocado nem influenciado pela intenção de observar; de outro modo, a consciência é controlada quando surge sob a influência de uma intenção introspectiva, e como o objeto de uma atenção³⁹⁵. Entretanto, ressalta Titchener, essa distinção não deve ser confundida com a idéia comum que a observação no laboratório é observação sob condições artificiais, e, portanto, não pode nos dizer nada da mente real. A disjunção real-artificial

artigos que têm vindo do seu laboratório com sua aprovação são muito especializados, e é inútil tentar imaginar se Titchener estava tendendo (ao novo método)”. E. Boring, *A history of experimental psychology*, p. 409.

³⁹¹ E. Titchener, “The Schema of Introspection”, p.5.

³⁹² *Ibid*, p.5.

³⁹³ *Ibid*, p. 7.

³⁹⁴ *Ibid*, p.6.

³⁹⁵ *Ibid*, p. 6.

não é idêntica com livre-controlada; e a consciência livre pode ser estudada no laboratório e muito melhor do que se for estudada na vida diária³⁹⁶.

O conjunto dessas diferentes perspectivas constitui o tecido histórico que enreda a figura de Titchener. De acordo com Boring, Edward Titchener foi muito importante para a história da psicologia americana porque ele representou a tradição conservadora contra um número esmagador. “O oeste do atlântico na psicologia era a América e era Titchener”³⁹⁷. Titchener tentou criar uma psicologia independente da filosofia. Está entre os primeiros nomes responsáveis pela institucionalização da psicologia nos Estados Unidos e foi um importante tradutor de clássicos da psicologia alemã para o inglês. Ele traduziu a terceira, quarta e quinta edição do *Grudzuge der physiologischen Psychologie* de Wilhelm Wundt, e *Menschen und Thierseele* e *Ethik*, também de Wundt. Traduziu em 1895 o *Grundriss*, de Oswald Külpe, e publicou em 1897 seu *Outlines of Psychology*. Em 1898, Titchener publicou *Primer of Psychology*. Entre 1901 e 1905, publicou quatro volumes da sua *Experimental Psychology* usada para treinar estudantes americanos. Em 1910, publicou *A Text-Book of Psychology*. Em 1929, dois anos depois da sua morte, foi publicado sua última obra, *Systematic Psychology: Prolegomena*. Publicou também mais de 200 artigos. Entre 1894 e 1917, foi diretor do departamento de psicologia da Universidade de Cornell, editor do jornal *Mind*, e, em 1895, tornou-se co-editor do *American Journal of Psychology*.

Talvez, agora, possamos compreender por que Edwin Boring dedicou seu livro *A History of Experimental Psychology* (1929) a Edward Titchener. Em seu prefácio, ele reconhece sua dívida intelectual com o autor inglês, mantendo-a também em sua edição de 1950: “A dedicatória desse livro a Edward Titchener não é menos apropriada agora do que era em 1929”³⁹⁸. E ainda declara: “Especialmente, foi devido a sua influência que eu tive a convicção que o dom da maturidade profissional vem apenas ao psicólogo que conhece a história da ciência”³⁹⁹.

Esta passagem torna-se curiosa e instiga naturalmente um questionamento quando observamos que os trabalhos de Edward Titchener não apresentam qualquer preocupação

³⁹⁶ *Ibid*, p. 7.

³⁹⁷ E. Boring, *A history of experimental psychology*, p. 412.

³⁹⁸ *Idem*, *A history of experimental psychology*, ed. 1950, p. XVI.

³⁹⁹ *Idem*, *A history of experimental psychology*, ed. 1929, p. X.

mais extensa com problemas filosóficos ou epistemológicos. Se observarmos o *A Text-Book of Psychology*, por exemplo, vemos que a preocupação com aspectos científicos, considerando o modo como este termo aparece já no início do séc. XX nos Estados Unidos, se mostra na própria estrutura da obra, na divisão dos capítulos e nos tópicos abordados. Titchener apresenta o seu trabalho com uma breve delimitação epistemológica do seu sistema, mas não demonstra necessidade de se debater em torno de qualquer problemática que surja das suas idéias. Como diz Hilgard: “Os capítulos do *Text-Book* representavam a básica psicologia científica”⁴⁰⁰. Dividido em seções, como: sensação, sentimento, atenção, percepção, associação, memória, imaginação, ação, emoção e pensamento, a obra mostra a lógica do pensamento titcheneriano, “nota-se a progressão do tópico mais elementar para os mais complexos, de acordo com a posição reducionista adotada”⁴⁰¹. Entretanto, parece que durante, aproximadamente, os últimos dez anos da sua vida, Titchener passou a se dedicar à história da ciência⁴⁰², na busca de consolidar sua metodologia de pesquisa e fundamentar o elemento essencial e substancial da psicologia⁴⁰³, “que é tudo o que os cientistas procuram”⁴⁰⁴. Assim, Boring deve estar se referindo a essa última década do trabalho intelectual de Titchener, quando diz da influência que recebeu do autor inglês para unir sua maturidade intelectual à história da ciência.

Para compreender o papel que Titchener desempenha na história da psicologia, vamos cruzar o atlântico. É nos Estados Unidos, como líder de um projeto institucional para a psicologia, que podemos observar o sentido histórico que o esforço de Titchener representa na história da psicologia. O papel de Titchener está na continuação de uma corrente metodológica que se desenvolve na Alemanha, se institucionaliza em uma universidade americana, mas que ainda expressa um modelo muito próximo da velha guarda da fisiologia experimental britânica. Titchener queria, na verdade, que a psicologia acompanhasse o seu próprio projeto. Dentro do seu modo individualista e

⁴⁰⁰ E. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p. 77.

⁴⁰¹ *Ibid*, p. 77.

⁴⁰² *Ibid*, p. 77.

⁴⁰³ Hilgard mostra que Titchener trocou cartas com o psiquiatra da Johns Hopkins University, Adolf Meyer (1866-1950). O autor mostra que, nessas cartas, Titchener explicava como ele esperava que os estudos em história da ciência oferecessem as raízes para a consolidação do seu sistema, “que era conseguir alguma coisa essencial, constante, uniforme e persistente”. *Ibid*, p. 77.

⁴⁰⁴ *Ibid*, p. 77.

pouco participativo no diálogo inter acadêmico, sua pesquisa buscava leis de generalização da mente, e não estava preocupada com as diferenças individuais⁴⁰⁵.

Contudo, apesar de Titchener ser um dos primeiros psicólogos na América, isso não significa que ele represente algum ponto de partida da psicologia americana. Ainda que estivesse nos solos americanos, a psicologia titcheneriana era mais inglesa do que americana ou mesmo alemã, ao contrário do que diz Boring: “Ele sempre trabalhou na tradição alemã e ficou a parte da tendência americana”⁴⁰⁶.

É isso que analisaremos agora, o projeto de psicologia de Titchener nos Estados Unidos e sua importância para a história da psicologia por caracterizar uma tradição de pensamento numa fronteira de discussão que envolve diferentes perspectivas antropológicas e metodológicas, e Titchener está no centro dessa discussão, embora fechado em seu próprio laboratório em Cornell.

⁴⁰⁵ E. Boring, *A history of experimental psychology*, ed. 1929, p. 407.

⁴⁰⁶ *Idem*, *A history of experimental psychology*, ed. 1950, p. 542.

CAPÍTULO IV –

O CONTEXTO AMERICANO DE PENSAMENTO E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA TITCHENERIANA

As três décadas que se seguiram de 1885 a 1915 foram um período de extrema importância para o surgimento de novas abordagens na psicologia, as quais foram uma reação ao estruturalismo, cuja descendência direta da filosofia empirista britânica causou fortes impactos no cenário intelectual do surgimento da psicologia americana. “Os estruturalistas advogaram o método introspectivo e assumiram como o principal objetivo da psicologia a análise da experiência humana a partir dos elementos perceptuais”⁴⁰⁷. A partir da Primeira Guerra Mundial, o funcionalismo e posteriormente o behaviorismo tornaram-se as principais escolas da psicologia na América.

De fato, o corpo teórico e metodológico da psicologia no séc. XX é influenciado pelas consequências e contextos das duas grandes guerras. O movimento do funcionalismo e da psicologia aplicada procurou tratar do mundo real, a partir de problemas práticos e imediatos⁴⁰⁸. “Segundo um ditado, o século XIX terminou em 1914”⁴⁰⁹. Os resultados da Primeira Guerra Mundial abalaram o cenário intelectual europeu, como a Inglaterra, a França e a Alemanha, e o centro econômico americano apresentava uma atmosfera otimista para o crescimento das pesquisas científicas.

Até a Primeira Guerra Mundial, o surgimento da psicologia nos Estados Unidos foi gradual e formado por fases, por meio das quais, paulatinamente, a psicologia na América foi tomando uma forma americana e se desvinculando de suas raízes predominantemente inglesas e alemãs. Segundo Claude E. Buxton, em seu livro *Points of View in the Modern History of Psychology* (1985), muitos psicólogos do início da psicologia americana estão fortemente influenciados pelas escolas inglesas e escocesas predominantes do período colonial americano. Como mostra Raymond Aron, em *As Etapas do Pensamento Sociológico* (1997), “a sociedade norte-americana teria conservado o sistema moral dos seus fundadores, os primeiros imigrantes”⁴¹⁰.

⁴⁰⁷ Gregory A. Kimble, “Overview: the chronology”, p. 6.

⁴⁰⁸ Duane Shultz & Sydney Shultz, *História da psicologia moderna*, p. 200.

⁴⁰⁹ David E. Cooper, *As filosofias do mundo: uma introdução histórica*, p. 437.

⁴¹⁰ Raymond Aron, *As Etapas do Pensamento Sociológico*, p. 214.

Para Buxton, há uma evidente desconsideração e inadequada atenção a dois importantes temas que delinearão a forma que a psicologia americana tomou até o aparecimento de William James e seu texto *Principles of Psychology*, em 1890, o qual é conhecido por inaugurar a psicologia verdadeiramente americana. Entre esses temas, um seria a presença na América do clima filosófico que se originou no idealismo alemão. O outro seria a ruptura do idealismo realizada por William James e John Dewey com seus estilos americanos pragmatista, cuja tendência encorajou a nova psicologia americana⁴¹¹, não tão “essencialista”, como a tradição clássica proclamava, mas fundamentalmente “funcionalista”.

De acordo com William S. Sahakian, em sua obra *History and Systems of Psychology* (1975), desde 1640, a psicologia americana passou por quatro estágios de desenvolvimento. O primeiro período que durou de 1640-1776 foi dominado pela filosofia moral e filosofia mental, o qual pode ser dividido no período da educação escolástica inglesa (1640-1714) e do iluminismo americano (1714-1776). O segundo período, que se originou em 1776 e foi até 1886, foi dominado pela filosofia intelectual escocesa (1776-1827) e a era dos *TextBook* americanos (1827-1886). O terceiro período, conhecido como a renascença americana da psicologia, que durou uma década (1886-1896), foi um momento de transição para a psicologia americana funcional, e o quarto estágio, que começou em 1896 e continua até o presente, é o decisivo funcionalismo americano⁴¹².

De acordo com McK.Cattel não houve uma história da psicologia americana antes de 1880 (...). Até então, teólogos ou educadores (sempre as mesmas pessoas) ensinavam psicologia. Quando a *American Psychological Association* foi fundada em 1892, entre os 31 membros estavam físicos, educadores, teólogos, filósofos e psicólogos. De fato, mais de um terço dos membros originais seriam incapazes de preencher e qualificar o corpo dessa sociedade nos dias de hoje. Os historiadores da psicologia, muitas vezes, têm a atitude de assumir que antes da publicação *Principles of Psychology* de William James em 1891, a psicologia americana não existia⁴¹³.

Como lembra Buxton, o período pós-colonial americano foi consideravelmente dominado por crenças religiosas, e essa orientação teológica influenciou a filosofia que serviu de base para a psicologia em seu estágio inicial. Tratava-se de uma filosofia

⁴¹¹ Claude E. Buxton, *Points of view in the modern history of psychology*, p. 116.

⁴¹² William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 286.

⁴¹³ *Ibid*, pp. 286-287.

mental defendida por empiristas americanos que discordavam dos racionalistas e idealistas alemães:

Assim como os dois Mill e Bain discordaram dos simpatizantes de Kant, Hamilton e Hegel. Religião e questões filosóficas eram amplamente debatidas pela doutrina nos círculos intelectuais, particularmente nas novas faculdades da Inglaterra (...) Crenças e atitudes das universidades britânicas que atravessaram o atlântico, especialmente Cambridge e uma ou duas instituições escocesas, orientaram a vida intelectual, social e política de muitas gerações de americanos ⁴¹⁴.

Por exemplo, idéias sobre predestinação e pecado original na teologia calvinista se chocaram com o associacionismo de John Locke a partir de uma série de questões de bases ontológicas, como a condição inicial ou natureza da moralidade humana. No sistema de pensamento de Locke, no qual encontramos o conceito de *tabula rasa*, não é possível conceber a idéia de um pecado original, uma vez que toda construção da moral humana será construída e conhecida a partir das experiências de vida. Esse embate está travado por um inter-jogo teórico, político e social que envolve a filosofia mental inglesa e as reformas protestantes dissidentes da teologia católica. As críticas à predestinação calvinista, portanto, buscavam estabelecer uma nova ciência da mente a partir da premissa, dos defensores do livre arbítrio, de que qualquer questão sobre fenômenos da mente seria do âmbito da experiência humana e, desse modo, deveria ser referida a psicologia da consciência e a psicologia empírica ⁴¹⁵. Tal psicologia empírica é aquela, como diz Immanuel Kant, em *Crítica da Razão Pura*, que foi colocada sob o domínio da filosofia aplicada, orientando-se pela legislação de que o mundo dos sentidos possui magnitude absoluta ⁴¹⁶.

Como mostra R. W. Rieber na obra *Psychology: theoretical-historical perspectives* (1980), editada em conjunto com Kurt Salzinger, a escola pragmatista que irá se desenvolver a partir da última década do séc. XIX nos Estados Unidos, a partir de considerações sociais e políticas, importou dos tutores ingleses como Joseph Butler (1736), Richard Baxter (1670), John Wilkins (1675), Isaac Watt (1741), Philip Doddridge (1765) e John Mason (1745) uma doutrina que passou a procurar um método natural para

⁴¹⁴ Claude E. Buxton, *Points of view in the modern history of psychology*, p. 117.

⁴¹⁵ R. W. Rieber, *Psychology: theoretical-historical perspectives*, p. 113.

⁴¹⁶ Immanuel Kant, *Crítica da razão pura*, p. 96 e p. 242. De acordo com Kant, enquanto a psicologia empírica pode ser chamada de filosofia aplicada, a metafísica teria permanecido como filosofia da razão pura. Ver páginas 241-242.

a salvação da alma e para o auto-conhecimento, enfatizando o ensinamento da ação moral adequada e a “cura da alma”. “Apesar de ainda expressar uma abordagem teológica, essa doutrina pode ser vista como as primeiras versões do conceito de higiene mental e psicoterapia do início do século XX”⁴¹⁷. Como diz Friedrich Engels, em a *Dialética da Natureza*, “é significativo que os protestantes se adiantassem aos católicos na perseguição da investigação livre da natureza”⁴¹⁸, e da mente (como um objeto natural). De fato, Engels assinala que o conceito geral mais elevado para substancializar uma teologia natural foi a “utilidade das coisas da natureza”⁴¹⁹. Immanuel Kant define o conceito “fé pragmática” como o uso real de meios em certas ações. “A fé pragmatista admite uma gradação que pode ser grande ou também pequena segundo a diversidade dos interesses em jogo”⁴²⁰.

A partir da metade do séc. XIX haverá um compromisso, na história do pensamento ocidental, com uma abordagem mais materialista e menos teológica, embora o caminho para esse ideal tenha sido, de fato, gradual. No prefácio da edição brasileira da obra de Augusto Comte, *O Espírito Positivo*, a autora Maria Luiza Borralho, diz que o séc. XIX teve dois sonhos, o sonho da ciência e o sonho da América⁴²¹ – a saída geográfica seria a saída intelectual.

Entretanto, apesar da saga americana representar um espaço sócio-político que conciliava os ideais de ordem, democracia e liberdade a partir do progresso tecnocientífico, o nascimento da psicologia nos Estados Unidos, como diz Sahakian, surge de um estado original que a mantinha “perdida”, no sentido de ainda ser compreendida como um aspecto da filosofia; a psicologia era discutida nos campos da ética, da divindade e nos cursos de filosofia que Henry Dunster introduziu na Universidade de Harvard, tendo como paradigma o modelo de ensino das universidades britânicas⁴²².

Durante o período em que a filosofia inglesa ainda dominava os primórdios da psicologia americana, Jonathan Edward é mencionado na historiografia moderna por

⁴¹⁷ R. W. Rieber, *Psychology: theoretical-historical perspectives*, p. 105.

⁴¹⁸ Friedrich Engels, *Dialética da natureza*, p. 10.

⁴¹⁹ *Ibid*, p. 15.

⁴²⁰ Immanuel Kant, *Crítica da razão pura*, pp. 231-232.

⁴²¹ Maria Luiza Borralho, *O espírito positivo*, p. V-VI.

⁴²² William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 287.

advogar o determinismo da ação e não um pré-determinismo moral, apesar de seu sistema ainda simbolizar a expressão da teologia calvinista, “em vez de ser o resultado de considerações psicológicas”⁴²³. Dessa forma, como mostra Sahakian, o primeiro e mais antigo período da psicologia americana foi o da teologia e da filosofia moral, e nesses cursos a psicologia era ensinada.

Desde 1640, a partir dos cursos introduzidos pelo presidente de Harvard, Sr. Dunster, a psicologia ainda se mantinha na tradição da escolástica britânica, até o aparecimento em 1714 da obra *Essay concerning Human Understanding* (1690), de John Locke. Para Sahakian, o *Essay* de Locke abriu o período do iluminismo, e quando essa obra surgiu nos Estados Unidos inaugurou o período do iluminismo americano. Sahakian dá uma amostra dos textos utilizados na psicologia durante o período da filosofia moral e da teologia (1640-1714) e o período do iluminismo americano (1714-1776):

Human Nature de Hobbes (1650); *New Theory of Vision* e *Principles of Human Knowledge* de Berkeley (1709); *Discourse on Method* de Descartes (1637), *Philosophical Works* de Leibniz (1695); no período do iluminismo americano: *Essay Concerning Human Understanding* de Locke (1690-1714), *Treatise of Human Nature* (1739) e *Enquiry Concerning the Human Understanding* de Hume, *Observations on Man* de Harvey (1749), *Elementa Philosophica* de Samuel Johnson (1752), *Freedom of the Will* de Jonathan Edward (1754), *Treatise on the sensations* de Condillac (1754) e *Enquiry into the Human Mind* de Thomas Reid (1764)⁴²⁴.

Como mostra Sahakian, enquanto o *Elementa Philosophica* de Johnson era usado no King's College e na Universidade da Pennsylvania, o texto *Freedom of the Will* de Jonathan Edward foi adotado pela Universidade de Yale. De acordo com o autor, a psicologia de Johnson, baseada em Aristóteles, procurou reduzir a psicologia à física. Esse período intelectual que marca o começo da psicologia americana foi dominado pelos psicólogos escoceses. A atração pela filosofia escocesa de James McCosh, Thomas Reid, William Hamilton e Dugald Stewart foi uma reação ao fenomenalismo de Berkeley e Hume, oferecendo uma perspectiva realista à filosofia moderna. Nas palavras de Sahakian:

Dugald Stewart, que foi professor de filosofia moral na universidade de Edinburgh, incluiu os seguintes capítulos em seu *Elements of the Philosophy of the Human Minds* (edição americana de 1821), o qual foi usado como um texto em psicologia na Universidade de Yale em 1824: percepção, atenção, concepção, abstração (pensamento, linguagem), associação de idéias, memória

⁴²³ W. B. Pillsbury, *The history of psychology*, p. 235.

⁴²⁴ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 287.

e imaginação. Reid, que foi professor de filosofia moral na Universidade de Glasgow, publicou seu *Essays on the Intellectual Powers of Man* em 1785, e seu *Essays on the Active Powers of the Human Mind* em 1788. O *Intellectual Powers* tratou de tópicos como: sensação, percepção, concepção (pensamento), memória, enquanto *Active Powers* lidou com emoções, instinto, hábito, vontade e sentido moral⁴²⁵.

O aparecimento dos livros didáticos americanos, em 1827, substituindo os textos escoceses foi uma iniciativa de substituir a filosofia mental britânica para a construção de uma identidade intelectual na psicologia americana. James Rush (1786-1869), a partir da obra *Analysis of the Human Intellect* (1865), e Noah Porter (1811-1892), com seu livro *The Human Intellect with an Introduction upon Psychology and the Soul* (1868), tiveram um papel importante para a formalização de uma psicologia americana com textos que buscavam convencer e legitimar uma definição de psicologia, uma metodologia de pesquisa e o seu campo empírico.

Em seu “Prefácio” ao *Human Intellect*, Porter estabeleceu que seu trabalho foi preparado primária e diretamente como um livro didático para colegas e estudantes universitários; secundariamente como um manual para estudantes avançados de psicologia. Os capítulos no livro incluem tópicos sobre: definição da psicologia (como uma ciência da alma humana); psicologia como um ramo da física; faculdades da alma; psicologia como uma ciência; senso-percepção; consciência; função, desenvolvimento e faculdades do intelecto humano; representação; associação de idéias (como a condição e leis da representação); memória e razão⁴²⁶.

Noah Porter foi presidente da Universidade de Yale e uma figura eminente na área da psicologia filosófica americana. De acordo com Porter, a psicologia seria a ciência da alma e sua metodologia seria a introspecção e a reflexão, as quais ofereceriam as condições necessárias para que os materiais mentais derivassem da consciência. Em seu sistema, a fisiologia era usada na medida em que informava as funções e os estados do corpo, com os quais a alma imaterial estaria associada. Mas, as leis fisiológicas eram do mundo material e, portanto, não seriam parte do campo de pesquisa da psicologia⁴²⁷. A psicologia de Porter tem um caráter mais teológico do que psicológico por apresentar uma preocupação maior com as causas finais da alma humana do que com o entendimento dos fenômenos e das condições da vida mental. O sistema de Noah Porter

⁴²⁵ *Ibid*, pp. 288-289.

⁴²⁶ *Ibid*, p. 289.

⁴²⁷ Claude E. Buxton, *Points of view in the modern history of psychology*, p. 118.

herda a noção de causa final de acordo com a concepção de Aristóteles⁴²⁸. A abordagem de Porter é conhecida como uma das poucas, no início da história da psicologia americana, que manteve reservas à teoria evolucionista⁴²⁹. Nas palavras de W. B. Pillsbury, que foi aluno de Edward Titchener, em sua obra *The History of Psychology* (1929): “O presidente de Yale, Sr. Noah Porter, que em seu *Human Intellect* deu um tratamento eclético à psicologia, no qual discute tópicos, como as sensações e a natureza da matéria, leva em consideração teorias que enredam Aristóteles a Lotze”⁴³⁰.

O estado de fusão com a tradição escolástica inglesa, da qual desabrochou a psicologia americana, tem o seu momento de ruptura a partir das publicações de *Psychology* de James McCosh, em 1886, e dos dois volumes de *Principles of Psychology* de William James, em 1890, cujas obras inauguram um novo período na psicologia americana. “A psicologia de McCosh, como ele a ensinou durante seu mandato como presidente de Princeton, foi uma psicologia empírica em contraste com a prevalecente psicologia racional da época”⁴³¹. Segundo W. B. Pillsbury, James McCosh, professor de filosofia e presidente da Universidade de Princeton, foi um aderente à forma mais estrita da escola escocesa⁴³². E, de acordo com Claude E. Buxton, o presidente James McCosh apresentou um sistema ainda mais radical do que o realismo escocês⁴³³.

Assim, James McCosh, Thomas Reid, William Hamilton e Dugald Stewart representam uma concepção realista para a psicologia que está se formando nos Estados Unidos no sentido de haver uma premissa compartilhada de que tudo que é captado pelos sentidos é real, ou seja, é possível conhecer o objeto em si mesmo – a tradição da magnitude dos sentidos conforme assinalou Kant. Nesta perspectiva, o conhecimento dos objetos seria tão real quanto eles próprios. Contudo, McCosh estaria mais preocupado com os processos da mente, e não tanto com os aspectos corporais da fisiologia sensorial. Conforme mostra Claude Buxton, na obra *Points of view in the modern history of psychology* (1985):

⁴²⁸ O conceito de causa final no pensamento de Aristóteles está no livro IV da Física, e não é nossa proposta aprofundar esse tópico neste trabalho.

⁴²⁹ *Ibid*, p. 118.

⁴³⁰ W. B. Pillsbury, *The history of psychology*, p. 236.

⁴³¹ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 289.

⁴³² W. B. Pillsbury, *The history of psychology*, p. 236.

⁴³³ Claude E. Buxton, *Points of view in the modern history of psychology*, p. 119.

Repetidamente, na história da psicologia, esse dualismo filosófico tem obstruído o pensamento científico, como foi no caso de McCosh. Para ser honesto, McCosh, mais do que Porter, foi impressionado pela validade científica da evolução. Como Porter, contudo, ele sustentou que suas crenças religiosas não entram em conflito com a evolução como ciência⁴³⁴.

Como mostra Sahakian, além das obras de McCosh e James, dois outros textos surgiram no cenário da psicologia americana em 1886, *Psychology* de John Dewey, professor assistente de filosofia na Universidade de Michigan, e *Introduction to Psychological Theory* de Borden Parker Bowne, professor de filosofia na Universidade de Boston. Como lembra Pillsbury, assim como Noah Porter, Bowne também se empenhou em propagar a doutrina de Lotze na América⁴³⁵. “De acordo com Bowne, psicologia lida com os fatos e processos mentais. Ela objetiva descrever e classificar esses fatos e processos para descobrir e estabelecer suas leis, e para formar alguma teoria no que se refere a suas origens e causas”⁴³⁶. Em 1891, Dewey publicou a terceira edição revisada da obra *Psychology*, na qual define psicologia como *the science of facts or phenomena of self*⁴³⁷. Enquanto Noah Porter tinha fundamentado que a psicologia era a ciência da alma, William James, John Dewey e as diferentes orientações dentro do funcionalismo formam a primeira geração dos psicólogos funcionais na América. Richard J. Herrnstein e Edwin G. Boring, no livro *Textos básicos em história da psicologia* (1971), dão a seguinte descrição a esse respeito:

No núcleo da teoria da evolução de Darwin está o conceito de função, uma afirmação de que, à medida que uma espécie evolui, sua anatomia é confirmada pelas exigências da sobrevivência. Depois de Darwin, os biólogos viram cada estrutura anatômica de um organismo como um elemento em funcionamento num sistema vivo, integrado e capaz de sobreviver. Quando os psicólogos começaram a observar dessa maneira os processos mentais, criaram um novo movimento psicológico conhecido como funcionalismo⁴³⁸.

O funcionalismo representa o diálogo inter-acadêmico sobre perspectivas teóricas, gerando uma forte tradição de pesquisa nos Estados Unidos, notadamente marcada por extensas publicações, principalmente, ao longo das duas primeiras décadas do séc. XX. Segundo Sahakian:

⁴³⁴ *Ibid*, p. 119.

⁴³⁵ W. B. Pillsbury, *The history of psychology*, p. 236.

⁴³⁶ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 289.

⁴³⁷ *Ibid*, p. 289.

⁴³⁸ Richard J. Herrnstein & Edwin G. Boring, *Textos básicos em história da psicologia*, p. 595.

O ano de 1892 viu a publicação do primeiro texto na nova psicologia, *Elements of Physiological Psychology* de George Trumbull Ladd (1887), escrito quando Ladd foi professor de filosofia na Universidade de Yale. Foi uma tentativa da orientação funcional de encontrar o seu caminho na psicologia da América. O ano de 1889 viu o primeiro volume do *Hand-Book of Psychology* de James Mark Baldwin. Portanto, de 1886 à publicação *Psychology* de James, em 1990, (...) a psicologia americana estava lançada⁴³⁹.

Antes da psicologia funcional de James, a psicologia americana estava muito dominada pela psicologia alemã e inglesa. “James deu à psicologia americana uma originalidade que ela ainda não tinha conhecido”⁴⁴⁰, e seu *Principles* foi o texto de maior influência no trabalho acadêmico da psicologia americana por vários anos⁴⁴¹. Além de James, Dewey e Ladd, a formação dos primeiros intelectuais da psicologia americana é composta basicamente por Stanley Hall, James McKeen Cattell, James Mark Baldwin, James Rowland Angell, Edward Wheeler Scripture, Joseph Jastrow, Edmund C. Sanford, Harvey Carr, o alemão Hugo Munsterberg, Frank Angell e o inglês Edward Bradford Titchener⁴⁴².

William James costuma ser o exemplo inicial do funcionalismo por tratar a mente como um órgão que, “como qualquer outro, desenvolveu-se em benefício de seu possuidor. A função da mente consciente, segundo James, é adaptar um organismo muito complexo a um ambiente também muito complexo”⁴⁴³. Como diz Richard J. Herrnstein e Edwin G. Boring, para o funcionalismo, não é suficiente conhecer os elementos de sensação ou as regras de associação de idéias, o mais fundamental é saber como esses elementos específicos e essas regras podem ajudar o homem em seus recursos para a sobrevivência⁴⁴⁴. Por isso, James entendia a vida mental como essencialmente teleológica. Ou seja, o sentimento e o pensamento têm se desenvolvido para ser exatamente o que eles são devido à utilidade que apresentam para modelar nossas reações no mundo externo⁴⁴⁵.

William James recorre à descrição introspectiva como método de estudo da consciência, e a aplicação desse método é a descrição da consciência como fluxo do

⁴³⁹ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 290.

⁴⁴⁰ *Ibid*, p. 290.

⁴⁴¹ Claude E. Buxton, *Points of view in the modern history of psychology*, p. 121.

⁴⁴² William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 291.

⁴⁴³ Richard J. Herrnstein & Edwin G. Boring, *Textos básicos em história da psicologia*, p. 595.

⁴⁴⁴ *Ibid*, p. 595.

⁴⁴⁵ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 294.

pensamento, ou seja, a consciência, para James, é um processo pessoal, contínuo e dinâmico do pensamento: a consciência é pensamento. Além disso, consciência é vontade interna e também é motora. A consciência é motora porque existem formas de consciência que dependem das atividades corporais. Desse modo, James estuda classes de movimentos psicológicos como as expressões de emoção, os desempenhos instintivos ou impulsivos e os atos voluntários. Para James, a psicologia era uma ciência muito frágil, perpassada pela crítica metafísica e, portanto, se constituía como um ramo da filosofia. Como diz David Cooper, no sentido *stricto* do pragmatismo, a função da psicologia não é mostrar a essência das coisas, mas a melhor maneira de atuar sobre elas⁴⁴⁶.

Em sua obra *Pragmatism and the Meaning of Truth* (1909), James trata o fenômeno da cognição como a função da consciência. Neste sentido, o sentimento é compreendido como a função subjetiva de todos os estados da consciência, ou seja, como a função interna e inerente da mente. Assim, “qualquer que sejam os elementos do ato da cognição (...) eles implicam na existência de um sentimento”⁴⁴⁷. É possível observar na mesma obra por que o sistema de James inaugura um outro momento da psicologia americana, se diferenciando, assim como John Dewey, da proposta de psicologia de Noah Porter. A psicologia de Porter, ainda influenciada pela escola escolástica predominante na filosofia britânica, estava preocupada com as causas finais da alma humana, e não com o entendimento da vida mental e seu propósito. Dessa forma, a psicologia de Porter era uma psicologia mais teológica do que psicológica, justamente por buscar princípios explicativos de ordem teológica. Apesar de James não se desvincular da metafísica, ele assume que a sua investigação consiste na psicologia descritiva, “apenas e nada mais”⁴⁴⁸. Contudo, assim como Porter, James também manifesta uma preocupação com a questão da “transcendência do *self*”, mas não como Porter a tinha formulado. Em James, a preocupação não é o aspecto da transcendência em si, mas como ela aparece nas descrições de casos compostos pelo senso comum. Por isso, para ele, o sentimento, para ser cognitivo, deve ser transcendente no sentido de representar as qualidades perceptivas da realidade externa criada por Deus e acessível por todos. “O sentimento pode ser

⁴⁴⁶ David E. Cooper, *As filosofias do mundo: uma introdução histórica*, p. 440.

⁴⁴⁷ William James, *Pragmatism and the meaning of truth*, p. 179.

⁴⁴⁸ *Ibid*, p. 180.

sustentado por nós para ser a realidade cognoscível”⁴⁴⁹. Na obra *Principles of Psychology* (1952), no capítulo sobre a percepção do tempo, James trata o sentimento como um aspecto da experiência. Ou seja, o sentimento está ligado à percepção de uma qualidade da experiência que resistiu ao tempo. Assim, o sentimento é o que resta de original, dando o significado e particularizando certa qualidade de uma experiência passada⁴⁵⁰.

Enquanto o sentimento estaria ligado à percepção do tempo, as sensações, para James, se refeririam à percepção espacial. “Quando estudamos a percepção do espaço, nós encontraremos uma analogia com o tempo. Dados no tempo correspondem à posição espacial”⁴⁵¹. Isso implica que, no sistema de James, a experiência do tempo e do espaço já é originalmente dada como uma unidade. No capítulo sobre a percepção do espaço, James discute de que modo sensações musculares podem, de fato, produzir o conhecimento do espaço a partir da extensão corporal das sensações. Neste sentido, para James, a consciência que temos das nossas condições corporais, como náusea, febre, sono e fadiga, também é espacial⁴⁵². “Agora, minha primeira tese é que esse elemento, discernível em cada e toda sensação, embora mais desenvolvidas em uma do que em outras, é a sensação original do espaço”⁴⁵³. Portanto, no sistema de James, se a intensidade está ligada à qualidade sensível de um tipo peculiar de sentimento, a extensão o acompanha como seu elemento sensorial⁴⁵⁴. É conhecido que William James estava familiarizado com o pensamento intelectual alemão, e isso indica que não é por acaso que ele está retomando uma discussão que fora tratada por Immanuel Kant em *Crítica da Razão Pura*, sobre a percepção humana do fenômeno do espaço e do tempo. De acordo com Kant:

O nosso idealismo transcendental permite que os objetos de uma intuição externa realmente sejam tal qual intuídos no espaço, e que todas as mudanças no tempo sejam tal qual o sentido interno as representa. Pois, já que o espaço é uma forma daquela intuição que denominamos a externa, e que, sem objetos neste espaço, nem haveria qualquer representação empírica, então podemos e temos que nele admitir entes extensos como reais; e exatamente o mesmo também ocorre com o tempo. No entanto, aquele espaço mais esse tempo e,

⁴⁴⁹ *Ibid*, p. 181.

⁴⁵⁰ *Idem, Principles of psychology*, p. 396.

⁴⁵¹ *Ibid*, p. 399.

⁴⁵² *Ibid*, 540.

⁴⁵³ *Ibid*, p. 541.

⁴⁵⁴ *Ibid*, p. 541.

juntamente com ambos, todos os fenômenos não são, em si mesmos, *coisas*; nada mais são que representações, não podendo, de modo algum, existir fora de nossa mente⁴⁵⁵.

Enquanto James entende as sensações como a percepção do espaço, Kant já havia definido a psicologia empírica, aquela do *a posteriori*, como a fisiologia do sentido interno⁴⁵⁶, na qual James parecia se afiliar, tratando o sentimento como a dimensão subjetiva do tempo e as sensações como a esfera objetiva do espaço, não muito diferente do que Kant pensava a respeito, para quem a consciência da existência estava fora das condições empíricas⁴⁵⁷ e, portanto, das sensações, mas dentro do âmbito intuitivo da unidade do pensamento⁴⁵⁸, premissa que James corroborava.

A partir da abordagem evolucionista corrente no início do séc. XX, como os trabalhos de Francis Galton e J. M. Baldwin, a psicologia “veio a ser chamada de psicologia genética por G. Stanley Hall”⁴⁵⁹, que procurou entender o desenvolvimento da mente individual, incluindo a fase da criança à vida adulta. Como mostra Richard J. Herrnstein e Edwin G. Boring, ambos os autores, Hall e Baldwin, estavam interessados na doutrina da evolução para o avanço de uma psicologia ontogenética infantil⁴⁶⁰. A psicologia do bebê estudou a mente da criança como um processo em desenvolvimento e crescimento que, inicialmente, estaria livre das formalidades sociais e dos “ídolos”, os quais formarão o futuro “quarto de reclusão” e não espontâneo do mundo adulto. Por isso, a psicologia ontogenética infantil foi um meio de observação e verificação das análises e processos mentais, como, por exemplo, a aquisição da linguagem⁴⁶¹. Os impactos da Primeira Guerra Mundial influenciaram os escritos de Hall sobre a psicologia a partir da área do teste de inteligência na contribuição de uma eficiência militar. Conforme mostra Duane Schultz e Sydney Schultz:

Os testes também participaram de uma importante controvérsia social na década de 20. Em 1921, foram tornados públicos os resultados dos testes de recrutas do exército durante a Primeira Guerra. Segundo os dados, a idade mental dos convocados e, por extensão, da população branca em geral era de apenas treze anos. Os resultados também indicavam que quase a metade dos cidadãos americanos brancos podiam ser caracterizados como retardados

⁴⁵⁵ Immanuel Kant, *Crítica da razão pura*, p. 83.

⁴⁵⁶ *Ibid*, p. 33.

⁴⁵⁷ *Ibid*, p. 41.

⁴⁵⁸ *Ibid*, p. 39.

⁴⁵⁹ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 290 e p. 317.

⁴⁶⁰ Richard J. Herrnstein e Edwin G. Boring, *Textos básicos de história da psicologia*, p. 611.

⁴⁶¹ *Ibid*, p. 614 e p. 616.

mentais ou pessoas de mente fraca. Além disso, os dados mostravam que os negros, assim como os imigrantes de países mediterrâneos e latino-americanos, tinham um QI menor. Só os imigrantes do norte da Europa tinham um QI igual ao dos americanos brancos⁴⁶².

Vale lembrar que o surgimento do interesse pela psicologia na América foi estimulado pelo modelo laboratorial de Wilhelm Wundt, com quem Stanley Hall havia estudado em 1880. Enquanto William James fundou o primeiro laboratório da psicologia americana na Universidade de Harvard no ano de 1870, Stanley Hall é citado por ter fundado o segundo laboratório na Universidade de Johns Hopkins, em 1881. “E Johns Hopkins, com sua ênfase na formação do estudo e da pesquisa, tem sido retratada como uma versão americana da universidade alemã do séc. XIX”⁴⁶³. Hall também fundou, em 1887, o *American Journal of Psychology*, o primeiro jornal de língua inglesa dedicado à psicologia⁴⁶⁴. Em 1878, Hall tornou-se o primeiro Ph.D. em psicologia pela Universidade de Harvard, a qual de 1878 a 1918 formou 53 Ph.D.s em psicologia. Em 1884, de acordo com Sahakian, John Dewey foi quem recebeu o segundo grau de Ph.D., pela Universidade John Hopkins, que de 1884 a 1918 formou 19 Ph.D.s. A instituição Johns Hopkins era uma universidade, “cujos líderes estavam mais preocupados com os problemas subseqüentes da Guerra Civil na América do que com as escolas alemãs *per se*”⁴⁶⁵.

Contudo, a não universalidade dessa afirmação torna-se evidente quando lembramos de James McKeen Cattell, que estudou em Leipzig com Wilhelm Wundt e foi seu primeiro assistente. Cattell funda um laboratório de psicologia na Universidade da Pennsylvania em 1889, e em 1891, funda outro laboratório na Universidade de Columbia, “o qual tem sido um dos mais frutíferos na psicologia experimental. O trabalho de Cattell com Wundt era o tempo de reação no alcance da percepção”⁴⁶⁶, e essa foi a linha de pesquisa que Cattell iria desenvolver nos Estados Unidos, a investigação da duração dos

⁴⁶² Duane Schultz & Sydney Schultz, *História da psicologia moderna*, p. 205.

⁴⁶³ Philip J. Pauly, “G. Stanley Hall and his successors: a history of the first half-century of psychology at Johns Hopkins”, p. 22.

⁴⁶⁴ W. B. Pillsbury, *The history of psychology*, p. 246.

⁴⁶⁵ Philip J. Pauly, “G. Stanley Hall and his successors: a history of the first half-century of psychology at Johns Hopkins”, p. 22.

⁴⁶⁶ W. B. Pillsbury, *The history of psychology*, p. 247.

processos mentais⁴⁶⁷. Influenciado pelo inglês Francis Galton, Cattell iniciou o trabalho de interpretação estatística das diferenças individuais nos Estados Unidos. George Trumbull Ladd também representa a geração de psicólogos americanos influenciada pelo trabalho dos psicólogos alemães. “Ladd tornou-se familiarizado com o trabalho dos alemães por meio dos escritos de Wundt, e o incorporou com suas próprias conclusões no *Text-book*”⁴⁶⁸. Ladd também corroborou com o desenvolvimento da psicologia laboratorial americana, fundando, em 1892, um laboratório de psicologia na Universidade de Yale, e foi o segundo presidente da *American Psychological Association*. Edward Wheeler Scripture, que era instrutor de psicologia experimental na Universidade de Yale, quando Ladd funda seu laboratório, Scripture tornou-se seu diretor. Do mesmo modo como William James e Stanley Hall, Ladd também assumiu a orientação funcional como abordagem da psicologia, reforçando a tese de que a mente é ativa e intencional, adaptada à função de resolver problemas da vida diária⁴⁶⁹.

Outro personagem que surge no ambiente acadêmico da Universidade de Yale é James Rowland Angell, cujo programa para psicologia era integrá-la com a antropologia e biologia. E, a psicologia racial que Clark Wissler desenvolveu na Universidade de Columbia sob a direção de Cattell, também ajuda a compor o impulso americano a favor do modelo metodológico das ciências físicas e biológicas, procurando dar um estatuto objetivo para as leis naturais que garantissem o desenvolvimento da sociedade, por meio de uma filosofia pragmatista e uma escola de pensamento funcionalista. Como mostra Sahakian, o instituto Yale incluía disciplinas como a psicologia, ciência social, pesquisa clínica e psiquiátrica e desenvolvimento infantil. Por meio de estudos do desenvolvimento clínico da criança, a medicina e a psiquiatria tornariam-se os meios de compreensão das leis e do funcionamento do comportamento social. “Escrito no boletim da Universidade de Yale, James Rowland Angell assinala: O instituto é projetado para atingir dois principais finais: primeiro, continuar com a pesquisa sobre problemas da

⁴⁶⁷ Philip J. Pauly, “G. Stanley Hall and his successors: a history of the first half-century of psychology at Johns Hopkins”, p. 29.

⁴⁶⁸ W. B. Pillsbury, *The history of psychology*, p. 245.

⁴⁶⁹ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 322.

natureza humana e a ordem social; e segundo, treinar pessoas habilitadas para o trabalho nesses campos”⁴⁷⁰.

É válido lembrar o pensamento de Michel Foucault em *Microfísica do Poder* (1979) sobre o nascimento da medicina social, a qual está, de fato, intimamente relacionada com a organização capitalista de uma sociedade industrial e tecnológica, e os Estados Unidos representa exatamente a força de produção científica do início do séc. XX.

Minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário; que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do séc. XVIII e início do séc. XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política⁴⁷¹.

O autor Stephen Toulmin, no diálogo que se apresenta na obra *Maravilhosa Obra do Acaso* (1998), faz a descrição do modelo científico de ciência tomado a partir do séc. XX, no qual o imperialismo das ciências naturais fundou um naturalismo social, no sentido de estabelecer histórias médicas humanas que emergiram do conjunto de técnicas de disciplinas quantitativas, como física e química. “Essas disciplinas encaram a ciência, em última instância, como simplificação, generalização e experiência pura. Expulsam do reino da ciência as explicações de individualidades complexas, que são o que faz a história”⁴⁷². O autor está se referindo ao modelo que desenhou a medicina como uma história natural de estudos de casos individuais, tornando-se a essência do tratamento clínico, em vez de encarar a história de vida como uma narrativa privada de casos individuais, complexos e imprevisíveis⁴⁷³. E Gaston Bachelard, na obra *A Formação do Espírito Científico* (1996), no capítulo “O conhecimento unitário e pragmático como obstáculo ao conhecimento científico”, assume a mesma posição, defendendo a tese de que as generalidades são, ao contrário, obstáculos para a formação de um pensamento científico. Em suas palavras:

Todas as dificuldades se resolvem diante de uma visão geral de mundo, por simples referência a um princípio geral da Natureza. Foi assim que, no século

⁴⁷⁰ *Ibid*, p. 324.

⁴⁷¹ Michel Foucault, *Microfísica do poder*, p. 80.

⁴⁷² Stephen Toulmin, *Maravilhosa obra do acaso*, p. 242-243.

⁴⁷³ *Ibid*, p. 243.

XVIII, a idéia de uma natureza homogênea, harmônica, tutelar apagou todas as singularidades, todas as contradições, todas as hostilidades da experiência⁴⁷⁴.

Georges Canguilhem, em seu livro *Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida*, mostra como a filosofia crítica que surge a partir da metade do séc. XIX sob a denominação de epistemologia vem a questionar, por exemplo, a doutrina de uma medicina dogmática, empírica ou cética que se reproduziu a partir do séc. XVIII e XIX. Por isso, o empenho de Canguilhem é mostrar a história das ciências como as ciências segundo sua história⁴⁷⁵. Assim, para o autor, a ciência é um aspecto da cultura⁴⁷⁶ e da história, e não algo além ou fora delas. Como fala François Jacob, em *O Jogo dos Possíveis: Ensaio Sobre a Diversidade do Mundo Vivo* (1992): “Porque não são as idéias da ciência que provocam as paixões. São as paixões que utilizam a ciência para sustentar a sua causa”⁴⁷⁷. Segundo Jacob, a falta de uma perspectiva crítica no corpo interno da ciência fez com que ela funcionasse não como produtora de teorias científicas, mas como um mito⁴⁷⁸. E isso fica claro quando observamos uma passagem do artigo “A concepção científica de mundo: o Círculo de Viena” (1929), escrito por Otto Neurath (1882-1945), Hans Hahn (1879-1934) e Rudolf Carnap (1891-1970), na qual os autores mostram como “buscava-se um sistema de fórmulas neutro, um simbolismo liberto das impurezas das linguagens históricas, bem como a busca de um sistema total de conceitos”⁴⁷⁹. Desse ponto de vista, Eda Tassara, em seu artigo, “Psicologia Ambiental e Futuro – Reflexões Geopolíticas sobre Política Ambiental” (2005), diz que o inquirir do cientista se separou do inquirir do historiador e a verdade científica confundiu-se com a verdade histórico-literária, conduzindo ao paradoxo ciência-história⁴⁸⁰.

Enquanto a Universidade de Columbia, onde Cattell trabalhou e fundou um laboratório experimental de psicologia, é conhecida como a ala mais liberal no cenário da psicologia americana, a Universidade de Yale é tida como o eixo mais conservador. Como mostra Sahakian, isso é observável quando olhamos os campos de graduação

⁴⁷⁴ Gaston Bachelard, *A formação do espírito científico*, p. 103.

⁴⁷⁵ Georges Canguilhem, *Ideologia e racionalidade nas ciências da vida*, p. 13.

⁴⁷⁶ *Ibid*, p. 13.

⁴⁷⁷ François Jacob, *O jogo dos possíveis: ensaio sobre a diversidade do mundo vivo*, p. 11.

⁴⁷⁸ *Ibid*, p. 12.

⁴⁷⁹ Otto Neurath, Hans Hahn & Rudolf Carnap, “A concepção científica de mundo: o Círculo de Viena”, p. 10.

⁴⁸⁰ Eda T. Tassara, “Psicologia ambiental e futuro – reflexões geopolíticas sobre política ambiental”, p. 262.

oferecidos pela Universidade de Columbia, que além dos campos tradicionais das ciências naturais, também incluía filosofia, ciência política, psicologia racial e serviços psicológicos com o público e a indústria, formando, de 1895 a 1918, 55 Ph.D.s em psicologia⁴⁸¹; e a Universidade de Yale, de 1893 a 1918, formou 19 Ph.D.s em psicologia⁴⁸².

Sob a liderança de James McKeen Cattell, o departamento de psicologia da Universidade de Columbia tinha interesse na abordagem operacional e objetiva da psicofísica alemã, especialmente a possibilidade de discriminação da consciência de sensações diferentes em magnitude e qualidade, e no estudo das medidas dos testes mentais. A partir desse panorama, a Universidade de Columbia se projeta como um importante e dos mais frutíferos centros para pesquisa em psicologia no início do séc. XX⁴⁸³. Junto com James Mark Baldwin, da Universidade de Princeton, Cattell funda, em 1894, o segundo jornal da psicologia americana, *Psychological Review*⁴⁸⁴.

Contudo, vale ressaltar que o estado da psicologia até meados do séc. XX está sob o jugo da filosofia. Por isso, temos que ter muito cuidado quando discutimos o estatuto da psicologia no início do séc. XX. Assim como a filosofia mental produziu a psicologia⁴⁸⁵, a filosofia moral também estaria germinando a psicologia dentro da cadeira da ética⁴⁸⁶. E, apesar de Cattell ter assumido a primeira cadeira da psicologia experimental na Universidade de Columbia, a psicologia ainda era uma disciplina, e não um departamento⁴⁸⁷.

O modo como a teoria da evolução incentivou a formação de uma nova psicologia também ganha expressão com John Dewey, que, com James Rowland Angell, G. H. Mead, Harvey Carr e A. W. Moore, formam o corpo inicial da Universidade de Chicago⁴⁸⁸, dividindo o interesse comum em desenvolver uma psicologia nova, prática e funcional. “Junto com a doutrina evolucionária, o pragmatismo era crucial para o sucesso

⁴⁸¹ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 291.

⁴⁸² *Ibid*, 291.

⁴⁸³ *Ibid*, p. 335.

⁴⁸⁴ *Ibid*, p. 337.

⁴⁸⁵ *Ibid*, p.337.

⁴⁸⁶ *Ibid*, p. 337.

⁴⁸⁷ *Ibid*, p. 337.

⁴⁸⁸ Richard J. Herrnstein e Edwin G. Boring, *Textos básicos de história da psicologia*, p. 617.

da formação da nova psicologia americana”⁴⁸⁹. Ainda com Buxton, “Dewey elogiou como revolucionária a introdução da biologia evolucionária na psicologia”⁴⁹⁰.

O pragmatismo implica em uma epistemologia que estabelece que o que nós sabemos é função da nossa experiência, isto é, aquilo para o qual nossa experiência está adaptada. A teoria pragmatista implica em um conjunto de idéias que estão ligadas à experiência. John Dewey, que, inicialmente compartilhava do idealismo hegeliano⁴⁹¹, voltou-se ao pragmatismo e tornou-se amigo de James, nomeando sua própria variante de filosofia instrumentalista⁴⁹².

Para Dewey, o primeiro estágio no ato completo do pensamento reflexivo ou investigativo é a consciência de um problema em uma situação indeterminada; o estágio de que alguma coisa está errada. A consciência do problema, o qual é compreendido pela observação, designa a direção da ação. “Seu livro sobre o pensamento, *Como Pensamos*, encarava o processo como adaptação a uma situação problemática nova”⁴⁹³. Em seu artigo, “The New Psychology” (1884), John Dewey diz: “a história de toda ciência demonstra que muito do seu progresso consiste trazer luz aos problemas. A carência da consciência de problemas, mesmo mais do que a carência da habilidade de resolvê-los, é a característica de uma mente não científica”⁴⁹⁴.

Mas, diferentemente de James, que estava mais preocupado com o indivíduo, Dewey se orientou pelo indivíduo em seu ambiente, tratando-os como seres sociais. “Por que se chama uma abordagem funcional? Porque ela enfatiza que vários e sucessivos pensamentos ou ações são entendidos ou explicados como dependentes (funções) dos antecedentes na pessoa e o ambiente”⁴⁹⁵. Dessa forma, para Dewey, a experiência é uma interação entre o organismo vivo e o seu ambiente físico e social. Dewey tratou a experiência como pertencente ao mundo objetivo, o qual afeta as ações e sentimentos das pessoas. A diferença entre Dewey e os empiristas quanto à concepção do fenômeno da experiência é o foco que Dewey dá ao produto reflexivo de uma experiência que emerge

⁴⁸⁹ Claude E. Buxton, *Points of view in the modern history of psychology*, p. 129.

⁴⁹⁰ *Ibid*, p. 130.

⁴⁹¹ *Ibid*, p. 130.

⁴⁹² *Ibid*, p. 129.

⁴⁹³ Michael Wertheimer, *Pequena história da psicologia*, p. 142.

⁴⁹⁴ John Dewey, “The new psychology”, p. 2.

⁴⁹⁵ Claude E. Buxton, *Points of view in the modern history of psychology*, p. 131.

de um contexto, e não ao produto sensitivo e associativo de uma experiência sensorial.

Segundo Dewey:

Essa idéia da relação orgânica do individual para aquela vida social organizada, dentro da qual o indivíduo nasce, da qual ele traça sua vida mental e espiritual, e na qual ele deve desempenhar sua adequada função (...) forma a transição para outras grandes influências, nas quais eu tenho estado trabalhando para desenvolver a Nova Psicologia. Eu me refiro ao crescimento daqueles vastos e indefinidos tópicos de investigação, os quais podem ser aproximadamente designados como as ciências sociais e históricas, as ciências da origem e desenvolvimento das várias esferas da atividade humana ⁴⁹⁶.

James Rowland Angell, que também chegou em Chicago em 1894 e “dava excelente curso de história da psicologia” ⁴⁹⁷, em uma passagem do seu discurso de posse da presidência da *American Psychology Association*, em 1906, para delimitar o campo da psicologia funcional, especialmente quanto ao objeto de estudo, distingue o estruturalismo do funcionalismo, tratando o primeiro como a “aceitação impura do que podemos denominar a doutrina dos ‘estados da consciência’” ⁴⁹⁸. A psicologia funcional está voltada para os processos mentais que levam à resolução de um problema, como o modo em que a atenção é dirigida para um objetivo. Segundo Angell, o modo operacional de um fenômeno é o aspecto mais essencial da vida; a psicologia funcional está fundamentalmente preocupada com os modos de operar da consciência em condições reais da vida, enquanto que a psicologia estrutural, para Angell, procura verificar o número e o caráter de vários materiais sensoriais que não são analisáveis, como as variedades de cor, tom e gosto. Conforme R. Herrnstein e E. Boring:

A psicologia funcional da sensação, ao contrário, encontraria sua esfera adequada de interesse na verificação do caráter das várias atividades sensoriais, como diferentes em seus *modus operandi*, não apenas entre si, mas diferentes também de outros processos mentais, tais como julgar, conceber, desejar e assim por diante ⁴⁹⁹.

A psicologia funcional acredita que o significado dos conteúdos da consciência pode desempenhar função parecida a partir de idéias diferentes, do mesmo modo como as estruturas biológicas diferentes, sob condições diferentes, podem desempenhar funções idênticas ⁵⁰⁰. Dessa forma, existiriam funções que são independentes dos conteúdos

⁴⁹⁶ John Dewey, “The new psychology”, p. 6.

⁴⁹⁷ Michael Wertheimer, *Pequena história da psicologia*, p. 143.

⁴⁹⁸ Richard J. Herrnstein e Edwin G. Boring, *Textos básicos de história da psicologia*, p. 619.

⁴⁹⁹ *Ibid*, p. 619.

⁵⁰⁰ *Ibid*, p. 620.

originais, podendo ocorrer mesmo na ausência deles ou ligadas a conteúdos diferentes e posteriores, desempenhando um papel semelhante ao que desempenhava inicialmente. Na verdade, “do ponto de vista do conteúdo, o original nunca é e nunca pode ser literalmente reproduzido”⁵⁰¹.

A psicologia funcional está preocupada com os aspectos qualitativos da experiência que não podem ser reduzidos aos complexos primários das sensações, ao contrário da psicologia estrutural, que é uma psicologia muito mais descritiva e fenomenológica. Nas palavras de Angell:

Não apenas o colorido afetivo do momento psíquico depende de nossa condição temporária, de nossas disposições e objetivos no momento, mas as próprias sensações são determinadas, em seu contexto qualitativo, pela totalidade de circunstâncias subjetivas e objetivas em que surgem. Por exemplo, não podemos obter uma sensação de cor fixa e definida, sem conservar perfeitamente constantes as condições internas e externas em que aparece. Em resumo, a qualidade sensorial específica é funcionalmente determinada pelas necessidades da situação existente em que surge e que deve enfrentar. Portanto, se perguntarmos, com profundidade suficiente, que sensação específica temos em determinado caso, sempre verificamos que é necessário considerar a maneira em que tivemos essa experiência e as razões pelas quais a tivemos (...). Vale dizer, a própria descrição é funcionalista, e precisa sê-lo. A verdade dessa afirmação pode ser exemplificada e verificada através de qualquer situação em que alguém tenta reduzir complexos sensoriais – por exemplo, cores ou sons – aos seus componentes rudimentares⁵⁰².

Devido ao impulso da biologia evolucionista, a psicologia funcional trata o psíquico como o modo operacional de ajustamento cognitivo às condições de vida do organismo no ambiente, tendo como objetivo a melhoria e a eficiência das atividades orgânicas e mentais dos indivíduos, “sobretudo em suas particularidades, a mente que julga, que sente, etc.”⁵⁰³. Essa é a contribuição que emerge da motivação de uma lógica que une o pragmatismo e a psicologia funcional em uma perspectiva que “coloca o psicólogo lado a lado com os biólogos”⁵⁰⁴. Para James. R. Angell, tanto os campos da higiene mental, quanto o da pedagogia, “esperam o conselho estimulante e orientador que só pode ser dado por uma psicologia desse tipo” Para ele, a psicologia estrutural seria “tão estéril na teoria, quanto já o verificaram professores e psiquiatras na prática”⁵⁰⁵.

⁵⁰¹ *Ibid*, p. 620.

⁵⁰² *Ibid*, pp. 621-622.

⁵⁰³ *Ibid*, p. 623.

⁵⁰⁴ *Ibid*, p. 623.

⁵⁰⁵ *Ibid*, p. 623.

Desse modo, a psicologia funcional busca exprimir a significação prática que emerge do problema mente-corpo, assim como mostrar o fundamento lógico para uma psicologia da volição, na qual Wundt também trabalhou, e que é, na verdade, uma herança do pensamento alemão na psicologia americana. Como mostra Angell, a diferença entre a psicofísica e a psicologia funcionalista é o caráter metodológico que as cerca⁵⁰⁶. Enquanto a primeira teria uma abordagem quantitativa, a segunda estaria mais preocupada com os aspectos particularistas da experiência, e isso aponta para uma metodologia mais qualitativa do que quantitativa. A psicologia funcional entende o papel cognitivo da mente como o instrumento de acomodação do organismo frente a uma experiência, por meio da qual, inevitavelmente, processos mentais resultam em atos motores do organismo. “Segundo o entendo, o ato explícito de acomodação sempre é, mais cedo ou mais tarde, um movimento muscular”⁵⁰⁷. A psicologia funcional trata o problema mente-corpo por meio da significação prática que decorre da lógica volitiva do organismo frente a uma experiência. Nas palavras de W. Pillsbury:

A escola funcionalista é a mais biológica em atitude do que qualquer escola que a precede (...) ela lida com o organismo como uma unidade, incluindo ambos, mente e corpo, e não corpo ou mente sozinha. Isso sugere que a escola funcionalista deveria estudar a mente ou os processos mentais como instrumentos por meio dos quais o organismo se adapta às variações do ambiente; ou, se omitirmos o termo mente, trata-se do estudo dos meios pelos quais um animal se adapta⁵⁰⁸.

O funcionalismo como uma escola de pensamento da psicologia americana se desenvolveu, inicialmente, em duas universidades, Chicago e Colúmbia. John Dewey permaneceu em Chicago de 1894 a 1904, ano em que se transfere para a Universidade de Colúmbia, onde já estava James McKeen Cattell⁵⁰⁹. Com a chegada de Dewey, o funcionalismo se fortalece na Universidade de Colúmbia⁵¹⁰. A Escola de Chicago, portanto, representa uma abordagem funcional do significado, ou seja, o significado de um objeto dependeria de sua função, ou do seu modo de utilização. Para Michael

⁵⁰⁶ *Ibid*, p. 625.

⁵⁰⁷ *Ibid*, p. 626.

⁵⁰⁸ W. B. Pillsbury, *The history of psychology*, p. 279.

⁵⁰⁹ Michael Wertheimer, *Pequena história da psicologia*, p. 142 e p. 145.

⁵¹⁰ *Ibid*, p. 145.

Wertheimer, os funcionalistas de Chicago conceberam suas teorias a partir do estruturalismo importado da Alemanha⁵¹¹.

Entretanto, há um problema nesta afirmação de Wertheimer, uma vez que o estruturalismo é uma escola que se inicia com Edward B. Titchener, que não é alemão, mas inglês. Além disso, o estruturalismo é uma escola que se institucionaliza na América e, portanto, não pode ter sido importada da Alemanha, como fala Wertheimer. Sem considerar que o termo estruturalismo também não foi cunhado por Titchener, mas por um autêntico americano, William James⁵¹², no intuito de separar sua escola de pensamento da psicologia estrutural titcheneriana.

Mas, é possível considerar que os funcionalistas de Harvard, Yale, Columbia e Chicago realmente desenvolveram suas teorias, tendo como contraposição, ou alvo de ataque, a escola estrutural. Apesar do autor Howard E. Gruber, em seu artigo “Darwin on Psychology and its relation to evolutionary thought” (1980), também cometer o mesmo viés interpretativo observado em Wertheimer, quando trata o funcionalismo como uma resposta ao estruturalismo alemão⁵¹³, ele também corrobora com a idéia de que a escola funcional de Chicago, fundamentalmente, se desenvolve como uma contestação à psicologia estruturalista de Edward B. Titchener⁵¹⁴.

Já na Universidade de Colúmbia, entre os nomes que iriam surgir, faz jus lembrar de Edward L. Thorndike (1874-1949), cujo campo de estudo foi a inteligência animal, e Robert Sessions Woodworth (1869-1962), cuja orientação funcional foi a psicologia dinâmica, “que enfatizava a importância da motivação para a compreensão do comportamento, com certos princípios como o de que os mecanismos podem tornar-se impulsos. Ou seja, padrões bem treinados podem trazer em si a própria motivação”⁵¹⁵. Na Universidade de Colúmbia também iria se desenvolver a psicologia industrial e a disciplina da estatística aplicada às classes sociais⁵¹⁶.

Como mostra Howard E. Gruber, o funcionalismo que se desenvolve na Universidade de Colúmbia está mais próximo do behaviorismo que irá se desenvolver com John

⁵¹¹ *Ibid*, p. 144.

⁵¹² William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 352 & J. C. Flugel, *A hundred years of psychology*, p. 230.

⁵¹³ Howard E. Gruber, “Darwin on psychology and its relation to evolutionary thought”, p. 239.

⁵¹⁴ *Ibid*, p. 239.

⁵¹⁵ Michael Wertheimer, *Pequena história da psicologia*, p. 147.

⁵¹⁶ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 337.

Watson na Universidade de Johns Hopkins, enquanto que o funcionalismo da Universidade de Chicago ainda mantém conceitos e abordagens teóricas que estão mais próximas da psicologia alemã. Na verdade, o funcionalismo de Colúmbia está a meio caminho entre o funcionalismo e o behaviorismo⁵¹⁷. Até o aparecimento do behaviorismo de John Watson, as escolas teóricas da psicologia americana dialogavam com a tradição alemã, ainda que esse diálogo fosse mínimo e essencial, uma vez que “os funcionalistas não estavam prontos para desistirem da introspecção. Eles fariam todo uso possível daquela ferramenta dentro do campo adequado”⁵¹⁸. Mas, após John Watson, a psicologia americana do séc. XX seria capturada e inspirada pelo behaviorismo⁵¹⁹.

Antes da formalização do behaviorismo como escola central da psicologia americana, é legítimo considerar que os psicólogos que ainda mantinham uma herança do pensamento alemão em suas abordagens, devido ao fato de terem estudado na Alemanha, como Hugo Munsterberg, Frank Angell, Edward Titchener, tinham, de fato, mais espaço no cenário da psicologia americana.

No mesmo ano em que William James convidou Hugo Munsterberg, “um alemão que rejeitou a cidadania americana”⁵²⁰, para dirigir o laboratório de psicologia na Universidade de Harvard, se tornando um dos principais representantes da psicologia aplicada como um forte campo de estudo da psicologia americana, Titchener também estava assumindo a direção do laboratório de psicologia da Universidade de Cornell; e os dois eram “laboratórios psicológicos rivais na América”⁵²¹. Como mostra Sahakian, ambos os homens receberam seus P.h.D.s pela Universidade de Leipzig, com Wilhelm Wundt. Depois de Munsterberg receber seu P.h.D em 1885, ele vai para a Universidade de Heidbreder onde, em 1887, também adquire um grau em medicina, antes de se tornar professor e diretor do laboratório de psicologia da Universidade de Harvard⁵²².

⁵¹⁷ Howard E. Gruber, “Darwin on psychology and its relation to evolutionary thought”, p. 238.

⁵¹⁸ W. B. Pillsbury, *The history of psychology*, p. 279.

⁵¹⁹ Howard E. Gruber, “Darwin on psychology and its relation to evolutionary thought”, p. 240.

⁵²⁰ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 302.

⁵²¹ *Ibid*, p. 301.

⁵²² *Ibid*, p. 301. Como mostra os autores Duane Schultz e Sydney Shultz, apesar de Hugo Munsterberg estar interessado com métodos da psicologia que levariam à melhoria da humanidade, nunca formulou teorias e nem fundou uma escola de pensamento, mesmo trabalhando com a psicologia aplicada na perspectiva funcional. E é interessante observarmos que essa postura de não aderir formalmente à definição funcionalista da psicologia se deu ao fato de que ao “fazê-lo limitaria sua utilidade (...) Nesse sentido, Munsterberg, apesar do temperamento germânico, foi a quintessência do psicólogo americano, refletindo e

Frank Angell, que ofereceu a direção do laboratório de psicologia de Cornell para Edward Titchener, quando foi chamado pela Universidade Stanford, também estudou em Leipzig com Wilhelm Wundt. No entanto, como corrobora Howard E. Gruber, Edward Titchener representa a geração mais alta dos psicólogos que estiveram na Alemanha no final do séc. XIX e partiram para os Estados Unidos, gerando um período fervescente de surgimento de escolas na história da psicologia, que foi o início do séc. XX.

Entretanto, o estruturalismo de Titchener não corresponderá a uma escola alemã, como propõem muitos autores⁵²³, mas uma forma de psicologia americana. Como transcreve Howard E. Gruber, “nas primeiras duas décadas do presente século, as mais influentes figuras na psicologia americana foram William James e Edward B. Titchener”⁵²⁴. Contudo, se o funcionalismo e a psicologia aplicada tornaram-se os dois vértices de pesquisa acadêmica de uma das principais universidades americanas, a Universidade de Colúmbia, elas naturalmente estavam em choque com o estruturalismo titcheneriano. Se observarmos o contexto no qual a psicologia aplicada se desenvolve, podemos entender a discussão conceitual travada entre o estruturalismo e os funcionalistas. Duane Schultz e Sydney Schultz dão uma passagem interessante sobre o dia em que os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial e realizava-se na Universidade de Harvard uma reunião do grupo de pesquisa de Edward Titchener.

O presidente da APA (*American Psychological Association*), Robert Yerkes, estava presente. Yerkes instou os psicólogos presentes a considerar de que maneira a psicologia poderia ajudar na campanha da guerra. Titchener objetou, explicando que era súdito britânico; o mais provável é que não quisesse se envolver com a guerra por não gostar de aplicar a psicologia a problemas práticos. Ele pode ter temido que os esforços dos psicólogos para ajudar a vitória na guerra os fizessem trocar uma ciência por uma tecnologia⁵²⁵.

É lícito lembrar que o contexto sócio-econômico da guerra incentivou os psicólogos a deixar as áreas da pesquisa pura para se dedicarem aos campos da pesquisa aplicada. Dessa forma, parafraseando Sahakian, se os laboratórios de Harvard e de Cornell são realmente departamentos rivais de pesquisa na América, a Universidade de Columbia também se apresenta neste panorama como a instituição acadêmica que mais abordou

demonstrando o espírito da sua época”. Duane Schultz e Sydney Shultz, *História da psicologia moderna*, p. 200.

⁵²³ Em seu artigo “Introduction to Watson’s comparative psychology”, Richard Herrnstein também trata o estruturalismo como uma abordagem alemã. Ver página 102.

⁵²⁴ Howard E. Gruber, “Darwin on psychology and its relation to evolutionary thought”, p. 225.

⁵²⁵ Duane Schultz e Sydney Shultz, *História da psicologia moderna*, p. 204.

temas referentes à inteligência e diferenças individuais aplicadas às estratégias de guerra e ao mundo do trabalho. Conforme mostram Duane Schultz e Sydney Schultz:

Walter Dill Scott (fundador da psicologia industrial), voluntário do Exército norte-americano, desenvolveu uma escala de avaliação para a seleção de capitães baseada nas avaliações que havia concebido para classificar líderes no setor de negócios. Perto do final da guerra, ele tinha avaliado as qualificações profissionais de três milhões de soldados, e o seu trabalho foi um outro exemplo amplamente divulgado do valor prático da psicologia⁵²⁶.

Após a Primeira Grande Guerra, os Estados Unidos se tornaram os principais credores dos países europeus, tornando-se um grande centro econômico para o investimento industrial e bancário. Os Estados Unidos não se tornaram apenas o principal pólo de imigração dos povos que deixaram as situações de miséria na Europa após a Primeira Guerra Mundial, mas um país aberto e otimista para novos negócios e novas iniciativas, como a agricultura e a facilitação de créditos bancários. A psicologia industrial utilizou este espaço para objetivar um prognóstico positivo a partir do uso dos testes mentais na seleção e qualificação de pessoas. Como mostra o autor Sigmar Malvezzi, em seu artigo “Psicologia Organizacional – Da Administração Científica à Globalização: Uma História de Desafios”, o desempenho das tarefas a partir do ajustamento homem-máquina, simbolizando o ajustamento a uma técnica, constitui o primeiro modelo institucionalizado de seleção⁵²⁷. De fato, segundo Duane Schultz e Sydney Schultz, “em 1919, Scott fundou sua empresa de consultoria, e, dois anos mais tarde, Cattell fundou sua *Psychological Corporation*, que também promoveu com sucesso a aplicação da psicologia ao mundo dos negócios”⁵²⁸. Como mostra a autora Maria Inês Assunção Fernandes, no artigo “Políticas Públicas e Ideologia”, a ciência psicológica no início do séc. XX surge de uma perspectiva organicista do biologismo social resultante dos modos de produção característicos da razão técnico-científica⁵²⁹. Para o autor Peter K. Spink, em seu artigo “A Organização Como Fenômeno Psicossocial: Notas para uma Redefinição da Psicologia do Trabalho”, a psicologia do trabalho surge de uma falsa separação entre psicologia teórica e psicologia aplicada, entre o determinismo técnico e a interação social do lado humano dos negócios, devido à postura valorativa da psicologia

⁵²⁶ *Ibid*, p. 206.

⁵²⁷ Sigmar Malvezzi, “Psicologia organizacional – da administração científica à globalização: uma história de desafios”, pp. 315.

⁵²⁸ Duane Schultz e Sydney Shultz, *História da psicologia moderna*, p. 206.

⁵²⁹ Maria Inês Assunção Fernandes, “Políticas Públicas e Ideologia”, cap. 2, s/p.

positiva⁵³⁰. Contudo, apenas em 1927 que a Psicologia Organizacional será reconhecida como uma especialização da Psicologia pela *American Psychologist Association*.

O modelo da ciência administrativa no início do séc. XX priorizava o estudo da individualidade, no qual o desempenho era estudado como uma propriedade do indivíduo, mas não do ambiente, passível de ser diagnosticado e previsto. Isso implica que havia uma descontextualização ou dissociação de determinantes sociais e políticos na eficiência do funcionário em sua tarefa, a ciência seria o instrumento de controle absoluto, totalizado em si mesmo. De acordo com Malvezzi, “resolvendo o problema de ajustamento do trabalhador à sua tarefa, a psicologia organizacional acreditava ser possível controlar a regularidade do processo de produção”⁵³¹. E, conforme Duane Schultz e Sydney Schultz:

O estudo começou como uma investigação dos efeitos do ambiente físico do trabalho – iluminação e temperatura, por exemplo – sobre a eficiência do empregado. Os resultados surpreenderam os psicólogos e os gerentes de fábrica. Descobriu-se que as condições sociais e psicológicas do ambiente de trabalho tinham mais importância do que as condições físicas em que as funções eram realizadas⁵³².

Contudo, o behaviorismo irá se fortalecer como abordagem psicológica devido ao crescente campo de estudo da psicologia animal e da psicologia comparada. “No começo do século, o estudo do comportamento animal segundo uma perspectiva biológica tornara-se popular nos Estados Unidos”⁵³³. “Qual a relação entre o trabalho com animais e a psicologia humana? Eu precisarei estudar essa pergunta. Na verdade, foi uma pergunta que sempre me perturbou um pouco”⁵³⁴. Do ponto de vista historiográfico, o behaviorismo se inaugura como uma escola acadêmica a partir da publicação do artigo “Psychology as the behaviorist views it”, por John Broadus Watson na *Psychological Review*, em 1913⁵³⁵, o segundo jornal de psicologia nos Estados Unidos, fundado em 1894 por Cattell e Baldwin.

⁵³⁰ Peter K. Spink, “A Organização Como Fenômeno Psicossocial: Notas para uma Redefinição da Psicologia do Trabalho”, p.177.

⁵³¹ Sigmar Malvezzi, “Psicologia organizacional – da administração científica à globalização: uma história de desafios”, p. 317.

⁵³² Duane Schultz e Sydney Shultz, *História da psicologia moderna*, p. 206.

⁵³³ Duane Schultz e Sydney Shultz, *História da psicologia moderna*, p. 213.

⁵³⁴ John B. Watson, “Psychology as the behaviorist views it”, p.

⁵³⁵ Richard J. Herrnstein e Edwin G. Boring, *Textos básicos de história da psicologia*, p. 626; Alexandra W. Logue, “The Origins of behaviorism: antecedents and proclamation”, p. 141, p. 142 e p. 154; Philip J.

John Watson obteve seu doutorado pela Universidade de Chicago em 1908, sob a orientação de James R. Angell, “o líder efetivo da escola funcionalista”⁵³⁶, onde estudou com John Dewey e G. H. Mead, e também pode acompanhar os trabalhos de Harvey Carr e Jacques Loeb. Segundo Alexandra W. Logue, no artigo “The Origins of Behaviorism: Antecedents and Proclamation”, Jacques Loeb queria que Watson fizesse sua tese de doutorado sob sua supervisão, “mas James R. Angell e H. H. Donaldson advertiram contra isso”⁵³⁷. De acordo com a autora, Harvey Carr e Jacques Loeb apoiaram John Watson em suas pesquisas com sujeitos não humanos⁵³⁸, mais especificamente, ratos brancos⁵³⁹. Assim, diante da abordagem da mente e da consciência como o instrumento cognitivo e fisiológico de adaptação do organismo, predominante no funcionalismo da Escola de Chicago, Watson redireciona a atenção para o comportamento objetivo e observado, tratando a consciência como um objeto inadequado e pouco importante para o entendimento da adaptação do organismo.

Em 1906, Charles Henry Turner, um dos primeiros psicólogos afro-americanos e um prolífico pesquisador no campo da psicologia comparada, publicou um artigo intitulado “Observações Preliminares sobre o Comportamento da Formiga”. Watson fez uma resenha do artigo na prestigiosa revista *Psychological Bulletin* e o cobriu de louvores. Na resenha, Watson usou a palavra comportamento do título de Turner. Essa pode ter sido a primeira vez que Watson usou o termo por escrito, embora ele o tenha empregado antes num pedido de recursos⁵⁴⁰.

A psicologia animal apresentava duas abordagens, ou duas leituras, uma mentalista e outra comportamental. O termo mentalista empregado pela psicologia animal se aplicava ao estudo do comportamento animal em uma analogia com a mente humana. Segundo Duane Schultz e Sydney Schultz:

Em 1900, o labirinto para ratos foi introduzido por W. S. Small na Universidade Clark, e o rato branco e o labirinto se tornaram o método padrão do estudo da aprendizagem. Mas, a consciência continuou a se imiscuir na psicologia animal, mesmo com o rato branco no labirinto. Interpretando o comportamento do roedor, Small escreveu, em termos mentalistas: “Também está claro que o que se pode adequadamente denominar idéias têm algum lugar no processo associativo. Imagens rudimentares, visuais, olfativas, motoras -,

Pauly, “G. Stanley Hall and his successors: a history of the first half-century of psychology at Johns Hopkins”, p. 37; & Richard Herrnstein, “Introduction to Watson’s comparative psychology”, p. 113.

⁵³⁶ Richard J. Herrnstein e Edwin G. Boring, *Textos básicos de história da psicologia*, p. 626.

⁵³⁷ Alexandra W. Logue, “The origins of behaviorism: antecedents and proclamation”, p. 159. Ver também, Richard Herrnstein, “Introduction to Watson’s comparative psychology”, p. 112.

⁵³⁸ Alexandra W. Logue, “The origins of behaviorism: antecedents and proclamation”, p. 159.

⁵³⁹ Richard Herrnstein, “Introduction to Watson’s comparative psychology”, p. 113.

⁵⁴⁰ Duane Schultz e Sydney Shultz, *História da psicologia moderna*, p. 213

condições orgânicas e atividades instintivas são com certeza os principais elementos. Não é impossível que esses elementos venham a compor idéias. A analogia com a experiência humana aponta, com efeito, para essa conclusão”⁵⁴¹.

Margaret Floy Wasburn, que foi a primeira doutoranda de Titchener na Universidade de Cornell, também trabalhava com a psicologia animal na abordagem mentalista. Em 1908, ela escreveu o manual de psicologia *The Animal Mind*. “Embora tenha sido considerado a mais abrangente revisão da literatura sobre psicologia animal da época, esse livro marcou o fim de uma era na psicologia animal”⁵⁴². A abordagem de inferir estados mentais a partir da observação do comportamento foi uma tendência que não resistiu à crescente orientação comportamental para o estudo da aprendizagem. E devemos lembrar que essa mudança está dentro de um contexto político, no qual cargos para a promoção viriam das iniciativas de uma psicologia de caráter público e prático.

Os alunos treinados por Robert M Yerkes em seu laboratório foram para campos aplicados, visto não conseguirem empregos em psicologia comparada. Os que tinham cargos universitários descobriram ser os membros mais descartáveis dos seus departamentos de psicologia. Em épocas de dificuldades financeiras, eles costumavam ser os primeiros demitidos. O próprio Watson teve problemas no início da carreira. “Minhas pesquisas no momento estão muito problemáticas”, ele escreveu a Yerkes em 1904. “Não temos absolutamente nenhum lugar para manter os animais e não há recursos para manter o ‘zoológico’, mesmo que tivéssemos o lugar”⁵⁴³.

O periódico *Journal of Animal Behavior*, que mais tarde se tornou *Journal of Comparative Psychology*, foi fundado em 1911. Em 1907, a psicologia russa, por meio dos trabalhos de Ivan Petrovitch Pavlov (1849-1936), tornou-se conhecida nos Estados Unidos, juntamente com os trabalhos do americano Edward Lee Thorndike, quem elaborou uma teoria objetiva e mecânica da aprendizagem baseada no comportamento manifesto, o *conexionismo*. “Ele interpretou a aprendizagem não em termos subjetivos, mas em termos das conexões concretas entre estímulos e respostas. Contudo, ele permitiu algumas referências à consciência e aos processos mentais”⁵⁴⁴. Ivan Pavlov, no início de seus trabalhos, também havia adotado uma abordagem mentalista, uma vez que o termo original para os reflexos condicionados era reflexos psíquicos⁵⁴⁵. Assim, desde os

⁵⁴¹ *Ibid*, p. 213.

⁵⁴² *Ibid*, p. 213.

⁵⁴³ *Ibid*, p. 215.

⁵⁴⁴ *Ibid*, p. 218.

⁵⁴⁵ *Ibid*, p. 226.

primeiros momentos da psicologia animal é possível identificar um movimento em direção a uma abordagem mais objetiva e que lidasse com os aspectos observáveis do comportamento. “No início do século XX, contudo, o objeto de estudo e a metodologia da psicologia animal eram totalmente objetivos. Secreções glandulares, reflexos condicionados, atos, comportamentos – esses termos não deixavam dúvida de que a área finalmente se livraria do seu passado subjetivo”⁵⁴⁶.

Foi dessa forma que a psicologia animal contribuiu para que o comportamentalismo surgisse e se desenvolvesse como a escola de psicologia mais forte nos Estados Unidos. Nas palavras de Richard J. Herrnstein e Edwin G. Boring, “Watson estava convencido da visão funcionalista”⁵⁴⁷, mas um “funcionalismo comportamental”, e não um “funcionalismo mental”. “Penso que o *comportamentalismo* é o único funcionalismo coerente e lógico”⁵⁴⁸.

Os primeiros funcionalistas de uma abordagem do comportamento, como os representantes da psicologia animal e a psicologia aplicada, entre eles John Watson, tinham por base o valor dependente do efeito de um hábito em uma dada resposta comportamental, de acordo com a maior amplitude de estímulos dados em condições experimentais⁵⁴⁹. Sobre a doutrina do mentalismo, na qual se aplicava uma interpretação analógica entre mente e os dados do comportamento, para John Watson, é uma perspectiva falsa. Em seu artigo, “Psychology as the behaviorist views it”, Watson mostra que é hora da psicologia se afastar de toda referência à consciência, e que é uma ilusão pensar que os estados mentais podem ser objetos de observação⁵⁵⁰. Em suas palavras:

Ficamos tão mergulhados em questões especulativas referentes aos elementos da mente, a natureza do conteúdo consciente (...) que eu, como estudante experimental, sinto que algo está errado com nossas premissas e com os tipos de problemas que se desenvolveram a partir delas⁵⁵¹.

No mesmo artigo, John Watson se refere aos psicólogos experimentais da sensação, e cita, por exemplo, os atributos da sensação visual, como qualidade, extensão, duração, intensidade, clareza e ordem. Watson é radical em sua análise. “Duvido que um psicólogo

⁵⁴⁶ *Ibid*, p. 230.

⁵⁴⁷ Richard J. Herrnstein e Edwin G. Boring, *Textos básicos de história da psicologia*, p. 626.

⁵⁴⁸ John B. Watson, “Psychology as the behaviorist views it”, ¶ 12, s/p.

⁵⁴⁹ *Ibid*, ¶ 13, s/p.

⁵⁵⁰ *Ibid*, ¶ 4, s/p.

⁵⁵¹ *Ibid*, ¶ 9, s/p.

consiga apresentar um conjunto de afirmações que descrevam o que entende por sensação, e que consiga o acordo de três outros psicólogos com formação diferente”⁵⁵². Mais adiante Watson diz, “minha disputa psicológica não se limita apenas à psicologia sistemática e estrutural”⁵⁵³. Por fim, “fiz o melhor que podia para entender a diferença entre psicologia funcional e psicologia estrutural. Em vez de maior clareza, cheguei a maior confusão (...), sobretudo quando a função é obtida pelo método da introspecção”⁵⁵⁴. Watson propõe uma mudança conceitual, na qual os termos consciência, estados mentais (sensações, percepções, afecções), conteúdo, introspecção e imagens fossem substituídos pelos conceitos de estímulo, resposta, hábito e hereditariedade. O interesse de Watson é o conhecimento preciso dos ajustamentos do organismo que são provocados pelos estímulos. “Minha razão final para isso é conhecer métodos gerais e particulares pelos quais possa controlar o comportamento”⁵⁵⁵. Em seu livro *The Ways of Behaviorism* (1928), no qual se encontra o maior esforço de Watson para estabelecer sua posição quanto aos possíveis caminhos da psicologia⁵⁵⁶, o autor diz que o behaviorismo não foi uma revolta ou um processo, mas um novo caminho de procurar as coisas mais importantes sobre os seres humanos – um caminho objetivo⁵⁵⁷. “Behaviorismo é o estudo científico do comportamento humano. É o objetivo real que fornece as bases para a predição e controle dos seres humanos”⁵⁵⁸.

Por que homens e mulheres casam, por que se divorciam – quais os efeitos da proibição sobre o comportamento humano, como os direitos de voto político das mulheres? Permita-nos estudar esses problemas observando os seres humanos como estudamos os efeitos da luz contínua no crescimento da planta (...) O trabalho do behaviorista é – dado o estímulo, predizer a resposta – dada a resposta, predizer o estímulo⁵⁵⁹.

De acordo com Watson, para os behavioristas, os atos mais complicados da vida são apenas combinações de um padrão geral de comportamento. “Mesmo o pensamento, a memória, personalidade são integrações facilmente compreendidas pelo comportamento

⁵⁵² *Ibid.*, ¶ 9, s/p.

⁵⁵³ *Ibid.*, ¶ 11, s/p.

⁵⁵⁴ *Ibid.*, ¶ 11, s/p.

⁵⁵⁵ *Ibid.*, ¶ 14, s/p.

⁵⁵⁶ *Idem*, *The ways of behaviorism*, p. 4

⁵⁵⁷ *Ibid.*, p. 1.

⁵⁵⁸ *Ibid.*, p. 2.

⁵⁵⁹ *Ibid.*, p. 2.

estímulo-resposta”⁵⁶⁰. O esforço de Watson é livrar a psicologia das especulações que, segundo ele, eram próprias das escolas que ainda se mantinham fiéis ao introspeccionismo, cujos representantes foram acusados por Watson como adoradores de “entidades psíquicas”. Para Watson, “o behaviorismo nada tem a dizer sobre a consciência (...) behaviorismo é uma ciência natural”⁵⁶¹. Mais adiante, “para ser uma ciência, psicologia deve usar o mesmo material que todas outras ciências usam (...) seus métodos devem ser os métodos da ciência em geral”⁵⁶².

O behaviorismo como a nova disciplina da psicologia se desenvolve na Universidade Johns Hopkins a partir de 1908, quando John Watson termina seu doutorado em Chicago e assume o cargo de professor de psicologia nessa universidade com vinte e nove anos⁵⁶³. Duane Schultz e Sydney Schultz afirmam que a partir da Primeira Guerra Mundial, a psicologia aplicada havia se tornado um empreendimento de caráter popular, “uma mania nacional”, “capazes de curar tudo, da desarmonia conjugal à insatisfação com o trabalho”⁵⁶⁴. Sobre a desarmonia conjugal, como mostra Alexandra W. Logue, em seu artigo “The Origins of behaviorism: antecedents and proclamation”, “o *New York Times* (1972) tinha citado Watson: ‘O mistério do casamento foi quebrado. Nós devemos ter um novo tipo de ética, baseado em um estudo científico do comportamento humano como um caminho mais simples de adaptação marital’”⁵⁶⁵. Portanto, o behaviorismo é uma disciplina da psicologia que surge no cenário americano como uma proposta pública de bem estar e como a ciência objetiva do comportamento humano.

Na introdução do seu livro, *The Ways of Behaviorism*, John Watson ratifica que “o presente livro é francamente dirigido ao público”⁵⁶⁶. E, no início do primeiro capítulo, Watson corrobora sua posição da seguinte forma, “no momento há uma nova psicologia reivindicada por um interesse público”⁵⁶⁷. A autora Alexandra W. Logue também afirma que o behaviorismo surge como uma proposta de psicologia popular direcionada ao

⁵⁶⁰ *Ibid*, p. 3.

⁵⁶¹ *Ibid*, p. 3.

⁵⁶² *Ibid*, p. 9.

⁵⁶³ Alexandra W. Logue, “The Origins of behaviorism: antecedents and proclamation”, p. 158 e p. 161; Richard Herrnstein, “Introduction to Watson’s comparative psychology”, p. 113 & Michael Wertheimer, *Pequena história da psicologia*, p. 153.

⁵⁶⁴ Duane Schultz e Sydney Shultz, *História da psicologia moderna*, p. 201.

⁵⁶⁵ Alexandra W. Logue, “The Origins of behaviorism: antecedents and proclamation”, pp. 171-172.

⁵⁶⁶ John Watson, *The ways of behaviorism*, p. 3.

⁵⁶⁷ *Ibid*, p. 5.

público⁵⁶⁸. Como mostra Michael Wertheimer, em *A Pequena História da Psicologia*, John Watson foi “criador do primeiro anúncio de grande êxito dos cigarros Luck Strike – ‘pegue um Luck em vez de um doce’”⁵⁶⁹. Entretanto, como bem lembra Alexandra W. Logue, todo o movimento popular do behaviorismo no início do século XX é controverso, uma vez que o próprio jornal *Behaviorism* foi fundado em 1972. Mas, como ela mesma afirma, “poucos movimentos em psicologia têm mostrado tanta longevidade ou comandado tanta atenção”⁵⁷⁰.

Até 1913 o funcionalismo foi o movimento predominante na América, e o mais influente entre os psicólogos americanos. Mas, após essa data, a partir da publicação do artigo de John Watson, já pela Universidade Johns Hopkins, o behaviorismo surge no ambiente acadêmico dos Estados Unidos, adquirindo, de forma gradual, a importância social que veio a desempenhar no clima intelectual da América. Junto com o trabalho de Watson e a psicologia animal com não humanos, estão alguns movimentos que se conjugaram de maneira dinâmica, colaborando na formalização do behaviorismo como uma escola de pensamento adaptada à cultura norte-americana. Como diz Alexandra Logue:

Watson não tinha dado ainda um nome para seu movimento ou uma detalhada exposição dos seus princípios, embora as idéias estivessem lá. O que ele encontrou em Johns Hopkins foi um número de colegas que tinham inclinação behaviorista. Foi nesse terreno fértil que o behaviorismo finalmente criou raiz⁵⁷¹.

Entre esses movimentos, estão as consequências dos trabalhos de Charles Darwin para a psicologia, a partir da publicação das obras *The Origins of Species* (1859) e *The Expression of the emotions in Man and Animals* (1872); o próprio trabalho com a psicologia animal, inclusive a abordagem mentalista, foi uma herança dos psicólogos britânicos, como George John Romanes (1882-1965) e a publicação da sua obra *Mental Evolution in Animals* (1883), na qual Georges Romanes expõe o uso de experimentos objetivos com animais, procurando mostrar que estes experimentos ofereceriam dados e estabeleceriam leis que poderiam ser comparadas aos humanos⁵⁷². Como diz W. B.

⁵⁶⁸ Alexandra W. Logue, “The Origins of behaviorism: antecedents and proclamation”, pp. 141-142.

⁵⁶⁹ Michael Wertheimer, *Pequena história da psicologia*, p. 153.

⁵⁷⁰ Alexandra W. Logue, “The Origins of behaviorism: antecedents and proclamation”, p. 142.

⁵⁷¹ *Ibid*, p. 162.

⁵⁷² *Ibid*, p. 142, p. 143, p. 144.

Pillsbury, em *The History of Psychology* (1929), “Romanes estava procurando evidências para a doutrina da evolução, especialmente para provar que a inteligência humana derivou da inteligência animal”⁵⁷³; e os reflexiologistas russos com as clássicas pesquisas sobre o condicionamento a partir dos trabalhos de Ivan Michailovich Sechenov, Vladimir Mikhailovich Bekhterev e Ivan Petrovich Pavlov. Mas, enquanto a abordagem experimental russa nasce dentro da psicologia animal com não humanos, a abordagem experimental inglesa está dentro da fisiologia experimental⁵⁷⁴. E desse panorama intelectual, social e científico surge o behaviorismo watsoniano, o qual, num sentido geral, é funcional⁵⁷⁵.

O enredo histórico costuma apresentar uma lógica que se torna visível depois que é compreendida. Digamos que, diferentemente da lógica matemática, a lógica histórica não pode ser abstraída por um determinismo *a priori*, mas é compreendida em seu processo, em seu enredo. Com a história da psicologia não é diferente. Não podemos esquecer que John Watson doutorou-se sob a supervisão de um dos principais funcionalistas americanos, James R. Angell. E, mesmo não aceitando o “funcionalismo mental”, predominante na Escola de Chicago, o contraste entre John Watson e o funcionalismo é menos radical do que a posição que Watson assume quando o assunto é o estruturalismo.

Como bem mostra Alexandra W. Logue, o pragmatismo da escola funcional ajudou a criar um clima favorável para o anúncio do behaviorismo de Watson em 1913⁵⁷⁶. Mas, quando o estruturalismo está em discussão, a posição de Watson é mais radical porque ele continuava a favor de que a psicologia deveria se empenhar no estudo da função que permite a adaptação do organismo, mas não que a psicologia devesse estudar a estrutura de entidades psíquicas. Por isso, é importante ter cuidado quando pensamos sobre o desenvolvimento do behaviorismo nos Estados Unidos. O behaviorismo não ataca o funcionalismo e o estruturalismo na mesma medida, justamente porque ele nasce do primeiro.

Talvez, por isso, possamos dizer que enquanto Edward Titchener viveu, a história da psicologia teve a maior escola que fora conduzida por apenas um homem, o

⁵⁷³ W. B. Pillsbury, *The history of psychology*, p. 282.

⁵⁷⁴ Alexandra W. Logue, “The Origins of behaviorism: antecedents and proclamation”, p. 145.

⁵⁷⁵ *Ibid*, p. 158.

⁵⁷⁶ *Ibid*, p. 149.

estruturalismo. Tal escola está entre os clássicos que compõem o surgimento e desenvolvimento da psicologia moderna por representar radicais debates travados na história da psicologia na Alemanha e na América no início do séc. XX. Como diz Sahakian, “ainda que como um solitário, Titchener tivesse pouco a contribuir com a *American Psychological Association*, preferindo se dedicar ao seu próprio grupo *The Experimentalists*”⁵⁷⁷. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais, segundo Alexandra Logue, que “Watson, como qualquer outro funcionalista de Chicago daquele tempo, estava consciente do estruturalismo, mas não concordou com nada que visse dessa escola”⁵⁷⁸. Nas palavras de Edna Heidbreder, no livro *Psicologias do Século XX*, “a posição de Titchener na psicologia norte-americana é extraordinária e única. Num país onde era um estranho, e no qual sempre permaneceu um estranho, sua influência durante anos foi sempre dominadora”⁵⁷⁹. E, para os autores Duane Schultz e Sydney Schultz, “a era do estruturalismo acabou quando Titchener morreu. O fato de ter se mantido por tanto tempo é um tributo efetivo à sua personalidade dominadora”⁵⁸⁰.

Entre as Universidades de Harvard, Yale, Pennsylvania, Columbia, Chicago e Johns Hopkins, a Universidade de Cornell, sob a liderança de Titchener, é a quarta universidade que mais formou profissionais em psicologia. De 1894 a 1918 foram 37 Ph.D.s⁵⁸¹. Segundo Sahakian, pode-se dizer que desde 1892 até a data de 1927, o ano de sua morte, Titchener e Cornell são termos intercambiáveis⁵⁸². Como mostra o autor, a Universidade de Cornell, nesse período, se desataca como aquela que estava entre as primeiras a oferecer diversas disciplinas com treinamento prático e experimental. Nas palavras de Sahakian:

O presidente adquiriu importância e poder nas grandes universidades, e muitos se tornaram, de fato, ditadores que exigiam lealdade aos seus ideais e filosofia. Isso foi especialmente verdade em relação a Titchener, que exigiu dos membros do seu departamento uma lealdade pessoal e controlou a psicologia com mãos de ferro⁵⁸³.

⁵⁷⁷ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 352.

⁵⁷⁸ Alexandra W. Logue, “The Origins of behaviorism: antecedents and proclamation”, p. 159.

⁵⁷⁹ Edna Heidbreder, *Psicologias do século XX*, p. 107.

⁵⁸⁰ Duane Schultz & Sydney Schultz, *História da psicologia moderna*, p. 119.

⁵⁸¹ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 291.

⁵⁸² *Ibid*, p. 351.

⁵⁸³ *Ibid*, p. 351.

De acordo com Edna Heidbreder, o próprio Titchener se encarregava de lecionar nas classes do primeiro ano de psicologia para garantir que esta disciplina e os novos alunos da Universidade de Cornell recebessem logo no início a orientação de pesquisa que deveria ser adotada nesta universidade, que nada mais era que o próprio modelo titcheneriano de pensamento⁵⁸⁴. Vale a pena transcrever uma passagem citada por Heidbreder, a qual nos ajudará a entender um pouco das características pessoais do líder de Cornell, assim como da política de ensino nesta universidade. Ambas as perspectivas nos oferecerão elementos para entendermos que a diferença entre a psicologia titcheneriana e o movimento americano no início do séc. XX não é apenas de ordem metodológica, mas também de caráter político. O exame da personalidade de Titchener espelha o fundamento inglês da sua doutrina, e sua política autoritária permeará o tempo de vida do autor. Como diz Michael Wertheimer, “nascido na Inglaterra e de hábitos britânicos até a morte”⁵⁸⁵. Inclusive, Titchener mantinha a cerimônia de usar o mesmo traje de doutor que usava na Universidade de Oxford, ““ele nos dá o direito de sermos dogmáticos’, explicava”⁵⁸⁶.

No primeiro semestre, nas terças e quintas, às 11 horas, ele lecionava aos estudantes na nova sala de leitura do Goldwin Smith Hall, sala que possuía um laboratório profissional para demonstrações e um escritório anexo especialmente construído e cujas cadeiras estava na altura determinada para combinar com a estatura de Titchener. A demonstração havia sido escolhida uma hora antes e Titchener chegava logo depois das dez horas para fiscalizá-la. Mais tarde, os assistentes reuniam-se aos poucos em seu escritório. Quando chegava a hora da aula, ele vestia a sua beca de Oxford, um assistente a escovava para remover as cinzas do seu infalível charuto, os assistentes transpunham a porta e tomavam lugar na primeira fila. Titchener subia então na plataforma, vindo da porta de seu escritório. Todo esse ritual era executado com prazer e algumas vezes de forma humorística, contudo era seguido escrupulosamente. O pessoal reunia-se, após a aula, na sala de Titchener durante uma hora para conversar e às 13 horas dispersava-se para almoçar⁵⁸⁷.

De acordo com Heidbreder, Edward Titchener havia se inspirado e aprendido esse ritual na Universidade de Leipzig, quando ainda estudava com Wilhelm Wundt. “Embora tivesse trazido sua psicologia para um país distante, conserva não só a matéria como

⁵⁸⁴ Edna Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 110.

⁵⁸⁵ Michael Wertheimer, *A pequena história da psicologia*, p. 137.

⁵⁸⁶ Edna Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 110. Michael Wertheimer também descreve o ritual de Titchener e o uso da beca de Oxford. Ver, *Pequena história da psicologia*, p. 137.

⁵⁸⁷ Edna Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 110.

também o sistema da tradição de Leipzig”⁵⁸⁸. Como corrobora Sahakian, a personalidade de Titchener realmente contrastou com a tradição americana⁵⁸⁹, mas isso não significa que a psicologia de Titchener representa a tradição alemã nos Estados Unidos, como Heidbreder e muitos outros autores insistem em afirmar, “apesar de divergir em certos pontos, Titchener estava decididamente ao lado da ortodoxia wundtiana”⁵⁹⁰. E, mais adiante, “uma permanência de somente dois anos em Leipzig o tinha germanizado. Até mesmo parecia alemão (...) a ciência para a qual trabalhou era toda alemã”⁵⁹¹. Podemos considerar o fato de que tanto a personalidade de Titchener quanto sua proposta de psicologia, ambas contrastaram com a mentalidade americana, mas isso não equivale à afirmação prematura de confundir o sistema titcheneriano com a psicologia alemã ou mesmo wundtiana. O autor Ernest R. Hilgard, em seu livro *Psychology in America: A Historical Survey*, tem uma posição diferente em relação a Edna Heidbreder. Para Hilgard, os dois anos em que Titchener passou com Wundt não foram suficientes para que o seu estilo pessoal fosse, de fato, tão influenciado a ponto de se identificar o estruturalismo como a continuação da psicologia experimental alemã na América. Hilgard corrobora que o sistema titcheneriano e o wundtiano são diferentes. “Nascido e surgido na Inglaterra, ele tinha orgulho (...) da sua cidadania britânica”⁵⁹². Ao contrário de Heidbreder, para Hilgard, Titchener nunca foi naturalizado⁵⁹³. E, como mostra Sahakian, em uma carta escrita para o psicólogo A. A. Roback, em primeiro de fevereiro de 1923, Titchener diz: “Eu sou muito decididamente um psicólogo inglês, se o adjetivo significa nacionalidade; e espero que eu seja a mesma coisa se isso significa um tipo de pensamento”⁵⁹⁴.

Contudo, Hilgard também assume que, na América, Titchener estava como que “fora de lugar”⁵⁹⁵. Segundo Sahakian, “ele lutou amargamente contra o funcionalismo, e pareceu ter uma aversão por outras coisas americanas”⁵⁹⁶. Mas, apesar disso, de acordo

⁵⁸⁸ *Ibid*, p. 110.

⁵⁸⁹ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 352.

⁵⁹⁰ Edna Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 107.

⁵⁹¹ *Ibid*, p. 108.

⁵⁹² Ernest R. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p. 75.

⁵⁹³ *Ibid*, p. 75.

⁵⁹⁴ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 355.

⁵⁹⁵ Ernest R. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p. 75.

⁵⁹⁶ William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 355.

com Heidbreder, as aulas de Titchener na Universidade de Cornell estavam crescendo a cada ano, atraindo muitos estudantes⁵⁹⁷. Mas, o caráter doutrinário e dogmático de Titchener, “fazia com que ele dominasse a situação”⁵⁹⁸. É assim que Heidbreder se refere quando descreve como Titchener conduzia seu seminário realizado no segundo semestre do programa⁵⁹⁹.

É lícito observar que o controle exercido por Titchener em seus alunos na Universidade de Cornell foi como um controle militar, ele se deu mesmo na ausência do líder. O grupo de psicologia experimental da Universidade de Cornell estava doutrinado por uma pessoa que exercia o comando na própria ausência, mas diferentemente de uma organização militar, não havia substituto para a ausência de Titchener. Nas palavras de Heidbreder: “Com exceção das reuniões para o exame de doutoramento, e aquelas ocasiões em que fazia o papel de anfitrião de visitantes ilustres, não ia ao laboratório”⁶⁰⁰. Mais adiante:

Nas raras ocasiões em que os estudantes conferenciavam com ele, faziam-no em sua casa, através de entrevistas. Suas horas de trabalho em casa eram cuidadosamente protegidas, e era sabido que somente uma verdadeira emergência justificaria uma tentativa de chamá-lo pelo telefone (...) e a psicologia em Cornell tornou-se aquela interpretada por uma única pessoa influente, por uma presença completa, porém invisível⁶⁰¹.

Edward Titchener representou não apenas o estruturalismo como uma escola da psicologia americana, mas uma autoridade na institucionalização da psicologia experimental na Universidade de Cornell. Uma personalidade que manteve Cornell como o único eixo do estruturalismo na América. No debate teórico que envolve tantas escolas institucionais, como a psicologia alemã de Wundt, Brentano, Külpe; os diferentes representantes do funcionalismo americano, como a psicologia experimental, a psicologia aplicada, psicologia comparativa e o behaviorismo; e as derivações da biologia evolucionista com conseqüências para a psicologia a partir das pesquisas inglesas, quem representa o estruturalismo é um único homem, que, com “mãos de ferro”⁶⁰² ou não, sendo fundamentalmente inglês, em terreno americano, dirige, numa terra de estranhos,

⁵⁹⁷ Edna Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 110.

⁵⁹⁸ *Ibid*, p. 111.

⁵⁹⁹ *Ibid*, p. 111.

⁶⁰⁰ *Ibid*, p. 111.

⁶⁰¹ *Ibid*, p. 111.

⁶⁰² William S. Sahakian, *History and systems of psychology*, p. 351.

uma escola que representava o seu próprio pensamento, a sua própria interpretação sobre o que seria a verdadeira psicologia, a psicologia científica, atraindo devotos e tornando-se uma das mais fortes e resistentes escolas da psicologia moderna, especialmente quando lembramos que a duração do estruturalismo foi a vida de Titchener, a vida de um autor, enquanto que o voluntarismo de Wundt, de acordo com B. R. Hergenhahn, em seu livro *An introduction to the history of psychology* (1992), de certa forma, ainda está entre nós⁶⁰³. Talvez, por isso mesmo, possamos compreender o que está implícito na seguinte afirmação de Heidbreder, “Não há dúvida de que o sentimento por ele despertado em seus discípulos e colaboradores era mais do que simples respeito”⁶⁰⁴.

Todavia, a citação de Hergenhahn levanta interesse, especialmente em uma passagem seguinte: “De fato, amplas evidências mostram que muitas das idéias de Wundt estão bem vivas na psicologia contemporânea, enquanto nada da substância do sistema de Titchener tem sobrevivido. A questão é o que causou a extensão virtual do estruturalismo?”⁶⁰⁵. Vamos ver como ele mesmo responde essa pergunta:

De muitos modos, o declínio da escola do estruturalismo foi inevitável. Nós temos visto que o interesse na mente é tão antigo quanto a história, e a questão de como a mente é relacionada aos processos do corpo retorna, no mínimo, tão longe quanto os antigos gregos. Focando, principalmente, no mundo físico, a ciência antiga foi extremamente bem sucedida, e seu sucesso estimulou interesse em direcionar uma metodologia científica para estudar a mente. Porque ambos, racionalistas e empiristas, (de modo geral) acreditaram que os sentidos eram a porta de entrada da mente, e não é surpresa que os processos sensórios estavam entre as primeiras coisas, nas quais a ciência focou quando foi aplicada ao humano. A partir daí, este foi apenas um curto e lógico passo para investigar as transmissões neurais, os mecanismos cerebrais e, finalmente, as sensações conscientes. O estruturalismo foi essencialmente uma tentativa de estudar cientificamente o que tinha sido a preocupação filosófica do passado. Como simples sensações surgem das informações sensórias, e como essas sensações são combinadas dentro de eventos mentais mais complexos?⁶⁰⁶

Essa passagem de Hergenhahn está se referindo não apenas ao objeto de estudo da psicologia experimental da sensação, mas ao método da introspecção. Portanto, na sentença “O que tinha sido a preocupação filosófica do passado”, observa-se que há um sistema de pensamento, o qual definia não apenas o objeto, mas uma metodologia de investigação. Dessa forma, as sensações e a introspecção corresponderiam a um sistema

⁶⁰³ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 257.

⁶⁰⁴ Edna Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 111.

⁶⁰⁵ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 257.

⁶⁰⁶ *Ibid*, p. 257.

no qual a psicologia ainda era estudada como filosofia da mente em uma perspectiva fisiológica. A psicologia da sensação e a introspecção lembravam de um tempo, no qual a psicologia estava submersa na filosofia, na fisiologia e, para não esquecer, também na metafísica; estava despossuída de identidade. Portanto, trata-se de um impulso lógico tratar a mudança que o behaviorismo representa na história da psicologia americana como uma revolução de caráter ontológico. Segundo o autor Gustavo Grauer, em seu artigo “A Revolução Ontológica na Psicologia em Decorrência da Teoria da Evolução”, as teorias psicológicas nascentes desse período não poderiam abarcar o mundo do passado, mas deveriam acompanhar um novo mundo que estava nascendo, “um mundo de constante mudança”⁶⁰⁷.

O behaviorismo corresponde a uma mudança ontológica na psicologia americana devido a todo um impulso cultural, científico, social e institucional a favor de um novo objeto de estudo e de um novo método para o desenvolvimento e progresso da psicologia americana. Neste sentido, quando surge o behaviorismo, inicia-se o fim do mentalismo, quando a mente não será mais observada, e qualquer referência a ela será especulação metafísica. Uma nova filosofia desempenhará um papel na história da psicologia americana, cuja discussão também é de ordem epistemológica devido à substituição do estudo das faculdades mentais para o exame das funções⁶⁰⁸, e a pesquisa sobre as funções será a análise do comportamento, a única função observável; tudo que poderá ser conhecido da experiência, a partir do behaviorismo, será a relação estímulo-resposta implicada na adaptação do organismo. Não podemos esquecer que esse movimento está dentro de uma perspectiva, na qual o modo de pensar passa a ser baseado na experiência, e não na especulação. A preocupação com os fatos vem a determinar o espírito de uma concepção científica de mundo⁶⁰⁹.

Quando a discussão é entre Titchener e a escola funcional, o debate compreende diferentes perspectivas sobre um mesmo objeto. Para Titchener, toda função tem uma estrutura que a determina. Já para os funcionalistas, funções semelhantes podem ocorrer em estruturas diferentes. Portanto, certas funções poderiam atuar diferentemente de suas

⁶⁰⁷ Gustavo Grauer, “A revolução ontológica na psicologia em decorrência da Teoria da Evolução”, p. 1.

⁶⁰⁸ *Ibid*, p. 21.

⁶⁰⁹ Hans Hahn, Otto Neurath & Rudolf Carnap, “A concepção científica do mundo – O Círculo de Viena”, p. 6.

estruturas originais, não seriam determinadas por elas, inclusive, a estrutura seria o modo de uma função, ao contrário do que Titchener pensava. Mas, quando a discussão é entre Titchener e a escola behaviorista, o contraste é mais radical, pois o que está em jogo é o estatuto científico e a moralidade do estruturalismo frente aos ataques de John Watson. É válido lembrar uma passagem de Edwin G. Boring, em um artigo, intitulado “Edward Bradford Titchener”, (1927), transcrito por Edna Heidbreder, no qual Boring atesta que a escola central que representava a oposição direta e bem definida ao behaviorismo, é Titchener⁶¹⁰.

O objeto principal da discussão entre o estruturalismo e o behaviorismo era o método da introspecção, cuja crítica era a herança que este tinha com o passado⁶¹¹. As críticas apontavam para o fato de que a introspecção era, na verdade, retrospecção, “porque o evento que era comunicado tinha já ocorrido e, portanto, o que estava para ser comunicado era uma memória da sensação em vez de uma sensação em si”⁶¹². Além disso, “também foi sugerido que uma pessoa não poderia introspectar alguma coisa sem mudá-la, isto é, a observação mudava o que estava sendo observado”⁶¹³. Mas, de acordo com Hergenhahn, ainda mais falacioso que o método da introspecção, foi o fato de Titchener não ter assimilado um dos mais importantes movimentos da história humana, a doutrina da evolução⁶¹⁴, e os novos conceitos que emergiram dela, que resubstancializaram toda natureza humana. Talvez por isso ele não tenha demonstrado compreender o que significava o movimento da psicologia aplicada e da psicologia comparativa na cultura americana, uma vez que não mostrou interesse nestes campos⁶¹⁵. “Também danoso foi a recusa dos estruturalistas em procurar um conhecimento prático. Titchener insistiu que ele estava procurando um conhecimento puro e não estava preocupado em aplicar os princípios da psicologia à solução de problemas práticos”⁶¹⁶.

Como mostra Rand B. Evans, no artigo “E. B. Titchener and His Lost System” (1973), o sistema de Titchener sofreu uma modificação desde a publicação do *A Text-Book of Psychology*, em 1910 até data da sua morte em 1927. Essa obra marca o estudo

⁶¹⁰ Edna Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 108.

⁶¹¹ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 257.

⁶¹² *Ibid*, p. 257.

⁶¹³ *Ibid*, p. 257.

⁶¹⁴ *Ibid*, p. 258.

⁶¹⁵ *Ibid*, p. 257-258; & Edna Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 108.

⁶¹⁶ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 258.

experimental da experiência individual, na qual o mundo da experiência humana depende do sistema nervoso. Entretanto, durante esse período, Titchener deixou de se preocupar exclusivamente com a classificação dos elementos da consciência, como sensações, imagens e, especialmente, a afecção⁶¹⁷, e expandiu seu método da introspecção para incluir a experiência fenomenológica⁶¹⁸. A fenomenologia, tomada por Titchener, é a observação imparcial e a descrição fiel da experiência, sem a indução de um objeto de atenção *a priori* ou um campo teórico⁶¹⁹, “que é a experiência separada dos valores e dos significados”⁶²⁰. Segundo Evans, Titchener pode ter recorrido ao método fenomenológico como forma de superar “a rígida terminologia da introspecção titcheneriana”⁶²¹, mas “sua fé no estudo dos conteúdos da experiência permaneceu firme e provavelmente teria continuado assim”⁶²².

Não há indícios de que devido ao fato de Titchener ter assimilado a fenomenologia em seu sistema a sua escola seria interpretada como uma releitura do pensamento alemão na América. Como ressalta Evans, a fenomenologia de Titchener é diferente da fenomenologia de Husserl, Brentano e Stumpf⁶²³. Além disso, é importante notar que a fenomenologia passou a ser o método empregado, “mas não houve nenhuma mudança básica no objeto de estudo”⁶²⁴. De acordo com T. H. Leahey, no artigo “The Mistaken Mirror: On Wundt’s and Titchener’s psychologies” (1981), transcrito por Hergenhahn, o sistema de Wundt e o de Titchener eram diferentes quanto à filosofia da ciência, teoria e método⁶²⁵. Enquanto o objetivo de Wundt era explicar as operações cognitivas que causam a experiência consciente, “Titchener, sendo um positivista, procurou apenas uma descrição do fenômeno mental”⁶²⁶. O autor Kurt Danziger, no livro, *Wilhelm Wundt and the Making of Scientific Psychology*” (1980), editado por R. W. Rieber, argumenta que o sistema de psicologia de Wundt e o estruturalismo de Titchener refletem diferentes tradições, “a tradição romântica, racional e germânica de Wundt, e a tradição

⁶¹⁷ Rand B. Evans, “E. B. Titchener and His Lost System”, p. 88.

⁶¹⁸ *Ibid*, p. 90-91.

⁶¹⁹ *Ibid*, p. 90.

⁶²⁰ *Ibid*, p. 92.

⁶²¹ *Ibid*, p. 90.

⁶²² *Ibid*, p. 92.

⁶²³ *Ibid*, p. 91.

⁶²⁴ *Ibid*, p. 91.

⁶²⁵ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 261.

⁶²⁶ *Ibid*, p. 261.

sensacionista, empírica e britânica de Titchener⁶²⁷. Arthur L. Blumenthal, no livro *Points of View in the Modern History of Psychology*, também corrobora com a afirmação de que Titchener levou adiante o empirismo britânico na América⁶²⁸.

Portanto, para analisar qualquer referência ou alusão a uma possível falácia do estruturalismo como escola da psicologia, devemos ter duas perspectivas em vista, uma é de caráter epistemológico e a outra é de caráter político. A primeira está ligada às diferenças entre o estruturalismo e o behaviorismo que são de base ontológica devido a radical mudança que ocorre na história da psicologia a partir da biologia evolucionista, a qual trouxe uma nova concepção de homem. Assumimos essa tese devido ao fato de que, quando o panorama teórico na psicologia americana, até 1913, era o funcionalismo e o estruturalismo, o campo de discussão não era tão “espinhoso”, uma vez que o mesmo método se mantinha em ambas as escolas. Mas, a partir do momento em que o behaviorismo introduz os estudos da biologia evolucionista em uma proposta de psicologia de ordem pública e prática, e assimilável culturalmente pelo espírito da época, ele se propaga como a principal escola de psicologia nos Estados Unidos; a introspecção não poderia atingir o mundo da evolução.

Nessa análise, diagnosticamos importantes diferenças entre o estruturalismo e a psicologia experimental alemã, procurando mostrar que o diálogo entre o estruturalismo e o behaviorismo não é entre uma escola alemã e uma escola americana, mas entre uma escola americana de tradição inglesa e uma escola americana de tradição fundamentalmente americana. A definição da identidade do estruturalismo, indo de encontro a uma corrente historiográfica que insiste tratar Titchener como um alemão, foi necessário para identificarmos que tipo de pesquisa era realizada na Universidade de Cornell. Assim, se Edward Titchener realmente se encarregou de levar o empirismo britânico adiante, não é difícil de compreender porque ele fora influenciado pelo positivismo lógico vienense de Ernst Mach⁶²⁹. Nas palavras de Arthur Blumenthal:

Mach esforçou-se especialmente por purificar a ciência empírica, e em primeira linha, a física, de idéias metafísicas. Lembrem a sua crítica ao espaço absoluto, que o tornou um precursor de Einstein, sua luta contra a metafísica da coisa-em-si e do conceito de substância, bem como suas investigações sobre a construção dos conceitos científicos a partir de elementos últimos, os dados

⁶²⁷ *Ibid*, p. 261.

⁶²⁸ Arthur L. Blumenthal, *Points of view in the modern history of psychology*, p. 32.

⁶²⁹ *Ibid*, p. 32.

dos sentidos (...) Tais problemas de fundamentos conduziram igualmente a esforços pela renovação da lógica⁶³⁰.

Entretanto, há uma diferença entre o estruturalismo e na nova concepção científica de mundo que estava se formando na sociedade filosófica da Universidade de Viena, onde havia “numerosas discussões sobre questões de fundamentos da física e sobre problemas epistemológicos afins (...) Além disso, se tratavam de fundamentos da matemática, problemas de axiomática, logística e análogos”⁶³¹. Enquanto a sociedade de Ernst Mach tem um programa científico para o mundo que dialoga com o público, Edward Titchener mantém seu núcleo de discussão numa esfera privada. Como fala Evans, o seu próprio livro *A Text-Book of Psychology* foi escrito para os estudantes de psicologia, e não para os profissionais da área⁶³². Já a sociedade vienense consolida um tipo de instrumento intelectual para o empirismo moderno que se diferencia do empirismo titcheneriano no sentido de que o primeiro busca atingir a vida pública do cotidiano erudito e popular. O esforço racional de ordem social e econômica passaria por uma concepção científica de mundo⁶³³, enquanto que para Titchener, a psicologia deveria ser uma ciência pura da mente humana generalizada sem preocupações pragmáticas ou utilitárias⁶³⁴. Segundo Hergenhahn, Titchener realmente aceitou o positivismo de Ernst Mach, mas do ponto de vista que eventos não observáveis tinham lugar na ciência⁶³⁵. De fato, segundo Hans Hahn, Otto Neurath e Rudolf Carnap, no artigo “A concepção científica do mundo – O Círculo de Viena”, Ernst Mach sofreu questionamentos na época por não ter aceitado o atomismo⁶³⁶. Mesmo que, para Titchener, as sensações pudessem ser consideradas como os átomos da mente⁶³⁷, para a ciência, elas não seriam os átomos da psicologia. Essa

⁶³⁰ Hans Hahn, Otto Neurath & Rudolf Carnap, “A concepção científica do mundo – O Círculo de Viena”, p. 7.

⁶³¹ *Ibid*, pp. 7-8.

⁶³² Rand B. Evans, “E. B. Titchener and His Lost System”, p. 84.

⁶³³ Hans Hahn, Otto Neurath & Rudolf Carnap, “A concepção científica do mundo – O Círculo de Viena”, p. 9.

⁶³⁴ Duane Schultz & Sydney Schultz, *História da psicologia moderna*, p. 108.

⁶³⁵ B. R. Hergenhahn, *An introduction to the history of psychology*, p. 247.

⁶³⁶ Hans Hahn, Otto Neurath & Rudolf Carnap, “A concepção científica do mundo – O Círculo de Viena”, p. 7.

⁶³⁷ “Em 1896, Titchener tinha acabado de sair do laboratório de Wundt em Leipzig, onde se supunha que o atomismo introspectivo (na realidade, a química mental) desse a chave para o futuro científico da psicologia. Lá, parecia importante o problema do número de elementos mentais. Oswald Külpe, que estava próximo de Titchener em Leipzig, estava prestes a fundar a escola de Würzburg e a descobrir o novo elemento do pensamento sem imagens. Era natural que Titchener tentasse estabelecer a lista de elementos

sentença é reflexiva no sentido de que uma nova lógica científica estava sendo formulada, a qual seria traduzida na psicologia como behaviorismo. De acordo com os autores acima citados, “a tentativa da psicologia behaviorista de abranger todo o psíquico no comportamento de corpos e, portanto, em um nível acessível à percepção, está próxima, em sua atitude fundamental, à concepção científica de mundo”⁶³⁸, e por isso o behaviorismo comporta a responsabilidade de corresponder a uma mudança ontológica na história da psicologia. O comportamento, por ser o nível acessível à percepção, seria o novo átomo da ciência e a unidade fundamental da psicologia americana.

A partir daí, podemos aferir que a esfera pública do behaviorismo suplantou o caráter privado do estruturalismo no palco da psicologia na América. As esferas pública e privada foram delimitadas a partir de uma concepção racional do espaço social e a configuração urbana aconteceu devido ao industrialismo e a produção de capital no início do séc. XX, despertando um dispositivo que atrelou a geografia ao âmbito do econômico e do político⁶³⁹. Dessa forma, a concepção teórica do behaviorismo representa a formulação da psicologia americana em uma abrangência cultural, epistemológica, institucional e política, corroborando com a perspectiva organicista para um biologismo social. Por esse motivo, o fim do estruturalismo também tem causas políticas, que não por acaso estão ligadas à esfera do público e do privado.

Entende-se o termo político tal como apresentado por Michel Foucault, em *Microfísica do Poder* (1979). Segundo o autor, a história é permeada por relações de força, de desenvolvimento estratégico e de táticas, e menos por estruturas simbólicas e significantes. “Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não linguística. Relação de poder, não relação de sentido”⁶⁴⁰. Dessa forma, mesmo o termo ideologia, que temos usado neste trabalho para definir o conjunto de representações que emergiram do desenvolvimento científico a partir da metade do séc. XIX, é combatido por Foucault. Para o autor, a noção de ideologia

descobertos, uma espécie de tabela de Mendeléyev para a psicologia. Era então um jovem de vinte e nove anos. Em sua maturidade (em 1910) provavelmente teria considerado uma ingenuidade um compromisso tão rígido com os elementos sensoriais”. E. Boring & R. J. Herrnstein, *Textos básicos de história da psicologia*, p. 70.

⁶³⁸ *Ibid*, p. 17.

⁶³⁹ Maria Inês Assunção Fernandes, “Fragmentos do pensar sobre a cidade: os sentidos do morar”, s/p.

⁶⁴⁰ Michel Foucault, *Microfísica do poder*, p. 5.

corresponderia à oposição virtual de alguma coisa que seria a verdade e, para ele, os discursos não são permeados por graus de cientificidade e verdade, mas comportariam “efeitos de verdade” no seu interior, “que não são em si nem verdadeiros nem falsos”⁶⁴¹. De acordo com Foucault, a ideologia estaria no âmbito da infra-estrutura determinada por fatores econômicos e materiais. Para ele, a extensão das estruturas técnico-científicas na ordem econômica teve sua estratégia na biologia e na física, especialmente a partir de 1920⁶⁴². Segundo Foucault, foi um momento em que a função do intelectual específico teve que ser reelaborada⁶⁴³.

Pode-se mesmo dizer que o papel do intelectual específico deve se tornar cada vez mais importante, na medida em que, quer queira quer não, ele é obrigado a assumir responsabilidades políticas enquanto físico atômico, geneticista, informático, farmacologista, etc.⁶⁴⁴.

Conforme assinala Foucault, as questões científicas que os especialistas lidavam estavam implicadas com questões sociais e econômicas que não puderam ser desqualificadas. O fato de começar a servir ao capital e ao Estado, fez do especialista um veículo de ideologia cientificista sob um comando político e econômico, o qual definiu “seu domínio de pesquisa, seu lugar no laboratório, as exigências políticas a que se submete, ou contra as quais se revolta, na universidade, no hospital”⁶⁴⁵. Portanto, para Foucault, em torno de uma concepção de verdade estão os fatores econômicos e políticos. Assim, de acordo com o autor, “é preciso pensar os problemas políticos dos intelectuais não em termos de ‘ciência/ideologia’, mas em termos de ‘verdade/poder’”⁶⁴⁶. Segundo Foucault, é dessa perspectiva que a questão da profissionalização do intelectual no início do séc. XX deve ser colocada, como uma construção da superestrutura do capitalismo a favor de uma concepção hegemônica de verdade, no interior da qual o intelectual especialista trabalha, buscando aplicações práticas para o desenvolvimento da sociedade.

Frente ao movimento científico na formação de especialistas comprometidos com uma lógica de aplicação social do conhecimento científico, a política de ensino da Universidade de Cornell pode ser analisada de dois modos, inicialmente, observando a

⁶⁴¹ *Ibid*, p. 7.

⁶⁴² *Ibid*, p. 12.

⁶⁴³ *Ibid*, p. 12.

⁶⁴⁴ *Ibid*, p. 12.

⁶⁴⁵ *Ibid*, p. 13.

⁶⁴⁶ *Ibid*, p. 13.

posição que Titchener assume no diálogo inter-acadêmico das universidades americanas, e o modo como ele dirige o seu grupo de pesquisa *The Experimentalists*. Além de manter a psicologia estrutural em um ambiente privado de discussão, sem qualquer consideração aos fins práticos, o caso de Titchener também demonstra um hábito de reclusão, o qual parece ter colaborado com sua ausência nos espaços sociais, nos quais a psicologia americana ainda estava se formulando, como a *American Association of Psychology*. Como mostra Edna Heidbreder:

Era evidente que ele não combinava com a mentalidade norte americana. Achou mesmo difícil continuar como Sócio da Associação Americana de Psicologia, organização da qual os maiores psicólogos da América eram tradicionalmente sócios. Certa ocasião, não conseguiu o apoio da Associação num assunto que, a seu ver, era uma questão de ética profissional. Demitiu-se, então, da sociedade e embora renovasse a sua inscrição alguns anos depois, nunca mais compareceu às reuniões – nem mesmo à célebre reunião de Itaca – e chegou a deixar caducar o seu título de sócio⁶⁴⁷.

Segundo Duane Schultz e Sydney Schultz, Edward Titchener se demitiu da Associação no tempo em que ele era o próprio presidente. Como mostra os autores, após a Associação ter se recusado em expulsar um membro que ele acusara de plágio, Titchener se demitiu não apenas da presidência, mas da sociedade. “Conta-se que um amigo pagou as cotas de Titchener por alguns anos para que o seu nome continuasse a figurar como membro da APA”⁶⁴⁸. Já Michael Wertheimer oferece uma outra hipótese para o desligamento de Titchener da Associação. Para o autor, foi uma controvérsia entre Titchener e Baldwin “a respeito de tempos de reação, que foi algo rude em suas críticas a Titchener”⁶⁴⁹, que o levou a demitir-se da APA. De qualquer forma, foi a partir daí que, em 1904, Titchener fundou seu grupo de pesquisa, que se tornou o seu próprio laboratório de discussão, “um grupo pequeno e fechado”⁶⁵⁰, no qual ele mesmo “seleccionava os tópicos e os convidados, e, de modo geral, dominava as reuniões”⁶⁵¹. Nas palavras de Heidbreder, “os títulos de sócio eram determinados por meio do convite de Titchener, e suas publicações e debates se restringiam aos tópicos que recebiam sua aprovação ou pelo menos que escapavam do seu amável, porém autoritário *Verboten!* (proibido)”⁶⁵².

⁶⁴⁷ Edna Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, pp. 108-109.

⁶⁴⁸ Duane Schultz & Sydney Schultz, *História da psicologia moderna*, p. 107.

⁶⁴⁹ Michael Wertheimer, *Pequena história da psicologia*, p. 137.

⁶⁵⁰ *Ibid*, p. 137.

⁶⁵¹ Duane Schultz & Sydney Schultz, *História da psicologia moderna*, p. 107.

⁶⁵² Edna Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 109.

Para Heidbreder, a relação de Titchener com a psicologia americana era a relação de Titchener com seu próprio grupo⁶⁵³. “Parecia encarar os experimentalistas como um grupo de eleitos, uns poucos escolhidos como merecedores ou quase merecedores, de servir à psicologia como uma ciência pura – um grupo de salvadores, separado por ele da turbamulta dos psicólogos nativos”⁶⁵⁴.

Rand B. Evans descreve a relação de Titchener com sua escola como um comando tático, um planejamento de batalha contra o inimigo⁶⁵⁵. Para o autor, a faculdade de Cornell serviu como um campo encarregado de formar tropas, sendo que as teses de doutorado eram como armas⁶⁵⁶. O tom autocrático de Titchener, apontado por Duane Schultz e Sydney Schultz⁶⁵⁷, também aparece em Edna Heidbreder. A autora mostra que:

Nas duas séries de aulas publicadas sob o título de *Experimental Psychology of the Higher Thought Processes* e *Psychology of Feeling and Attention*, por exemplo, - realmente não pede ao público para tratar do assunto junto com ele; examina o terreno, organiza os fatos e aponta o caminho a seguir⁶⁵⁸.

A formação tradicional de Titchener torna-se uma marca da sua vida e, portanto, uma marca de Cornell. Como mostra Michael Wertheimer, os alunos “entravam disciplinadamente na sala antes do professor e ocupavam cadeiras especialmente reservadas para eles, nas primeiras filas”⁶⁵⁹. Neste sentido, é interessante observar a citação de Ernest R. Hilgard sobre um caso que envolve Titchener e o presidente de Cornell, no qual fica claro a personalidade e as formalidades que marcaram o caráter do homem inglês.

Um foi a ilustração da insistência de Titchener em mostrar sua dignidade quando ele recusou um convite para jantar na casa do presidente de Cornell porque o presidente não o tinha chamado. O presidente argumentou que ele não teve tempo de chamar todos os novos homens, então Titchener disse que o presidente poderia “no mínimo enviar seu mensageiro com sua carta”. O presidente agiu conforme a solicitação e Titchener foi ao jantar⁶⁶⁰.

Outro fato interessante foi a passagem de Titchener pelo *American Journal of Psychology*, cujo corpo editorial era dividido com Sanford e Hall, “e Hall possuía o

⁶⁵³ *Ibid*, p. 109.

⁶⁵⁴ *Ibid*, p. 109.

⁶⁵⁵ Rand B. Evans, “E. B. Titchener and His Lost System”, p. 83.

⁶⁵⁶ *Ibid*, p. 83.

⁶⁵⁷ Duane Schultz & Sydney Schultz, *História da psicologia moderna*, p. 106.

⁶⁵⁸ Edna Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 112.

⁶⁵⁹ Michael Wertheimer, *Pequena história da psicologia*, p. 137.

⁶⁶⁰ Ernest R. Hilgard, *Psychology in America: a historical survey*, p. 76.

jornal”⁶⁶¹. Contudo, posteriormente, “Karl Dallenbach comprou o jornal e permitiu Titchener ser seu único editor de 1921 a 1925”⁶⁶². Segundo Hilgard, quando Dallenbach, ex-aluno de Titchener, sugeriu artigos diferentes, como sobre os equipamentos laboratoriais, Titchener ficou “irritado” com as implicações decorrentes da discussão, como o fato de que “aquele não era seu jornal e prontamente demitiu-se (...) Titchener aparentemente planejou começar um novo jornal, mas morreu antes que isso fosse consumado”⁶⁶³. Em uma outra passagem de Duane Schultz e Sydney Schultz, a qual também envolve Karl Dallenbach, fica claro o caráter doutrinário da formação, não de Cornell, mas de Titchener em seus alunos.

A atenção de Titchener para com os alunos não terminava quando eles deixavam Cornell, nem o seu impacto sobre a vida deles. Dallenbach, ao receber seu grau de doutor, pretendia ir para a escola médica, mas Titchener conseguiu-lhe um cargo de professor na Universidade de Oregon. Dallenbach pensava que Titchener aprovaria sua ida para a escola médica, mas estava enganado. “Tive de ir para Oregon, pois ele não pretendia que o seu treinamento e trabalho comigo se perdessem”⁶⁶⁴.

Contudo, “o laboratório de Titchener em Cornell era um local de grande atividade e entusiasmo, ao tempo que lá estava”⁶⁶⁵, atraindo multidões⁶⁶⁶. Como diz Heidbreder, Titchener conduziu seu grupo na “palma da mão”⁶⁶⁷, e a psicologia de Cornell tornou-se aquela interpretada por uma única pessoa, uma vez que “o modo característico de Titchener apresentar um assunto é o de expor as suas próprias operações intelectuais a esse respeito”⁶⁶⁸. Quando Titchener chegou à Universidade de Cornell em 1892, havia um espírito de independência, praticidade e aventura, o que era incompatível com a visão autoritária do estruturalismo. Assim, o modo como o estruturalismo foi comandado tinha em si mesmo o seu próprio fim.

Não apenas a metodologia do estruturalismo, mas o caráter institucional e político desta escola corroboraram com a sua não prosperação na medida em que Titchener estava longe de corresponder ao intelectual especialista interessado em problemas práticos, cuja formação era a requisitada pela cultura americana da época. Assim, o tipo de pesquisa

⁶⁶¹ *Ibid*, p. 76.

⁶⁶² *Ibid*, p. 76.

⁶⁶³ *Ibid*, p. 76.

⁶⁶⁴ Duane Schultz & Sydney Schultz, *História da psicologia moderna*, p. 106.

⁶⁶⁵ Michael Wertheimer, *Pequena história da psicologia*, p. 139.

⁶⁶⁶ Edna Heidbreder, *Psicologias do séc. XX*, p. 110.

⁶⁶⁷ *Ibid*, p. 109.

⁶⁶⁸ *Ibid*, p. 112.

realizada em Cornell e o modo como ela fora conduzida dão o caráter epistemológico e político da não continuidade da proposta titcheneriana na América. Mas, isso não deslegitima o devido lugar que o estruturalismo ocupa na memória da história da psicologia. A escola estrutural lembra de um tempo em que toda uma tradição da história da ciência foi fortemente mexida. A psicologia estruturalista de Edward Bradford Titchener, tão revolucionária a princípio, logo se situou na face da sua natureza conservadora, por meio da qual sua preocupação continuaria refletindo a história que havia sido feita desde o início, a qual, para Titchener, deveria continuar se desenvolvendo continuamente; ainda que fosse dentro da dimensão do sentido interno da própria vontade, que fora, por mais contraditório que esta afirmação possa aparecer, uma marca da sua personalidade.

CONCLUSÃO

Esta conclusão objetiva sintetizar não apenas as principais prerrogativas que nos reportam ao problema central desta pesquisa, como retomar conceitos e discussões que foram tratados ao longo do trabalho e que formam o tecido histórico, no qual se engendra a tradição metodológica que Edward B. Titchener representa. Neste sentido, fica claro que para assumirmos qualquer posição teórica a respeito da psicologia titcheneriana, foi necessário estabelecer o que está implicado na história que enreda a proposta de Titchener para a psicologia.

De acordo com Egon Guba, na obra *The Paradigm Dialog* (1990), toda corrente teórica pode ser entendida pelo modo como seus proponentes respondem a três questões, a questão ontológica, epistemológica e metodológica. Da perspectiva ontológica, a preocupação é com o elemento cognoscível, ou seja, a natureza da realidade; a questão epistemológica emerge como o questionamento da natureza da relação que envolve o conhecedor e o conhecido, ou cognoscível; e, dessa maneira, o problema metodológico se coloca como o caminho que o conhecedor assume para atingir o conhecido ou mesmo a natureza da realidade cognoscível⁶⁶⁹. Como mostra Guba, esses três pontos determinam o que a investigação é e como ela deve ser praticada, ou seja, mostram o sistema de crenças que constrói um determinado conhecimento humano sobre o mundo. Por isso, a questão da metodologia aponta as questões epistemológica e ontológica.

Desse modo, a perspectiva de análise deste trabalho estabeleceu como elemento central a discussão do método, que em si mesmo é auto-reflexivo, uma vez que ele nos reporta simultaneamente à análise interna e externa de um campo teórico dado. A discussão do método está imersa numa narrativa histórica que entrelaça aspectos internos e externos. Esse é o modo pelo qual procuramos apontar perspectivas que pudessem localizar o eixo intelectual que Edward B. Titchener assume na história das idéias.

Outro aspecto desta pesquisa foi a análise de caráter externo, isto é, institucional, cultural e sócio-econômico. A análise externa da figura de Titchener objetivou mostrar os aspectos políticos imersos no processo institucional da psicologia nos Estados Unidos, emergindo daí a crítica com o modo pelo qual Edward B. Titchener é tratado pela historiografia moderna.

⁶⁶⁹ Egon Guba, *The Paradigma Dialog*, p.

Uma das contribuições desta pesquisa, portanto, foi refazer a memória de Edward B. Titchener na história da psicologia, questionando generalizações que minimizaram o seu papel na formulação da psicologia americana, o qual nos remete a uma tradição de longa escala na história da ciência.

Uma das conclusões desta pesquisa é a afirmação de que quando a psicologia titcheneriana não prosperou no cenário estadunidense, não foi apenas o projeto de Titchener como a proposta de um homem isolado que não vingou, mas toda uma corrente que define uma forma de se pensar o conhecimento é reconsiderada devido a uma nova situação cultural, social e econômica.

Como pudemos observar com Foucault, a concepção de ciência que emerge no séc. XX nos Estados Unidos desponta a partir da representação ideológica de dois conceitos: evolução e desenvolvimento. Estes conceitos nutriram uma concepção de “verdade científica” que, por meio de nexos lógicos construíram argumentos e justificações, os quais, para Titchener, não deveriam ser distorcidos pela “verdade do senso comum”, nem pela história.

Apesar desta pesquisa ter perpassado a Inglaterra do séc. XVIII e a Alemanha do séc. XIX, é nos Estados Unidos do séc. XX que a figura E. B. Titchener é contrastado com o fundo pós-colonial e recém-industrial americano. Assim, o percurso intelectual deste trabalho revisitou momentos históricos e espaços teóricos na intenção de buscar argumentos de prova para a hipótese desta pesquisa, no sentido proposto pelo autor francês Laurence Bardin no livro *Análise de Conteúdo*⁶⁷⁰ (1977), ainda que Maria Helena Souza Patto, no artigo “Para escrever uma história da psicologia: contribuição a partir de uma experiência” (2000), tenha afirmado que o trabalho historiográfico é sempre interpretativo⁶⁷¹. De acordo com Bardin, a análise do conteúdo é a função administrativa da prova, ainda que “dependente de um tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo”⁶⁷².

⁶⁷⁰ Laurence Bardin *Análise de Conteúdo*, p. 30.

⁶⁷¹ Maria Helena Souza Patto, “Para escrever uma história da psicologia: contribuição a partir de uma experiência”, p. 91.

⁶⁷² Laurence Bardin *Análise de Conteúdo*, pp. 30-31.

Dessa forma, mesmo sendo de base documental⁶⁷³, a análise dos conteúdos tratados nesta pesquisa ofereceu um conjunto de axiomas que formaram *unidades de contexto*⁶⁷⁴, facilitando a compreensão de que a psicologia titcheneriana se institucionaliza nos Estados Unidos como o espelho da tradição moderna do empirismo inglês, e não da psicologia alemã wundtiana.

Assim, procurou-se problematizar certos argumentos observados na historiografia moderna, condicionando outras variáveis que conjugassem novas conclusões a respeito da naturalidade da psicologia titcheneriana e, assim, entender os reais motivos pelos quais ela não prospera no cenário da psicologia americana, procurando colaborar com um novo gênero narrativo para a historiografia contemporânea.

A análise da questão epistemológica que esta pesquisa apresenta foi amarrada pelo modo como a discussão do conceito de espaço aparece em alguns textos de importantes autores na história da ciência, como Isaac Newton, René Descartes e Immanuel Kant, assim como aparece para dois neoplatonistas, Henry More e Joseph Raphson; estes entraram em discussão justamente para demonstrar o período conturbado que envolve a renascença inglesa. Partimos também para os fisiologistas ingleses do séc. XVIII e alemães do séc. XIX, os quais surgem como uma resposta ao veto da psicologia empírica como ciência imposto por Immanuel Kant. A partir deste caminho, ficou possível entender o que Titchener representa como tradição de pensamento para a história da psicologia.

Como vimos neste trabalho, para Titchener, a extensão espacial seria uma percepção inerente aos elementos sensitivos. Em seu sistema, a extensão espacial aparece como atributo da sensação. De acordo com Titchener, a consciência é formada a partir da extensão espacial das sensações e, por isso, ela pode ser estudada objetivamente por meio dos seus elementos originais. O sentimento, no sistema titcheneriano, seria a duração temporal da extensão espacial da consciência. A duração do sentimento, para Titchener, dependeria da qualidade, intensidade e clareza das sensações. Segundo Titchener, é a clareza da sensação que dará forma espacial à consciência. Para o autor, as idéias apenas

⁶⁷³ Segundo Bardin, “o peso do desenvolvimento das técnicas documentais tem-se mantido relativamente discreto no campo científico”. L. Bardin, *Análise de Conteúdo*, p. 45.

⁶⁷⁴ O termo *unidades de contexto* é usado por Bardin no sentido de “compreender a significação dos itens obtidos, repondo-os no seu contexto”. L. Bardin, *Análise de Conteúdo*, p. 36.

representariam experiências sensoriais não presentes, como as lembranças do passado e as concepções de futuro. Titchener acredita que a psicologia é uma ciência da experiência, e não da razão ou da metafísica.

O monismo materialista de Edward B. Titchener se contrapõe ao dualismo metafísico de René Descartes. Para o último, a alma racional é não-espacial e distinta do corpo. A idéia de Deus e da alma não estariam nos sentidos, ao contrário do monismo titcheneriano, no qual qualquer idéia é uma representação de elementos sensoriais não presentes. Titchener herda da fisiologia alemã de Fechner a unidade psicofísica mente-corpo. O paralelismo psicofísico, na verdade, foi uma resposta às críticas de Immanuel Kant. Nessa doutrina, não existe o conceito de causa entre mente e matéria, uma se formaria a partir da outra. Desse modo, Titchener defende o princípio da mudança, no qual haveria um fluxo constante entre mente e matéria, e neste fluxo a consciência se formaria e se faria presente. No sistema titcheneriano, os processos da mente também envolvem aspectos do mundo externo em uma conjunção espaço-temporal definida. O método da introspecção, portanto, é um modo de localizar na mente os elementos relativos ao mundo material. Para Titchener, a introspecção pode recapturar a totalidade da experiência sem distorção. A busca de Titchener foi equiparar o método da psicologia com o método da física. Dessa forma, não há como escapar do problema epistemológico, ainda que Boring tenha afirmado que Titchener não estava preocupado com tal questão.

Como vimos com Boring, o campo de estudo da psicologia surge da psicologia fisiológica. Mas, é Kant quem deu uma definição mais precisa ao delimitar o campo empírico da experiência como fisiologia aplicada, enquanto que o campo racional, do pensamento ou das idéias seria a fisiologia da razão pura. Assim, o que Boring chama de filosofia da mente e fenomenologia experimental, Kant já havia denominado como fisiologia da razão pura e fisiologia aplicada. O conceito “razão pura” se apresenta como uma abstração intelectual e elaboração teórica, e está ligado aos princípios de causa e explicação. A fisiologia aplicada seria a filosofia da natureza por uma perspectiva fenomenológica e experimental, e a fisiologia da razão pura seria a filosofia da moral, que se diferencia da filosofia da natureza, segundo Kant. Assim, a fisiologia da razão pura é uma forma intelectual de elaboração teórica que atende à premissa de que certos objetos estão fora dos limites empíricos e experimentais.

Devido ao fato de que a filosofia britânica do séc. XVIII estava intimamente relacionada aos estudos da fisiologia experimental, a filosofia da mente que se desenvolve na Inglaterra e na Escócia tem uma forte sustentação empírica. Neste sentido, fica possível compreender o nexó lógico implícito na declaração de Titchener que “a psicologia fisiológica britânica do séc. XVIII falava a linguagem da ciência no sentido rigoroso, abrindo caminho para uma ciência da psicologia”. Titchener está se referindo à concepção experimental da ciência moderna, aquela descrita por Hooykaas como o exercício de descrição e explicação da natureza por meio da matemática e quantificação das qualidades.

A filosofia empírica é uma perspectiva de construção do conhecimento, segundo a qual a mente é a estrutura organizadora da experiência humana que se forma a partir das sensações, despertadas pelas características e qualidades presentes nos objetos externos. Essa perspectiva é de base naturalista e se caracteriza mais como um exercício descritivo da realidade do que explicativo. Na filosofia britânica do séc. XVIII sobressaltada por Titchener, a ênfase não é a alma como ser pensante e a razão como instrumento puro e genuíno de investigação da realidade; a “verdade” não seria buscada pela reflexão ou exercício intelectual, mas, ao contrário, construída como elemento sensorial, corporalmente situada. Na tradição vigente da Inglaterra do séc. XVIII, os fundamentos do juízo são procurados no campo empírico da natureza física, como, por exemplo, o conceito de instinto social, que seria uma lei geral da natureza do homem individual.

No entanto, na tradição da fisiologia experimental do iluminismo inglês, o conhecimento adquirido pela experiência não seria exatamente o conhecimento sobre os objetos externos, mas o conhecimento sobre as idéias despertadas pelas sensações. Desse modo, os métodos inglês e escocês de introspecção se diferenciarão da introspecção experimental alemã em um importante aspecto que não pode ser desconsiderado porque é nele que encontramos uma particularidade da tradição alemã no sistema titcheneriano.

O método empírico da introspecção praticada na Inglaterra e Escócia, fundamentado nas filosofias de John Locke, David Hume e Georges Berkeley, partia do princípio de que o máximo que poderíamos conhecer sobre a realidade externa à mente seria o conhecimento sobre as nossas próprias idéias (decorrentes das sensações) sobre os objetos. Nesta perspectiva, as idéias seriam mais impressões deixadas pelos objetos

externos do que uma condição do sistema nervoso ou da variação da energia nervosa decorrente. Já na introspecção experimental alemã, o caráter que define as sensações não está nos objetos em si, mas na estrutura do sistema nervoso. A fisiologia alemã descobriu que diferentes funções mentais eram mediadas por diferentes estruturas anatômicas. O sistema nervoso, como estrutura central, envolveria a sensação em uma função unificada. As analogias fisiológicas para os fatos psicológicos das sensações mostravam que a função correlacionava-se com a estrutura anatômica do sistema nervoso. Titchener, provavelmente, deriva daí a crença de que a função está associada à estrutura.

Outra diferença entre a fisiologia experimental alemã e o empirismo britânico, e que também se configura como influência decorrente do pensamento alemão no sistema de Titchener, é que a primeira acredita ser possível neutralizar os efeitos das inferências operadas pelas experiências passadas na mente do próprio sujeito, que é objeto, ao contrário do segundo grupo. Assim, a crença de que a natureza das sensações reside na estrutura do sistema nervoso, a busca por um método sistemático de introspecção, buscando neutralizar os efeitos da experiência passada nas idéias presentes, e a teoria do paralelismo psicofísico são as principais influências alemãs no sistema titcheneriano.

Entretanto, isso não é suficiente para dizer que sua escola deriva do pensamento alemão. Há um conceito que influenciou algumas das mais importantes correntes da psicologia alemã e que não está presente no sistema de Titchener. Trata-se do conceito “síntese criativa”, na qual a combinação de elementos sempre geraria alguma coisa nova, ou seja, alguma coisa se formaria que não seria própria do objeto, mas do sentido interno, como o sentimento. No terreno alemão, o sentimento surge como um aspecto volitivo (ou um exercício da vontade) de uma ação voluntária, enquanto que para Titchener seria apenas o caráter qualitativo de prazer ou desprazer de uma sensação intensa ou não intensa. Essa é uma importante diferença que não está ligada exatamente ao método, mas à ontologia do objeto.

Para fundamentar a questão ontológica que separa Titchener do pensamento alemão, recorreremos à discussão sobre a percepção do espaço. A partir deste conceito, foi possível traçar uma linha de pensamento e uma tradição na história da ciência, na qual Titchener pode ser localizado. Foi possível também abstrair a natureza do seu sistema e o que ele realmente representa enquanto corrente teórica e metodológica na história da psicologia.

Vimos nesta pesquisa que o conceito de espaço está intimamente correlacionado com o elemento alma na psicologia e com a concepção de Deus na física. Mas, isto não implica que a posição que Deus ocupa no escopo intelectual e cosmológico da física e a posição que a alma assume na fisiologia britânica são formas correlatas de tratar o tópico do espaço.

Apesar de ambas tratarem o espaço como o campo da divisibilidade dos corpos e o campo onde objetos podem ser conhecidos, existem diferenças evidentes que mostram que o conceito de Deus terá mais aceitação e importância como princípio explicativo na física inglesa do séc. XVIII do que a alma terá na fisiologia britânica e empírica do mesmo período.

A concepção do espaço absoluto para Newton, por exemplo, é um atributo da extensão de Deus e não das coisas, como pensava Descartes, para quem a extensão era a essência dos corpos. O período da renascença na Inglaterra trouxe uma série de influências do pensamento da teologia judaica antiga e medieval, da filosofia hermética, do pitagorismo e platonismo. Todas elas permearam disciplinas do conhecimento como a física, astronomia, química e alquimia. Esse encontro entre o que se considerava sabedoria antiga e o que passou a ser conhecimento moderno torna o período renascentista na Inglaterra bastante complexo.

Foi interessante observar que o trabalho de Newton e de dois neoplatonistas, Henry More e Joseph Raphson, tratam o espaço de uma forma que o conceito de Deus não apenas se faz presente, mas é a própria sustentação teórica, uma vez que nele reside a idéia de causa.

Para Henry More, a extensão não é vista de fora, mas ocupa um lugar interno. A infinitude do espaço, então, seria a própria onipresença de Deus. Para More, a essência perfeita de Deus não poderia ter limite espacial. Assim, devido ao fato do espaço ser estendido, ele pode ser mensurável, mas pelo fato de ser infinito, não é divisível.

Joseph Raphson também critica Descartes quando diz que algumas propriedades epistemológicas do real são inacessíveis ao intelecto. Raphson concebe o espaço como independente da mente que o percebe. Também trata de duas importantes concepções, infinito e infinitude. Segundo Joseph Raphson, Deus é infinito, mas não é infinitude. Para ele, infinitude é uma propriedade que adjetiva o espaço, mas não Deus. Infinitude seria

apenas o adjetivo da potência de Deus, que é ser infinita. Portanto, infinitude é o predicado de um sujeito, mas não o sujeito.

Raphson distingue infinito de infinitude para mostrar que se a infinitude fosse aplicado a Deus, o que se moveria no espaço seria infinito. Pela lógica, então, esse infinito também estaria ligado aos objetos, uma vez que são eles que se movem no espaço. Mas, para Raphson, o espaço é infinito por ser a extensão de Deus, enquanto o que se move nele é finito. Nesse sentido, a primeira causa teria que ser espacial, uma vez que a extensão seria a própria perfeição por ser a onipresença de Deus, e nada poderia produzir essa perfeição.

Já para Kant, o conceito de infinitude, por exemplo, é empiricamente impossível. Para Kant, tanto o limite absoluto, quanto o infinito, são empiricamente indemonstráveis. Portanto, o mundo dos sentidos não totalizaria a experiência humana, uma vez que a causa estaria ligada às condições temporais ou mesmo seria atemporal, e não espaciais.

Na verdade, a própria causalidade, segundo Kant, seria uma formulação intelectual porque a razão criaria para si mesma a idéia de causa. Assim, se iniciaria uma ação causal no tempo. Portanto, a causalidade seria o efeito de alguma coisa que não surge no tempo. De acordo com Kant, a própria causalidade precisaria de uma causa, ou seja, não seria possível obter uma totalidade absoluta das condições na relação causal.

No sentido de Friedrich Engels, a questão da divisibilidade, ao contrário de Kant, implica na limitação dos objetos que podem ser conhecidos. Para Engels, a universalidade do divisível estaria nas leis, as quais compõem o caráter eterno da natureza.

Como dissemos anteriormente, o conceito de espaço entrelaça a concepção de Deus na física e de alma na psicologia de forma diferente. Do ponto de vista da física, o espaço é absoluto, objetivo, empírico e sensitivo, mas também tem um caráter metafísico por introduzir uma concepção de causa à princípios não observáveis. Mas, do ponto de vista da fisiologia britânica, o espaço, ou a extensão espacial, seria o atributo primeiro da sensação, origem da idéia e da reflexão.

Neste sentido, há uma cartilha comum compartilhada entre fisiologistas e físicos na Inglaterra do séc. XVIII, na qual o espaço é concebido como um campo absoluto e sensível à medição; na física seria onde os objetos se movem, na psicologia empírica

seria onde as sensações se movimentam, originando o mundo das idéias. Contudo, a psicologia fisiológica não herda da renascença a mesma tendência metafísica observada na física de Newton e nos neoplatonistas, uma vez que ela mesma se formula nos solos britânicos como uma ciência descritiva dos conteúdos mentais sem buscar referência ao elemento alma.

É neste ponto que aferimos que a tipologia do pensamento de Titchener reflete o sistema dos primeiros fisiólogos britânicos. Titchener se posiciona a favor de que o espaço é um atributo da extensão dos corpos, e, como um não dualista, para Titchener, a consciência e os conteúdos mentais teriam propriedades espaciais.

Esta pesquisa, portanto, recoloca Edward Titchener no principal panorama de discussão da psicologia moderna. A psicologia moderna é entendida como aquele conjunto de conhecimentos sobre a mente humana, dotada para descrever e explicar a origem dos pensamentos, sentimentos, das idéias, imagens e sensações, e que começa a se organizar em um corpo definido a partir do séc. XVIII. Contudo, ela só se desdobra como uma disciplina de pesquisa laboratorial no séc. XIX, a partir dos fisiólogos alemães no exercício de responder experimentalmente à crítica kantiana em relação à psicologia empírica.

Edward Titchener está entre aqueles que buscaram elaborar um sistema de conhecimento objetivo sobre a mente a fim de responder às críticas impostas por Immanuel Kant quanto ao caráter experimental da psicologia empírica.

Para Kant, a psicologia jamais poderia se igualar à física, a ciência dos corpos no espaço, pois é justamente a metafísica da natureza pensante e não corpórea. De acordo com Kant, a natureza corpórea seria o objeto do sentido externo da fisiologia aplicada, enquanto a alma compreenderia o objeto do sentido interno da fisiologia da razão pura.

O objeto da psicologia, para Kant, se daria no tempo, e não no espaço. Para ele, certas idéias e representações aconteceriam fora do empírico. Kant diferenciou psicologia da filosofia, algo que os empiristas britânicos não haviam feito.

Mas, são os fisiólogos experimentais alemães que vão mediar tanto a perspectiva do empirismo psicológico, quanto à crítica kantiana, que se estende ao método da introspecção britânica, na qual o conhecimento sobre o mundo subsistia nas idéias referentes às próprias sensações, e não ao mundo em si-mesmo.

De acordo com Kant, nos solos ingleses, a psicologia empírica era mais uma filosofia da mente do que uma psicologia propriamente dita. Para combater essa crítica, a fisiologia alemã do séc. XIX estabelece o caráter dependente e objetivo do conhecimento sobre o mundo, o qual não estaria nas qualidades e idéias despertadas pelas sensações, mas na estrutura do sistema nervoso, estabelecendo um meio caminho entre o que seria inato e o que seria empírico na experiência perceptiva dos objetos externos no espaço.

A questão se a qualidade do objeto despertada na mente é uma propriedade das qualidades impostas pelas impressões das sensações ou da estrutura anatômica dos receptores sensoriais no sistema nervoso vai diferenciar o método inglês de introspecção da introspecção experimental alemã.

Na fisiologia experimental alemã, estruturas anatômicas específicas da visão, por exemplo, determinarão a qualidade e o espectro das cores, cuja freqüência de diferentes vibrações nas fibras nervosas dos nervos ópticos abriria o mundo de diferentes espectros para o sujeito.

A introspecção experimental desenvolvida pelos fisiólogos alemães vai responder à crítica kantiana ao método da introspecção, procurando mostrar que é possível correlacionar diretamente objetos, sensações e estruturas nervosas para a formação perceptiva real do próprio objeto.

Vale lembrar que o caráter experimental da ciência moderna alemã busca atingir um consenso social sobre os fatos, e com o modo como podem ser comunicados publicamente. Como fala Danziger, experimentação não seria apenas uma questão de construção cognitiva, mas um modo de organização social.

Dessa forma, a busca de uma definição do método e do objeto da psicologia fisiológica alemã foi uma consequência da herança kantiana solidamente presente no clima intelectual da Alemanha no séc. XIX.

De acordo com os medialistas da fisiologia alemã, os quais buscaram conciliar as teorias empíricas e inatas da percepção do espaço, cada lugar do sistema nervoso seria responsável pelo conteúdo qualitativo das sensações, mas a consciência seria apta a diferenciar sensações que se associam aos diferentes sinais locais. Assim, ainda existiria uma tendência inata para a ordem espacial.

Ernst Weber e Gustav Theodor Fechner, dois outros fisiologistas alemães, configuram a resposta final ao veto kantiano para o estabelecimento da psicologia empírica como uma ciência objetiva. Weber ofereceu a mensuração experimental da sensibilidade espacial cutânea, contribuindo com uma fisiologia da localização espacial. E Fechner procurou comprovar experimentalmente a relação indissociável entre matéria e espírito. Uma única natureza composta de duas perspectivas.

O monismo metafísico de Fechner combateu o materialismo do séc. XIX. Para Fechner, os acontecimentos físicos e mentais estão ligados horizontalmente e não hierarquicamente, no sentido da mente depender do cérebro. Para Fechner, a diferença entre mente e matéria seria uma diferença de ponto de vista, não de essência. Corpo e mente formaria a unidade psicofísica do eu.

É dentro desta perspectiva e neste panorama de discussão que Edward Titchener assume um lugar entre aqueles que compõem o grupo de intelectuais preocupados em dar um estatuto científico para a psicologia, de base empírica e experimental.

O conceito de “experimentação” implica num método prático que ofereça um modo de comunicar e transmitir um conhecimento objetivo e verificado para além daquele que o transmite. É uma prática, de fato, de organização e comunicação social. Dessa maneira, Titchener é um psicólogo experimental no sentido estrito do termo. Mas, ele não foi um psicólogo experimental alemão, embora as bases experimentais do seu método tenham sido alemãs.

Como diz Blumenthal, “houve uma posição de estranhamento entre Titchener e Wundt desde o início”. É possível agora entender que esse estranhamento se refere à concepção de objeto, o que nos remete novamente à questão ontológica que perpassa as diferenças entre a psicologia experimental wundtiana e a psicologia experimental titcheneriana.

A primeira mantém uma herança kantiana em seu corpo metodológico, uma vez que procura ser, ao mesmo tempo, uma psicologia do sentido externo e uma psicologia do sentido interno. Como vimos, a vontade, para Wundt, torna a causa psicológica independente da causa física. O sistema de Titchener, em contrapartida, não diferencia aspectos psicológicos e físicos, para ele, a sensação é o elemento original e causal na

formação espacial da consciência e na duração do sentimento, entendido como a intensidade das qualidades de prazer ou desprazer originadas pela sensação.

Esse percurso teórico foi realizado na intenção de identificar elementos que pudessem ajudar na localização do eixo intelectual que Titchener assume na história da ciência. Como consequência, foi necessário questionar a representação dada a Titchener na historiografia moderna da psicologia.

Segundo Maria Helena Souza Patto, a história da psicologia se tornou uma versão do materialismo histórico⁶⁷⁵. Para ela, o modo de produção industrial capitalista formou discursos científicos que estão dentro da história econômica, política e institucional⁶⁷⁶. As idéias elaboradas mostrariam uma construção histórica implicada na lógica de poder e nas relações de dominação que reproduzem os interesses de uma classe dominante⁶⁷⁷. A autora critica, por exemplo, a historiografia moderna ao mostrar que ela foi escrita “a partir da assimilação das ciências sociais às ciências naturais (...) que veio no bojo do positivismo”⁶⁷⁸.

Neste sentido, a perspectiva crítica sobre a prática e a teoria de uma ciência aponta raízes de natureza histórica, reconhecendo que conceitos e sistemas de conhecimento foram construídos a partir de uma racionalidade política, que os preside, e com “suas concepções naturalizadas de homem e de sociedade”⁶⁷⁹.

Por esses caminhos, procuramos mostrar que o modo como a história titcheneriana foi escrita na historiografia moderna implica em concepções ideológicas que elevaram a ciência e sobrepuseram a história. Como diz Judith Zuquim, no artigo “O Mal-Estar da Psicologia na História das Ciências” (2000), “a história teve sua importância na celebração do rumo a *uma* verdade científica que nem o mais esperto de nossos antepassados poderia imaginar”⁶⁸⁰. Mais adiante, “essa concepção de história como uma marcha vitoriosa rumo às certezas científicas criou uma forte tradição naturalizadora na historiografia da psicologia”⁶⁸¹.

⁶⁷⁵ Maria Helena Souza Patto, “Para Escrever uma História da Psicologia: contribuição a partir de uma experiência”, p. 82.

⁶⁷⁶ *Ibid*, p. 83.

⁶⁷⁷ *Ibid*, p. 85.

⁶⁷⁸ *Ibid*, p. 87.

⁶⁷⁹ *Ibid*, p. 88.

⁶⁸⁰ Judith Zuquim, “O mal-estar da psicologia na história das ciências”, p. 99.

⁶⁸¹ *Ibid*, p. 99.

Na intenção de colaborar com uma historiografia crítica, esta pesquisa objetivou mostrar que a teoria titcheneriana do conhecimento é parte da história e deve ser olhada na instância metodológica e política. A proposta titcheneriana é um projeto para a psicologia e defende uma concepção de “verdade científica”, cuja própria ontologia do termo entrelaça relações de poder, autonomia, autoridade, racionalidade e controle, as quais, não por acaso, foram representadas pela figura de Edward Titchener.

Desse modo, a discussão do método foi um dos aspectos desta pesquisa, o outro é de caráter histórico-crítico. O primeiro aspecto foi uma prerrogativa para se entender o que chega com Titchener na América e o que isso representa no contexto cultural norte-americano, onde se encontra o problema central desta pesquisa.

A análise mostrou que a face naturalista-biologista do sistema titcheneriano se tornará a contra face do novo pensamento psicológico nos Estados Unidos, cuja lógica será traduzida pelo behaviorismo; e a concepção ontológica do objeto da psicologia, introduzida por este movimento, fará frente direta à concepção titcheneriana.

Observou-se nesta pesquisa que enquanto identidade metodológica adaptada à cultura norte-americana, e formação política de um intelectual especializado em problemas práticos, demanda do contexto da guerra, o behaviorismo surge como preenchendo esses pré-requisitos a partir do momento em que oferece uma proposta teórica e prática de caráter público e popular comprometida com o bem estar social.

Incentivado pela corrente evolucionista, o behaviorismo marca uma mudança ontológica na psicologia americana. A doutrina da evolução resubstancializou a natureza humana, e o conceito de função passou a ser o cerne da biologia evolucionista e do behaviorismo. Como fala Laurence Bardin, foi nos Estados Unidos que o behaviorismo assumiu, historicamente, o contexto das ciências humanas⁶⁸².

Do ponto de vista político-institucional e sócio-econômico, a esfera pública do behaviorismo realmente suplantou o caráter privado do estruturalismo na psicologia americana. A psicologia experimental de Titchener cunhada como estruturalismo marca a interface entre o essencialismo e o elementarismo, o sensacionismo e o comportamentalismo, portanto, o estruturalismo é o que separa na história da psicologia americana a corrente mentalista do behaviorismo.

⁶⁸² Laurence Bardin, *Análise de conteúdo*, p. 29.

Titchener se enquadra entre aqueles que enredam uma preocupação com os aspectos empíricos na formação da mente humana, os quais se entrelaçaram com o pensamento continental na formulação da psicologia experimental.

A psicologia do comportamento, em contrapartida, é de origem nacionalmente americana e surge de uma preocupação com a função adaptativa do comportamento, subsidiada, não pela fisiologia experimental da mente, mas pela psicologia animal do comportamento.

Uma nova história começaria a partir daí. Mas, fundamentalmente, por estar longe de corresponder ao intelectual especialista interessado em problemas práticos, Titchener é a origem e o fim de uma tradição na psicologia americana, e justamente por isso deve ter seu lugar na memória da historiografia contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIB, José Antônio Damásio. “Revoluções psicológicas”. *Caderno Hist. Fil. Ci.* Campinas, 6 (1, 1996): 108-143.
- ARON, Raymond, *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ASH, Mitchell G & William R. Woodward. *Psychology in twentieth-century thought and society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- ARAÚJO, Saulo de Freitas, “Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata”. In Jacó-Vilela, Ana Maria; Ferreira, Artur Arruda Leal & Portugal, Francisco Teixeira. *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2006.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BALDWIN, J. M. “Nineteenth century psychology”. *History of Psychology: A Sketch and an Interpretation*. Volume II, parte 5, cap. 3 (1913): 91-98; <http://psychclassics.yorku.ca/Baldwin/History/chap2-3.htm>, agosto de 2007.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Portugal: Edições 70, 1977.
- BLUMENTHAL, A. L. “Wilhelm Wundt: psychology as the propaedeutic science”. In Buxton, Claude E. (ed.). *Points of view in the modern history of psychology*. New Haven/ Connecticut: Department of Psychology/ Yale University, 1985.
- BORING, Edwin G. *A history of experimental psychology*. Nova York: Appleton-Century-Crofts, 1950.
- _____. *A history of experimental psychology*. Nova York/ London: D. Appleton-Century-Company, 1929.
- BORRALHO, Maria Luiza. “Introdução”. In Comte, Auguste. *O espírito positivo*. Porto, Portugal Res, s/d.
- BRETT, George, S. *Historia de la psicología*. Buenos Aires: Editorial Paidós, s/d.
- BUCHNER, Edward Franklin. “A quarter century of psychology in America: 1878-1903”. *American Journal of Psychology*, 14 (1903): 666-680; <http://psychclassics.yorku.ca/Buchner/quarter.htm>, agosto de 2007.
- BUXTON, Claude E. *Points of view in the modern history of psychology*. London: Academic Press, 1985.

- CALDWELL, W. "The postulates of a structural psychology". *Psychological Review*, 6 (1899): 187-191; <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ps000032.pdf>, agosto de 2007.
- _____. "Professor Titchener's view of the self". *Psychological Review*, 5 (1898): 401-408; <http://psychclassics.yorku.ca/Caldwell/Titchener-self.htm>, agosto de 2007.
- CANGUILHEM, G. *Ideologia e racionalidade nas ciências da vida*. Portugal: Edições 70, 1981.
- CHIA, Robert. *Organized worlds*. London/New York: Routledge, 1998.
- COHEN, Bernard & Richard S. Westfall. *Newton: textos, antecedentes e comentário*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.
- COOPER, David E. *As filosofias do mundo: uma introdução histórica*. São Paulo: Edições Loyola, s/d.
- COPENHAVER, Brian P. "Jewish theologies of space in the scientific revolution: Henry More, Joseph Raphson, Isaac Newton and their Predecessors". *Annals of Science*, 37 (1980): 489-548.
- DA COSTA, Newton C. A. *O conhecimento científico*. São Paulo: Discurso editorial, 1997.
- DANZIGER, Kurt. *Constructing the subject: historical origins of psychological research*. Nova York: Cambridge University Press, 1990.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DEWEY, John. *The new psychology*, 1884. *Classics in the History of Psychology*, York University, Toronto; <http://psychclassics.yorku.ca/Dewey/History/>, julho de 2007.
- DWELSHAUVERS, Jorge. *Tratado de psicología*. Barcelona: Gustavo Gili, 1930.
- ENGELS, Friedrich. *Dialética da natureza*. Trad. R. Argentiére. São Paulo: Editora Alba Ltda, s/d.
- EVANS, Rand B. "E. B. Titchener and his lost system" in M. Henle & J. Jaynes & J. Sullivan. *Historical Conceptions of Psychology*. Nova York: Springer Publishing Company, 1973.
- FARR, R. M. *As raízes da psicologia social moderna*. Trad. de P. A. Guareschi e P. V. Maya. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

- FERNANDES, Maria Inês Assunção. “Políticas públicas e ideologia”. In *Negatividade e vínculo – a mestiçagem como ideologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- _____. “Fragmentos do pensar sobre a cidade: os sentidos do morar”. In *Negatividade e vínculo – a mestiçagem como ideologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- FERRAZ, João de Sousa. *Psicologia humana*. 2ª. ed. São Paulo: Saraiva & Comp., 1945.
- FERREIRA, Arthur Arruda Leal. “A psicologia no recurso aos vetos kantianos”. In Jacó-Vilela, Ana Maria; Arthur Arruda Leal Ferreira & Francisco Teixeira Portugal. *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2006.
- FLUGEL, J. C. *A hundred years of psychology*. London: Gerald Duckworth & LTD, 1951.
- FOUCAULT, Michael, *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *A Arqueologia do Saber*. Petrópolis/Lisboa: Editora Vozes Ltda./ Centro do Livro Brasileiro Ltda., 1972.
- GALVÃO, Maria Ermantina Galvão, “Prefácio”. In Descartes, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GOMES, Amandio. “Uma ciência do psiquismo é possível? A psicologia empírica de Kant e a possibilidade de uma ciência do psiquismo”. *Revista Departamento de Psicologia da UFF*, 17 (1, 2005): 103-111.
- GRAUER, Gustavo. “A revolução ontológica na psicologia em decorrência da Teoria da Evolução” (s/d); <http://www.ufrgs.br/museupsi/aula18%20texto.htm>, novembro de 2008.
- GREEN, Christopher D.; M. Shore & T. Teo (orgs.). *The transformation of psychology: influences of 19th century philosophy, technology and natural science*. Washington: American Psychological Association, 2001.
- GRUBER, Howard E. “Darwin on psychology and its relation to evolutionary thought”. In Rieber, R. W & Kurt Salzinger. *Psychology: theoretical-historical perspectives*. New York: New York Academy of Sciences, 1980.
- GUBA, Egon. *The paradigm dialog*. Londres: Sage, 1990.
- HABERMAS, Jürgen, *Toward a rational society*. Boston: Beacon Press, 1970.
- HEARNSHAW, L. S. *A short history of british psychology – 1840-1940*. London: METHUEN & CO LTD, 1964.

- HEIDBREder, Edna *Psicologias do século XX*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1981.
- HERGENHAHN, B. R. *An introduction to the history of psychology*. Belmont/ California: Wadsworth Publishing Company, 1992.
- HERRNSTEIN, Richard J. & Edwin G. Boring, *Textos básicos em psicologia*. São Paulo: Herder/Edusp, 1971.
- HERRNSTEIN, Richard. "Introduction to Watson's comparative psychology". In Henle, Mary; Julian Jaynes & John J. Sullivan (eds.). *Historical Conceptios of Psychology*. New York: Springer Publishing Company, Inc., 1973.
- HILGARD, E. R. *Psychology in America: a historical survey*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1987.
- HOOYKAAS, R. "The rise of modern science: when and why?" *The British Journal of the History of Science*. Vol. 20, parte 4 (67, 1987): 453-473.
- JACOB, François. *O jogo dos possíveis: ensaio sobre a diversidade do mundo vivo*. Lisboa: Gradiva – Publicações Ltda., 1992.
- JACYNA, L. C. "The physiology of mind, the unity of nature, and the moral order in Victorian thought". *The British Journal of the History of Science*. Vol. XIV, part 2 (47, 1981): 109-132.
- JAMES, William. *Pragmatism and the meaning of truth*. Massachusetts/ London: Harvard University Press/ Cambridge, 1909.
- _____. *The Principles of psychology*. Chicago: Encyclopedia Britannica, Inc, 1952.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Valeiro Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- _____. *Princípios metafísicos da ciência da natureza*. Lisboa: Edições 70, s/d.
- KELLER, Fred Simmons. *The definition of psychology: an introduction to psychological systems*. New York/ London: D. Appleton-Century Company, 1937.
- KIMBLE, Gregory A. & Kurt Schlesinger. "Overview: the chronology". *Topics in the History of psychology*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1985.
- KOYRÉ, Alexandre. "O significado da síntese newtoniana". In Cohen, Bernard & Richard S. Westfall. *Newton: textos, antecedentes, comentários*. Rio de Janeiro: Contraponto, EDUERJ, 2002.

- KRISTENSEN, Christian Haag; Rosa Maria Martins de Almeida & William Barbosa Gomes, “Desenvolvimento histórico e fundamentos metodológicos da neuropsicologia cognitiva”. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14 (2, 2001): 259-274.
- LEAHEY, Thomas Hardy. *A history of modern psychology*. 2ª ed. New Jersey: Englewood Cliffs, 1994.
- LOGUE, Alexandra W. “The Origins of behaviorism: antecedents and proclamation”. In Buxton, Claude. *Points of view in the modern history of psychology*. California: Academic Press, 1985.
- MALVEZZI, Sigmar. “Psicologia organizacional – da administração científica à globalização: uma história de desafios”. *Interfaces da Psicologia*. (1999): 313-324.
- MARTINS, Lílían Al-Chueyr Pereira. “Herbert Spencer e o neolamarckismo: um estudo de caso”. *Filosofia e História da Ciência no Cone Sul*. 3º. Encontro. Campinas, AFHIC (2004): 281-289; <http://ghctc.ifi.unicamp.br/AFHIC3/Trabalhos/37-Lilian-Al-Chueyr-Pereira-Martins.pdf>, agosto de 2007.
- MASSELLA, Alexandre Braga, “Uma leitura filosófica de Durkheim e Weber”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20 (57, s/d): 189-193.
- MCGUIRE, J. E. “Newton on place, time and God: an unpublished source”. *The British Journal for the History of Science*, XI, parte 2 (38, 1978): 114-129.
- MILLBURN, John R. “Benjamim Martin and the Royal Society: notes and records of the Royal Society of London”. *Revista*, 28 (1, jun. 1973): 15-23.
- MONTEIRO, João Paulo Gomes. “David Hume: vida e obra”. *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.
- MORGAN, M. J. *The perception lecture: Lotze and the theory of local signs* (2002); <http://www.perceptionweb.com/abstract.cgi?id=v020625>; dezembro de 2007.
- MUELLER, Fernand-lucien, *História da psicologia: da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- NEURATH, Otto; Hans Hahn & Rudolf Carnap. “A concepção científica de mundo: o Círculo de Viena”. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 10 (1986): 5-20.
- OLIVA, Alberto. “É a filosofia da ciência de Comte ‘positivista’”. *Anais do VII Colóquio de História da Ciência, ocorrido de 12 a 15 de outubro de 1991, Águas de Lindóia*

- (SP). Campinas: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 11(1992): 195-220.
- PATTO, Maria Helena Souza. “Para escrever uma história da psicologia: contribuição a partir de uma experiência”. *Seminário de Historiografia da Psicologia*. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo GEHPAI/FAPESP, 1 (2000): 81-96.
- PAULY, Philip J. “G. Stanley Hall and his successors: a history of the first half-century of psychology at Johns Hopkins”. In Hulse, Stewart & Bert Green, *One hundred years of psychological research*. London: The Johns Hopkins Press, 1987.
- PHILOSOPHY PROFESSOR. “Charles Bonnet”; <http://www.philosophyprofessor.com/philosophers/charles-bonnet.php>, novembro de 2007.
- PILLSBURY, W. B. *The history of psychology*. New York: W. W. Norton & Company, Inc., 1929.
- POPPER, Karl. *Conjecturas e refutações*. Brasília: UNB, 1981.
- _____. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PORTUGAL, Francisco Teixeira, “Comparação e genealogia na psicologia inglesa no séc. XIX”. In Jacó-Vilela, Ana Maria; Arthur Arruda Leal Ferreira & Francisco Teixeira Portugal. *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2006.
- RIEBER, R. W & Kurt Salzinger. *Psychology: theoretical-historical perspectives*. New York: New York Academy of Sciences, 1980.
- ROLLINGER, Robin D. “Lotze on the sensory representation of space”. In Albertazzi, Liliana (ed.). *The dawn of cognitive science: early european contributors*. Pesquisa Livros Google; dezembro de 2007.
- RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- SAHAKIAN, W. S. *History and systems of psychology*. New York: Halsted Press, 1975.
- SAFRA, Gilberto. *Perspectivas ontológicas da condição humana: um percurso clínico contemporâneo*. São Paulo: Edições Sobornost, (aula vídeo) 2 vols, 2005.
- SCHULTZ, Duane. P. & Sydney E. Schultz. *História da psicologia moderna*. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

- SLOAN, Phillip R. "Ontogeny and phylogeny". *The British Journal of the History of Science*. Volume XIII, parte 1 (43, 1980): 50-55.
- SMITH, Roger. "The background of physiological psychology in natural philosophy". *History of Science*. Vol. 11, parte 2 (12, 1973): 75-123.
- _____. "Wilhelm Wundt resurrected". *The British Journal of the History of Science*, 51 (15, 1982): 285-293.
- SPINK, Peter K. "A organização como fenômeno psicossocial: notas para uma redefinição da psicologia do trabalho", In *Psicologia e Sociedade*, 8 (1, 1996): 174-192.
- STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. "David Hartley"; <http://plato.stanford.edu/entries/hartley>, novembro de 2007.
- TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. "A psicologia social e o enfrentamento da crise ambiental: reflexões sobre crítica e método". In Carvalho, I. C. M; M. Grun & R. Trajber (orgs). *Pensar o Ambiente: Bases Filosóficas da Educação Ambiental*. Brasília, Coleção Educação para Todos, MEC, 2007.
- _____. "Psicologia ambiental e futuro: reflexões geopolíticas sobre política ambiental". *Psicologia USP*, 16 (1/2, 2005): 261-267.
- TITCHENER, Edward Bradford. "Lectures on the elementary psychology of feeling and attention" [1908]. New York: Arno Press, 1973.
- _____. "Lectures on the experimental psychology of the thought-processes" [1909]. New York: Arno Press, 1973.
- _____. "Systematic psychology". Ithaca: Cornell University Press, 1972.
- _____. *A Text-Book of psychology*. [1909]. Nova York: The Macmillan Company, 1924.
- _____. "Brentano and Wundt: empirical and experimental psychology". *American Journal of Psychology*, 32 (1921): 108-120; <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ps000188.pdf>, agosto de 2007.
- _____. "The schema of introspection". *American Journal of Psychology*, 23 (1912): 485-508; <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ps000186.pdf>, agosto de 2007.
- _____. "Structural and functional psychology". *Philosophical Review*, 8 (1899): 290-299; <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ps000185.pdf>, agosto de 2007.

- _____. “The postulates of a structural psychology”. *The Philosophical Review*, 7 (1898): 449-465; <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ps000183.pdf>, agosto de 2007.
- _____. “A psychological laboratory”. *Mind*, 7 (1898): 311-331; <http://psychclassics.yorku.ca/Titchener/lab.htm>, setembro de 2007.
- _____. *An outline of psychology*. Nova York: The Macmillan Company, 1897.
- TOLMAN, Charles W. “Philosophic doubts about psychology as a natural science”. In Green, Christopher D; M. Shore & T. Teo (orgs.). *The transformation of psychology: influences of 19th century philosophy, technology and natural science*. Washington: American Psychological Association, 2001.
- TOULMIN, Stephen (ed.). *Maravilhosa obra do acaso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- VIDAL, Fernando. “A mais útil de todas as ciências. Configurações da psicologia desde o Renascimento Tardio até o fim do Iluminismo”. In Jacó-Vilela, Ana Maria; Arthur Arruda Leal Ferreira & Francisco Teixeira Portugal. *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2006.
- WATSON, John Broadus. *The ways of behaviorism*. New York/ London: Harper & Brothers Publishers, 1928.
- _____. “On psychology as the behaviorist views it”. *Psychological Review*, 20 (1913): 158-177; <http://psychclassics.yorku.ca/Watson/views.htm>, janeiro de 2008.
- WATSON, Robert Irving. “Edward Bradford Titchener”. *The great psychologists*. 3^a. ed. Philadelphia: Lippincott, 1971; <http://educ.southern.edu/tour/who/pioneers/titchener.html>, agosto de 2007.
- WERTHEIMER, Michael. *Pequena história da psicologia*. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. 6^a ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.
- ZUQUIM, Judith. “O mal-estar da psicologia na história das ciências”. *Seminário de Historiografia da Psicologia*. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo GEHPAI/FAPESP, 1 (2000): 97-109.